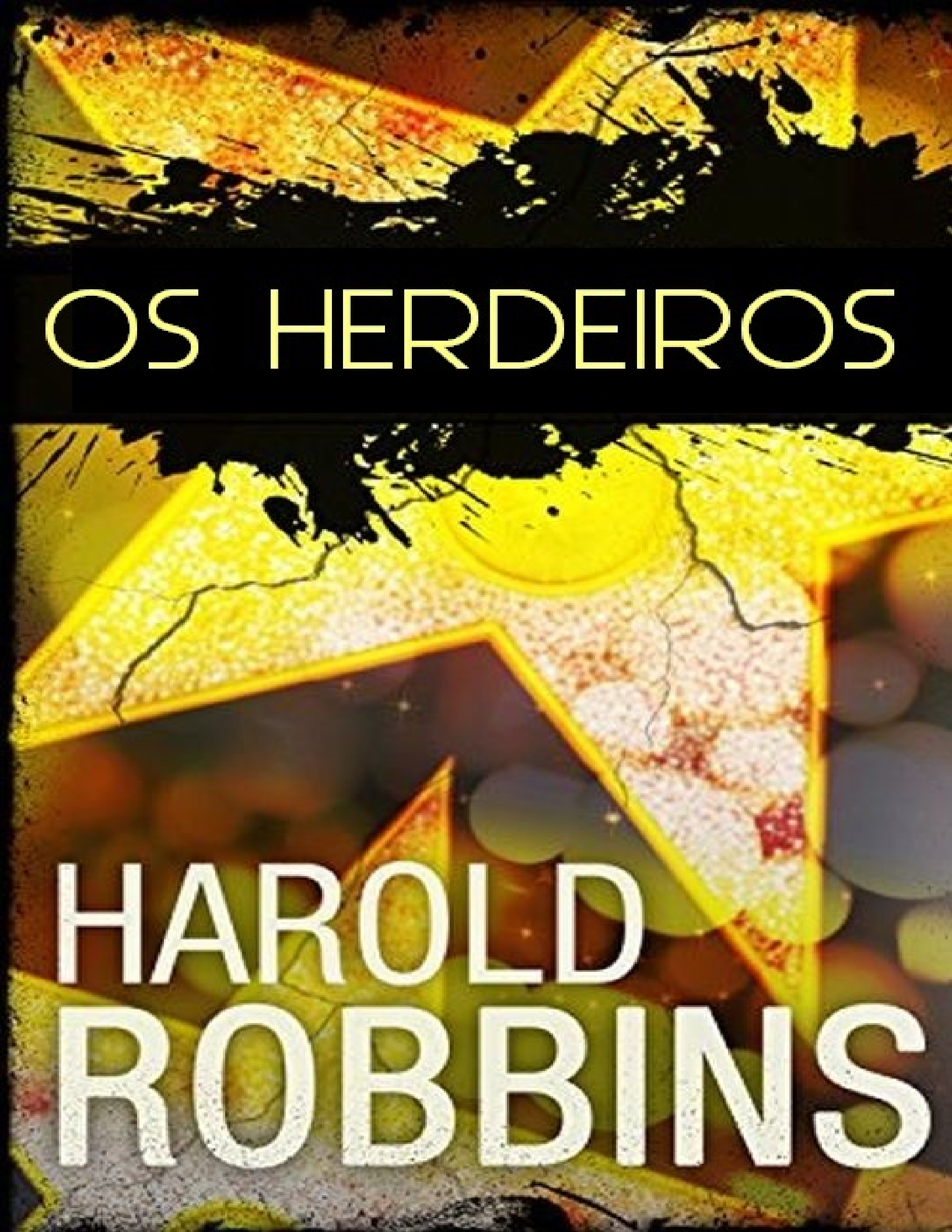
OS HERDEIROS



OS HERDEIROS

Harold Robbins

Título Original: "THE INHERITORS"

Tradução de: Nelson Rodrigues

Este livro é para PAUL GITLIN
Com amor

Naquele Dia da Primavera Passada

MANHÃ

Tomava eu a minha terceira xícara de café quando o telefone começou a tocar. Deixei-o tocar. Quem espera um telefonema três anos, pode esperar trinta segundos mais.

Tornei a encher a xícara de café, verifiquei o ângulo do sol, a janela da loura que morava logo abaixo de mim na ladeira e o tráfego da rua.

O sol ainda não tinha aparecido no alto da colina, a loura ainda estava dormindo com as cortinas descidas e na rua só passava um vagaroso carro da polícia. Estendi então a mão para o telefone e disse: — Bom dia, Sam.

Não me respondeu logo e eu ouvi ao telefone a sua respiração entrecortada.

— Como é que soube que era eu?

— Dorme-se até bem tarde nesta cidade. Ninguém se levanta antes das dez horas.

— Quase não dormi. Cheguei ontem à noite, mas ainda não sei. Ainda estou na hora de Nova York.

— Eu sei.

— Que é que está fazendo? — perguntou ele.

— Estou sentado tomando café.

— Venha tomar o breakfast comigo.

— Não costumo fazer breakfast, Sam. Você sabe disso.

— Eu também não e você sabe disso também. Mas não consigo dormir. E quero falar com você.

— Estou ao telefone.

— Passo metade de minha vida.ao telefone. Quero falar com você cara a cara — fez uma pausa e tornei a ouvir-lhe a respiração entrecortada. — Quer saber de uma coisa? Venha até aqui e nós iremos de carro a algum lugar. Sou capaz até de arriscar a vida nesse novo carro que você tem e que faz trezentos quilômetros por hora, como dizem os jornais.

— Por que você não vem até aqui?

— Por dois motivos. Primeiro, todos os choferes da Califórnia são malucos e eu tenho medo deles Segundo, eu disse que quero falar com você.

Hesitei um momento.

— Está bem. Vou pegá-lo à porta de seu hotel.

— Daqui a quinze minutos — disse ele. — Tenho um telefonema pedido para Nova York.

Desliguei o telefone e subi para o quarto. Abri a porta mansamente e entrei. As cortinas estavam bem fechadas e na penumbra vi que a Chinesinha ainda estava dormindo. Estava nua em cima dos lençóis, com os braços esticados acima da cabeça como se fosse pular do alto de um trampolim e com os longos cabelos que lhe rolavam pelas costas a cobri-la como uma colcha.

Aproximei-me da cama e olhei-a. Estava absolutamente imóvel e eu quase não lhe via a respiração. O quarto estava cheio do aroma do amor daquela noite, que pairava no ar como vinho velho. Fechei levemente a mão sobre as pequenas nádegas cor de marfim e duras como mármore. Ela se moveu em cima do colchão e eu senti o calor dela subir-me pelos dedos.

Ela falou com o rosto metido no travesseiro sem voltar a cabeça, com a voz abafada e pastosa.

— Que foi que você fez comigo, Steve? No momento em que você me toca, fico logo toda excitada.

Tirei a mão e fui até ao banheiro. Quando voltei quinze minutos depois, ela estava sentada na cama, brincando com as pernas.

— Oh, você se vestiu — disse ela. — Isso não é direito. Estava esperando por você.

— Desculpe, Chinesinha, mas tenho hora marcada.

— Não faz mal que chegue atrasado. Venha para a cama venha andar comigo.

Não dei resposta. Atravessei o quarto, tirei um suéter do armário e vesti-o.

— Há um velho provérbio chinês — disse ela — que diz que o dia que começa com um ato de amor não pode ser de todo mau.

Ri.

— Não estou fazendo graça. É a primeira vez que você não me quer.

— Era uma coisa que tinha de acontecer de vez em quando, Chinesinha.

— E pára de me chamar de Chinesinha. Eu tenho nome e você sabe muito bem qual é.

Olhei para ela. Tinha no rosto um traço de zanga que não estava ali um momento antes.

— Calma, Chinesinha. Nem eu acredito num nome como Mary Applegate.

— Mas é meu nome.

— Pode ser. Mas para mim você é Chinesinha.

Ela se cobriu com a colcha e disse:

— Acho que está na hora de eu ir.

Não respondi.

— Quanto tempo vai demorar?

— Não sei. Talvez umas duas horas.

— Quando voltar, já terei saído.

— Tem pão que chegue? — perguntei.

— Pode deixar que me arranjo.

— Adeus, então. Sentirei falta de você — disse eu, fechando a porta e descendo.

Lá fora, o sol havia aparecido acima da colina e a claridade me fez piscar os olhos. Coloquei os óculos escuros e dei volta à casa até chegar à garagem.

O Iso refletia a luz como uma pérola negra numa vitrina de Cartier. O pequeno Volks dela ao lado parecia um besouro ridículo e não era outra coisa. O carro estava impregnado de um ar de tristeza e de abandono.

Talvez fosse apenas o que eu sentia quando via um desses carros. Todas as pequenas tinham um. Era uma coisa barata com rodas, que as levava de um lado para outro a fim de atender aos seus pequenos assuntos. De vez em quando, o carro era guardado na garagem de alguém que andava num Lincoln Continental. Mas, mais cedo ou mais tarde, o tempo dos carros grandes chegava ao fim e elas voltavam à sua vida e aos seus carros. Como naquela manhã.

Voltei a casa e apanhei durex na cozinha. Colei então duas notas de cem dólares no pára-brisa do Volks, onde ela não podia deixar de vê-las. Parei à porta do hotel com trinta minutos de atraso e ele ainda não tinha descido.

Fiquei sentado no carro e me chamei de idiota. Chinesinha tinha razão. Deixara de contentá-la mais uma vez, e isto não nos faria mal algum.

Quinze minutos depois, ele apareceu. O porteiro abriu a porta do carro e ele embarcou, resfolegando. A porta foi batida e olhamos um para o outro.

Ao fim de um longo momento, ele se inclinou para meu lado e me beijou no rosto.

— Senti a sua falta.

Dei partida no carro e desci a rua. Só falei quando um sinal nos fez parar no Sunset Boulevard.

— Não pensei que você ligasse.

Ele me levou mais a sério do que eu pretendia.

— Bem sabe que eu ligo. Mas tinha de fazer o que fiz.

O sinal abriu e eu tomei o caminho de Santa Mônica.

— Não tem mais importância. É uma coisa que já tem três anos. Quer ir a algum lugar em particular ?

— Onde você quiser. A cidade é sua e não minha.

Continuei pelo mesmo caminho.

— Com certeza se espantou de eu ter telefonado.

Não respondi.

— Achei que lhe devia isso.

— Não me deve nada. Tenho as ações. As suas. Da Sinclair.

— Não é preciso me dizer que é um homem rico — disse ele. — Todo o mundo sabe disso. Mas o dinheiro não é tudo.

— Sério? — perguntei, olhando para ele e sorrindo. — Então por que foi que você fez aquilo?

Os olhos pretos brilharam por trás dos óculos polidos, de aros escuros.

— E eu estava à mão — disse eu com um riso sarcástico. — Vulnerável e confiante. Um arranjo perfeito.

— Lembra-se do que eu lhe disse naquele tempo? Disse que algum dia você me agradeceria.

Continuei com os olhos na estrada e a boca fechada. Havia muitas coisas que eu podia agradecer a ele. Mas só havia uma coisa errada com elas. Não eram o que eu queria.

— Conhece a velha canção? — perguntou ele. — Sempre se magoa a quem se ama.

— Mas não cante agora. É muito cedo.

— É verdade — disse ele. — Entre tanta gente, pensei que você devia saber disso.

— Está bem. Você já me disse e eu agora sei.

— Não, você não sabe nada! — exclamou ele, indignado. Ajudei você a enriquecer e você não é capaz de esquecer disso.

— Desligue os foguetes — disse eu secamente. — Agora mesmo, você disse que o dinheiro não é tudo.

— Quero um cigarro — disse ele depois de um momento de silêncio.

— Para quê ? Você não fuma. Além disso, já vi você fazer esse truque talvez umas mil vezes.

Ele sabia de que eu estava falando mas repetiu:

— Quero um cigarro.

Abri o porta-luvas atrás da caixa de mudança entre os bancos em que estávamos sentados.

— Sirva-se.

Acendeu o cigarro desajeitadamente com os dedos trêmulos. Começamos a descer a estrada que passava pelo Parque Will Rogers a caminho da estrada da costa.

O sol estava bem alto quando virei o carro para o norte pela estrada da costa. Ele fez menção de jogar o cigarro pela janela, mas eu o interrompi apontando o cinzento.

— Esta terra é verdadeiramente louca! — exclamou ele. — Passa cem dias sem chover e tudo se incendeia. Quando chove, tudo fica inundado e as águas arrastam tudo.

Sorri.

— Não se pode ter tudo. Até onde quer ir ?

— Pode parar. Quero esticar as pernas.

Atravessei a estrada para uma área de estacionamento. Saltamos do carro, fomos até à amurada e olhamos para a praia lá embaixo.

A areia era branca e a água era azul e cintilante, com as ondas chegando em longas cristas de espuma. Os surfistas já estavam ali, amontoados em torno de uma fogueirinha na praia, alguns com os calções já molhados. As pequenas estavam ali também, mas os surfistas não olhavam para elas. Estavam olhando para a água com olhos calculistas, medindo a altura das ondas.

— É uma loucura — disse Sam. — Essa gente entra na água em pleno inverno.

Ri, acendendo um cigarro. Pus a mão em concha para proteger a chama do vento. Ele me bateu no ombro e eu perdi o fogo.

— Sabe qual é minha idade?

— Claro que sei. Sessenta e dois anos.

— Não, sessenta e sete.

— Está bem, sessenta e sete.

— Menti sobre minha idade há muito tempo. Já era muito velho e diminuí cinco anos.

— Qual é a diferença?

— Estou ficando cansado.

— Se você não disser nada, ninguém notará isso.

— Meu coração nota. Já não posso correr como corria.

Fiquei em silêncio durante algum tempo e disse:

— Não procure tanto as mulheres.

Ele riu.

— Já desisti disso há muito tempo. Parei até de descer para dar um mergulho. Fico tonto.

— Se está tentando dizer-me que vai morrer, não se dê a esse trabalho. Nunca pensei que você fosse imortal.

— Pois eu sempre pensei que fosse — disse ele com genuíno espanto na voz.

Acendi o cigarro e olhei para a praia. Os surfistas já estavam experimentando a água. O vento trazia o som das vozes deles.

— Vou vender tudo, Steve. E quis que você fosse o primeiro a saber.

— Por que eu?

— É mais ou menos como há três anos. Quando me voltei, só pude ver você. Mas desta vez, o sapato está de pé trocado. Não lhe posso fazer mal, mas você pode a mim.

— Não compreendo — disse eu.

— Quero que você volte.

— Não — minha resposta ficou suspensa no vento. — Nunca vou voltar.

Ele pousou a mão em meu braço.

— Você tem de me ouvir. Ouça o que tenho para dizer.

Continuei calado.

— Posso conseguir trinta e dois milhões de dólares de Palomar Plate pelas minhas ações na companhia.

— Pegue o dinheiro e desapareça — disse eu.

— Era o que eu faria se pudesse. Mas não é só isso. Querem uma garantia de continuidade. E isso eu não posso dar. Disseram, porém, que aceitarão você em meu lugar.

Olhei-o em silêncio durante algum tempo e murmurei.

— Não estou interessado.

— Você tem de voltar — disse ele exaltadamente. — Sabe o que foi que eu passei nestes últimos anos enquanto você estava sentado calmamente aqui contando o seu dinheiro e levando tudo quanto era mulher para a cama? Agüentei um desastre atrás do outro. Durante três anos. Tudo que eu tentava entrava pelo cano. Bem diante de meus olhos, vi tudo virar cinza. De repente, tive sorte e acertei uma. Todo o mundo começou então a dizer que Sam Benjamin tinha voltado à forma antiga. Mas eu sei que não é assim e você sabe também. Foi você que armou tudo para mim e eu só tive sucesso porque era o último ponto em que ainda tinha algum crédito. Mas quem fez tudo foi você e não eu, e eu sei agora que não tenho capacidade para fazer mais nada. Será tão difícil para mim como ficar de cabeça para baixo e tentar urinar para cima.

Tirou do bolso um pacote de goma de mascar, desembrulhou-o, tirou um pedaço e meteu-o na boca. Ofereceu-me.

— Goma de regime. Sem açúcar.

Sacudi a cabeça recusando e ele continuou.

— Nada mais dá certo. Houve um tempo em que eu pensei que os garotos fossem a solução. Hoje sei que não são. Nós esperamos que eles nos dêem as soluções e eles não sabem de nada. Sabe onde é que Júnior está?

Não esperou pela minha resposta.

— Em Haight-Ashbury. Ontem, antes de chegarmos aqui, fomos lá vê-lo, eu e a mãe dele. "Denise — disse eu, — fique aqui no hotel que eu vou procurá-lo e trazê-lo para cá. Além disso, está chovendo".

"Tomei então o carro e o chofer me levou para cima e para baixo por uma porção de ruas. Afinal, saltei e comecei a andar. Andei para um lado e para outro. Nunca vi tantos rapazes. Ao fim de algum tempo, comecei a pensar que todos eles eram meus. Estava inteiramente confuso. Fui falar então com um grande guarda preto e vinte minutos depois estava subindo quatro lances de escada botando a alma pela boca e cheguei a um apartamento que parecia uma geladeira de tão frio.

"Júnior estava lá com bem uma dúzia de outros garotos. Tinha uma barba como a de Jesus e pedaços de papel de jornal aparecendo nos sapatos furados. Estava sentado no chão, com as costas na parede. Não disse nada quando eu entrei. Olhou só para mim.

— "Não está sentindo frio?" — perguntei.

— "Não" — disse ele.

— "Você me parece abatido" — disse eu. — "Sua mãe está ao hotel e eu quero que você venha vê-la."

— "Não" — disse ele.

— "Por que não?" — perguntei.

Ele não respondeu.

— "Posso chamar a polícia e tirar você daqui. Você tem dezenove anos e tem de fazer o que eu digo."

— "Talvez — disse ele. — Mas não me pode vigiar o tempo todo. E eu não vou ficar em casa."

— "Que é que você tem aqui? Tremendo de frio dentro desta geladeira, quando tem um quarto quente e limpo em casa..."

"Ele me olhou durante um bom minuto e então gritou:

— "Jenny!"

"A menina sai então do quarto vizinho. Sabe como é, os cabelos compridos soltos, um rosto muito branco e olhos grandes. Aposto que não tem mais de quinze anos mas está com uma barriga deste tamanho.

— "Que é, Samuel?" — perguntou ela.

— "Como vamos de atividades hoje?" — perguntou ele.

— "Ele está impossível, — disse ela com um sorriso feliz. Parece que está disputando um jogo de futebol de tanto chute que dá."

— "Isso é o truque mais velho do mundo — disse eu. — "Pensei que você fosse mais inteligente. O filho não é seu. Quando veio para cá ela já devia estar esperando."

"Ele me olhou durante algum tempo e então abanou a cabeça tristemente.

— "Vejo que ainda não compreende."

— "Não compreende o quê?"

— "Que importância tem de quem seja o filho? É um bebê, não é? Pois então, como todos os outros bebês que nascem neste mundo, ele pertence a quem lhe der amor, é filho de quem gostar dele. E esse aí é nosso filho, de todos nós aqui, porque todos nós já gostamos dele."

"Diante disso, compreendi que estava mesmo num mundo diferente que estava fora do meu alcance. Tirei do bolso duas notas de cem dólares e coloquei-as no chão diante dele.

"Dois garotos se aproximaram para olhar. Dentro em pouco, estavam todos ali, olhando para o dinheiro. Não tinham dito uma palavra.

"Afinal, Júnior pegou o dinheiro e se levantou. Estendeu as notas para mim.

— "Não pode trocar por duas de cinco?"

"Sacudi a cabeça.

— "Você bem sabe que nunca trago dinheiro menor do que cem nos bolsos."

— "Fique com elas então. Não precisamos de dinheiro assim."

"Pareceu então que os outros haviam encontrado a língua. Dentro em pouco, estava uma discussão armada lá dentro como você nunca ouviu. Alguns queriam ficar com o dinheiro; outros queriam que fosse devolvido.

— "Calem-se!" — gritou finalmente Júnior. Todos obedeceram e foram voltando calados para os lugares onde estavam antes.

"Ele então se aproximou e me meteu o dinheiro na mão. Eu podia sentir a tensão e o tremor que o agitava.

— "Saia do meu caminho e nunca mais ponha os pés aqui. Veja o que fez uma dose de seu veneno. A nossa luta já é dura demais e não precisamos de lutar com isso também."

"Tive por um momento a tentação de meter-lhe o braço. Depois, vi as lágrimas nos olhos dele e peguei o dinheiro.

— "Está bem. Vou mandar pelo chofer duas notas de cinco."

"Saí sem olhar para trás e fiquei sentado no carro enquanto o chofer subia com o dinheiro. Durante todo o caminho de volta para o hotel, fui pensando no que iria dizer a Denise."

Olhei para ele.

— E que foi que disse a ela?

— A única coisa que podia dizer. Disse que não o havia encontrado.

Tornou a botar outro chicle na boca e disse:

— Denise quer que eu saia. Diz que ainda temos bastante tempo para refazer a vida. Não acha mais nenhuma emoção em ser a mulher de um figurão — olhou-me fixamente e acrescentou: — Não me faça dizer a ela que também não encontrei você.

Olhei então para o mar azul. Gostaria de saber em que era que eu estava pensando ou o que me passava pela cabeça mas tudo estava em branco e eu não via senão a água azul.

— Não — murmurei. — É grande demais.

— Que é que é grande demais? — perguntou ele.

Apontei para o oceano.

— É grande demais para filtrar, muito caro para aquecer e eu nunca poderei levá-lo todo para a minha piscina. E ainda que eu pudesse fazer e fizesse tudo isso, a água não teria o mesmo gosto da água de um poço. Não, Sam. Desta vez eu passo.

Voltamos para o carro. Duas vezes tive vontade de falar com ele, mas quando me voltei vi que ele estava chorando.

Quando chegamos ao hotel, ele já se havia recuperado. Saltou do carro.

— Obrigado pelo passeio. Voltaremos a conversar.

— Claro.

Vi-o entrar no hotel, balançando as pernas e os braços curtos naquele andar particularmente agressivo que os homens baixos e gordos costumam ter. Engrenei então o carro e tomei o caminho de casa.

O Volks não estava mais na garagem e o telefone começou a tocar logo que eu cheguei à cozinha. Havia uma nota pregada com durex na parede perto do telefone. Este ficou tocando enquanto eu lia o bilhete.

"Meu caro Steve Gaunt,

Vá-se lixar no inferno.
Sinceramente sua,
Mary Applegate."

Isso era escrito numa letrinha miúda, limpa e apurada. Tornei a ler e comecei a rir enquanto atendia ao telefone. Olhei pela janela e vi que as cortinas da casa da loura estavam abertas.

— Alô?

— Sou eu — disse sem reconhecer a voz.

A loura chegou à janela. Estava vestida com um telefone na mão e pouco mais do que isso.

— Cheguei por acaso à janela quando me levantei e vi o Volks indo-se embora.

— E daí?

— Daí que tal vir à casa de sua amiga e vizinha para um pouco de café e de consolo?

E foi essa a manhã.

Nova York, 1955-1960

LIVRO I

STEPHEN GAUNT

CAPÍTULO I

De Central Park Oeste à Avenida Madison, o taxímetro marcava apenas 65 cents, mas parecia haver mil anos-luz de distância de um extremo a outro da cidade. Senti isso logo que entrei no edifício.

O vestíbulo de mármore branco, frio e alto, a mesa semicircular de ônix com duas jovens recepcionistas e dois guardas fardados — tudo isso parecia simples decoração para as grandes letras douradas na parede: COMPANHIA DE RADIO SINCLAIR

Aproximei-me da primeira recepcionista e disse:

— Desejo falar com Spencer Sinclair.

— Nome, faça o favor? — perguntou a moça, levantando os olhos.

— Stephen Gaunt

Ela olhou o caderno aberto em cima da mesa com uma lista de nomes.

— Muito bem, Sr. Gaunt. Tem hora marcada para as dez e meia.

Olhei involuntariamente para o relógio na parede às costas dela. Dez e vinte e cinco.

— Sr. Johnson — disse ela, voltando-se para um dos guardas, — quer levar o Sr. Gaunt até o gabinete do Sr. Sinclair?

O guarda sorriu simpaticamente e fez um gesto de assentimento, mas durante todo o tempo os olhos dele me observavam friamente. Sem esperar por ele, dirigi-me para os elevadores.

— Sr. Gaunt.

Parei e olhei para ele.

— Por aqui, tenha a bondade — disse ele, ainda sorrindo.

Segui-o por um corredor até um pequeno grupo de elevadores quase escondidos atrás do vestíbulo. O homem tirou uma chave do bolso e colocou-a numa fechadura. As portas de um elevador se abriram.

Ele me deixou entrar no elevador à frente dele e, depois, tirou a chave e me seguiu. Logo que as portas se fecharam, uma campainha começou a tocar.

— Tem alguma coisa de metal nos bolsos? — perguntou ele com uma voz ainda atenciosa.

— Só alguns trocados.

Ele não fez menção de acionar o elevador.

— Nada mais? A campainha que está ouvindo é de um sistema eletrônico de

detecção de metal. As moedas não chegam para fazê-la tocar. Deve trazer mais alguma coisa de que se esquece.

Lembrei-me então.

— Só isto. Uma cigarreira de prata que recebi de presente de uma admiradora.

Tirei a cigarreira e a entreguei. O homem abriu uma portinha em frente na parede do elevador e colocou ali a cigarreira. A campainha parou imediatamente de tocar. Ele tornou a pegar a cigarreira e me devolveu, com um sorriso.

— Sinto muito ter de decepcioná-lo, Sr. Gaunt, mas isso tem apenas uma chapa de prata sobre um metal à base de níquel.

— Não é surpresa para mim — disse eu com um sorriso, guardando a cigarreira.

O homem se virou para a parede e apertou um botão. O elevador se pôs em movimento e eu olhei para as luzes que se acendiam acima da porta. Não havia números, mas apenas xx.

— Como é que o Sr. Sinclair sabe em que andar ele está?

A expressão do guarda era séria.

— Ele tem uma chave.

O elevador diminuiu a marcha e parou. As portas se abriram. Saí numa sala de recepção inteiramente decorada de branco. Logo que as portas se fecharam, uma moça veio ao meu encontro. Era fria, loura e vestida de preto básico.

— Por aqui, Sr. Gaunt, tenha a bondade.

Acompanhei-a até uma pequena sala de espera.

— O Sr. Sinclair falará com o senhor dentro de alguns momentos. Há jornais e revistas aqui. Quer uma xícara de café?

— Quero, sim. Muito obrigado. Com pouco açúcar.

Ela saiu e eu me sentei, pegando o Wall Street Journal. Olhei as cotações da Bolsa do dia anterior. A Companhia de Rádio Greater World tinha fechado a 18 com baixa de 8 pontos, a Sinclair, a 142 com alta de 25 pontos. Eu não estava apenas a mil anos-luz de distância de Central Park Oeste. Estava ainda a setenta e duas estações de TV, cem mercados e quinhentos milhões de dólares.

A moça voltou com a café. Não era apenas forte e quente, mas também fresco e servido numa xícara de porcelana de Coalport que minha Tia Prue teria orgulho em colocar no seu armário envidraçado — Só alguns minutos mais — disse ela, sorrindo.

— Não faz mal. Eu tenho tempo.

Fiquei olhando o andar dela. Pisava bem e tinha tudo o que é preciso, mas,

como tudo mais naquela sala, era cheia de reserva. Pensei no que faria ela se eu a agarrasse.

Voltou no momento em que eu acabava o meu café.

— O Sr. Sinclair vai recebê-lo agora.

Saí com ela da sala de espera. Passamos pela sala de recepção e por um corredor chegamos a uma porta em que não havia nenhuma marca. Ela abriu a porta e eu entrei.

Spencer Sinclair era exatamente como as fotografias que eu tinha visto dele. Alto, magro, elegante, nariz pequeno, boca pequena, queixo quadrado e olhos cinzentos, frios e inteligentes. Em conjunto, não mostrava muito a idade que tinha.

— Sr. Gaunt — disse ele, levantando-se e apertando-me a mão com firmeza e polidez. Nada mais, nada menos. — Faça o favor de sentar-se.

Sentei-me numa cadeira diante da mesa dele. Apertou um botão no aparelho de intercomunicação.

— Srta. Cassidy, não estou para ninguém.

Acomodou-se na cadeira e nós nos olhamos durante alguns minutos. Por fim, ele falou:

— Afinal nos encontramos. Tenho ouvido falar muito a seu respeito. Parece que é mestre em fazer os outros falarem do senhor.

Esperei em silêncio.

— Não tem curiosidade de saber o que dizem?

— Não. Basta que falem.

— Acham que é uma pessoa que está subindo.

Sorri. Ele nem sabia como estava certo. Tinha encontro marcado com Barbara, filha dele, para levá-la a uma clínica de abortos clandestinos.

Ele apanhou uma folha de papel em cima da mesa e disse:

— Espero que não leve a mal, mas mandei o meu Departamento de Pessoal fazer uma pequena investigação a seu respeito.

— Nada mais justo — disse eu, encolhendo os ombros. — Fiz o mesmo com o senhor. Só que baseei a minha investigação nos arquivos do New York Times.

— Stephen Gaunt, vinte e oito anos de idade, nascido em New Bedford, Massachusetts. Pai: John Gaunt, presidente de banco. Mãe: Anne Raleigh, em solteira. Ambos mortos. Cursou boas escolas na Nova Inglaterra. Empregos: Kenyon e Eckhardt, publicidade, um ano; Metro Goldwyn Mayer, filmes, administração e publicidade, um ano; Companhia Greater World, rádio e televisão, assistente do presidente, Harry Moscowitz, nos últimos três anos.

Solteiro. Freqüenta a sociedade.

Deixou a folha de papel e olhou para mim.

— Só uma coisa não compreendo.

— Que é? Talvez eu possa explicar.

— Que é que um bom cristão como você está fazendo num lugar assim?

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer e respondi:

— É muito simples. Eu sou o Shabbos goy deles.

O rosto dele mostrou que ele não sabia de que eu estava falando e eu tratei de fazer a explicação simples e direta.

— Sábado é o dia de descanso dos judeus. Não trabalham nesse dia e me entregaram o sábado. E, de acordo com os Nielsens, procederam da mesma forma os senhores aqui, a CBS, a NBC e a ABC.

— É um bocado arrogante, não é?

— Sou — disse francamente.

— Por que pensa que não podemos fazê-lo parar, se quisermos?

Sorri.

— Sr. Spencer, todos os senhores estão tentando isso já faz um ano e meio sem qualquer resultado. Têm sorte de que tenhamos apenas onze dos cem mercados existentes, pois do contrário já teriam sido completamente derrotados.

Ele me encarou e disse:

— Não sei se gosto de você ou não.

Levantei-me.

— É um homem muito ocupado, Sr. Spencer, e eu não lhe quero tomar mais tempo do que é preciso. Vai-me dar o lugar ou não vai?

— Que lugar? — perguntou ele. — Eu nem sabia...

— Sr. Sinclair, se me mandou chamar só para conhecer quem está saindo com sua filha, está perdendo seu tempo e o meu. Tenho uma cadeia de estações para dirigir e já estou há muito tempo longe de minha mesa.

— Sente-se, Sr. Gaunt — disse ele, secamente.

Continuei de pé.

— Estava pensando em oferecer-lhe o lugar de vice-presidente encarregado da programação, mas agora não sei se quero ou não.

Sorri.

— Não se dê a esse trabalho. Não estou interessado. É o que já faço há três anos.

— Qual é exatamente o lugar que lhe interessa? O meu?

— Nem tanto. Quero ser presidente da Televisão Sinclair.

— Deve estar brincando! — exclamou ele, escandalizado.

— Nunca brinco em matéria de negócios.

— Dan Ritchie é presidente da Televisão Sinclair há dez anos e, antes disso, foi presidente da Rádio Sinclair durante quinze anos. Trata-se de um dos melhores diretores da indústria. Acha que pode calçar os sapatos dele?

— E quem foi que disse que eu quero? São sapatos velhos e que só servem mesmo para ser jogados fora. São de rádio e não de televisão. O senhor não tem um só diretor principal com menos de cinqüenta e dois anos, mas o grosso do público telespectador tem menos de trinta anos e fica ainda mais moço de ano para ano. Como é que espera chegar a esses espectadores que já deixaram há muito tempo de ouvir os pais? E tem mais. Não quero ter de gastar os miolos tentando convencer um bando de coroas de que as coisas que quero fazer estão certas. Quero ser a última palavra, a autoridade. Nada mais me interessa.

Ele ficou em silêncio por um momento e disse.

— Como posso saber que me escutará?

— Não pode saber — disse eu, sorrindo. — Mas pode ter certeza de que estarei escutando a alguém.

— A quem?

— Aos Nielsens. Neste momento, a Sinclair está em quarto lugar atrás das outras três cadeias. Dentro de dois anos, estaremos em primeiro lugar ou bem perto.

— E se não estivermos?

— Poderá dar-me um bom pontapé. Ao menos, não estará em pior situação. Abaixo do quarto lugar não poderá cair.

Olhou durante algum tempo para os papéis que estavam em cima da mesa. Quando voltou a falar, foi com outra voz. Passara a ser o pai de Barbara.

— Vai-se casar com minha filha?

— É uma das condições para me dar o lugar?

Ele hesitou e murmurou:

— Não.

Não hesitei.

— Neste caso, não me vou casar com ela.

O que ele disse em seguida foi forçado e penoso.

— E o filho?

Olhei-o. Ele havia subido dez pontos na minha cotação.

— Vamos tomar providências a esse respeito hoje à tarde.

— Procuraram um bom médico?

— O melhor possível. Vai ser numa clínica particular em Scarsdale.

— Pode telefonar-me logo depois ?

— Fique descansado quanto a isso.

— Pobre Barbara — murmurou ele. — Ela é realmente uma boa menina.

Como é que se pode dizer a um pai que a filha é uma desmiolada e que vivia a maior parte do tempo entorpecida pela maconha?

— O filho... é seu?

Encarei-o firmemente e respondi:

— Não sei.

Baixou os olhos e murmurou:

— Se o médico achar que haverá algum problema, não o deixará operar ?

— Claro que não! Pode achar estranho, mas ao meu modo me interesso por Barbara e não quero que lhe aconteça coisa alguma.

Ele respirou fundo e levantou-se, estendendo-me a mão.

— O lugar é seu. Quando poderá começar?

— Amanhã, se estiver de acordo. Saí do outro emprego na semana passada e acabei de limpar as gavetas hoje de manhã.

Ele sorriu pela primeira vez.

— Amanhã está muito bem.

Apertamos as mãos e eu me encaminhei para a porta. Parei quando começava a abri-la.

— Por falar nisso, que andar é este?

— Cinqüenta e um.

— Em que andar fica o escritório de Ritchie?

— No quarenta e nove.

— Quero o meu no cinqüenta — disse eu, saindo e fechando a porta.

CAPÍTULO II

Tornei a tocar a campainha. Ouvia lá dentro o toca-discos ligado ao máximo de volume. Ela não veio abrir a porta.

Experimentei a maçaneta e a porta se abriu. Logo que entrei senti a fumaça pesada, adocicada e acre. Atravessei a sala, abri as janelas que davam para o terraço e desliguei o toca-discos. Senti os ouvidos zumbirem com o súbito silêncio.

— Barbara! — gritei.

Ela não respondeu, mas ouvi o riso dela. Fui até o quarto e parei ao chegar à porta aberta.

Ela estava sentada nua no chão, no meio do quarto, com o cigarro de maconha pendente dos lábios. De pé diante dela, pronto para possuí-la, estava um negro, moço e alto, Ele me viu antes dela. Assustou-se com a minha entrada inesperada e perdeu imediatamente a excitação de que estava possuído. Começou a ficar pálido de medo.

Ela se voltou para mim e disse com uma nota de censura na voz!

— Você assustou o pobrezinho, Steve'

— Desculpem — disse eu, entrando no quarto.

O preto recuou e perguntou com voz trêmula:

— É marido dela?

Abanei a cabeça.

— Amiguinho?

— Não seja tolo, Raoul — disse ela. — Amigo apenas — olhou para mim e riu de novo. — Você me economizou cinqüenta dólares. Raoul disse que se perdesse a vontade antes de uma hora eu não teria de pagar nada a ele.

Tirei duas notas do bolso e entreguei-as ao rapaz.

— Vá saindo.

Não creio que ele tivesse levado mais de um minuto para vestir-se e sair do apartamento. Tranquei a porta depois que ele saiu e voltei ao quarto.

Ela estava estendida na cama.

— Venha estar comigo, Steve — disse ela, com voz rouca. Estou toda excitada. Viu que homem formidável?

— Vista-se — disse eu severamente. — Temos hora marcada.

Ela começou então a chorar. Virou o rosto para o travesseiro a fim de abafar os soluços.

Sentei-me na cama e levantei-lhe o corpo, fazendo-lhe a cabeça descansar em meu ombro. Ela estava trêmula.

— Estou com tanto medo, Steve. O medo é tanto que penso até que vou ficar maluca. Se doer, eu vou morrer. Não posso agüentar dor.

— Não vai doer nada, menina — disse eu, carinhosamente.

— Fiquei aqui sentada a manhã toda pensando e se Raoul não tivesse aparecido eu era bem capaz de me jogar pela janela. Oh! Acho que vou vomitar.

Levei-a da cama para o banheiro e sustentei-lhe a cabeça enquanto ela vomitava no vaso. Ao fim de algum tempo, não tinha mais nada para vomitar. Começou a tremer e eu passei um roupão pelo corpo dela, abraçando-a até que ela parou.

— Estou bem agora — disse ela.

Estava pálida mas os olhos estavam límpidos.

— Você agora vai tomar um banho e se vestir. Vou preparar um café quente para quando você acabar.

Ela me fez parar à porta do banheiro.

— Conseguiu o lugar, Steve ?

Fiz um sinal afirmativo.

— Ótimo!

Esperei no corredor até ouvir a água correr no chuveiro. Fui então para a cozinha e tratei de fazer o café.

As salas de espera dos hospitais são iguais no mundo inteiro. Eu tinha tido tempo de ver vinte vezes tudo o que havia nela quando o médico chegou à porta e me chamou: — Quer fazer o favor de vir ao meu gabinete?

Acompanhei-o e ele fechou cuidadosamente a porta.

— Pode abandonar esse ar de preocupação. Ela está muito bem.

Senti um peso cair-me dos ombros.

— Não há problemas?

— Nenhum — disse ele, acendendo um cigarro. — Mas convém que ela passe a noite aqui. Poderá ir para casa amanhã de manhã.

— Posso falar em seu telefone?

Ele assentiu e eu dei o telefonema que havia prometido.

Ele olhou para mim quando desliguei e perguntou:

— O pai dela?

— Sim.

— Ela tem medo dele. Aliás, é uma moça muito amedrontada. Você parece a

única pessoa em quem ela tem alguma confiança.

— Parece...

— Ouvem-se muitas coisas aqui — continuou o médico. — O Pentotal desata as línguas. Disse a princípio que a anestesia a deixava um pouco alta como se fosse maconha, mas que não estava mais com medo e que só deixava de ter medo quando estava alta ou junto com você.

Fiquei calado.

— Conheço um bom psiquiatra, Steve. Se você conseguir convencê-la a ir consultá-lo, talvez ele possa dar um jeito nela—

Conhecia Bill desde os tempos de garoto. Era a primeira vez que o via como médico e pensei na mania que tinham todos os médicos de pensar que podiam fazer o papel de Deus.

— Creio que ela só confia em mim, Bill, porque não me meto na vida dela e nunca procuro dizer o que ela deve ou não deve fazer.

— Então desculpe. Pensei que você era amigo dela.

— E sou. Mas a minha idéia de ser amigo é simplesmente estar presente, aconteça o que acontecer. Sem lamentar, sem criticar, sem orientar. Estar presente apenas.

— Mas ela é muito jovem ainda.

— Tem vinte e dois anos. E já sabia o que queria muito antes que eu viesse a conhecê-la. E, como todo mundo, ela tem direito a escolher o caminho que quiser.

— Ainda que esse caminho seja o da autodestruição ?

— Ainda assim — disse eu e hesitei um momento. — Não compreende, Bill, que só posso ajudá-la se ela me pedir? De outro modo, eu serei como todas as outras pessoas que ela conheceu na vida.

Ele ficou em silêncio pensando nisso e, por fim, disse:

— É, talvez você tenha razão.

— Posso vê-la?

— Claro que pode. Está no quarto 20, no segundo andar. Mas não se demore muito que ela precisa de repouso.

— Não me demorarei. E mais uma coisa, Bill. Mande a conta para mim e eu tomarei providências para que você receba

Ele riu.

— Obrigado, Bill — disse eu e subi.

Ela parecia estar dormindo quando entrei no quarto quase às escuras. Os cabelos pretos lhe emolduravam o pálido rosto magro que tinha um aspecto

quase infantil com os olhos cerrados. Fiquei ali olhando para ela. Por fim, abriu os olhos com um azul que marcou um contraste com o rosto pálido. Estendeu a mão fracamente para mim.

— Alô, Steve. Você esperou. Muito obrigada.

Tomei-lhe a mão fria e frágil.

— Eu disse que ia esperar — murmurei, sentando-me na cadeira ao lado da cama. — Como se está sentindo?

— Doeu um pouco — disse ela. — Mas não foi muito ruim. Deram-me alguma coisa e só agora estou começando a sentir o abalo — encostou os lábios em minha mão — Acha que ainda poderemos estar juntos na cama... depois disso?

— Quer marcar um encontro? — perguntei, rindo. — Acho que terei tempo para atender você na semana que vem.

— Não estou brincando, Steve — disse ela, exaltadamente.

— Nem eu.

Senti de repente as lágrimas quentes em minha mão:

— Agora, eu quero um filho, Steve. É um desperdício tão grande. Nunca mais em minha vida quero passar por isso.

Fiquei em silêncio. A voz dela estava quase abafada pelo travesseiro.

— Quer-se casar comigo, Steve? — Prometo que serei uma boa esposa para você.

Peguei-lhe o rosto e voltei-o para mim. Os olhos estavam arregalados e com uma ponta de medo.

— Não é hora de falarmos disso — murmurei gentilmente. — Você acaba de passar por um mau momento. Falaremos quando você se sentir melhor.

— Não mudarei de idéia — disse ela, encarando-me.

— Espero que não — disse eu, sorrindo. Depois, curvei-me e beijei-lhe os lábios. — Agora, procure descansar um pouco.

CAPÍTULO III

Desci a escada e cheguei ao Vinte e Um. Chuck estava à porta esperando por mim. Passou o braço por meu ombro e disse:

— Mandei reservar sua mesa no canto dos fundos do bar. Jack Savitt já está lá esperando e deve ter tomado uns dois martinis por sua conta.

— Obrigado, Chuck.

— De nada, amigo — disse ele sorrindo e olhando por cima do ombro para

as pessoas que vinham atrás.

Atravessei o bar que estava repleto. Jack levantou os olhos com os cabelos grisalhos cortados bem curtos combinando com o seu paletó de tweed e perguntou com voz pastosa: — Então?

— Podem descansar — disse eu, sentando-me. — Tudo resolvido.

— Tudo mesmo? Da maneira que conversamos?

— Claro! Sou o novo presidente da TV Sinclair.

— Deus do céu! Assim, sem mais nem menos?

O garçom colocou dois martinis na mesa à nossa frente. Jack levantou a mão.

— Duplo para mim — olhou para mim sorrindo e perguntou: — Eu não estava certo sobre a maneira pela qual você tinha de tratá-lo ?

— Mais do que certo — disse eu, levantando o martini para ele. Não custava nada deixá-lo com essa ilusão. Não era preciso ele saber que eu tinha jogado com uma carta marcada. Quem não tinha ilusões era eu. Barbara é que me havia conseguido o lugar. Tomei o martini e senti que descia bem.

— Falou em dinheiro, em contrato, em condições?

— Para quê? Isso cabe a vocês.

— Ótimo — disse Jack. — Fique descansado que arranjaremos tudo da melhor maneira para você.

— Tenho certeza disso, Jack — disse eu. Mais do que qualquer coisa, ele era um agente. E, como todos os agentes, depois que se resolvia tudo, ele tratava do resto.

— Onde foi que você passou a tarde toda? — perguntou ele. — Recebi apenas o recado para encontrar-me com você aqui e então você desapareceu. Não era hora de você estar atrás de um rabo-de-saia. Minhas úlceras já estão fazendo criação de úlceras.

— Não houve nenhum rabo-de-saia. Tive de resolver um caso pessoal que não podia, esperar — um martini apareceu diante de mim como num golpe de mágica e eu peguei. — Agora, escute. Quero que você bote todo o seu pessoal em campo para colher algumas informações para mim. Quero informações completas sobre o pessoal das redes de televisão. Quero tudo também sobre programação, vendas, pesquisa, publicidade e engenharia, de costa a costa. Depois, a mesma coisa, estação por estação, através do país. Depois disso, quero uma relação dos programas, produção e cotação, programa por programa em todo o país e mercado por mercado. Além disso, quero uma lista de todos os filmes de amostra, projetados e prontos na Sinclair e em todas as outras redes. Quero uma lista completa.

Foi a vez de ele esnobar. Estendeu a mão para a cadeira ao lado dele e apanhou um livro de folhas soltas encadernado em couro preto, tendo impresso na capa em letras douradas:

Confidencial para
SR. STEPHEN GAUNT
Presidente da Televisão Sinclair

— Estou adiantado nesse ponto, rapaz — disse ele, rindo. — Tudo o que você acaba de pedir já está aqui. É essa a espécie de serviço que eu presto aos meus clientes. Botei em campo todo o nosso departamento de pesquisa desde que você me falou na semana passada da audiência que tinha marcado com Sinclair. Agora, todos os meus rapazes estão de prontidão e estamos prontos a passar a noite com você, passando tudo em revista, ponto por ponto.

— Eu devia conhecer você e saber que estaria preparado.

— E não é só — disse Jack. — Marquei os programas que na minha opinião farão sucesso e que nós podemos conseguir para a próxima temporada.

— Muito bem. E quanto ao resto desta temporada?

— Escute aqui, estamos em outubro. Não há tempo suficiente para preparar coisa alguma antes da próxima temporada. Quanto a isso, nada se pode fazer.

— Por que não?

— Ora, você sabe tão bem quanto eu que estes meses são de estagnação.

— Não sei de nada. Só sei é que vou ocupar um lugar que me colocará na linha de fogo, como um alvo para todos os que ficarem aborrecidos com a minha ascensão. E você conhece Sinclair melhor do que eu. Ele espera que eu faça alguma coisa.

— Mas não pode esperar milagres.

— Quanto quer apostar?

Ele nada disse.

— Por que acha você que ele me deu o lugar? Sou considerado um homem milagroso. Veja o que eu fiz na Greater World.

Ele tomou mais um gole de martini, ainda sem falar.

— Qual é a companhia de cinema que está com problemas neste momento ? — perguntei.

— Todas elas estão com problemas — disse ele, sombriamente. — Nenhuma delas teve neste ano lucros de verdade. Estão alucinadas procurando dar um jeito na escrita para que não se sintam tão mal assim.

— Está bem — disse eu. — Quero que saia em campo amanhã de manhã e

compre tantos filmes quanto puder. A única condição é que sejam todos posteriores a 1948.

— Deve estar brincando... — murmurou ele.

Eu sabia o que ele queria dizer. Até então, as companhias de cinema não tinham vendido para a televisão um só filme produzido depois de 1948. Procurei dar o máximo de frieza à minha voz. Já era tempo que ele soubesse quem era o chefe.

— Não costumo brincar sobre negócios.

A frase deu tão bom resultado para ele como tinha dado para Sinclair. Houve uma mudança sutil na voz dele.

— Isso custará uma fortuna.

— Não tem importância. Viu o último balanço da Sinclair ? Mais de cem milhões em dinheiro vivo.

— Que é que vai fazer com esses filmes quando os tiver ?

— Vou exibi-los aos sábados de nove às onze horas da noite.

Notei que ele tinha dito Quando e não se.

— Mas isso é contrário a tudo o que a televisão tem feito até agora. As redes sempre procuraram depreciar o cinema em proveito próprio.

— As outras redes. Sinclair, não. A única coisa que ele tem é dinheiro e eu pretendo usar esse dinheiro para conquistar um pouco os mercados.

— Mas está errado — protestou ele. — Podemos fazer programas próprios.

Eu sabia o que estava aborrecendo. Não ganharia nem um dólar de comissão pelos filmes e não lhe agradava deixar de ganhar esse dinheiro todas as semanas.

— Podemos, sim — disse eu. — Mas só para o ano. Você mesmo disse que não há mais tempo este ano.

— Toda a indústria vai rir de você.

— Quem se importa? O que me interessa é o índice de audiência. Eles deixarão de rir quando os Nielsens saírem.

— Quando é que você quer começar com os filmes? — perguntou ele.

Eu compreendia perfeitamente o mecanismo do cérebro dele. Quanto maior a pressão, maior o preço, e ele iria receber a sua comissão pelo outro lado. Era a profissão dele e isso pouco me interessava contanto que ele me arranjasse o que eu queria.

— Janeiro — disse eu.

— O tempo é curto. Não vai sair barato.

— Isso você já disse — murmurei, pegando o meu martini. —Conhece o slogan que as companhias usam: "O cinema é o seu melhor divertimento."

Acontece que eu acredito nisso.

— Espero que esteja certo.

— Sei que estou Agora, vamos jantar. Diga aos seus rapazes que se vão encontrar conosco em meu apartamento às onze horas da noite.

Pegou o telefone em cima da mesa e perguntou:

— Qual é mesmo o endereço ? Central Park Oeste, 25 ?

— Não. Apartamento B de cobertura, Waldorf Towers.

Quase ri de ver a surpresa que se estampou no rosto dele.

— Não sabia que você tinha-se mudado.

— Foi uma das coisas que fiz hoje à tarde. Gosto de morar perto do lugar onde trabalho.

CAPÍTULO IV

Dessa vez, quando cheguei ao vestíbulo, fui reconhecido. As duas recepcionistas levantaram os olhos e sorriram.

— Bom dia, Sr. Gaunt — disseram quase em coro.

— Bom dia — respondi.

O guarda que me levara para cima no dia anterior apressou-se em vir ao meu encontro.

— Bom dia, Sr. Gaunt — disse ele. — Tenho a chave de seu elevador. Vou-lhe mostrar como é que funciona.

— Obrigado, Sr. Johnson.

Ele sorriu, satisfeito de que eu me lembrasse do nome dele. Acompanhei-o até ao fundo do corredor. Havia outro elevador ao lado do que tínhamos usado. Ele tirou a chave e rodou-a na fechadura que ficava no lugar onde costuma ficar o botão de chamada. As portas se abriram e eu entrei com ele.

— Basta apertar o botão de subida — disse ele. — Não há paradas entre o térreo e o seu andar. Aperte o de descida quando tiver de sair.

— Neste não há campainhas? — perguntei, sorrindo.

— Não, senhor — disse ele, sério. — Só há no elevador do Sr. Sinclair, que mandou instalar o aparelho no ano passado depois que o maluco entrou aqui com uma pistola.

Esperei que ele continuasse, mas não aconteceu. Por que alguém iria querer dar um tiro em Sinclair ? Ele me entregou a chave.

— As pessoas que o procurarem serão encaminhadas para a área de recepção dos diretores no andar 47 — disse ele. — Dali, tomarão um dos elevadores que só correm entre os cinco andares até o 51. Esses elevadores têm sempre ascensoristas. Todos os outros são automáticos. Só há três chaves para este elevador. Uma é esta que ficará com o senhor, a outra fica com a Srta. Fogarty, sua secretária, e a última fica sempre na mesa de recepção no vestíbulo — apertou um botão e as portas tornaram a se abrir Há mais alguma coisa que eu lhe possa dizer?

— Só uma coisa. Em que andar é meu escritório?

Houve um leve tom de surpresa no rosto dele

— No 50, Sr. Gaunt.

— Obrigado, Sr. Johnson — disse eu e calquei o botão de subida.

A Srta. Fogarty estava a minha espera à porta do elevador. Não devia ter

ainda trinta anos. Era alta, esbelta, de olhos castanhos, cabelos quase louros amarrados na nuca com uma fita, um vestido simples de Dior em preto básico e um broche discreto de ouro à altura do peito.

— Bom dia, Sr. Gaunt — disse ela. — Sou Sheila Fogarty, sua secretária número um.

Estendi-lhe a mão dizendo:

— Bom dia, Srta. Fogarty.

A mão dela estava fria e ligeiramente úmida e eu percebi de repente que ela estava tão nervosa quanto eu. Comecei a sentir-me melhor. Sorri para ela e ela me retribuiu o sorriso.

— Agora, vou-lhe mostrar os escritórios.

Virou-se e eu notei que ela tinha um bom posterior e que as costuras das meias estavam bem esticadas no lugar certo sobre boas pernas e tornozelos finos.

— A disposição deste andar é exatamente igual à do Sr. Sinclair no andar acima deste. Aqui só estão os seus escritórios.

Segui-a pelo corredor. Tudo era branco realçado apenas por alguns quadros. Era evidente que alguém de bom gosto havia gasto um bom dinheiro para escolhê-los. Se eu não estava enganado, havia alguns Miros e Picassos legítimos.

Ela percebeu o meu olhar e disse

— Todos os quadros são da coleção particular do Sr. Sinclair — abriu a primeira porta. — Esta é a sala de projeção.

Olhei. Era bem arrumada e luxuosa e comportava cerca de vinte pessoas acomodadas em poltronas confortáveis. Fiz um sinal de aprovação e ela fechou a porta, levando-me à sala seguinte.

— Este aqui é o salão de conferências — disse ela. Podiam sentar-se vinte pessoas à grande mesa. — Entre este salão e a pequena sala de conferências há uma cozinha particular, com um chef permanentemente a postos para preparar almoço conforme o senhor desejar.

A pequena sala de conferências comportava dez pessoas e era uma versão em miniatura da outra. Voltamos para o elevador.

— Além da área de recepção, há três salas de espera privadas onde os visitantes podem ficar sem necessidade de se verem uns aos outros — abriu uma porta. — Essas três salas são iguais.

Eram também iguais à sala onde eu tinha estado no andar de cima. Uma loura fria estava sentada à mesa na área de recepção. Levantou-se quando nos aproximamos.

— Essa é a Srta. Swensen, sua recepcionista — disse a Srta. Fogarty. — Srta.

Swensen, Sr. Gaunt.

A loura sorriu.

— Muito prazer, Sr. Gaunt.

Sorri também. Ela era também uma cópia em carbono da loura dos escritórios de Sinclair.

— O prazer é meu, Srta. Swensen.

Atravessamos a área de recepção. Ela abriu outra porta e disse

— Esta é minha sala.

Havia outra moça na sala e levantou os olhos quando entramos Levantou-se à nossa aproximação.

— Esta é Ginny Daniels, minha assistente, sua secretária número dois. Srta. Daniels, Sr. Gaunt.

— Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Gaunt — disse ela, sorrindo.

Estava de acordo com o modelo, com a diferença de que os cabelos eram pretos. Pensei por um momento que Sinclair talvez as mandasse fabricar segundo especificações próprias.

— Prazer, Srta. Daniels.

Apertamo-nos as mãos. As delas não estavam tão úmidas quanto as da Fogarty. Mas também tinha muito menos a perder. Era apenas a número dois.

— Há duas entradas para o seu gabinete — disse a Srta. Fogarty, apontando uma porta perto da mesa dela. — Esta de nossa sala e a outra diretamente da área de recepção. Os seus visitantes entrarão por aqui, a menos que o senhor dê instruções noutro sentido.

Eu nada disse.

Ela abriu a porta de meu gabinete e me deixou entrar à frente dela. Fiquei parado por um momento, olhando. Era quase uma cópia do gabinete de Sinclair. As mesmas dez janelas de cada lado, a mesma vista. Só havia uma coisa diferente. O gabinete parecia novo, intacto, nunca usado.

— Quem era que ocupava este gabinete? — perguntei.

Quem quer que fosse, tinha desaparecido sem deixar vestígios.

— Ninguém — disse ela. — Não sei por que, mas este gabinete tem estado vazio desde que nos mudamos para cá há quatro anos.

Encaminhei-me então para a mesa e sentei-me. Sinclair não podia deixar de ser um homem muito estranho. Ninguém instala gabinetes como aquele para então não os usar.

— Quer uma xícara de café? — perguntou ela.

— Faça o favor. Pouco açúcar.

Voltou daí a um momento, colocando a bandeja de café em cima de minha mesa. Olhei enquanto ela servia o café. Quando nada, ela fazia as coisas com estilo. A porcelana era Wedgwood.

— Gosta assim? — perguntou ela.

Provei o café e disse:

— Está ótimo.

Ela sorriu e continuou:

— Na gaveta do centro de sua mesa encontrará duas pastas. Uma delas tem todos os dados pessoais da Srta. Swensen, da Srta. Daniels e de mim mesma. Deve compreender que a nossa designação para o seu gabinete é tão-somente provisória. Se tiver outras pessoas em vista ou quaisquer outras preferências, acharemos isso muito natural.

— Não haverá problemas — disse eu. — Estou muito satisfeito com tudo até agora e não tenho compromissos.

Ela sorriu.

— Na outra pasta, há uma relação dos nomes de certos diretores principais da empresa com os cargos que ocupam. O Sr. Sinclair pediu-me especialmente que lhe lembrasse para passar os olhos nessa relação desde que haverá uma conferência às dez e meia no salão de conferências do andar dele para que os outros diretores sejam apresentados ao senhor.

— Obrigado — disse eu. A Fogarty servia. Tinha tato e estilo. Não havia dito que eu ia ser apresentado aos diretores.

— Agora, permita-me explicar algumas coisas sobre o mecanismo do gabinete.

Deu volta à mesa e ficou ao meu lado. Senti-lhe o perfume suave e discreto.

— O telefone é um aparelho convencional de diretor, ligado a uma mesa telefônica com dez troncos. As linhas de fora podem ser obtidas discando em primeiro lugar 8 ou 9. É claro que todas nós estaremos sempre à sua disposição para fazer todas as ligações que desejar. Há também duas linhas diretas que não passam pela mesa para seu uso pessoal e ligações diretas por interfone para as nossas mesas. Na parede ali em frente há, como vê, três telas de televisão. A primeira está permanentemente ligada a nossa rede e projetará sempre o programa em curso. As outras duas são de aparelhos convencionais e mostram todos os canais. Todas são controladas por um conjunto de botões ao lado do seu telefone. Na parede do lado, há um bar embatido, que pode ser manobrado com este botão.

Apertou o botão e o bar se abriu. Estava bem abastecido e pronto para entrar

em ação. Fiz um sinal de aprovação.

— À direita do bar, há uma porta. É a entrada pela sala de recepção. É eletricamente controlada e pode ser trancada de sua mesa ou das nossas. À esquerda do bar, há um banheiro particular, completo, com quarto de vestir, chuveiro, sauna e banho turco. Há também um pequeno quarto para quando quiser descansar.

Fui até à porta do banheiro, abri-a e entrei. Tudo era como ela havia dito e ainda melhor. Com uma instalação como aquela, não havia razão alguma para ir para casa. Voltei ao escritório.

O telefone tocou e ela atendeu.

— Gabinete do Sr. Gaunt — disse ela e olhou para mim. — O Sr. Sinclair quer falar-lhe.

— Um momento. Vou ligar — disse a voz da secretária dele.

— Bem instalado, Sr. Gaunt?

— Estou, sim. Muito obrigado.

Ele riu.

— Pense um pouco quando quiser se queixar do barulho que fazem os seus vizinhos de cima. Foi o senhor mesmo quem quis esse escritório.

Ri também.

— Não me esquecerei disso, Sr. Sinclair.

— Gostaria muito de que viesse ao meu gabinete alguns minutos antes da reunião das dez e meia — disse ele. — Seria bom que conhecesse Dan Ritchie antes de entrarmos.

— Estarei aí às dez e vinte

Dan Ritchie era um profissional. Recebeu a sua destituição sem rancor. Apertou-me a mão com firmeza e disse com voz ressoante:

— Prazer em conhecê-lo, Steve.

Examinou-me durante um minuto, com uma expressão de perplexidade nos olhos. Virou-se para Sinclair.

— Tive a impressão de que era muito mais moço.

Sinclair parecia também perplexo. Sorri para eles.

— Nesta profissão, a gente envelhece depressa.

De repente, um brilho de interesse surgiu nos olhos de Sinclair. E também uma espécie curiosa de respeito.

— É verdade — disse ele. — Isso às vezes acontece da noite para o dia.

Ele não sabia disso. Mas a coisa havia acontecido às oito horas da manhã daquele dia. Tomei meu banho de chuveiro, abotoei a camisa e voltei à sala.

— Pronto, rapazes! — disse jovialmente. — Por que não pedem café?

— Olhem só para ele — resmungou Jack do sofá onde estava estendido. — Passa a noite inteira acordado fazendo uma pergunta atrás da outra e, agora, toma banho e aparece aqui novinho em folha. Como é que consegue isso? Algum comprimido novo?

— Não. Levo apenas uma vida regrada — disse eu, sorrindo.

— Nada — disse Joe Griffin, chefe de pesquisas de Jack, — isso é apenas mocidade. Ele não parece ter idade nem para votar, quanto mais para ser presidente de uma grande rede de televisão.

Olhei-o com atenção. Ele pusera o dedo na ferida. O meu maior problema não era o que eu queria fazer mas os velhos que olhariam para mim e pensariam que eu não passava de um garoto mimado. Corri para o telefone. A única maneira de derrotá-los era confundir-me com eles.

A barbearia não tinha ninguém que pudesse fazer o que eu queria, mas o salão de beleza podia atender-me. A promessa de cinqüenta dólares fez a pequena subir sem demora.

Era uma moreninha com um avental cor-de-rosa. Trazia uma maleta preta e mascava chicles. Entrou com uma cara de surpresa.

— Disseram lá embaixo que há uma senhora aqui que quer ficar com os cabelos grisalhos.

— E é verdade. Com a diferença é que não se trata de uma senhora. Sou eu.

Ela quase engoliu o chicle.

— Era só o que faltava! — disse ela. — Você é maluco ou o que é? Vou-me embora agora mesmo!

Tirei a nota de cinqüenta e sacudia na frente dela.

— Estou falando sério. Não se vá embora.

Ela olhou para mim e disse:

— Para que é que vai fazer isso ? Já parece bem simpático assim como é.

— Escute aqui, fui nomeado para um cargo bem importante — disse eu com toda a seriedade. — Todo o mundo vai pensar que eu sou muito moço para ocupar o lugar. Você quer que eu perca minha grande chance?

— Não — disse ela com alguma hesitação. — Não vou querer uma coisa dessas.

— Neste caso, basta que me acinzente um pouco os cabelos Muito não, mas o suficiente para dar a impressão de que eu sou um pouquinho mais velho.

— Bem, isso eu acho que posso fazer.

— Venha então — disse eu, levando-a para o banheiro. Quando voltei à sala quarenta minutos depois, já estava vestido e pronto para sair para o escritório.

— Não acredito! — disse Jack, sentando-se de um salto no sofá.

Todos se juntaram em volta de mim.

— Que é que acham? — perguntei.

Jack sacudiu a cabeça e disse:

— Formidável! Isso não faz você na realidade parecer mais velho, mas lhe dá um ar de sólida autoridade. Compreende o que eu quero dizer?

Compreendia o que ele queria dizer. A sombra de cinza que ela me colocara nos cabelos me parecia também o toque exato. Eu ainda parecia moço, mas não tão moço assim.

— Está bem — disse eu, encaminhando-me para a porta. — Está na hora.

— Espere um pouco — disse Jack, pegando as folhas soltas do caderno. — Não vai levar isto com você?

— Ora, professor! Desde quando permitem que a gente abra os livros na hora do exame?

Numa coisa eu estava errado. Os escritórios não eram iguais. O salão de conferências de Sinclair era maior do que o meu. Havia vinte e oito pessoas em torno da mesa. Dei lentamente a volta à mesa e apertei a mão de cada um, procurando ligar os nomes ao que eu tinha lido na noite passada. O resultado foi ótimo. Minha memória era melhor do que eu pensava.

Procederam todos de maneira muito profissional. Podia ver que todos me estavam estudando, mas nenhum disse coisa alguma. Não me iam dar entrada alguma. Esperariam calmamente para ver o rumo que as coisas tomavam.

Ao fim de dez minutos. Sinclair se retirou com uma alusão displicente à necessidade de deixar que a turma travasse conhecimento. Ritchie saiu com ele.

Houve então na sala um silêncio tão compacto que se podia realmente cortar com a faca. Eu estava sentado sozinho à cabeceira da mesa. E era assim realmente que eu estava em mais de um sentido — sozinho.

Corri os olhos em torno da mesa. Era estranho como uma pequena coisa como um toque de cinza nos cabelos ajudava a eliminar as diferenças. Conservei a voz deliberadamente baixa para que eles tivessem de fazer um esforço para ouvir-me.

— Estão incertos a meu respeito e eu estou incerto a respeito dos senhores. Não nos conhecemos.

"Mas nos próximos meses nos conheceremos. Alguns vão gostar de mim;

outros, não. Isso não tem importância.

"O que tem importância é que a Televisão Sinclair vai sair do porão. O que vai ter importância serão os índices de audiência. E esse o padrão pelo qual os senhores deverão medir-me e pelo qual medirei os senhores."

Fiz uma pausa. Os olhos de todos estavam cravados em mim.

— Em Washington, quando um novo presidente toma posse, tem liberdade de escolher livremente o seu ministério. É uma coisa que aprecio, pois significa verdadeira democracia.

Podia sentir que eles se empertigavam nas suas cadeiras. Aquilo era quase direto.

— Espero, portanto, que cada um dos senhores apresente o seu pedido de demissão a vigorar a partir de 31 de janeiro e que esse pedido esteja em cima da minha mesa amanhã de manhã.

Houve um explosivo suspiro coletivo. Esperei um momento para que digerissem isso. Joguei-lhes então um salva-vidas.

— Minha secretária está preparando uma escala de conferências. Nestes próximos dias, receberei pessoalmente cada um dos senhores para estudarmos juntos os problemas dos respectivos departamentos. Muito obrigado, cavalheiros.

Desci para meu gabinete. Dez minutos depois, a confusão estava formada. Sinclair passeava furiosamente de um lado para outro em minha sala.

— Despediu todo o mundo! Como espera administrar a rede? Sozinho? Nem você é capaz disso!

Sorri para ele e disse:

— Os deuses descem do Olimpo.

Ele parou e perguntou:

— Que quer dizer com isso?

— Soube que nunca descia do seu andar — ele começou a sorrir e eu continuei: — Vamos esclarecer os fatos. Não despedi ninguém. Solicitei apenas que apresentassem os seus pedidos de demissão que entrariam em vigor a 31 de janeiro. Não disse que iria aceitar esses pedidos de demissão.

Ele riu.

— Você os abalou sem dúvida alguma.

— A intenção foi essa.

— A sua maneira não é absolutamente sutil.

— Nem é para ser. Tenho de dar uma sacudidela nesta rede para fazê-la realmente subir.

— Está bem — disse ele, consultando o relógio. — Mandei reservar para o almoço a sala particular do Vinte e Um. Quero que fique conhecendo a junta de diretores. E pedi à Relações Públicas para marcar uma entrevista coletiva à imprensa para você na sexta-feira.

— O almoço está bem — disse eu. — Mas não conte comigo na sexta-feira, pois não estarei aqui — dei-lhe tempo para digerir essa. — Haverá tempo de sobra para uma entrevista coletiva quando eu tiver o que dizer. Neste momento, ainda não tenho nenhuma informação para dar.

— Onde estará? — perguntou ele.

— Em Los Angeles.

— Que diabo vai você fazer lá que seja mais importante do que ficar aqui?

Olhei-o diretamente e disse:

— Vou tentar roubar as noites de sábado para nós.

CAPÍTULO V

— Meu pai está com você? — perguntou ela logo que entrei no quarto.

Balancei negativamente a cabeça.

— Você veio no carro dele.

Ela estava vestida e pronta para sair, com a maleta arrumada no meio do quarto. Não fez menção de pegá-la.

— Ele me emprestou a limusine, Barbara. Achei que seria mais confortável do que um táxi.

— Ele sabe?

— Sabe, sim.

Ela pareceu perder todo o ímpeto. Atravessou a sala e tirou da bolsa o maço de cigarros.

— Como foi que ele descobriu? Foi você que disse?

— Será que não me conhece ainda, Barbara? Ele já sabia. Sabia até que eu ia levar você ao médico.

— Que coisa! Ele nunca me larga! Vou despedir aquela criada. Tenho a certeza de que foi ela que contou tudo a ele. Era a única pessoa que sabia e vivia a escutar tudo...

— Ele é seu pai. É perfeitamente natural que se interesse...

— Aí é que você está enganado! Ele não se interessa nem por mim, nem por ninguém. Quer apenas é controlar tudo. Foi por isso que minha mãe se separou dele. Mas nem assim ele parou. Perseguiu-a até que ela se suicidou. E é isso o que ele quer que me aconteça.

— Calma, menina.

Ela riu dolorosamente.

— Você não sabe. Mas espere até ele botar as mãos em cima de você. Tomará conta de você e você então compreenderá. Ainda me lembro do que ele disse a minha mãe. "Ninguém deixa Spencer Sinclair, a não ser que ele queira", foi o que ele disse — apagou o cigarro e acrescentou: — Não quero voltar para o meu apartamento, Steve.

— Isso é com você. Resolva por si mesma o que é que quer. Vim apenas tirá-la daqui.

— Deixe-me ficar com você, Steve.

— Nem pense nisso!

— Por favor, Steve — disse ela, procurando pegar-me a mão.

— Só por uns dias até eu ficar com a cabeça mais assentada. Não quero ficar sozinha naquele apartamento.

— Você não pode estar pensando bem. Meu apartamento vai ficar tão movimentado nos próximos dias como uma estação de estrada de ferro!

— Não o atrapalharei de maneira alguma.

— Mas por que eu? — perguntei. — Você tem outros amigos.

Ela me contemplou com os olhos magoados. Largou minha mão e pegou a maleta.

— Está bem, Steve. Estou pronta.

Tomei-lhe a maleta e descemos para o carro. Acho que não trocamos nem duas palavras no caminho até a cidade, O chofer nos olhava com curiosidade pelo espelho. Era evidente que ela o conhecia mas procurou não tomar conhecimento dele.

O carro parou diante do apartamento dela em Park Avenue e o porteiro veio correndo para pegar-lhe a maleta. Saltei com ela.

— Está bem agora?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Cuide-se e procure descansar — disse eu. — Telefonarei mais tarde para saber como vai passando.

— Está bem.

Beijei-lhe o rosto e ela entrou no edifício. Eram quase cinco horas quando voltei ao escritório e encontrei uma verdadeira pilha de memorandos e avisos de telefonemas. Fiquei emaranhado em tudo aquilo quase sem saber. Às oito horas, Jack Savitt me falou ao telefone.

— Ainda trabalhando? — perguntou ele, rindo. — Está dando um mau exemplo.

Olhei para os papéis que ainda tinha de examinar e disse:

— É verdade.

— Estive em ação e creio que lhe posso dizer alguma coisa.

— Ótimo.

— Quer que eu vá até aí para conversarmos?

Olhei para o relógio.

— Não. Espere-me na churrascaria de McCarthy na Segunda Avenida dentro de quinze minutos.

— Estarei lá.

Desliguei o telefone e toquei a cigarra. A Srta. Fogarty apareceu.

— Quer botar o resto destes papéis num envelope? Vou examinar tudo em

casa.

Fui então para o banheiro e me lavei. Olhei para meu rosto no espelho. Estava cansado e havia nele rugas que eu não tinha visto pela manhã. Sorri. Aquilo combinava com os cabelos grisalhos. Os olhos ainda estavam um pouco injetados. Talvez eu precisasse de óculos.

A Srta. Fogarty tinha uma pasta de couro pronta para mim. Era nova em folha e tinha o meu nome gravado em letras discretas. Fechou a pasta e me entregou.

— Tudo está em ordem — disse ela. — Marquei com lápis vermelho os assuntos mais urgentes.

Joe Berger estava à porta quando eu cheguei.

— Parabéns, Steve — disse ele.

— Muito obrigado, Joe.

Apertamo-nos as mãos e segui-o até um compartimento junto à parede.

Claire, a bela mulher dele, sorriu na caixa e me deu os parabéns quando passamos.

— Que é que manda? — perguntou Joe.

— Vou jantar com Jack Savitt.

— Eu sei. Ele telefonou dizendo que se ia atrasar uns cinco minutos.

Isso era normal para Jack. Ia dar mais dois telefonemas no mínimo até aparecer.

— Quero cerca de quatro martinis — disse eu. — Depois uma salada, um filé mal passado e batatas sautés.

— Quer a opinião de alguém que tem experiência, Steve?

Fiz um gesto de assentimento.

— Passe a gostar de scoth. É melhor para o seu estômago. Quase todos os casos de úlceras que eu conheço gostam de martinis.

Dei uma risada.

— Que é que acha de Coca-Cola?

— Ainda melhor. Quando meu filho era garoto, o médico receitou xarope de coca-cola para consertar-lhe o estômago.

— Muito bem, Joe. Agora, mande os martinis.

Ele se afastou, sacudindo a cabeça. Jack não se afastou da norma. Dois telefonemas e três martinis depois, chegou todo afobado.

Sentou-se diante de mim e olhou para a mesa e disse:

— Esse martini que número é?

— Número três.

Ele se voltou para o garçom.

— Traga dois duplos depressa — olhou para mim e acrescentou:

— Não é que eu esteja precisando, mas não quero me aproveitar de você.

— Será uma variação bem agradável — disse eu, rindo.

O garçom chegou com os duplos. Comecei a falar, mas Jack levantou a mão, pedindo que eu esperasse. Bebeu prontamente um copo e depois metade do outro.

— OK, agora pode falar — disse ele.

— Que é que tem para me dizer?

— Não foi fácil...

Fiquei calado. Isso não queria dizer nada. Era simples conversa de agentes para justificar despesas.

— Consegui trinta e seis para você. Uns cinco de cada uma das grandes companhias. O resto dos independentes.

— Quantos deles bons ?

— Uma média de quatro em seis e outros dois não são dos piores. Discuti muito mas não pude conseguir coisa melhor.

Ao contrário, tinha-se saído muito bem. Em geral, as companhias cinematográficas impingiam quatro abacaxis por um filme realmente bom que vendessem.

— Agora, segure-se na cadeira para não cair — disse ele. — Cada filme vai-lhe custar quatrocentos mil dólares e você tem exatamente vinte e quatro horas para entrar com o dinheiro. Do contrário, nada feito. E querem o dinheiro agora porque pretendem incluí-lo no balanço deste ano.

O preço era exatamente o dobro do que era corrente para filmes na ocasião, mas eu sabia, que só por isso é que iam ceder os filmes. Estavam também numa situação difícil. Tinham de apresentar um bom balanço naquele ano ou os acionistas começariam a gritar. E tinham mais medo dos acionistas do que dos proprietários de cinemas que as haviam forçado a assinar um acordo para recusar à televisão filmes posteriores a 1948. Os acionistas podiam representar para os homens do cinema a perda dos empregos, ao passo que os exibi-dures teriam sempre de precisar da produção deles.

— Está bem — disse eu. — Pode comprar.

Ele me olhou espantado.

— Sabe o que está fazendo? Tudo anda em mais de quatorze milhões de dólares.

— Eu disse que comprasse.

— Não quer nem saber quais são os filmes, quais são os artistas?

Falei em tom abrupto.

— O entendido nisso é você, Jack. Confio em seu critério. Não disse que não queria aproveitar-se de mim?

— Mas a responsabilidade é sua. Se os filmes não prestarem... Interrompi-o de novo e dessa vez, a minha voz foi bem fria.

— Está enganado, Jack. A responsabilidade não é minha. Se os filmes forem bombas, sua agência é que sofrerá. Meu cargo me permite alguma margem de erros, mas se você me deixar mal neste caso, sua agência nunca mais venderá um só programa a Sinclair. E sua agência irá por água abaixo porque todo o movimento que você faz com as outras redes não dá nem para pagar o aluguel de um andar dos seus escritórios.

Jack ficou muito pálido e com a testa banhada de suor. Acabou de tomar o segundo martini, bebendo-o lentamente sem tirar os olhos de mim. Disse por fim:

— Os filmes são bons.

— Então que é que o preocupa? — perguntei, sorrindo. — Acalme-se e vamos jantar que eu estou faminto.

Mas, bastante estranhamente, ele não me pareceu com muito apetite.

Já passava das onze horas quando cheguei ao apartamento. Não estava de modo algum cansado. Abri a pasta e espalhei os papéis na mesa da sala de jantar.

Quando acabei tudo e me joguei na cama, já era mais de uma hora. Os olhos me ardiam, mas adormeci quase no mesmo instante em que descansei a cabeça no travesseiro. Não podia ter dormido nem meia hora quando o carrilhão da porta começou a tocar.

A princípio, pareceu um eco em minha cabeça e eu tentei por todos os meios me desvencilhar do barulho. Por fim, abri os olhos. Levei um instante para habituar-me à escuridão. O carrilhão parecia mais alto depois que eu estava acordado. Fiz força para me levantar da cama e fui até à porta da frente para abri-la.

Ela usava um casaco de peles bem apertado em torno do corpo. Tinha uma pequena bolsa na mão e tinha os olhos arregalados, sombrios e amedrontados.

Fiquei um instante parado. Depois, recuei um pouco e ela entrou, caindo-me nos braços, trêmula e chorosa. Fechei a porta.

— Você não me disse que se tinha mudado — disse ela com a voz entrecortada pelos soluços.

Abracei-a com mais força.

— Fui primeiro ao seu velho apartamento. Foi o porteiro que me disse onde era que você estava. Está muito zangado comigo, Steve ?

Fiz um gesto negativo. Ela falava sem parar.

— Não pude mais. Estava sozinha. Muito só. Fiquei pensando no que você tinha dito a respeito de outros amigos. Fiquei sabendo pela primeira vez que não tenho outros amigos. Amigos de verdade, não. Amigos de farras e brincadeiras tenho muitos. Mas é só.

"Bebi meia garrafa de uísque. Não adiantou nada. Fumei três cigarros de maconha. Nada. Decidi então dormir. Tomei um Nembutal. Na hora em que me levantei da cama para tomar o quarto comprimido, compreendi que não ia dormir.

"Olhei-me no espelho do banheiro e só pude ver foi minha mãe. Ia acabar como ela. Quando chegassem de manhã, iriam encontrar-me ali, morta. Fiquei com medo.

"Tentei telefonar para você, mas me disseram que o aparelho tinha sido desligado. Já então, eu estava em pânico. Não tinha lugar nenhum para onde ir e vim procurar você."

Ela passou a mão pelos olhos molhados. O casaco de peles se abriu e eu vi que ela estava apenas com a camisola em cima do corpo.

— Deixe-me passar a noite aqui, Steve. Amanhã bem cedo, vou-me embora. Sim?

— Você já está aqui. Vamos para cama. Levei-a para o quarto e disse:

— Vá lavar o rosto. As lágrimas lhe besuntaram todo o rosto com a maquilagem.

Ela foi obedientemente para o banheiro. Apaguei as luzes e me deitei. Ouvi o barulho da água na pia. Um momento depois, a porta do banheiro se abriu e a luz se espalhou no quarto da porta aberta atrás dela.

— Estou bem agora ? — perguntou ela.

Eu não podia ver o rosto, mas via a silhueta através da camisola. Ri comigo mesmo. O que eu via parecia muito bem.

— Está ótima — murmurei.

Ela se deitou na cama e eu fiz lugar para ela.

— Não, Steve. Quero que me abrace.

Estendi o braço e ela descansou a cabeça em meu ombro. Ficou quieta durante um minuto e, então, sentou-se na cama de repente. Com um movimento rápido, tirou a camisola pela cabeça e se acomodou de novo junto a mim.

— Assim é melhor — murmurou ela. — Quero sentir sua carne contra a minha.

Virou-se de novo e puxou-me para junto de si. O calor começou a subir-me pelo corpo. Quem não podia mais dormir era eu. Ela começou a acariciar todo o meu corpo, delicadamente.

— Sinto muito, Steve — disse ela sussurrando. — Temos de passar uma semana sem fazer amor.

— Eu sei — disse de mau humor. — Vamos ver se conseguimos dormir.

A mão dela se aquietou. Fechei os olhos. Alguns minutos depois, tornou a falar:

— Quero que me dê boa noite com um beijo. Steve.

Beijamo-nos levemente. Ela fechou os olhos e a voz foi quase um murmúrio quando disse:

— Steve...

— Hem?

— Quero que me faça uma promessa.

— Qual é?

— Prometa antes — disse ela, como se fosse uma criança.

— Está bem. Prometo.

— Não me olhe amanhã. Rasparam-me e estou muito feia.

Ri e disse:

— Sabe que mais? Trate de dormir

Não era preciso dizer isso. Ela já estava dormindo. A mão se abriu e ela se separou de mim. Olhei-a. Parecia tão jovem e vulnerável ali no escuro. Fechei os olhos.

Mas o calor e o cheiro dela eram de uma mulher e não era possível haver repouso para mim. Saí afinal da cama. Ela nem se mexeu. Fui para a sala.

Quando afinal adormeci, estavam levando o último programa na televisão.

CAPÍTULO VI

Eu tinha dezesseis anos e tinha concluído o curso secundário quando meus pais morreram. Foi um desses acidentes absurdos que se verificaram durante a guerra. Em virtude das regras do black-out na costa leste dos Estados Unidos, os faróis dos automóveis tinham a parte superior pintada de preto para que os seus raios não fossem vistos do céu. Quando os outros automóveis chegaram ao alto da ladeira e os seus faróis brilharam diretamente nos olhos de meu pai, ele deu um pequeno golpe de direção para a direita a fim de evitar uma batida. Bastou isso.

O grande Packard saiu da estrada, caiu por uma ribanceira de cerca de cem metros, bateu duas vezes nas pedras, rolou sobre si mesmo e foi parar debaixo de dez metros de água.

— Coragem — disseme o advogado, Sr. Blake, quando eu estava sentado de olhos vermelhos no escritório dele depois do enterro. — Tudo se passou com misericordiosa rapidez. Pode ficar certo de que eles nem conscientizaram o que aconteceu.

Olhei para Tia Prudence sentada do outro lado da mesa. Não fazia jus ao nome que tinha (Prudência). Muitos anos antes, mudara-se de New Bedford para Cape Ann. Meu pai raramente falava sobre a irmã mais moça, mas eu tinha sabido de tudo.

Apaixonara-se por um artista e fora com ele para Paris, onde ele a abandonara, tendo resolvido voltar para a companhia da esposa. Tinha havido outras ligações, das quais sempre se havia falado alguma coisa, até que ela voltou para New Bedford.

Meu pai não tinha sabido que ela estava na cidade até o momento em que ela entrou no seu gabinete no banco. Vinha em companhia de um garotinho de cinco anos, que se lhe agarrava nervosamente às saias.

— Alô, John — disse ela.

— Prudence — murmurou meu pai, cheio de reserva.

Ela olhou para o garotinho e disse:

— Dit bonjour au monsieur, Pierre.

— Bonjour — disse timidamente o garoto.

— Ele só fala francês — disse Tia Prudence.

— Quem é ele? — perguntou meu pai, olhando-o.

— Meu filho adotivo.

— Espera que eu acredite nisso? — perguntou meu pai.

— Pouco me faz que você acredite ou não. Só vim buscar meu dinheiro.

Meu pai sabia de que ela estava falando. Mas era no fundo um verdadeiro homem da Nova Inglaterra. As mulheres não mereciam confiança, mesmo quando se tratava de herança delas.

— De acordo com o testamento de Papai, o dinheiro deve ficar guardado no banco até você completar trinta anos.

— Completei trinta anos no mês passado.

— É verdade — murmurou ele, com um tom de surpresa na voz. — É verdade.

Pegou o telefone e pediu a ficha do depósito fiduciário da irmã.

— Os tempos têm sido difíceis — disse ele. — Mas consegui manter o seu fundo intacto e até aumentá-lo um pouco, muito embora você retirasse os juros mal estes se venciam.

— Era a única coisa que eu tinha certeza de que você faria, John.

Ele começou a sentir-se mais confiante com ela.

— O melhor que você poderia fazer seria deixar o dinheiro aqui mesmo. O rendimento anda em perto de 3.500 dólares por ano. Você poderia viver muito bem com esse dinheiro.

— Claro que poderia. Mas não tenho a intenção de fazer isso.

— Que vai fazer então com o dinheiro ?

— Já fiz. Comprei um pequeno hotel em Cape Ann. Calculei tudo. O hotel se pagará por si mesmo e eu poderei continuar a pintar. Pierre e eu podemos ter uma vida muito agradável ali.

Meu pai tentou dissuadi-la disso, mas ela o fez calar-se.

— Quero dar um lar a Pierre. Acha que posso conseguir isso aqui?

Tia Prudence foi para Cape Ann. Alguns anos depois, soubemos por um amigo mútuo que a tinha visto de que o garotinho morrera.

— Talvez fosse de esperar — comentou meu pai. — Não me pareceu muito forte. De qualquer maneira, não falava senão francês.

— Ele era meu primo? — perguntei eu, que devia ter seis anos de idade nessa época.

— Não — respondeu meu pai categoricamente.

— Mas se ele era filho de Tia Prue...

— Não era filho dela. Sua tia o adotou porque ele não tinha casa, nem pais. Sua Tia Prue teve pena dele. Foi só.

Essa conversa me impressionou mais do que eu havia pensado. Lembrei-me

dela quando me vi sentado no escritório do Sr. Blake. Chegara a minha vez e eu não sabia se ela teria pena de mim.

— Stephen — disse o advogado.

— Sim, senhor?

— Você não é mais uma criança, mas não é ainda um homem, isto é, no sentido legal. Mas creio que deve dar a sua opinião a respeito de sua vida. Seu pai não era rico, mas deixou-o bem em matéria de dinheiro. O que ele deixou chega para você fazer o seu curso na universidade e para iniciar, depois, a carreira que você quiser. Mas há o problema de saber onde você vai viver. Seus pais me nomearam testamenteiro, mas não indicam quem seria o seu tutor. De acordo com a lei, o juiz deve designar um tutor para você até que chegue à maioridade.

Minha tia e eu nos olhamos exatamente nesse momento. Sentime atraído para ela. Não tive mais dúvidas do que ela sentia a meu respeito. Eu sabia.

— Sr. Blake — disse eu, olhando ainda para ela, — será que Tia Prue... quer dizer, Tia Prue poderia ser...

Houve um momento de silêncio e, então, nós dois nos voltamos para ele. O advogado estava sorrindo.

— Eu estava esperando mesmo que você dissesse isso, Stephen, Não deve haver qualquer problema. Sua tia é a pessoa mais próxima de sua família.

Tia Prue se levantou de sua cadeira e se aproximou de mim. Tomou-me a mão e eu vi que tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Eu também estava esperando que você dissesse isso, Stephen.

Joguei-me então em prantos nos braços dela enquanto ela me afagava os cabelos.

— Calma, Stephen, calma. Tudo está bem agora.

Um mês depois, quando saí da escola para as férias de verão, fui diretamente para a casa de Tia Prue. Era no fim do dia e o calor da tarde ainda pairava sobre a estação. Mais alguns passageiros saltaram, mas dentro em pouco deixaram a plataforma e eu fiquei ali sozinho, pensando que talvez Tia Prue não tivesse recebido meu telegrama.

Quando me encaminhava para o prédio da estação, um velho Plymouth parou ao lado da estação e uma moça saltou. Olhou para mim com uma surpresa momentânea e perguntou: — Stephen Gaunt?

Olhei-a. Tinha manchas de tinta no rosto e os cabelos castanhos branqueados pelo sol estavam soltos sobre uma camisa de trabalho azul, displicentemente metida em calças desbotadas de homem.

— Sim, sou eu.

Ela teve um sorriso de satisfação.

— Meu nome é Nancy Vickers. Sua tia me mandou vir pegá-lo. Não pôde vir porque está agora mesmo dando aula. Jogue sua mala no banco de trás.

Ela entrou no carro e eu a segui. Deu partida no carro com muita perícia e tornou a olhar para mim, sorrindo.

— Você me surpreendeu, sabe?

— Como assim?

— Sua tia me pediu que viesse à estação e pegasse o sobrinho dela. Pensei que se tratasse de algum garotinho.

Ri, um pouco lisonjeado.

— Como se foi de viagem ?

— A viagem foi um pouco aborrecida. O trem parava quase de quinze em quinze minutos para dar passagem a algum expresso — tirei um maço de cigarros do bolso e ofereci-lhe. Acendi o cigarro dela e depois o meu. — Trabalha para minha tia?

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça, enquanto a fumaça se lhe enovelava em torno dos olhos. — Sou discípula dela. E modelo também.

— Ah! — exclamei. Não sabia que Tia Prue ensinava arte.

Ela interpretou a minha exclamação em outro sentido.

— Ora, não é tão ruim assim. Servir de modelo me ajuda a pagar as minhas aulas.

— Que é que está estudando?

— Principalmente pintura. Mas tomo aulas de escultura duas vezes por semana. Sua tia diz que isso ajuda a sentir as formas.

Olhei para ela e sorri. Ela notou meu olhar e sorriu também.

— Que idade você disse que tinha, Stephen?

— Não disse nada. Mas se quer mesmo saber, tenho dezessete anos — disse eu, acrescentando um ano.

— Parece mais velho. E não sou muito mais velha do que você. Tenho dezenove anos.

Passamos pelas últimas casas da aldeia da estação e tomamos à esquerda por uma estrada que parecia que ia dar na praia. Estávamos quase chegando lá quando ela fez uma curva para a direita, entrando por um caminho meio escondido.

A casa ficava numa pequena elevação sobre o mar e era protegida da estrada por uma fila de pinheiros. Ela parou o carro em frente à casa e disse:

— Pronto. Chegamos.

Olhei. A casa era um chalé típico de Cape Cod, embora muito maior do que de costume. Havia dois cartazes em tabuletas dos dois lados do portão.

O da esquerda dizia: "HOSPEDARIA BELA VISTA DO CABO — CABANAS — PARA HÓSPEDES SELECIONADOS". O da direita dizia: "PRUDENCE GAUNT — AULAS DE PINTURA E ESCULTURA PARA ALUNOS QUALIFICADOS". Mais tarde, fiquei sabendo que selecionados e qualificados significavam a mesma coisa para Tia Prue. Havia muito nela do espírito de Nova Inglaterra para selecionar os hóspedes e qualificar os alunos de acordo com a capacidade que tivessem de pagar.

Nancy inclinou o corpo de meu lado para abrir a porta. Senti no braço a pressão firme do seio dela. Ela me olhou justamente nesse momento e sorriu. Mas não fez o menor movimento para afastar-se. Senti o rosto todo afogueado.

— Aqui é o edifício principal — disse ela, endireitando afinal o corpo. — Sua tia disse que devia deixar as malas aqui.

Saí do carro e peguei minha maleta.

— Muito obrigado.

— De nada — disse ela. — Os alunos moram nos chalés atrás desta casa. O meu é o número cinco, caso precise de alguma coisa.

Esperei que o carro desaparecesse e entrei na casa.

As vozes pararam de súbito e eu também. Quatro ou cinco moças, vestidas de guarda-pó e sentadas diante de cavaletes, olharam para mim. Não me lembro de tê-las visto.

Só vi foi um modelo nu numa pequena plataforma diante das alunas. Fiquei ali de queixo caído, Era a primeira vez que eu via uma mulher nua. Não sabia se devia ficar ou sair e, se soubesse, não poderia fazer nada. Estava como que petrificado ali.

— Feche a porta e sente-se, Stephen. Está fazendo corrente de ar — disse Tia Prue, que estava ao lado do modelo. — A aula vai acabar dentro de alguns minutos.

CAPÍTULO VII

A noite estava quente e cheia de coisas boas. Rolei o corpo e olhei para Nancy. Ela estava sentada na cama, com as costas apoiadas na cabeceira e os joelhos dobrados contra o peito. À débil luz do quarto, eu via o claro e o escuro da pele dela produzidos pelo maio e pelo sol. O cigarro de maconha acendeu a

brasa por um instante e eu vi a sombria introspecção do rosto dela.

— Não seja gulosa — disse eu. — Dê um pouco de sua riqueza aos outros.

Tirei-lhe o cigarro da mão e aspirei sofregamente a fumaça. Tudo assim tinha ainda mais sabor.

Ela tornou a me tomar o cigarro e eu prendi a fumaça o mais possível. Depois, soltei-a lentamente e virei o corpo enterrando o rosto no seu colo. Respirei profundamente o cheiro que vinha dela.

— Disso é que eu gosto — murmurei. — Vale mais para mim do que toda a maconha do mundo.

Ela enrolou meus cabelos nas mãos e virou meu rosto para ela. Olhou-me durante muito tempo. Não sei o que ela procurou ver nele, mas quando me largou ainda estava com a mesma expressão sombria.

— Que é que há com você, Nancy? Alguma coisa errada?

Ela ficou parada durante alguns instantes. Depois, saiu da cama. Vi a pele em torno dos bicos castanhos dos seios arrepiar-se ao vento frio que vinha da janela aberta.

— Já lhe disse que sou casada? — perguntou ela.

— Não — respondi, sentando-me na cama.

— Pois devia ter dito.

— Por quê?

— Porque, neste caso, as coisas seriam diferentes.

— Como assim ?

— O que houve entre nós talvez não tivesse acontecido.

Pensei no caso um instante e fiquei sem compreendê-la. Tínhamos tido muitos bons momentos. Que era que tinha uma coisa com outra?

— Foi bom então que você não me tivesse dito nada.

— Ele vai chegar amanhã — disse ela.

— Ele quem?

— Meu marido. O navio dele vai chegar a New London e eu vou até lá para me encontrar com ele.

— Ah, sim... Quando é que você vai voltar ?

— Não está compreendendo? Não vou voltar. Meu marido foi transferido para prestar serviço em terra. Vamos para Pensacola.

Fiquei calado. Ela interpretou mal o meu silêncio.

— Não queria que você soubesse assim. Não queria magoar você. Estava pensando em ir-me embora sem lhe dizer nada, mas também não pude fazer isso.

Desculpe, Steve.

Tirei o cigarro dela e comecei a fumar. A brasa estava bem perto de meus lábios e já estava começando a me queimar. Ela me tirou o cigarro da boca e apagou-o num cinzeiro. Puxou-me a cabeça e colocou-a entre os seios dela. Levantei as mãos e apertei os seios de encontro às minhas faces. Movi lentamente a cabeça de um lado para outro, beijando-os.

— Desculpe, Steve — tornou ela a dizer, apertando-me com mais força.

— Não tem de que pedir desculpas — disse eu. — Tudo foi bom.

— É bom mesmo, não é? — disse ela, com a voz alterada. Empurrou-me para trás na cama e eu a possuí.

Senti-lhe o calor úmido derramar-se sobre mim enquanto ela se descontrolava. Agitava-se freneticamente e da sua garganta saíam gemidos como os de um animal dentro da noite. Quase não me podia controlar. Atingiu o êxtase de repente e gritou: — Don!

Logo depois, parou estarrecida.

— Pouco me importa o nome que você chame — disse eu, continuando. — O que não quero é que pare o amor!

— Cachorro! — exclamou ela, atraindo-me de novo. — E só o que você quer!

Rolei sobre ela e comprimia até que dessa vez o orgasmo dela me arrastou também, e até a medula de meus ossos se derramou nela como a ressaca do oceano lá fora.

— Steve! Steve! — gritou ela, cravando-me as unhas nas costas. Prendi-lhe as mãos e ficamos ali parados um instante, procurando tomar fôlego.

— Acertou o nome desta vez.

Ela me olhou com um ar zangado, mas pouco depois ambos ríamos às gargalhadas.

O escritório de Tia Prue estava aceso quando voltei para casa. Olhei meu relógio de pulso. Já passava de meia-noite. Subi as escadas sem fazer barulho.

— Stephen.

Parei no meio da escada e olhei para ela.

— Pronto, Tia Prue. Quer alguma coisa?

— Você está bem?

— Estou, Tia Prue.

Ela hesitou um instante e, então, voltou para o escritório.

— Boa noite, Steve.

— Boa noite, Tia Prue.

Subi e fui para meu quarto. Poucos minutos depois, bateram de leve à minha porta.

— Quem é?

— Sou eu, Tia Prue. Posso entrar?r

— A porta está aberta. Entre.

— Não sei como é que lhe vou falar... — murmurou ela, olhando para mim com muita atenção.

Procurei ver que é que lhe estava interessando tanto em minha pessoa. Havia longos arranhões em meus ombros e em meu peito. Vesti mais que depressa a camisa.

— Foi ela que fez isso? — perguntou Tia Prue com a voz irritada.

— Antes que eu lhe responda, Tia Prue, quer-me dizer por que está tão zangada?

Ela teve um sorriso triste e murmurou:

— Acho que estou zangada é comigo mesma. Continuei a julgar você um garotinho e não percebi que já está quase um homem feito. — sentou-se na cama. — Espero que não tenha cometido um erro, trazendo-o para cá.

— Tinha conhecimento das mulheres antes de vir para cá, Tia Prue.

— Há várias espécies de conhecimento, meu filho. Nem todas as mulheres são como Nancy.

Não respondi.

— Tenho querido ter uma conversa com você, Steve. Mas não sabia nem como começar.

— Pode falar sem receio, Tia Prue.

— Deve saber que precisa de ter cuidado com certas, coisas, — disse ela, sem olhar diretamente para mim. — As mulheres podem ter filhos e há certas doenças... — parou quando viu o ar de riso em meu rosto. — Para que é que eu estou falando dessas coisas? Você já sabe de tudo.

— Já, Tia Prue — disse eu, solenemente.

— Por que não me fez parar então?

— Não sabia como — disse eu, sorrindo. — É a primeira vez que alguém me fala assim sobre essas coisas...

— Acho que você deve ter alguma ocupação durante o verão, Steve — disse ela, muito séria. — Não é bom para você ficar aqui zanzando o dia todo sem ter o que fazer.

— É uma boa idéia — disse eu. Também achava cansativo passar o dia todo

na praia.

— Já conversei com o Sr. Ltfferts. Ele diz que pode arranjar um serviço para você a tarde na estação de rádio. Ele não paga muito, mas afinal de contas é alguma coisa para fazer.

E foi assim que tudo começou. Antes do fim do verão, eu estava fazendo programação e vendas para Lefferts. Quando voltei para a escola, já sabia o que eu queria ser.

CAPÍTULO VIII

O aparelho de televisão começou a funcionar com uma explosão de som. Acordei e olhei-o mal-humorado. Canal 7. Levantei-me e mudei para a Sinclair. Telefonei para baixo pedindo suco de laranja e café. Depois, tomei um banho quente de chuveiro até sentir todas as dores me desaparecerem dos ossos. Quando saí do banheiro, o suco de laranja, o café e o jornal da manhã já estavam à minha espera em cima da mesa. Barbara ainda dormia a sono solto quando sai para o escritório. Aqueles três comprimidos para dormir tinham dado resultado afinal.

Cheguei cedo, mas já encontrei lá a Srta. Fogarty. Deixei em cima da mesa dela os papéis que tinha levado para casa. Ela me deu o programa do dia que organizara. Fiz uma mudança apenas. Mudei Winant, da engenharia, para as nove horas e fiz dele a primeira pessoa a quem eu ia receber.

Era um homem alto, que fumava cachimbo e usava óculos de aros de metal.

— Bom dia, Sr. Gaunt — disse ele, colocando um papel em cima de minha mesa.

Olhei. Era o pedido de demissão dele, conforme eu havia pedido no dia anterior.

— Pensei que podia entregar pessoalmente o pedido já que tinha sido chamado ao seu gabinete — disse ele calmamente.

— Muito obrigado — disse eu, sorrindo.

A Srta. Fogarty chegou com o meu café. Havia uma xícara na bandeja para ele.

— Não estou para ninguém — disse eu quando ela saiu. Tomei o café e olhei para ele. — Sr. Winant, qual é a nossa posição em relação à televisão a cores?

— Fizemos todos os estudos necessários.

— E então?

— Estamos esperando.

— Esperando o quê? — perguntei.

— Esperando para ver a aceitação — disse ele, um tanto contrafeito. — A NBC...

— Não me interessa a NBC. Estou interessado é na Sinclair. Que é que estamos esperando?

— Sou um técnico — disse ele. — Não me cabe orientar a Companhia.

Sorri para ele.

— Agora, estamos começando a nos entender.

Ele me olhou, espantado.

— Escute, Winant. Se eu lhe disser que a orientação da companhia é iniciar as nossas transmissões em cores, dentro de quanto tempo poderemos ir para o ar com o colorido?

Ele começou a mostrar-se interessada e disse:

— Posso ter a rede toda transmitindo em cor até setembro do ano que vem.

— Não me pode dar Nova York, Chicago e Los Angeles até o Ano Novo?

— O tempo é muito curto.

— Sei disso.

Pensou por um momento, batendo com o cachimbo no dedo, e, por fim, disse:

— Se eu tiver a ordem agora, posso conseguir isso.

— Então consiga. Já tem a ordem.

Levantou-se, visivelmente satisfeito.

— Vai ter a cor. Quer saber quanto é que vai custar ?

— Se eu quisesse saber, teria perguntado. Mas mande o orçamento que eu aprovarei.

Ele se encaminhou para a porta. Chamei-o com o pedido de demissão na mão.

— Mais uma coisa, Sr. Winant.

— Sim, Sr. Gaunt.

— Disse que estaria pronto para o Ano Novo, não foi ?

— Sim. Nova York, Chicago e Los Angeles.

— Está bem. Cumpra a sua promessa e eu rasgo isso.

— Pode considerar o pedido rasgado desde já, Sr. Gaunt.

Vi-o sair e fechar a porta. Tive a impressão de que ele cumpriria a promessa. Rasguei lentamente o pedido de demissão pela metade, guardei as duas metades num envelope e escrevi em cima o nome dele. Chamei a Srta. Fogarty e disse que mandasse levar o envelope a Winant.

Estava na hora de começar a formar a minha equipe. E ele era um bom elemento para começar.

Era quase uma hora da tarde quando Jack telefonou.

— Acabo de falar pelo telefone com meu escritório na Califórnia. Está tudo resolvido. Quando pode ir até lá para assinar o contrato?

— Amanhã.

— Ótimo! Gostou do serviço?

— Deixe de propaganda, Jack. O que estou querendo agora é alguma proteção.

— Deixe de brincadeira, Steve. Com esses filmes, você não vai precisar de mais nada...

— Preciso sim. Preciso de um programa de propaganda. Alguma coisa que os comprometa conosco antes que sejam procurados pelas outras redes. Há por aí alguma estrela importante que queira fazer uma hora por semana?

— Você não está regulando bem, Steve. Todo o mundo que presta já está preso por um contrato.

— A sua agência não é o máximo? Pois trate de arranjar-me uma! — disse eu, desligando.

Quase imediatamente, o telefone tornou a dar sinal. — A Srta. Sinclair está ao telefone — disse Fogarty.

— Alô, Barbara — disse eu, atendendo.

— Amo você.

— Maluquinha...

— Não sou não. Amo você. Você é sólido. Está presente sempre. Sempre.

— Como está-se sentindo?

— Muito bem!

— Que é que está fazendo agora?

— Neste momento, estou tomando café em sua cama. Depois, não vá brigar quando encontrar migalhas de pão, ouviu? Mandei trazerem a televisão para cá e estou vendo.

— Que é que você está vendo?

— Um velho filme de Jana Reynolds. Como ela sabia cantar!

Apertei o botão de controle remoto em minha mesa. A Sinclair estava retransmitindo um programa de auditório. Liguei o outro aparelho. Um filme do Oeste. Era mesmo o que havia àquela hora.

— Qual é o canal, Barbara ?

— Não diga nada a Papai, mas estou vendo a ABC.

Apertei o botão duas vezes e Jana Reynolds apareceu para ser cortada logo depois pelo comercial. Desliguei o som.

— Gosto disto aqui, sabe ? — disse Barbara. — Um dos garçons me chamou até de Madame Gaunt. Talvez eu nunca mais volte para casa.

— Sim — murmurei distraidamente, olhando para a televisão.

— A que horas você vai voltar para casa?

— Por quê?

— Encomendei um jantar especial para nós. Veja só: caviar, Chateaubriand, pommes soufflées, Dom Perignon, velas, tudo completo — riu. Mandei buscar até um négligé que é um sonho na loja do hotel.

— Está com tendências muito conjugais — disse eu, com os olhos ainda na tela. O comercial nunca mais que acabava. — Espero que não lhe tenha dado muito trabalho.

— Trabalho nenhum. E fique sabendo que aumentei um bocado o seu prestígio por aqui.

— Com os preços que eles cobram, minha filha, era uma coisa que eu bem podia dispensar.

— Ponha isso na conta das despesas. Diga a Papai que está tendo de obsequiar uma pessoa muito importante para a Companhia, uma grande acionista. Afinal de contas, minha mãe me deixou 15% das ações da Sinclair.

— Não posso resistir mais. Agora, saia da linha que eu tenho de trabalhar.

— Eu o amo, Steve — murmurou ela e desligou o telefone.

Quando pendurei o fone, Jana Reynolds reapareceu. O filme já devia ter uns quinze anos e ainda a mostrava na flor da idade, isto é, com vinte e cinco anos de idade, mas dando a aparência de que tinha dezenove e fazendo todo o mundo acreditar nisso. Era uma pena que ela não pudesse dar sempre a aparência de que tinha dezenove anos.

Mas o tempo a havia atingido. O tempo e três casamentos desastrosos, com um reboque de bebidas, entorpecentes e tentativas de suicídio. É como se, em dado momento, alguém fechasse a torneira do suco de frutas. Você já teve muito talento, minha filha. Agora, tome um pouco da merda. E ela recebeu tudo em cheio.

Não fez mais filmes. O cinema fez um rodeio para evitá-la. Havia outras pequenas de dezenove anos. Mas fosse como fosse, apesar de tudo, ela não perdeu a voz. De vez em quando, cantava em recitais e em boates. O público ainda a amava e iria aonde quer que fosse para vê-la pessoalmente, mas sempre acontecia alguma coisa e o que acontecia dava assunto de primeira página. Embriagava-se e não aparecia nos espetáculos marcados e, quando aparecia, estava em tais condições que não podia representar. Mas ela ainda era famosa e os jornais sempre noticiavam tudo. Até quando teve todos os seus bens penhorados para pagar dívidas, ainda era uma estrela e o assunto saiu na primeira página.

Olhei para a tela. Ainda era sem dúvida uma estrela. Estendi a mão para o telefone ainda antes que o pensamento se cristalizasse em mim. Uma estrela!

Não era o que eu estava pedindo a Jack que me descobrisse?

— Agora eu sei que você está louco mesmo! — gritou ele.

— Quem é o agente dela?

— Não tem mais agente. Não há mais nenhum que queira vê-la nem de longe. Está metida em ações judiciais com todos os agentes que já teve.

— Qual é a comissão de um programa de cem mil dólares por semana ?

— Dez mil por semana — respondeu ele prontamente.

— Por dez mil dólares por semana, você não se encarregaria dela?

— Escute aqui, você é meu cliente. Por você, a dez mil dólares por semana, eu me encarregaria até de Adolf Hitler.

Falou como um verdadeiro agente. Ao menos, podia-se contar com ela. Nunca fui ao jantar que Barbara havia projetado para nós. Ao invés disso, naquela noite tomei o avião para Califórnia.

CAPÍTULO IX

Três meses depois, entrei no beco dos fundos do teatro em Vine Street, onde o espetáculo ia ser transmitido. Faltavam cinco minutos para as cinco, hora do Pacífico. Daí a cinco minutos seriam oito horas da noite em Nova York e nós estaríamos no ar.

O teatro parecia um asilo de doidos. A tensão estalava por toda a parte como um chicote nas mãos de um jóquei na reta de chegada. Passei por entre vários homens que estavam carregando cenários e me encaminhei para os bastidores. Havia homens, cabos e câmaras por toda a parte.

Espiei para a platéia. Estava repleta. O pano ainda estava descido mas todos olhavam para o palco cheios de expectativa.

O aviso foi dado quando eu ainda estava observando a assistência.

"Três minutos para entrarmos no ar. Todos ao seus lugares".

Afastei-me. Os ajudantes que estavam arrumando o cenário saíram correndo. As câmaras foram colocadas em posição.

O diretor correu os olhos numa verificação final. Fez um sinal com a cabeça, mas creio que nem me reconheceu. Parou de repente.

— Onde está Jana?

O diretor de cena olhou também para um lado e para outro e murmurou:

— Estava aqui não faz um minuto.

— Mas não está mais! — exclamou o diretor. — Idiota! Cretino! Vá buscá-la!

Um ajudante apareceu e disse:

— Ela entrou agora mesmo no camarim.

— Vão buscá-la! Vão buscá-la! — gritava o diretor como um alucinado.

— Dois minutos para entrarmos no ar! — avisaram os alto-falantes.

O diretor de cena arrancou os fones do ouvido, jogando-os no chão e correu para o camarim, seguido por várias pessoas, entre as quais eu:

O diretor de cena bateu na porta.

— Dois minutos para entrarmos no ar, Srta. Reynolds!

Não houve resposta. Ele tornou a bater e a dizer:

— Dois minutos...

Passei por entre a pequena multidão agrupada em frente à porta.

— Abram essa porta! — ordenei.

O diretor tentou abrir a porta e voltou-se para mim com um ar de tremenda

aflição.

— Não posso. Está trancada!

Empurrei-o para o lado. Arranquei a fechadura com um pontapé e entrei junto com a porta.

Ela estava ali, de olhos arregalados, com uma garrafa numa mão e um copo cheio de bebida na outra.

— Vá-se embora! — gritou ela. — Daqui não saio!

Tirei-lhe o copo da mão com um tapa e joguei a garrafa longe. Agarrei a mão que já se estendia para unhar-me o rosto e puxei-a para onde eu estava.

— Largue-me, miserável! — gritou ela, tentando dar-me pontapés. — Quero beber, canalha!

Segurei-a com força.

— Nada de bebida! Foi esse o nosso contrato. Vamos para o palco!

— Não vou, seu fresco! — gritou ela, cuspindo-me no rosto. — Não vou, não vou, não vou! Você me enganou! Não estão aí para me ouvir cantar! O que estão querendo é ver minha caveira! Vieram ver um fantasma.

Apliquei-lhe então uma boa bofetada de mão aberta. Estalou como um trovão dentro do pequeno camarim e ela deu uma pirueta no ar até cair desamparada no divã.

"Um minuto para entrarmos no ar!" — diziam os alto-falantes.

Atravessei o camarim e levantei-a do divã. Ela me encarava, com os olhos cheios de um medo animal.

— Vai, sim, vagabunda! Não tirei você da sarjeta para não mostrar nada na televisão. Se você não for neste instante, não vai ter de procurar advogado coisa nenhuma! Vai ter de procurar um coveiro!

Tornei a dar-lhe uma bofetada só para ela saber que eu não estava brincando. Depois, virei-me e comecei a empurrá-la para o palco. A multidão à porta se afastou em silêncio para deixar-nos passar.

Quando chegamos aos bastidores, a voz do speaker dizia nos alto-falantes: "A Televisão Sinclair tem a honra de apresentar... JANA REYNOLDS... AO VIVO!"

Ela se virou para mim e murmurou com voz trêmula:

— Não... não posso... Estou com medo...

— Somos dois! — disse eu, virando-a para o palco. Plantei o pé no traseiro dela e empurrei-a sobre os fios e os cabos até ao centro do palco.

Foi um milagre que ela não tivesse caído. Teve apenas tempo de equilibrar-se e olhar para mim. Ri e levantei o polegar num sinal de que tudo estava bem. Ela

se voltou para a platéia enquanto o pano subia.

A orquestra começou a tocar a canção que lhe servia de prefixo e, durante quase um minuto, a voz dela não pôde ser ouvida em virtude dos estrepitosos aplausos. Todos conheciam a música. Intitulava-se Canção do Coração e ela a cantava desde os quinze anos de idade.

Fiquei a olhá-la. Era de não se acreditar. Tudo mais podia estar errado e deformado, mas a voz não estava. Talvez não fosse mais tão jovem ou tão forte como fora. Mas havia nela encantamento, beleza, tristeza, dor e também uma espécie de alegria. Durante quatorze minutos, até ao primeiro comercial, ela ficou ali e cantou.

Quando saiu, estava ensopada de suor e quase me caiu nos braços, com o corpo todo a tremer. A assistência delirava.

— Gostaram de mim — murmurou ela, quase como se não pudesse acreditar.

— Adoraram você — disse eu. — Agora, volte e agradeça.

Ela olhou para mim.

— Mas isso vai atrapalhar o horário da transmissão.

— Não faz mal — disse eu, empurrando-a para o palco. — O nome do programa é Jana Reynolds ao Vivo.

Ela voltou e agradeceu demoradamente. Quando veio de novo para os bastidores, estava radiante.

— Agora, vá para o camarim trocar de roupa — disse eu.

Ela me beijou rapidamente no rosto e afastou-se. Fiquei olhando-a certo de que nunca lhe iria dizer que o agradecimento dela não fora transmitido. A televisão pode interromper tudo, menos o comercial.

Saí então à procura do casal que tínhamos contratado para tomar conta dela. Encontrei-o finalmente sozinhos numa saleta dos fundos do palco. Ela estava pulando para cima e para baixo no colo dele. Estavam tão embebidos que nem me viram entrar.

Atravessei a saleta rapidamente, peguei a mulher por baixo dos braços e levantei-a.

— Que diabo! — exclamou o homem.

Ela se estatelou no chão.

Olhei-o enquanto procurava abotoar as calças.

— Bonito! Assim é que estavam cumprindo o nosso trato ?

— Nós a trouxemos até ao teatro, não foi?

— Recomendei que não a deixassem sozinha um só instante.

— Ela estava em perfeito estado quando a deixamos no camarim — disse a

mulher.

— É justamente isso. Não deviam deixá-la. Estão despedidos!

Vinte minutos depois, eu tinha um novo casal de vigias. Expliquei-lhes minuciosamente o que tinham de fazer. Concordaram plenamente. Compreenderam tudo. Não era a primeira vez que se incumbiam de uma tarefa assim. Hollywood era assim.

— Depois do segundo show, vão com ela para o hotel — disse eu. O primeiro show tinha sido transmitido para os fusos horários do leste e do centro. Haveria outro show para a zona do Pacífico. — Voltem com ela na terça-feira para os ensaios e fiquem com ela. Ela não poderá fazer nada sozinha. Não pode comer, dormir, nem andar com alguém na cama sem um de vocês presente, compreendem?

Olhei para o meu relógio. Faltava um quarto para as seis. Tinha de andar depressa se queria pegar o avião das sete horas para Nova York.

Olhei para uma das câmaras de controle antes de sair. Estava cantando de novo e parecia absolutamente bela.

Sentime de repente cansado. Já não sabia quantos milagres como aquele podia realizar. Precisava de dormir durante uma semana. Mas não tinha tempo.

Queria estar em Nova York na manhã seguinte para ver os Nielsens.

CAPÍTULO X

No avião, tomei um comprimido para dormir, mas não deu resultado. Não podia desligar a cabeça. Havia ainda muito o que fazer. Um programa só numa noite, mesmo que fizesse muito sucesso, não bastava para firmar uma rede. E no fundo de minha cabeça havia uma coisa que me estava atormentado sem eu poder saber o que era.

— Desejava alguma coisa, Sr. Gaunt ? — perguntou a aeromoça.

— Pode-me ver outro martini duplo?

— Mas já tomou um duplo, Sr. Gaunt. As regras só permitem dois drinques por viagem.

— Sei disso. Mas, na minha opinião, não estou infringindo as regras. Só tomei um drinque.

Ela hesitou um instante e, em seguida, sorriu. Desisti de qualquer tentativa de dormir. Abri a pasta e coloquei os papéis na mesa à minha frente.

O martini estava frio e seco. Acendi um cigarro. Se, pelo menos, eu me livrasse daquela impressão de que havia alguma coisa errada...

Superficialmente, tudo parecia em ordem. A programação de outono estava tomando forma. Seria a melhor que a Sinclair já havia levado ao ar. Bem, talvez não fosse a melhor, mas era a mais comercial. Eu tinha conservado todos os bons programas com bons índices de audiência, mas o problema é que não eram em número suficiente. Cerca de 70% da programação de outono teria de ser nova.

Isso tinha significado uma mudança de orientação completa para a rede. Significava também uma mudança de idéias para a maioria do pessoal executivo e mais da metade do mesmo não podia conformar-se. Desse modo, além de tudo mais, eu teria de encontrar substitutos para eles se quisesse fazer uso dos pedidos de demissão que tinha em minha mesa.

Até então, a Sinclair podia gabar-se de ter a programação que ganhara mais aplausos da crítica. Tinha mais prêmios do que qualquer outra rede. Não podia gabar-se era do fato de ter também os menores índices de audiência e o menor faturamento. A nova programação de outono deveria modificar tudo isso. Nunca soube de nenhum prêmio que tivesse feito vender um sabonete a mais.

Daí por diante, os críticos podiam chorar à vontade diante de seus copos de cerveja lamentando que não houvesse mais programas como Grandes Momentos da História Americana. Washington podia atravessar o Delaware quantas vezes quisesse. Quem se importava com isso? Bach, Beethoven e Brahms, os três

juntos, poderiam descer do céu ou de onde quer que estivessem para reger todas as semanas a Hora Filarmônica Sinclair. Isso não arrancaria um só telespectador de Pistolas Fumegantes ou de 77 Sunset Strip. O Repertório de Teatro Clássico não tinha a menor chance diante de Red Skelton ou de Sid Caeser e Imonege Coca.

Os críticos teriam de ficar satisfeitos com programas como o de Chic Renfrew em Posseiros de Park Avenue (a história de uma família de contrabandistas de bebidas do Kentucky que herdara uma fortuna), Os Voadores (uma série de detetives e aviões a jato) e o Homem do Deserto, a história de um caçador magnânimo do Oeste.

Tudo isso era comercial sem dúvida. Era uma coisa de que eu tinha certeza. Cada vez que um programa era cuidadosamente oferecido às agências de publicidade de Madison Avenue, o interesse era maior. Já tínhamos mais compromissos formais de faturamento do que em qualquer outro momento da história da rede. Só era preciso ter os filmes de apresentação prontos para quando começasse a temporada das compras em fevereiro, o mês seguinte.

Naquelas semanas, cada rede anunciava a sua programação para o outono e a corrida das vendas começava. Daí até abril, os filmes de apresentação eram exibidos e a luta se travava, com cada rede jogando xadrez com a sua programação, trocando os dias da apresentação dos programas, para anular os movimentos das concorrentes. Em geral, a Sinclair era a última a apresentar a sua programação.

Naquele ano ia ser diferente. Seríamos os primeiros. Vou anunciar a nossa programação no fim de janeiro. Quando os outros acordarem, terão de correr atrás de nós e já teremos vendido tudo, assim espero.

Se eu estiver errado, o prejuízo andará pela casa dos trinta milhões de dólares e eu também entrarei pelo cano. O único lugar que poderia encontrar depois disso seria na estação de rádio do Sr. Lefferts e, ainda assim, seria duvidoso que ele me quisesse.

Nem o segundo martini duplo deu jeito no frio que eu sentia no estômago. Estava amanhecendo quando pousamos em Nova York e eu ainda não tinha dormido.

Jack Savitt estava a minha espera quando desci do avião.

— Temos problemas — disse ele, antes mesmo de me apertar a mão.

Não era preciso que ele me dissesse. Só coisa muito grave faria Jack levantar-se da cama para estar no aeroporto às seis horas de uma manhã de domingo. Inexplicavelmente, o frio que eu sentia no estômago desapareceu.

Fosse o que fosse, não seria mais uma coisa escondida.

Tudo consistia num nome. Dan Ritchie. Eu havia cometido um grande erro. Deixara a turma dele intacta. Devia tê-los posto todos na rua desde o primeiro dia. Jurei comigo mesmo que nunca mais faria uma coisa dessas.

— Quando foi que começou isto? — perguntei.

— Quarta-feira de manhã. Depois que você partiu para a Califórnia. Joe Doyle telefonou e disse para suspendermos tudo. Todas as transações teriam de ser concluídas no escritório de Dan Ritchie.

Joe Doyle era vice-presidente de assuntos comerciais da rede. Eu o tinha achado extremamente capaz e era um dos elementos que eu pretendia conservar.

— Por que não me telefonou logo? — perguntei.

— A princípio, pensei que você soubesse. Eu sabia que você estava cheio de trabalho até ao pescoço e pensei que tivesse pedido a ajuda de Ritchie. Afinal de contas, é um homem de grande experiência. Só na sexta-feira é que consegui falar com ele pelo telefone e percebi tudo.

— Que foi que ele disse?

— Falou-me com a voz da mais pura inocência. Disse que a junta dos diretores estava muito preocupada com os compromissos que você estava assumindo e que queria que tudo ficasse em suspenso até que houvesse tempo de estudar esses compromissos.

— Mentira tudo isso! — disse eu numa explosão. — Os diretores só fazem o que Sinclair manda.

— Nós dois sabemos disso — murmurou Jack. — Mas que é que adianta isso quando temos de assinar todos os contratos para os programas? Ele deve ter metido alguma coisa nos ouvidos de Sinclair.

Fiquei calado, pensando. Nada daquilo fazia sentido. Sinclair não me teria deixado ir tão longe se quisesse de repente puxar o tapete de meus pés. Devia saber que lhe custaria uma fortuna desfazer-se de alguns dos compromissos financeiros já assumidos.

Eram oito horas da manhã quando entrei no meu apartamento. O telefone estava tocando. Era Winant. A voz dele estava trêmula de raiva.

— Pensei que estava fazendo um serviço para o senhor — disse ele.

— E está — disse eu. Nova York, Chicago e Los Angeles tinham iniciado as transmissões em cor na noite anterior.

— Como é então que fui despedido na sexta-feira?

— Como? — perguntei, sem poder esconder a surpresa na minha voz.

— Fui despedido — repetiu ele. — Dan Ritchie me telefonou e disse que os

meus serviços não eram mais necessários. Insinuou que eu não havia procedido corretamente e não tinha tido aprovação para o programa da cor. Disse-lhe que o senhor o havia aprovado. Ele respondeu que não bastava. Eu estava na companhia há bastante tempo para saber que a aprovação da junta de diretores era essencial para todo o emprego de capital.

— Está bem — disse eu.

— E agora? Que é que eu faço?

— Nada. Vá para a sua sala amanhã de manhã e comece a trabalhar como de costume. Deixe o resto por minha conta.

Desliguei e olhei para Jack:

— Ouviu tudo?

Ele fez um sinal de assentimento, com o rosto cheio de preocupação.

— Que é que você vai fazer?

Em resposta, peguei o telefone e liguei para a Fogarty.

— Pode convocar as suas colegas e ir esperar-me no escritório daqui a uma hora?

— É claro — disse ela com tanta calma como se fosse a coisa mais natural do mundo trabalhar aos domingos.

— Ótimo.

— Sr. Gaunt? — disse ela com a voz cheia de interesse.

— Sim?

— Vi o programa de Jana Reynolds ontem à noite. Foi maravilhoso. Meus parabéns. E o filme de Clark Gable que levaram depois foi fantástico.

— Muito obrigado. Até logo.

Tomei um banho quente de chuveiro e troquei de roupa. Quando cheguei à sala, Jack estava tomando café liberalmente reforçado com conhaque.

— Experimente — disse ele. — É a melhor coisa do mundo para dar energia de manhã.

Tomei um gole e senti a reação até à ponta dos pés. Foi como uma chicotada. Ele tinha razão.

— Vamos — disse eu.

— Qual é o programa? — perguntou ele.

— Qual é a melhor maneira de combater um incêndio? — perguntei, rindo.

CAPÍTULO XI

Tomei um comprimido e dormi até tarde na manhã de segunda-feira. De propósito, não me levantei para ir para o escritório senão depois das onze horas. Já então, toda a confusão estava desencadeada.

A Srta. Fogarty tinha um inesperado senso de humor.

— A explosão teve a intensidade oito na escala Ritchie — disse ela, quando me levou o café e os recados. — O Sr. Sinclair quer que telefone para ele.

Olhei para as janelas e disse:

— Parece que vai nevar.

Ela sabia o que eu queria dizer.

— Se ele telefonar de novo, direi que o senhor não pôde encontrar o trenó.

— Os Nielsens já chegaram? — perguntei.

— Devem chegar a qualquer momento. Tenho as primeiras notícias da ARI. Parecem boas.

Estavam em cima da pilha de papéis. Eram mais do que boas. Se os dados apresentados eram corretos, tínhamos monopolizado 44% do público com o programa de Jana Reynolds, 41% na primeira hora do filme e 38% na segunda hora. Era um verdadeiro recorde. A Sinclair nunca havia conseguido mais de 17% do público no horário noturno de qualquer sábado.

Comecei a respirar um pouco melhor. A coisa não tinha passado ainda, mas estava melhorando. Estava satisfeito de haver telefonado pessoalmente para os presidentes das quatro principais companhias de publicidade. Tinham sido vendas suaves, mas verdades ásperas. Tinha sido no fim da tarde anterior que eu começara a dar os telefonemas.

— Estou-lhe mandando uma cópia antecipada da nossa programação do outono — disse eu. — Está recebendo a cópia doze horas antes dos jornais e doze horas antes do resto das agências. Estou dando o mesmo telefonema a cada uma das três grandes agências suas concorrentes e fazendo a mesma oferta. Vou reservar doze e meio por cento do tempo nobre por semana com dez por cento de desconto sobre os preços correntes para cada uma das quatro agências. Esta oferta é válida até às quatro horas da tarde de amanhã. Depois disso, vigorarão os preços correntes. Estude a programação e tenho certeza de que concordará comido que a Sinclair é a rede do dinheiro para o próximo outono.

Cada um deles fez a mesma pergunta:

— Por que tem tanta certeza?

Dei a cada um a mesma resposta:

— Examinem os seus Nielsens na segunda-feira. Se não dominamos a noite de sábado, pode esquecer a minha oferta. Mas se não comprarem muito tempo da Sinclair no ano, vão ter muito que explicar aos seus clientes.

O primeiro telefonema chegou antes que eu tivesse acabado de examinar as notícias da ARI. Era John Bartlett, presidente da Standard-Cassell, um dos quatro homens a quem eu havia telefonado.

— Steve — disse ele jovialmente, — decidi nem mesmo esperar pelos Nielsens. Tenho fé.

Tinha mesmo. E provavelmente se baseava nas mesmas notícias que eu tinha em meu poder.

— Obrigado, John.

— Mais uma coisa — disse ele. — Quero ter o direito de primeira escolha dos programas.

— E terá desde que em qualquer programa escolhido compre cinqüenta por cento ou mais.

— É um assalto — disse ele. — Mas estou de acordo se me assegurar desde já Jana Reynolds e o filme.

— Dar-lhe-ei Jana Reynolds e o filme da primeira hora no mês que vem. O filme da segunda hora posso dar-lhe desde já.

— Negócio fechado — disse ele.

— Obrigado, John. Gilligan telefonará para o seu representante a fim de assinar o contrato.

Desliguei o telefone com as mãos trêmulas. Nunca havia vendido de uma só vez trinta milhões de dólares do tempo da televisão. A cigarra do telefone voltou a tocar.

— O Sr. Sinclair quer que o senhor vá falar com ele — disse a Fogarty.

— Diga-lhe que estou em conferência. E chame Gilligan, das vendas, para que venha imediatamente aqui.

A cigarra tocou quase antes que eu tivesse acabado de falar.

— O Sr. Sinclair espera que não esteja ocupado demais para comparecer a uma reunião especial da diretoria às duas e meia da tarde de hoje.

— Diga que estarei lá — disse eu.

Estendi a mão e me servi de mais café. Estava frio e sem gosto. Apertei o botão e a Fogarty apareceu.

— Veja se ainda encontra no bar aquela garrafa de Hennessy.

O conhaque ajudou. Sentime melhor. Estava nevando. Fui até a janela e

olhei. Os grandes flocos caiam suavemente. Gilligan entrou.

— Quer falar comigo, Steve?

— Quero. Venha cá e olhe.

— Lá embaixo — disse eu, — a neve está caindo sobre as pessoas. E daqui não se pode ver essas pessoas.

Ele me olhou com uma expressão de perplexidade.

— Pensou algum dia que estaria acima da neve, Bob? Em algum lugar de onde você visse a neve cair sem tocar em você?

Olhei para ele. Não sabia de que eu estava falando. Mas o homem no andar de cima sabia. Sinclair sabia que a neve nunca iria cair em cima dele. Era por isso que todos nós ficávamos em andares abaixo dele. Nada podia atingi-lo. Lutávamos uns com os outros e, quando tudo terminava, ele saía de braço dado com quem vencesse.

A Fogarty entrou no gabinete. Vinha sorrindo quando me deu o comunicado extra. Olhei-o. Tínhamos dominado a noite de sábado. O Nielsen nos apontava oito graus acima da rede mais próxima.

Entreguei em silêncio o comunicado a Gilligan e voltei à minha mesa.

Quase antes que eu me sentasse, os telefones começaram a tocar. Não saímos para o almoço. Quando cheguei à reunião da diretoria, todas as agências de publicidade tinham comprado as suas quotas.

Cheguei com alguns minutos de atraso e já encontrei Dan Ritchie sentado na cadeira ao lado de Sinclair em que eu habitualmente me sentava.

— Desculpem o atraso — disse eu. — Mas estava num impasse.

— Foi o que calculamos — disse Sinclair, com rosto inexpressivo.

Dan Ritchie estava impaciente.

— Está a par do comunicado à imprensa que está à sua frente? — perguntou ele.

— Claro que estou — disse eu. — Fui eu que o distribuí.

— Naturalmente, compreende também que o distribuiu sem autorização, não o tendo submetido à aprovação prévia da diretoria? — a voz dele era seca e fria.

Olhei para Sinclair.

— O acordo que fiz com o Sr. Sinclair foi que, como presidente da Televisão Sinclair, teria completa autonomia e autoridade para dirigir a rede conforme achasse melhor.

— Mas sabia que todos os seus atos até agora foram aprovados pela diretoria?

— Sabia, sim. E não tive qualquer indicação de que tivesse havido qualquer mudança no processo. Desde que os atos anteriores foram aprovados depois de praticados, julguei que o mesmo se aplicaria a tudo o que eu fizesse.

Ritchie ficou em silêncio por um momento enquanto procurava alguns papéis. Tentei ler alguma coisa no rosto de Sinclair, mas este estava tão impenetrável quanto um bloco de granito.

— Tenho aqui um cálculo pormenorizado da programação que o senhor com tanta precipitação anunciou — disse Ritchie. — Compreende que isso representa uma despesa de mais de quarenta milhões de dólares de nossa parte?

Fiz um sinal afirmativo.

— E que haverá ainda uma despesa de onze milhões de dólares para a conversão da rede para a televisão colorida?

— Perfeitamente.

— E julga que o dispêndio de tanto dinheiro é economicamente sólido para a nossa companhia?

— Acho, sim. Se não achasse, não teria comprometido a Companhia.

— Julga também um ato correto de sua parte anunciar a demissão de certos funcionários da companhia sem prévio entendimento com os mesmos?

— Claro. Tenho os pedidos de demissão deles desde que comecei a trabalhar aqui.

— Não tem o meu pedido de demissão — disse Ritchie. — Entretanto, já a anunciou.

— Foi por simples antecipação.

— Antecipação como?

Olhei para ele e disse sem altear a voz.

— Tenho certeza de que antes que esta reunião se encerre, o senhor me apresentará o seu pedido de demissão.

Ele ficou muito vermelho, mas eu não lhe dei chance. Corri os olhos em torno da mesa e comecei a falar.

— Sei que estão muito ocupados, senhores, e procurarei ser o mais breve possível. O faturamento calculado para o tempo nobre na atual temporada é de 140 milhões, dos quais 30%, ou seja, 48 milhões foram vendas adiantadas. Tenho neste momento vendas confirmadas de 50% do tempo nobre da próxima temporada, ou seja, 12 milhões contra vendas projetadas totais de 240 milhões. Poderia dar-lhes a percentagem de aumento sobre o ano passado, mas não é necessário. As mudanças de programação iniciadas na semana passada com o programa de Jana Reynolds aumentarão o corrente ano com calculadamente 25

milhões. Isso no que diz respeito a vendas e programação.

"Quanto à cor, senhores, é preciso reconhecer que ela está aqui e precisamos agir de acordo. Se esperarmos cinco anos, teremos de fazer a conversão com uma despesa mais de cinqüenta por cento superior à de agora. Ao mesmo tempo, levaremos uma vantagem de 20% nos preços. As despesas com a cor produzirão maior faturamento e maiores lucros. No que se refere ao pessoal, só dispensei elementos supérfluos, que há muito deixaram de ter valor para a Companhia."

Todos ficaram em silêncio.

Sinclair disse então calmamente:

— Apresento uma moção para um voto de confiança ao Sr. Gaunt com plena ratificação da sua política e programação.

A moção foi aprovada unanimemente com duas abstenções, a de Ritchie e a minha.

Sinclair disse com voz fria e seca.

— Apresento uma moção para o encerramento da reunião.

Em menos de dois minutos, a reunião terminou e só nós dois ficamos na sala, Ritchie e eu.

Juntei meus papéis e olhei para o outro lado da mesa.

Ritchie estava encolhido como se estivesse sofrendo alguma dor física, com as mãos entrelaçadas com força em cima da mesa.

Parei perto dele a caminho da porta.

— Sinto muito, Dan — disse eu.

Ele olhou para mim com o rosto carrancudo e pálido e disse pesadamente:

— Viu que filho da mãe! Nem ao menos me deu adeus!

Eu nada disse.

— Foi ele que preparou tudo para mim.

— Preparou tudo para nós dois, Dan.

— Para quê? Bastava que ele me pedisse que saísse. Não havia necessidade de nada disso.

Ritchie foi até à janela e olhou para a neve.

— Agora eu sei por que as janelas dos edifícios novos não podem ser abertas. Sabiam que havia dias como o de hoje em que dá vontade à gente de se atirar lá embaixo. Não é a primeira vez que o vejo fazer uma coisa dessas. Quando era com os outros, eu sempre admirava a energia dele. Nunca pensei que o meu dia havia de chegar.

Voltou-se e estendeu a mão para mim.

— Felicidades, Steve.

Havia sinceridade no aperto de mão dele.
— Obrigado, Dan.
— Cuide-se, é só o que lhe digo. E nunca tire os olhos do juiz da partida.

CAPÍTULO XII

Continuei a reforçar meu café com conhaque o resto da tarde. Isso me conservava a energia necessária. Impedia-me também de pensar muito nas coisas. Em mim, em Dan Ritchie, em Sinclair, em tudo o que não fosse a rede. Afinal, às nove horas da noite, terminamos.

— Pronto — disse eu, olhando para Sheila Fogarty.

— Sim, senhor — disse ela com o seu jeito calmo, começando ia apanhar os papéis.

— Quer-me arranjar um drinque, Sheila?

— Pois não. Que é que quer tomar?

— Um martini bem seco. Duplo.

Poucos minutos depois, entregou-me o copo. Estava ótimo.

— Havia um curso de bar na escola que você freqüentou?

Ela riu.

— Não. Isso é apenas fruto da experiência.

— Prepare um drinque para você também, Sheila. Você bem que merece.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, muito obrigada. Vou pegar o que é meu e vou saindo. Com essa neve, os trens se atrasam.

Tinha-me esquecido de que ela morava em Darien. Do jeito que o tempo estava, ela podia dar-se por muito feliz se conseguisse chegar de madrugada em casa.

— Se houver qualquer problema, Sheila, vá para um hotel e mande a conta para a Companhia.

— Muito obrigada, Sr. Gaunt. Quer mais alguma coisa?

— Quer me fazer antes de sair mais um desses deliciosos martinis?

— Escute — disse eu, recebendo o outro martini, — Isto aqui é um motivo mais do que suficiente para um aumento de ordenado. Amanhã de manhã, diga à contabilidade que você passa a ganhar mais vinte e cinco dólares por semana.

— Obrigada, Sr. Gaunt.

— Não vai dizer isso, não é mesmo? Pensa que estou dizendo isso sem pensar, sob a influência do martini.

— Não estou pensando nada disso, Sr. Gaunt.

— Já vi que você é leal mesmo. E tomei uma decisão, sabe?

— Qual é, Sr. Gaunt?

— Vamos deixar de tanta cerimônia um com outro. Já comecei a chamar você de Sheila. Pois comece a me chamar de Steve.

— Está bem, Sr. Gaunt.

— Steve.

— Está bem, Steve.

— Isso. Agora, podemos tratar de coisas realmente importantes. Sou ou não sou o presidente desta rede?

— É, sim, Sr... Steve.

— Vamos então reduzir tudo à expressão mais simples. Vamos fazer amor.

Tomei outro gole de marttnt.

Uma nota estranha transpareceu na voz dela.

— Acho que é melhor eu o levar para casa.

Exclamei então todo ofendido.

— Você se está negando a mim!

Ela não respondeu.

— Está despedida. Como presidente da rede, demito-a por se negar a cumprir com os seus deveres.

Ela me olhou em silêncio.

Senti a bebida deixar-me a cabeça subitamente.

— Não está despedida. Desculpe, Srta. Fogarty.

— Não tem importância, Sr. Gaunt. Eu compreendo — disse ela, sorrindo. — Boa noite.

— Boa noite, Srta. Fogarty.

A primeira nevada em Nova York é uma das coisas mais belas que eu conheço. É branca, limpa, firme e assume formas que a natureza nunca pretendeu. Fui para casa através de um mundo alvo e cubista que Braque teria dado o braço direito para pintar, só parando de vez em quando diante de um sinal fechado. A neve formava um boné branco em cima dos sinais do tráfego, sobre cada luz vermelha e verde, como se se tratasse de ciclopes que estivessem cumprindo complacentemente o seu dever debaixo da tempestade.

Cheguei em casa coberto de neve.

— Que tempo! — exclamou o porteiro, apoiado na pá com que estava afastando a neve da entrada.

— Horrível! — disse eu, mas sem achar que era tão ruim assim. Mas a verdade era que eu não tinha de limpar os passeios.

A primeira coisa que vi quando entrei no apartamento foram as velas acesas em cima da mesa. A minha primeira impressão foi de que tinha errado a porta.

Mas vi então a lata gigante de Malossol e o Dom Perignon no balde de gelo. Tudo estava ali.

— Barbara! — exclamei.

Ela saiu do quarto com uma rosa num vaso de cristal. Olhou para mim um instante e colocou a rosa no centro da mesa.

— Gostou do efeito?

Eu ainda estava na porta.

— Qual é o motivo?

— Está nevando — disse cia.

— Eu sei disso.

— A primeira neve do ano. Achei que devíamos festejar o acontecimento.

Olhei para ela. Guardei o chapéu e o capote no armário. Quando me voltei para a sala, ela estava ao meu lado.

— Que é que há, Steve? Está tão diferente.

— Nada. Estou é muito cansado e preciso de um drinque.

— Tenho uma garrafa de vodca quase congelada.

— Está ótimo — fui com ela até ao bar. A garrafa estava coberta de uma crosta de gelo. Ela serviu a bebida e eu fiquei esperando por ela.

— Não — disse ela. — Vá em frente.

Desceu como fogo líquido por dentro de mim. Entreguei-lhe o copo vazio e ela tornou a enchê-lo. Dessa vez, bebi aos goles.

— Já faz três meses — disse ela.

Fiz um sinal de assentimento.

— Nunca pensou no que me poderia ter acontecido?

— Não. Eu sabia que você havia de acertar o caminho.

— Mas você sabia que eu estava perdida.

— Todos nós estamos.

— Você não — disse ela, servindo-se de bebida. — Você sabe exatamente onde está a todo instante. Talvez não fosse uma boa idéia a minha.

— Por que não?

— Eu sei como você está trabalhando. Foi por isso que procurei afastar-me de você. Pensei que hoje seria uma surpresa.

— E foi uma surpresa.

Um véu de lágrimas lhe toldou de repente o azul dos olhos.

— Acho que vou embora.

— Não vá. Não posso comer tudo isso sozinho.

— É essa a única razão pela qual você quer que eu fique?

— A neve lá fora está chegando à altura da cintura. E não se encontra um táxi nem para remédio.

Ela ficou em silêncio por um momento, com os olhos fitos em mim.

— Amo você. Não vai nem me beijar?

Tomei-as nos braços. A boca era macia e estava úmida do sal de suas lágrimas.

— Desculpe, Steve. Desculpe.

Apertei a cabeça dela de encontro ao meu peito.

— Desculpe de quê?

Ela se agitou era meus braços e exclamou com a voz carregada de tensão:

— Procurei avisar você. Eu bem lhe disse como ele era. Mas você não me quis escutar e nem acreditou em mim.

— De quem está falando?

— De Papai! Eu estava em casa jantando ontem à noite e ouvi tudo. Ele estava falando pelo telefone com alguém e disse: "Vamos dar um jeito naquele sujeitinho arrogante. Ele vai ver quem é que dirige a Televisão Sinclair". Mas não fique triste, Steve. Você vai encontrar outro emprego e mostrar a ele.

— Foi por isso que você veio aqui esta noite?

— Foi. Não queria que você ficasse sozinho.

— Você é um amor — disse eu, sorrindo para ela. — Não fui despedido. Mas descobri quem é que dirige a Televisão Sinclair. E seu pai também descobriu. Sou eu.

— Você conseguiu isso, Steve? Foi mesmo?

Fiz um sinal afirmativo e abri a garrafa de Dom Perignon.

— Vamos abrir isso. Temos realmente o que festejar.

Ela me beijou.

— Abra o vinho.

Sorri enquanto ela dava a volta pela sala apagando todas as lâmpadas. Por fim, voltou para onde eu estava, dentro do círculo dourado das velas. Dei-lhe um copo de champanha.

— Não é melhor assim? — perguntou ela.

— Muito melhor.

Tocamos os copos e as bolhas me chegaram ao nariz. Mas não adiantou. Peguei no sono na mesa entre o Chateaubriand e a sobremesa.

CAPÍTULO XIII

O telefone estava tocando. Emergi do negror do sono, estendendo a mão para ele. A campainha parou de tocar antes que eu pudesse alcançá-lo. Ouvi uma voz suave e abri os olhos.

Ela se voltou para mim, desligando o telefone.

— Continue a dormir, meu bem.

— Quem era?

— Era de seu escritório, mas eu disse que você ainda estava dormindo.

— Do escritório? Mas que horas são?

— Meio-dia.

— Ora, Barbara, por que não me acordou ?

— Você estava muito cansado — disse ela, sorrindo. — E você dorme como uma criança, sabe? Sossegado e lindo.

Levantei-me.

— Que foi que você botou naquela salada? Seconal?

— Não era preciso tanto. Você bebeu sozinho uma garrafa de vodca e duas garrafas de champanha.

— Não me lembro.

— Você dormiu na mesa. Tive de telefonar para a portaria para levarem você para a cama.

— Há café aí?

— Há, sim. Na mesa da sala. Vou buscar para você.

Fui para o banheiro. Quando voltei, ela chegava com uma xícara fumegante numa bandeja. Tomei um gole.

— Ótimo — disse eu. — Mas com isso só não vou ficar em forma. Quer pegar uma garrafa de conhaque no bar?

Ela me viu misturar o conhaque com café e disse:

— Você está bebendo mais do que costumava.

Olhei-a em silêncio.

— Já sei — disse ela. — Quem sou eu para falar?

— Isso mesmo. Descontraia-se um pouco.

— Bom conselho. Serve muito bem para você. Está cheio de tensão como uma mola, Steve.

— Tenho uma porção de coisas na cabeça.

— Você está enganado — disse ela. — Você não levou a melhor sobre ele. Ele é que levou sobre você.

— Que quer dizer com isso?

— Está bebendo mais e amando menos. É o verdadeiro sinal de um grande

diretor da indústria.

Fiquei calado.

— Não sei para que tive tanto trabalho. Vesti a camisola nova. Guardei-a da última vez que estive aqui. Mas também não adiantou agora.

Vi-a encaminhar-se para o banheiro e fechar a porta. Ela estava com toda a razão. Já fazia três meses. Desde que eu pegara aquele lugar. Coloquei a xícara em cima da cômoda. Quando ela saiu do banheiro, eu estava de novo na cama.

— Que é que há? — perguntou ela com uma nota de preocupação na voz. — Não se está sentindo bem?

— Nunca me senti melhor.

De repente, ela veio ajoelhar-se junto à cama, com meu rosto entre as mãos, cobrindo-o de beijos.

— Amo você, amo você, amo você — murmurava nos intervalos.

— Não seja tão pessoal assim — disse eu, puxando-a para junto de mim na cama.

Eram duas e meia da madrugada quando eu parei o carro era frente à casa de Tia Prue. Uma lua de inverno cheia e radiosa reverberava da neve, transformando a noite em dia.

— A casa está toda apagada — disse Barbara, enquanto íamos por dentro da neve para a porta. — Você vai assustá-la, acordando-a a uma hora destas.

Estendi a mão e tirei a chave do esconderijo acima da porta.

— Tudo indica que ela só saberá que estamos aqui quando descermos de manhã.

A luz do escritório se derramava para o hall.

— Tudo indica que você está enganado como de costume — disse Tia Prue da porta do escritório.

Ela correu para os meus braços e por um momento eu tive a surpresa que eu sempre tinha quando percebia que ela não era tão alta quanto eu pensava. Beijei-a.

— Como é que veio parar aqui?

— Vim de carro de Nova York.

— Debaixo dessa tempestade ?

— A neve já parou há muito tempo e as estradas estão todas limpas.

Voltou-se para Barbara e estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Sou Prudence Gaunt. E vejo que meu sobrinho não mudou nada desde os tempos de garoto. Ainda é muito mal-educado.

Barbara apertou-lhe a mão.

— Barbara Sinclair. E tenho muito prazer em conhecê-la. Steve fala na senhora o tempo todo.

— Mentiras, provavelmente — murmurou Tia Prue, mas era visível que tinha ficado satisfeita. — Mas devem estar congelados. Vou preparar um chá para vocês.

— Com rum, Tia Prue. Não creio que se tenha esquecido de sua receita.

Na manhã seguinte, caminhamos por dentro da neve à beira da praia. O sol estava muito forte e dançava sobre a neve como se fosse diamante. Voltamos para casa com os rostos vermelhos e brilhantes na hora do almoço.

Tia Prue estava à porta.

— Houve cinco telefonemas de Nova York para você.

— Que foi que você disse?

— Que você não estava aqui.

— Ótimo. Se telefonarem de novo, diga que não me viu nem teve qualquer notícia minha.

— Há alguma coisa, Stephen?

— Não, Tia Prue. Queria apenas afastar-me de tudo. Precisava de férias.

— E seu emprego?

— Ficará à minha espera.

Ao fim de três dias, estávamos fartos de neve. Fomos até Boston e pegamos um avião para as Bermudas. Passamos um longo fim-de-semana ao sol e na água. Pela primeira vez em três anos, consegui dormir sem problemas na cabeça. Voltei ao escritório numa manhã de segunda-feira.

Sheila Fogarty veio logo depois de mim, quase cambaleando sob uma verdadeira montanha de papéis. Colocou tudo em cima de minha mesa.

— Está com uma cor ótima, Sr. Gaunt.

— Obrigado. Tomei muito sol. Como vão as coisas por aqui?

— Em verdadeiro pânico — disse ela, fazendo uma careta. — Ninguém sabia onde o senhor estava e todos pensavam que eu sabia e não queria dizer.

— Desculpe o trabalho que lhe dei.

— Meu serviço é esse mesmo. Eu disse que era sua secretária e não sua babá.

Ela apontou para os papéis e perguntou:

— Por onde quer começar?

Olhei para a pequena montanha. Depois, peguei tudo e joguei na cesta.

— Acha que está bem para princípio de conversa?

— Ótimo — disse ela, imperturbável. Olhou para o seu caderno de notas e disse: — Quanto aos telefonemas, o Sr. Savitt quer que o senhor telefone para ele logo que chegar. O Sr. Gilligan...

— Deixe para lá os telefonemas — disse eu, levantando-me e tomando o caminho da porta.

Mesmo a contragosto, ela não pôde deixar de perguntar:.

— Aonde é que vai?

— Lá em cima.

Sinclair mostrou um ar de surpresa quando entrei na sala dele. Havia passado pelas secretárias dele sem dizer coisa alguma.

— Ia agora mesmo telefonar-lhe — disse ele, entregando-me uma folha de papel. — Parabéns.

Não olhei para o papel e ele continuou:

— Continuamos absolutos nas noites de sábado. E tivemos uma média de audiência superior a 38%o na segunda semana. Conseguiu o que queria.

Coloquei o papel em cima da mesa sem olhá-lo.

— Não. Sr. Sinclair. O senhor é que conseguiu o que queria.

— Não compreendo.

— Eu também a princípio não compreendi, mas agora compreendo e não gosto. Peço demissão.

CAPÍTULO XIV

Ele me olhou em silêncio durante algum tempo e perguntou:

— Assim, sem mais nem menos?

— Assim, sem mais nem menos.

— Posso saber por quê?

— Pode, mas não creio que vá compreender.

— Experimente.

— Não gosto de ser usado. Vim para cá a fim de fazer um serviço. Mas não foi para ser jogado dentro de um ringue contra alguém de quem o senhor queria desfazer-se.

Ele ficou em silêncio.

— O que houve com Dan Ritchie nunca deveria ter acontecido. O senhor poderia tê-lo deixado sair com a sua dignidade intata. Não havia motivo algum para destruí-lo.

— É essa a sua opinião? — perguntou ele sem alterar a voz.

Fiz um sinal afirmativo.

— Dan Ritchie tinha de ser destruído — disse ele no mesmo tom de voz. — Pensei que você pudesse ver isso melhor do que ninguém. Logo que chegou aqui, disse que ele era velho demais.

— Mas não pleiteei a eutanásia.

— Escute, Gaunt. Só há um tratamento para o câncer, extirpá-lo. Quando não se faz isso, morre-se. A coisa é simples assim. Dan Ritchie era um câncer. Trabalhou durante vinte e cinco anos na Companhia e degenerou. Você sabia disso. Eu sabia disso. Mas a diretoria não sabia. Os diretores pensavam que ele continuava a ser o que sempre fora. E muitas acreditaram nele quando disse que você estava desperdiçando o dinheiro e os bens da Companhia. Sem dúvida, eu poderia tê-lo deixado ir com todas as honras. Mas isso não convenceria os diretores da necessidade de afastá-lo. Só havia uma maneira de fazer isso e só uma pessoa podia incumbir-se disso, você.

— E que teria acontecido se eu tivesse perdido?

— Você não podia perder. Joguei com cartas marcadas quando o deixei gastar o dinheiro.

Apertou os botões em sua mesa e todas as telas de televisão se acenderam na parede às minhas costas.

— Veja! — disse ele.

Voltei-me e ele tornou a apertar os botões e os canais começaram a mover-se como um calidoscópio.

— Aí está! — disse ele. — O maior veículo de influência que o mundo jamais conhecerá. E estamos ainda começando a aprender a usá-lo. Daqui a cinco anos, determinará quem será o próximo Presidente, daqui a dez anos trará o mundo para o nosso quintal e daqui a quinze anos poderá levar-nos à Lua.

Desligou todos os botões abruptamente e as telas se apagaram.

— E é disso que você quer se afastar só porque o caminho pode ser áspero e você é sensível e não quer magoar os outros.

"Os cálculos do índice de audiência são uma brincadeira de criança. Quando se dirige uma rede de televisão, contribui-se para dar forma e sentido à vida de milhões de pessoas. Pode ser para o bem e pode ser para o mal, mas a decisão tem de ser nossa. Nós é que temos de julgar por nós mesmos, sem que ninguém nos ajude.

E quanto maior for o nosso público, mais eficientes teremos de ser. pensei que você via tudo isso, mas talvez estivesse enganado." Ficou calado um momento e murmurou: — Não pretendia falar tanto. Mas há muito tempo, na

Frígia, houve alguma coisa chamada o nó górdio e dizia a lenda que o homem que o desatasse seria rei. Alexandre apareceu e cortou-o com a sua espada, resolvendo o caso.

"Pois eu fiz do andar 50 o nó górdio da companhia. Passou quatro anos vazio. Eu o reservava para o meu sucessor. E bastou você pedir para consegui-lo. Por quê? Por uma única razão. Ninguém havia pensado em pedi-lo até então. Pensei que você seria Alexandre. Ele também era muito moço."

Levantou-se da mesa e foi até à janela.

— Aceitarei a sua demissão — disse ele sem olhar para mim. — Mas antes quero que leia o memorando que lhe entreguei quando você entrou.

Peguei o papel em cima da mesa. Era um comunicado à imprensa e dizia o seguinte:

"Spencer Sinclair II anunciou hoje que vai assumir o cargo de presidente da diretoria da Companhia de Broadcasting Sinclair. Anunciou também a designação de Stephen Gaunt como presidente da Companhia de Broadcasting Sinclair e seu principal funcionário executivo. O Sr. Gaunt continuará na presidência da Televisão Sinclair".

"O Sr. Sinclair declarou que..."

Não me dei ao trabalho de ler o resto.

— Podia ter-me dito.

Ele se voltou e olhou para mim com os lábios contorcidos num sorriso amarele.

— Não me deu muita oportunidade, não foi?

— Ainda está disposto a fazer isso depois que eu falei como falei?

— Não lhe dei o memorando?

Olhei de novo o papel. Presidente da Companhia de Broadcasting Sinclair. Era como se eu estivesse, no cimo do mundo. Coloquei o papel em cima da mesa e disse:

— Não. Muito obrigado, mas não.

— Por quê? — perguntou ele sem disfarçar a sua surpresa.

— Sou muito moço para morrer — disse eu e sai, descendo para o meu escritório.

Eram oito horas e nós ainda não tínhamos saído para jantar. Estávamos na cama. Corri o dedo pela curva da espinha, fechei a mão nas nádegas e apertei-as. Sólidas.

— Gosta ? — perguntou ela.

— E não é para gostar? Sou um homem que admira o belo. Pensei que você sabia disso.

— Você é uma porção de coisas — disse ela, puxando uma fumaça do cigarro de maconha.

Tomei o cigarro e me estendi na cama, aspirando a fumaça e deixando-a ficar no fundo dos pulmões.

— Ainda há champanha naquela garrafa?

— Vou ver.

Ela se sentou na cama e tirou a garrafa de champanha do balde. Encheu meu copo e o dela.

Senti as bolhas fazerem o seu serviço até à ponta dos pés. Tudo corria maravilhosamente. Champanha e maconha. Dom Perignon e Ouro de Acapulco. Uma combinação invencível.

Coloquei o copo e o cigarro na mesinha de cabeceira e estendi a mão para ela. Veio para os meus braços como se tivesse nascido ali. Beijei-a sofregamente.

— Você está quente — disse eu. — Por dentro e por fora.

— Amo você — disse ela.

Beijei-lhe os seios. O telefone começou a tocar e eu continuei beijando-a por todo o corpo.

— O telefone está tocando — disse ela.

— Quem se importa? — disse eu, chegando-lhe aos cabelos. Mas ela já estava atendendo. — Diga que eu fui jantar.

Uma expressão estranha se estampou no rosto dela.

— Meu pai está lá embaixo e quer subir. Tomei-lhe o fone da mão.

— Alô?

— O Sr. Sinclair quer vê-lo — disse o porteiro. — Posso deixar subir?

— Pode — disse eu, olhando para ela. Desliguei o telefone e saí da cama. Fui até ao banheiro e lavei a boca. Joguei água no rosto e penteei os cabelos. Vesti um robe e voltei ao quarto.

Ela havia passado um négligé pelos ombros e estava sentada ha cama. Beijei-a e disse:

— Não saia daqui. Vou livrar-me dele o mais depressa possível e voltarei.

Sinclair tinha estilo e bons instintos e ambos estavam trabalhando em favor dele.

— Espero não o estar interrompendo.

— De modo algum — disse eu, levando-o para o bar. — Quer beber alguma coisa?

— Uísque e água, sem gelo.

— Scotch?

— É claro.

Preparei-lhe o drinque e servi-me de um conhaque. Logo ao primeiro gole, ele entrou diretamente no assunto.

— Que houve de errado hoje de manhã? Pensei que tinha falado com muita clareza.

— E falou. Não houve erro algum. Compreendi apenas que era demais o que me oferecia e antes do tempo, especialmente depois de ouvi-lo. Ainda tenho muito que aprender.

— Quanto a isso, hão há perigo. Você aprende depressa.

— Eu sei. Mas por mais depressa que eu aprenda, só daqui a dois anos no mínimo posso assumir os encargos que me quer confiar.

— Ainda quer sair?

— Não. Agora não.

Ele sorriu de repente e disse:

— Muito obrigado. O que eu menos queria no mundo era fazê-lo sair.

— Sei disso.

— Que vamos fazer então? Ritchie deixou um claro na estrutura da companhia.

— Eu preencherei esse claro, mas com uma condição.

— Qual é?

— O senhor continuará como presidente e principal diretor-executivo da companhia. Precisarei do senhor para não me deixar perder o prumo. E se daqui a dois anos a sua proposta continuar de pé e o senhor não tiver mudado de idéia, aceitarei.

— Certo. Você é vice-presidente executivo da companhia e presidente da televisão. É isso?

— É isso.

— Feito — disse ele estendendo a mão. — Agora vou-lhe fazer uma pergunta. Estou muito curioso.

— Sobre que?

— Que iria fazer se não tivéssemos chegado a um acordo?

— Ora, isso é o que menos me preocupava. Na realidade, não preciso trabalhar para ganhar a vida. — Barbara havia chegado à sala por trás dele e eu não pude resistir. — Esqueci-me de lhe dizer que me casei na semana passada com uma moça muito rica e o pai dela quer que eu entre para a empresa da

família.

Ele me olhou como se eu tivesse enlouquecido de repente.

— Alô, Papai — disse Barbara.

Ele não tinha apenas estilo, tinha grande estilo. O choque desapareceu numa fração de segundo e ele abriu os braços para ela. Abraçou-a e se voltou para mim com um grande sorriso.

— Parabéns, meu filho. Você é um homem muito feliz.

— Eu sei disso, Sr. Sinclair.

— Não precisa mais de usar de tanta cerimônia agora que faz parte da família. Chame-me de Papai.

CAPÍTULO XV

— Que diabo! Agora, não posso nem abotoar este soutien — jogou o soutien com raiva no outro lado do quarto e se voltou para o espelho. — Veja só como eu estou!

Fui por trás dela e, estendendo os braços, peguei um seio em cada mão.

— Vou passar a ser o seu soutien.

Ela me olhou pelo espelho.

— Eu sei que você não se importa. Ficaria muito satisfeito se me chamassem para fazer o papel de uma vaca leiteira nos anúncios da televisão.

— Não é nada demais gostar de seios grandes. É a mais popular fixação americana.

Ela saiu dos meus braços e abriu violentamente uma gaveta da cômoda. A gaveta saiu-lhe das mãos e espalhou o seu conteúdo pelo chão. Ela se sentou no meio das roupas e começou a chorar.

Sentei-me ao lado dela e abracei-a.

— Sinto-me uma inútil — disse ela. — Não sou capaz de fazer nada direito.

— Calma — disse eu. — O pior já passou. Pouco falta agora.

— Parece que vai durar para sempre. Por que não me dissuadiu disso?

No primeiro ano de casados, não fiz outra coisa. Mas no segundo ano, ela tomou a decisão e não houve jeito de fazê-la parar.

— Toda a mulher tem direito a seu filho — tinha dito ela.

Já a conhecia bastante para não lembrar-lhe isso naquele momento. Em vez disso, fi-la levantar-se e sentei-a numa cadeira.

— Vou preparar-lhe um drinque.

Fiz um uísque reforçado. Ela provou, fez uma careta e largou o copo.

— O gosto está horrível, Steve. Quero um cigarro.

Acendi um e entreguei a ela.

— Estou deprimida. Nunca estive mais deprimida em toda a minha vida.

— Tome o seu uísque e se sentirá melhor.

— Você tem por acaso um cigarro da erva aí ?

— Bem sabe que não é possível. Bill disse que isso não faria bem à criança. Não vai querer que nosso filho nasça defeituoso, não é?

— Os médicos pensam que sabem de tudo — murmurou ela. — Maconha não, mas uísque posso. Onde é que está a lógica?

Não respondi.

Ela pegou o copo e disse:

— Continue a se vestir e vá. Não posso sair de casa.

— Mas estão esperando nós dois.

— Ora essa, dê uma desculpa qualquer. Diga que eu estou enjoada ou qualquer coisa assim. Você tem cabeça de sobra para dar desculpas quando não vem jantar em casa. Invente uma agora para eles. Além disso, não posso suportar aquele judeu gordinho. Penso logo num porco.

— Seu ferrão está aparecendo — disse eu.

— Não gosto dele mesmo, que é que tem? Não gostaria ainda que ele pregasse todos os domingos no púlpito da igreja episcopal de St. Thomas. O que ele quer é usar você.

— Não é isso mesmo o que todo o mundo quer? — disse eu, voltando para o espelho e acabando de dar o laço na gravata — Mas meu trabalho é esse mesmo. Ser usado pelos outros.

— Puxa, como seus sentimentos são elevados! Acho que está começando a acreditar naquela conversa fiada de meu pai de que o presidente de uma rede de televisão não é mais do que um servidor do povo.

— Podia ser pior — disse eu, vestindo o paletó. — Escute, vai-se vestir ou prefere passar a noite toda aí sentada com os peitos balançando ?

Éramos oito sentados a uma mesa redonda do Vinte-e-Um. Sam Benjamin e a mulher dele, Denise; Jack Savitt e uma atriz, Jennifer Brace, que era cliente dele e a quem ele estava procurando fazer aparecer; Roger Cohen, cunhado de Sam, e a mulher dele, cujo nome só vim a saber três semanas depois, e Barbara e eu.

Corri os olhos pela mesa. Sam divertia-se a valer. Estava apresentando um dos truques em que era mestre, fazendo uma nota de cem dólares desaparecer e, então, indo encontrá-la, primeiro no decote da atriz e, depois, na cigarreira de

Barbara. Barbara também parecia divertir-se. Pelo menos, ria mais do que ninguém na mesa. Mas também devia ser a primeira vez que via aqueles truques.

Sorri. Sam gostava de mágicas. Talvez fosse um artista de teatro ou um homem de publicidade frustrado ou talvez as duas coisas juntas. De qualquer maneira, foi por isso que vim a conhecê-lo.

Jack e eu tínhamos acabado de almoçar no Salão Nórdico do Waldorf e estávamos voltando a pé para Park Avenue quando, à porta da rua, vimos um ajuntamento em frente ao Salão Império. Vi então quatro guardas de revólver em punho. Atrás deles vinham mais dois guardas que carregavam um grande cofre de alumínio trancado por dois gigantescos cadeados de ouro. Quatro guardas também de revólver em punho fechavam a retaguarda.

— Que está acontecendo? — perguntei.

— Vou saber — disse Jack.

Subiu os degraus do Salão Império e conversou com um homem que estava à porta. Um instante depois, estava de volta.

— É apenas um truque de publicidade. Algum novo produtor convidou a imprensa e todos os exibidores importantes do país para mostrar como é que se deve vender um filme.

Olhei para os presentes e reconheci alguns deles. Eram alguns dos homens mais difíceis e mais cépticos da indústria.

— O truque tem de ser muito bom para poder interessar a essa gente.

— E é mesmo — disse Jack. — Meu amigo me disse que há um milhão de dólares dentro daquele cofre.

— Isso é que eu quero ver.

Ninguém nos barrou a entrada. Todos tinham os olhos voltados para o cofre, naquele momento colocado em cima de uma mesa.

A sala estava cheia de cartazes e faixas. Em tudo se lia a mesma coisa.

Samuel Benjamin Apresenta: ÍCARO
O Filme de um Milhão de Dólares para o Exibidor

Sorri. Ao menos, ali estava um distribuidor de filmes que não tomava conhecimento da televisão. Combatia com sua linguagem própria. Combatia até com mais do que isso. Havia gigantescas ampliações coloridas: um homem seminu de físico magnífico sustentava num braço uma pequena quase nua, enquanto com o outro lutava com uma multidão de guerreiros. Outras

ampliações mostravam o mesmo homem de outros ângulos e com uma curiosa armadura de asas, mas sempre ao lado da pequena nua.

— Senhoras e senhores — disse uma voz pelo alto-falante.

Todos os olhos se voltaram para o palco. Foi a primeira vez que o vi. Era baixo e parecia ter o corpo tão largo quanto alto. Usava terno preto e camisa branca. Tinha cabelos negros e um rosto vermelho que parecia estar banhado de suor.

— A maioria aqui não me conhece — disse ele. — Meu nome é Sam Benjamin. A maioria também não conhece meu filme. O título é Ícaro. Mas uma coisa eu prometo — fez uma pausa para passar o lenço pelo rosto ensopado de suor. — A partir de hoje, não se esquecerão mais nem de mim, nem do filme.

Fez um gesto e os guardas viraram o cofre para ele. O homem tirou do bolso uma imensa chave de ouro, abriu o cofre e recuou alguns passos.

Os guardas sabiam o que tinham de fazer. Pegaram o cofre e emborcaram-no. Maços e pilhas de notas rolaram pela mesa, indo muitos cair no chão. Parecia que a fonte de dinheiro era inesgotável e que a torrente nunca iria parar. Um suspiro coletivo se elevou da assistência.

Olhei para eles. Havia uma expressão de embevecido encanto em todos os rostos. Ninguém podia tirar os olhos fascinados daquele montão de dinheiro.

Olhei para o homem no palco e vi que ele tinha deixado de ser um sujeitinho baixo e anônimo. Tinha tido razão. Não esqueceriam mais.

— Vamos — disse num sussurro.

Jack se voltou para mim quando chegamos ao vestíbulo.

— Esse camarada é inteiramente gira. Arriscar-se daquela maneira com um milhão de dólares! Imagine se.

Interrompi-o, dizendo:

— Combine uma conferência dele comigo.

— Está falando sério?

— Nunca falei mais sério em minha vida.

Só havia uma espécie de pessoa capaz de engendrar um golpe de publicidade como aquele. Era um homem que tinha tudo ou um homem que nada tinha e estava arriscando tudo. E não importava no fundo o que fosse. Era um homem que tinha coragem.

O que soube depois me fez ainda mais curioso e, na manhã seguinte, fui ao escritório dele para ver como ele era de verdade. Era um pequeno conjunto de quatro salas num dos edifícios do Rockefeller Center. Havia gente correndo de um lado para outro, mesas por toda a parte, até nos corredores, e papéis

espalhados pelo chão.

Fiquei ali no meio do que parecia uma sala de recepção e observei a confusão. Depois de um momento, um homem me apareceu. Tinha uma expressão preocupada. Não sabia disso naquele momento, mas se tratava de Roger Cohen, cunhado e principal fonte financeira de Sam.

— É exibidor ou vendedor? — perguntou ele.

— De certo modo, sou as duas coisas.

— O que eu quero saber é se vem comprar, vender ou receber?

— Comprar.

Um sorriso se mostrou no rosto dele.

— Neste caso, venha comigo. O Sr. Benjamin vai recebê-lo imediatamente.

Sam estava falando ao telefone quando entramos. Levantou os olhos para mim e me indicou uma cadeira. Havia nela papéis que Roger se apressou em tirar.

— Fechado — disse Sam ao telefone. — Cinqüenta por cento de aluguel sobre o filme. Pagarei toda a publicidade da cooperativa até mil dólares por semana.

Desligou o telefone e estendeu a mão por cima da mesa.

— Meu nome é Sam Benjamin.

Apertei-lhe a mão. Como aquele homem enganava! Nada havia de macio ou de gordo naquela mão.

— Stephen Gaunt.

— O Stephen Gaunt mesmo?

— O mesmo.

— Por quê?

— Você precisa de dinheiro. E nós temos dinheiro.

— Não sei onde colhe as suas informações. Mas estão erradas. Estamos fazendo bom movimento.

— Estou então perdendo tempo — disse eu, levantando-me.

— Espere um pouco. Que pressa é essa? Que é que tem em vista ?

— Duzentos mil dólares pelo seu filme para a TV.

— Não é possível. Se isso transpirar, os exibidores me boicotarão.

— Dinheiro já — disse eu. — Anunciaremos a transação daqui a dois anos. Nessa ocasião, seu filme já deve ter sido exibido em todos os circuitos.

— Trouxe o cheque? — perguntou ele, sorrindo. — Se eu não pagar o aluguel hoje, posso ser despejado daqui.

CAPÍTULO XVI

Agradecemos as ofertas de nos levarem até em casa de carro e voltamos a pé para casa através da noite quente de verão. Atravessamos a Quinta Avenida e olhamos as vitrinas de Saks. Estavam resplandescentes e cheias de coloridas roupas de esporte e de férias. Olhei para ela e perguntei: — Não foi tão ruim assim, foi?

— Não — respondeu ela. Parecia imersa em seus pensamentos e continuamos a caminhar. Só falou de novo quando dobramos a esquina da Rua 49. — Por que ele é assim tão importante para você?

— Filmes. Ele pode ser a nossa porta para um abastecimento regular de filmes.

— E é tão difícil assim? Filme é que não falta.

— Claro. Mas por quanto tempo essa situação se poderá manter? A televisão usa mais filmes numa semana do que a produção média anual de Hollywood nos últimos vinte anos.

— Por que a televisão não faz os filmes de que precisa?

— Acabaremos fazendo. Mas, por enquanto, a situação econômica não é favorável. Estamos num mercado aberto e eu gostaria de precaver-me contra uma alta de preços.

— Que é que o faz pensar que fará negócios favoráveis com ele? Ele não é desse tipo.

Olhei-a com respeito. Barbara não era filha de Sinclair à toa.

— Tem razão. Mas ele precisa de nós. É ambicioso. Quer a sua companhia de cinema própria. E nós podemos ajudá-lo a conseguir isso. Como vê, os benefícios são mútuos.

Já então havíamos chegado ao edifício. Entramos e subimos pelo elevador. Ela quis dizer alguma coisa, mas olhou para o ascensorista e esperou até entrarmos no apartamento.

Jogou-se numa poltrona.

— Louvado seja Deus pelo ar condicionado. Você não faz idéia de como eu sofro com o calor e todo esse peso que estou carregando.

— Você ia dizer alguma coisa no elevador, mas preferiu ficar calada.

— Ah! Se eu fosse você, não confiaria nele, apesar de tudo.

— Por que diz isso?

— Não sei. Pequenas coisas. A maneira pela qual ele age. Nada me parece direito.

— Seja mais precisa, Barbara.

— Para começar, ele não tem o menor senso de lealdade. Veja a maneira pela qual ele tratou Roger, o cunhado,, esta noite. A primeira vez que saímos com ele, tratou Roger como se fosse sócio dele. Era Roger para cá, Roger para lá, que é que você acha, Roger? Não compreendi isso enquanto você não me disse que Roger é que o financiou todos teses anos.

— E daí?

— Viu como ele tratou Roger hoje? Como se fosse um lacaio ou como se não existisse. Bastou um pouquinho de sucesso para que ele começasse a tratar Roger com desprezo. Sempre que Roger abria a boca, Sam fazia-o calar-se, até que Roger ficou ali calado como um idiota.

— Sam estava, se sentindo bem — disse eu. — Tem direito a vangloriar-se um pouco. Não é todo filme que arrecada três milhões de dólares brutos em doze semanas.

—_Claro. Mas não à custa do homem que o levou às costas metade de sua vida.

— Tenho certeza de que não houve nada de intencional nisso, Barbara. Viu o novo conversível Lincoln que ele comprou para Roger?

— Vi, sim. O que eu não sei é se ele pagou o dinheiro que devia a Roger — levantou-se pesadamente. — Estou sentindo o corpo pegajoso de tanto suor. Acho que vou tomar um banho de chuveiro e me meter na cama.

Pensei que o assunto estava encerrado, mas ela ainda estava acordada vendo televisão quando fui me deitar duas horas depois.

— Apesar de tudo, não gosto dele — disse ela.

Não estava pensando mais em Sam. Tinha passado as duas horas na sala mudando de um canal para outro. As noites de quarta-feira eram ainda um problema para nós.

— De quem? — perguntei.

— De Sam — disse ela, virando-se para o outro lado e ainda vendo televisão. — Coce-me as costas.

Passei as pontas dos dedos num movimento circular pelo meio das costas dela.

— Assim?

— Mais embaixo um pouco. Capriche — fiz o que ela queria. — Assim... — ficou por um momento em silêncio. — Viu como ele tirou aquela nota de cem dólares do decote daquela atriz ? Meteu tanto a mão por dentro do vestido dela que eu pensei que ia tirar-lhe os seios junto com o dinheiro. Aliás, isso quase não

era preciso porque ela estava com eles quase todos de fora para todo mundo ver.

Eu ri.

— Se era em seios que ele estava interessado, escolheu a pequena errada.

— Você também estava olhando para eles. Vi a sua cara. A cara de todos vocês. Todos tinham vontade de ir para a cama com ela e não faziam nenhum segredo disso.

— Deixe de ser tão ciumenta.

— Sou ciumenta sim! Se você acha que é agradável ficar nesse estado, enquanto você olha para outras mulheres que quase se oferecem, você está é maluco!

— Eu não estava interessado. E não era atrás de mim que ela estava, mas de Sam.

— É verdade — disse ela, rindo de repente. — Foi realmente engraçado. Mas como seu amigo é grosseiro e vulgar! Houve uma hora em que ele pensou que ninguém estivesse olhando, pegou a mão dela e puxou para ele por baixo da toalha. Da expressão no rosto dele me fez pensar que tudo ia acontecer ali mesmo.

Ri continuando a coçar-lhe as costas.

— Melhor para ele.

Ela ficou em silêncio por um momento e eu afastei as mãos.

— Não pare. Você me está fazendo deliciosamente excitada.

— E como pensa que eu estou?

Ela estendeu a mão para trás e me encontrou.

— Eh! — exclamou e se virou de frente para mim.

— Não se mova — disse eu, colocando as mãos debaixo dos quadris dela e puxando-a para mim.

— Não posso respirar! — exclamou ela. — Estou sentindo você até em minha garganta!

Ri e movi as mãos para acariciar-lhe os seios. Curvei-me sobre seus ombros e beijei-a do rosto até o pescoço. Ficamos assim, até que houve um som mais forte na televisão e eu involuntariamente olhei.

Ela virou o rosto para mim nesse exato momento.

— Eu sabia que isto não podia deixar de acontecer! — disse ela. Mas a voz era quente e satisfeita e ela não parou de abraçar-me. — Eu sabia que você descobriria um meio de fazer amor e trabalhar ao mesmo tempo.

Levantei-me e fui desligar a televisão. Quando voltei, ela descansou a cabeça em meu ombro.

— Foi bom, não foi? — perguntou ela.

— Muito.

— Não fez qualquer diferença eu estar como estou, fez?

— Não.

Ela levantou a cabeça e olhou para mim.

— Eu ainda sou a mesma? Quero dizer, não estou diferente...

— Está melhor. Você para mim é sempre ótima.

— Ainda bem — disse ela, tornando a pousar a cabeça em meu ombro. — Desculpe que lhe esteja dando tanto incômodo. Mas nestas últimas semanas parece que tudo me irrita. Você trabalhar até tarde, eu não poder ir aonde quero, o calor, o barulho da cidade. Até a refrigeração do apartamento me aborrece e me cansa. Eu gostaria era de ter um pouco de ar puro para respirar...

— Nada mais fácil...

— Aqui nesta cidade? Onde? No Central Park?

— Que tal o Cabo? Tia Prue receberia você de braços abertos. E você não se iria aborrecer. Há sempre alguma coisa acontecendo por lá.

— E você?

— Poderei ir nos fins de semana — disse eu e de repente tive uma vontade imensa de que ela fosse. Isso facilitaria muitas coisas. — Durante a semana, tenho muito o que fazer e não lhe posso fazer muita companhia. Você indo para lá, nós dois poderíamos pegar um pouquinho de sol.

Mas eu estava errado. No primeiro fim de semana da ausência dela, eu tive de ir à Califórnia. O segundo passei no escritório, revendo o relatório anual para os acionistas que tinha de ir para a tipografia na segunda-feira.

E no terceiro fim de semana foi tarde demais.

CAPÍTULO XVII

Eu havia iniciado uma conferência com os gerentes de vendas, quando Sheila Fogarty entrou em minha sala.

— Eu sei que o senhor disse que não ia atender nenhum telefonema, Sr. Gaunt — disse ela. — Mas sua tia está telefonando de Rockport. Diz que é muito importante.

Peguei o telefone. Tia Prue falou antes que eu tivesse tempo de dizer uma palavra.

— Barbara está passando mal, Stephen. Acho que você deve vir imediatamente para cá.

Senti um aperto na boca do estômago.

— Não sabemos ainda. Levei-lhe o café no quarto como de costume e encontrei-a caída no chão dentro de uma poça de sangue.

— Como está ela agora?

— Está a caminho do hospital numa ambulância — a voz de Tia Prue começou a falhar. — Venha o mais depressa que puder.

Ela desligou e eu olhei para a Fogarty. Não precisei dizer uma palavra. Ela leu a notícia em meu rosto. Ela pegou o telefone. Cheguei lá em menos de duas horas num avião fretado.

Tia Prue estava na sala de espera do hospital quando eu cheguei.

— Como está ela? — perguntei.

— Perdeu a criança — murmurou Tia Prue em voz sumida.

— Que é que me interessa a criança? Quero saber é dela! — disse eu, gritando quase.

— Não sei. Está na sala de operação desde que chegou aqui.

Entrei pelo corredor até à sala das enfermeiras.

— Sou o marido da Sra. Gaunt. Gostaria de ter alguma informação sobre minha esposa. Foi trazida para cá há algumas horas.

— Um momento, Sr. Gaunt — disse a enfermeira-chefe. — Vou procurar saber — pegou o telefone e discou um número. — Informações sobre uma doente nova, Sra. Gaunt... — escutou por um momento, bateu no gancho e discou de novo. Olhou para mim. — Estou ligando para a seção de cirurgia.

Um momento depois, atenderam.

— Quero saber como vai a Sra. Gaunt. O marido dela está aqui.

Escutou durante um minuto, depois desligou e se aproximou de mim.

— Ela está de volta ao quarto :— disse ela numa voz profissionalmente confortadora, que não teve o menor efeito sobre mim. — Se voltar para a sala de espera, Sr. Gaunt, o Dr. Ryan irá falar neste instante com o senhor.

— Obrigado — disse eu, voltando para junto de Tia Prue.

Só quinze minutos depois o médico chegou à sala de espera.

Conhecia Tia Prue. Era moço, mas tinha o rosto pálido e cansado e os olhos estavam injetados da tensão.

Saímos pelo corredor e entramos num elevador. Apertou um botão e nós começamos a subir com a lentidão de todos os elevadores de hospital.

— O estado de sua mulher é muito delicado — disse ele com voz calma. — Quando foi descoberta, já havia perdido grande quantidade de sangue. Ao que parece, começou a perder sangue durante a noite quando ainda estava dormindo,

mas só deve ter acordado quando começou de fato a abortar. Tentou então sair da cama para pedir socorro, mas já estava muito fraca e teve um colapso. Minha opinião é que ela foi descoberta pela Sra. Prue três horas depois de começar a hemorragia. É um milagre que ainda estivesse viva nessa ocasião.

À porta do elevador se abriu e nós o acompanhamos pelo corredor até o quarto onde ela estava. Paramos à porta antes de entrar.

— Há esperanças? — perguntei, sentindo a minha voz estranhamente impessoal.

— Estamos fazendo tudo o que é possível. Tivemos de substituir-lhe quase todo o sangue. Tomei a liberdade de chamar um padre na suposição de que ela seja católica.

— Não, é episcopalista — disse eu, entrando no quarto.

Uma enfermeira que estava diante da cama olhou por cima do ombro, viu-nos e moveu-se para o lado. Olhei para ela. Havia um tubo no braço dela e outro no nariz. Estava branca, mais branca do que já vi qualquer pessoa. Aproximei-me da cama e tomei-lhe a mão.

Um momento depois, ela pareceu tomar conhecimento de minha presença. As pálpebras bateram e se abriram. Os lábios se moveram mas não ouvi o que dizia.

Aproximei o rosto dela.

— Não tente falar, Barbara. Tudo acabará bem.

Ela olhou para mim e eu senti de novo a maravilha do tom azul dos olhos dela.

— Steve — disse ela num sussurro quase inaudível, — desculpe nosso filho.

— Não tem importância. Teremos outros

— Mesmo?

— Você sabe. Logo que você sair daqui.

Um leve sorriso lhe chegou aos lábios e ela murmurou:

— Amo você.

— Amo-a também, Barbara — disse eu. Ela pareceu dar um pequeno suspiro de felicidade e os seus lábios se entreabriram. — Sempre a amei. Você sabe disso.

Mas ela não sabia mais. Nem disso nem de nada. Só compreendi que ela estava morta quando o médico chegou e delicadamente me fez largar a mão dela.

Depois do enterro, voltei ao apartamento, tranquei a porta e desliguei tudo. Não queria ver ninguém, nem falar com ninguém.

Nos primeiros dias, algumas pessoas tentaram telefonar, mas eu não atendia e qualquer pessoa que viesse ao edifício voltava da portaria. No terceiro dia, ninguém mais telefonou, nem mesmo do escritório. Todos tinham compreendido.

Vagueei pelo apartamento como um fantasma. Ela ainda estava ali, presente em toda a parte. O perfume dela estava na cama, as roupas estavam no armário, a maquilagem estava espalhada pelo banheiro.

O aparelho de televisão estava ligado, mas eu nem olhava. No terceiro dia, uma válvula estourou e nem me passou pela idéia chamar alguém para consertar o aparelho. Tudo estava em silêncio. Num silêncio de túmulo. Tudo morto. Como Barbara estava.

No quarto dia a campainha da porta tocou. Continuei sentado no sofá. Quem fosse desistiria e se iria embora. Mas a campainha continuou a tocar insistentemente.

Levantei-me e fui perguntar sem abrir a porta:

— Quem é?

— Sam Benjamin.

— Vá-se embora. Não quero ver você. Não quero ver ninguém.

— Quero ver você — gritou ele. — Quer abrir ou vou ter de botar a porta abaixo?

Abri a porta.

— Já me viu — disse eu, abrindo a porta e tentando fechá-la de novo.

Mas ele tinha metido o pé pela porta e fez força. Tive de recuar.

Ele entrou ofegante e fechou a porta.

— Que é que você quer? — perguntei.

— Já é tempo de você sair daqui.

Afastei-me dele e voltei para o sofá. Ele me seguiu.

— Por que não me deixa em paz ?

— Era o que eu devia fazer — disse ele. — Não tenho obrigação nenhuma com você.

— É uma verdade.

— Mas preciso de você.

— Foi o que Barbara disse a seu respeito.

— Disse, hem! Era mais esperta do que eu pensava — foi até à sala de jantar e olhou para os restos de comida nos pratos. — Quando foi que comeu pela última vez ?

— Não me lembro — disse eu, encolhendo os ombros. — Quando estou com fome, telefono lá para baixo.

— Há alguma bebida aqui ?

— No bar. Pode servir-se à vontade.

Ele foi até ao bar, pegou uma garrafa de uísque e encheu dois copos até às bordas. Voltou para mim.

— Tome seu copo. Você precisa de um drinque.

— Não quero nada.

Ele colocou o copo ao meu lado e, provando o copo dele pensativamente, começou a andar pelo apartamento. Alguns minutos depois, ouvi-o andar pelo quarto. Depois, houve silêncio. Olhei para o copo de uísque e não pensei mais nele.

Mas, cerca de quinze minutos depois, ele ainda não havia aparecido e eu fui ver o que estava fazendo.

Havia uma pilha de roupas no chão. Ele chegou do armário com os braços cheios de mais roupas e jogou-as em cima das outras. Viu-me, porém, e parou.

— Que é que está fazendo ? — gritei. — Essas roupas são de Barbara!

— Eu sei. Mas para que é que você as quer? Não me diga que pretende usá-las.

Comecei a botar os vestidos de novo no armário. Ele arrebatou tudo de meus braços e com surpreendente força me empurrou. Atirei-me a ele, mas ele me segurou os pulsos com força.

— Ela está morta! — gritou ele. — Está morta e você tem de se conformar com isso. Está morta e você não pode fazê-la voltar à vida. Pare então de querer ir para a sepultura junto com ela!

— Fui eu que a matei! — disse desvairadamente. — Se eu não a tivesse mandado para fora, ela ainda estaria viva. Não estaria sozinha quando começou o aborto!

— Teria acontecido de qualquer maneira — disse ele calmamente. — Todos morrem na sua hora.

— Você sabe. Vocês, judeus, sabem de tudo. Até da morte

— Sim, até da morte — disse ele, largando-me os pulsos. — Nós, judeus, temos seis mil anos de experiência com a morte. Aprendemos a viver com ela. Foi preciso.

— Como é que se vive com a morte ?

— Chorando...

— Não sei chorar. A última vez que chorei ainda era uma criança. Hoje, sou adulto.

— Tente chorar. Isso o aliviará.

— Terá de me ensinar — disse eu, de mau humor.

— Ensino, sim — disse ele.

Olhou em torno da sala, foi pegar um chapéu dentro de meu armário e colocou-o na cabeça.

Olhei-o. Pareceu-me ridículo com o chapéu pequeno demais para a cabeça dele, o rosto vermelho, os óculos de aros pretos. Comecei a rir, mas alguma coisa me fez parar.

— Em todos os enterros e uma vez por ano no Yom Kippur, o Dia do Perdão, rezamos uma certa prece pelos mortos. Chama-se Kaddish.

— E isso faz chorar?

— Sempre faz. Porque não é só pelos nossos mortos que rezamos, mas por todos os mortos desde que o tempo começou — segurou-me a mão. — Repita comigo: Yisgadal, v'yiskadash...

Esperou e eu repeti as palavra?

Yisgadal,, v'yiskadash,..

Vi as lágrimas chegarem aos olhos dele por trás dos óculos. Abriu a boca, mas a voz lhe faltou:

— Sh may rabbo...

Senti as lágrimas ardentes subirem-me aos olhos. Cobri o rosto com as mãos e gritei:

— Barbara!

Chorei.

Chorei.

Chorei.

Nova York, 1955-1960

LIVRO II

SAM BENJAMIN

CAPÍTULO I

Despertou sentindo-se embotado e pesado. Ficou imóvel por um momento e então se sentou na cama. A porta se abriu e Denise apareceu.

— Conseguiu afinal — disse ela.

— Não me sinto bem — disse ele, olhando-a. — Tenho a impressão de que estou com a boca cheia de pedras.

— Não é de admirar. Por que você procura beber todo o uísque da cidade de uma vez só?

— Não brigue comigo. Estou com dor de cabeça.

— Vou buscar aspirina para você.

Ela foi até ao banheiro e ele se levantou e colocou os pés na balança que estava aos pés da cama. Olhou o peso e murmurou um nome feio. Oitenta e oito quilos.

Denise ouviu o nome quando voltava para o quarto.

— Tudo é a bebida — disse ela, entregando-lhe a aspirina e um copo de água.

Ele engoliu a aspirina fazendo uma careta e disse:

— Não é só a bebida. Também como muito bem.

— Você come demais e bebe demais. Tem de tomar muito cuidado. O Dr. Farber disse que você tem de parar de beber. O peso é demais para o seu coração.. A verdade é que você não é mais um garoto.

— Como se eu não soubesse disso — murmurou ele cansadamente. — Diga a Mamãe para me preparar o pequeno almoço.

— Café e torradas?

— Claro que não. O pequeno almoço de costume. Quatro ovos, bacon, pão e tudo o mais. Preciso de energia para trabalhar.

— É uma morte para você.

— Não faz mal. Pelo menos, você será um viúva rica

— Promessas, promessas — disse ela, sorrindo. — Desde que conheço você, é só o que eu tenho.

Ele lhe deu um beijo no rosto.

— Vá ver o almoço, Mamãe. Você fala demais.

Ela lhe tocou no rosto e saiu do quarto. Ele ficou um momento parado, ouvindo-a chegar à cozinha e dar instruções à cozinheira. Dirigiu-se, depois, ao banheiro.

Como de costume, o telefone tocou enquanto ele ainda estava sentado no vaso. Ouviu a voz de Denise através da porta fechada.

— É para você, Roger.

— Diabo! — exclamou ele. — Diga que já vou — puxou a descarga e gritou acima do barulho da água: — Peça à companhia telefônica uma extensão aqui para o banheiro.

Voltou ao quarto e pegou o telefone.

— Alô, Roger?

— Está confirmada a reserva para o vôo a Roma. Alitália, nove horas da noite, hoje. Quer mesmo ir?

— Claro que sim.

— Estamos com quatrocentos mil dólares de saldo — disse Roger. — Faça essa transação e o saldo irá por água abaixo.

— Se não fizermos a transação, desaparecerá de qualquer maneira nisto, naquilo, e a gente, quando der conta, nem sabe o que foi que houve com o dinheiro. Temos de fazer movimento ou perderemos tudo.

— Por que é que está tão ansioso assim? — perguntou Roger.

— Tenho esperado a vida toda por uma oportunidade assim e agora não a vou perder.

— Mas não se esqueça de que eu tenho metade desse dinheiro — disse Roger.

— Garanto a sua metade — disse Sam, sabendo muito bem que aquilo não passava de palavras. Se perdesse, não lhe sobraria dinheiro para garantir a Roger coisa alguma.

Roger sabia disso também e disse:

— Esse Gaunt lhe virou a cabeça. E se ele não cumprir o prometido ?

— Vai cumprir. É a única pessoa por aqui que pode enxergar um palmo adiante do nariz. Além disso, ele me dá sorte.

Roger sabia quando devia parar.

— A que horas vai chegar ao escritório?

— Daqui a uma hora mais ou menos. Arrumarei uma mala e partiremos daí.

Quando Sam desligou o telefone, Denise tinha voltado.

— Ainda vai-se meter nisso?

Ele fez um sinal afirmativo.

— Mas não precisamos. Temos o suficiente. Os filhos não precisam disso.

— Eu preciso. Estou em atividade há muito tempo e se não fizer isso agora, nunca que farei. Ao menos uma vez, eu gostaria de que todo o mundo soubesse

que eu sou tão bom quanto qualquer outro.

Ela lhe tocou na mão.

— Você é melhor.

Ele sorriu.

— Você é suspeita — disse ele e voltou para o banheiro.

Ouviu o leve estalo e ficou instantaneamente alerta. O avião estava às escuras e no alto o sinal luminoso que mandava apertar os cintos tinha sido apagado. Olhou para Roger.

Ele estava dormindo na posição desajeitada mais perfeita para dormir em avião, com a boca entreaberta. Ele sempre se gabava de que podia dormir fosse lá onde fosse. Nos tempos de rapaz, dormira até no subway e, depois disso, tudo era fácil. Parecia que tinha razão.

Com Sam, não era assim. A simples idéia de estar a mais de dez mil metros de altura dentro de um receptáculo pesado de metal lhe dava uma sensação esquisita no estômago. Por mais que bebesse ou por mais comprimido que tomasse, continuava de olhos firmemente abertos.

Passou cuidadosamente por cima das pernas estendidas de Roger e seguiu pela cabina às escuras. Todo o mundo parecia estar dormindo.

Olhou através das cortinas para um pequeno compartimento, piscando os olhos diante da luz acesa. Uma aeromoça que estava ali sentada levantou-se.

— Deseja alguma coisa, Signore Benjamin?

— Sabe meu nome?

— Si, signore. Quem é que não conhece o famoso prodottore? — perguntou ela com um sorriso.

Coisas de italiana... Afinal de contas, o nome dele constava da lista de passageiros.

— Pode ver-me um uísque com água?

Enquanto ela lhe foi preparar a bebida, ele se sentou e limpou os óculos com o lenço. Ela colocou o copo diante dele. Ele tornou a botar os óculos e bebeu quase todo o uísque de uma vez. Olhou para ela e perguntou: — Onde está o resto da tripulação?

— Dormindo. Ainda temos quatro horas e meia de vôo para e não há muito o que fazer.

Ele acabou de tomar o uísque e disse:

— Traga a garrafa para cá e sente-se aqui comigo.

— É contra o regulamento, signore.

— É também contra o regulamento a tripulação dormir durante o vôo. Mas nós sabemos para que servem regulamentos, não é mesmo?

Ela o olhou e murmurou, sorrindo:

— Si, signore.

Foi buscar a garrafa de uísque na copa atrás dela e colocou-a na mesa entre eles. Sentou-se então do outro lado.

Sam serviu-se de mais uísque e, dessa vez, bebeu mais devagar, Começou a sentir-se melhor.

— Vai começar a produção de outro filme, signore?

— Vou.

— Com Marilu Barzini ?

Bem, não era só a lista de passageiros. Ela sabia.

— Sim, com Marilu Barzini.

— Ela é muito bonita e muito talentosa — disse a aeromoça.

— Fala como se a conhecesse de perto.

— Fizemos muitas viagens juntas. Ela era minha colega. Mas tinha muito mais determinação do que eu. E mais beleza também.

— Por que parou? — perguntou ele. — Você também é muito interessante.

— Muito obrigada, signore. Mas eu não podia fazer o que ela fez. Não podia viver de promessas. Este emprego me dava segurança.

— Passarei alguns dias hospedado no Excelsior. Vá falar comigo lá. Talvez não seja tarde demais.

— É muita bondade sua, Signore Benjamin. É possível que eu lhe vá fazer uma visita. Mas para uma carreira é tarde demais. Estou muito contente como estou.

Fez um gesto com as mãos e uma nota de cem dólares apareceu entre os seus dedos.

Ela olhou para a nota e perguntou:

— Para que isso?

— Contentamento — disse ele, empurrando a nota para ela. Depois, pegou a mão dela e levou-a por debaixo da mesa para o seu colo. — Eu disse que achava você bem interessante.

Ela fez menção de afastar a mão, mas ele a segurou com firmeza, enquanto desabotoava as calças e desembaraçava tudo. Sem ter outro jeito, a aeromoça começou a cooperar.

— É melhor ir pegar uma toalha antes — disse ele. — Eu sou rápido.

Dez minutos depois, estava de volta ao lugar dele e ferrado no sono. Só abriu

os olhos quando o avião pousou no aeroporto de Roma.

CAPÍTULO II

Sam fechou o script e largou-o em cima da mesa.

— Preciso de um drinque.

Charley Luongo, representante dele na Itália, tinha a bebida pronta quase antes que ele acabasse de falar.

— Que é que acha, chefe ? — perguntou ele ainda com sotaque de Brooklyn embora desde os dezesseis anos nunca mais tivesse estado na América do Norte.

— A coisa é forte, mas eu não sei — disse Sam.

— Não é o estilo comum dela, isso é indiscutível — disse Roger.

— De fato — murmurou Sam, tomando um gole.

Marilu Barzini tinha ganho fama aparecendo nua em filmes épicos italianos como Vesúvio. e Ícaro. Figurara depois em diversos filmes americanos como um símbolo de sexo. Mas não se satisfazia com isso e queria ser uma atriz. Para tanto, estava disposta a fazer sacrifícios. Reduzira o seu preço de 150 mil dólares por um filme a 15 mil neste, apenas para encontrar alguém que o quisesse fazer. A despeito disso, até Sam surgir não havia aparecido um só candidato. Ele sabia por quê.

O script era pessimista e sombrio. Talvez fosse grande. Mas não se podia absolutamente saber se seria um sucesso comercial ou outro filme como Cidade Aberta ou Ladrão de Bicicleta para ser exibido para públicos seletos e receber alguns louvores críticos.

— Talvez haja um meio de animarmos um pouco o filme — disse ele a Charley. — Talvez incluir um pouco de humorismo.

— Nada feito — disse Charley. — Ela está firmemente decidida a fazer o filme tal como está ai, sem alterações de qualquer espécie. E Pierangeli, o diretor, está de acordo com ela.

— Não é de admirar — disse Sam. — Pierangeli nunca fez um filme que tivesse sucesso de bilheteria.

— Mas ganhou todos os prêmios de festivais na Itália e na Europa — disse Charley.

— Magnífico! — exclamou Sam. — Ele que tente levantar dinheiro num banco baseado nesses prêmios.

— Que é que vai fazer? — perguntou Roger?

— Vou fazer o filme — disse Sam. — Não tenho outro jeito. Ganhe ou perca, vai ser um filme importante. Não sei como conseguiram isso, mas têm no

elenco os melhores artistas da Europa. Podemos tomar providências para não termos prejuízos.

— Tem algum plano? — perguntou Roger.

— Tenho uma idéia. Mas tudo depende da cooperação que eu tiver dela.

O telefone tocou e Charley atendeu. Cobriu então o bocal e disse:

— Estão lá embaixo.

— Diga que subam — disse Sam.

Foi para o quarto e fechou a porta. Entrou depois no banheiro e lavou o rosto. Enxugou-se e olhou-se no espelho. Havia rugas acentuadas de fadiga nos cantos dos olhos. Talvez, quando tudo aquilo estivesse acabado, ele pudesse dormir um pouco.

Como sempre, a simples beleza dela fê-lo parar quando voltou à sala. Prendeu o fôlego por um instante. Era demais. Nenhuma mulher podia ser tão bela assim. Mas ela era.

— Sam — disse ela numa voz quente, estendendo a mão e aproximando o rosto para que ele a beijasse.

Sam beijou-a e disse cheio de sinceridade:

— Chego a não acreditar que seja tão bela assim.

Ela sorriu. Estava habituada a ouvir elogios e a aceitá-los como coisa normal.

— Obrigada, Sam.

— Alô, Nickie — disse Sam.

Niccoli era o marido dela em toda a parte, exceto na Itália. Apertaram-se as mãos. Voltou-se para o terceiro homem e disse:

— É uma honra conhecê-lo, Signore Pierangeli.

O diretor assentiu timidamente. Falava muito pouco inglês.

— Signore Benjamin.

Marilu não perdeu tempo.

— Como é? Leu o script, Sam? Que foi que achou?

— Gostei. Mas não creio que dê resultado assim como está. Tenho algumas idéias que desejo apresentar-lhe. Se concordar, prosseguiremos.

— Não pode haver qualquer alteração, Sam — disse ela, imperiosamente.

Ele a olhou por um momento e, em seguida, encolheu os ombros.

— Se não podemos nem discutir os meus pensamentos, Marilu, não creio que haja muita probabilidade de chegarmos a um entendimento — dirigiu-se até à porta do quarto e abriu-a. — E isso significa que nunca fará o filme porque eu sou o único que acredita que você é bastante atriz para fazê-lo. E bastante atriz para ser a primeira estrangeira a ganhar o prêmio da Academia de Hollywood.

Entrou e fechou a porta. Sentia a testa banhada de suor. Entrou no banheiro e tornou a lavar o rosto. Gostaria de beber alguma coisa.

Bateram de leve na porta do quarto.

— Quem é?

— Posso entrar, Sam?

Era a voz de Nickie.

Sam tirou prontamente o paletó e jogou-o em cima de uma cadeira. Depois, desabotoou o colarinho e recostou-se na cama.

— Entre.

Nickie entrou no quarto. Era um homem esbelto, de boa aparência e, por mais estranho que fosse, um bom produtor. Não dependia de Marilu para os seus projetos. O que acontecia era justamente o contrário. Ele é que primeiro tinha visto o potencial que havia nela e a fizera passar de mais uma italiana bonita entre muitas à estrela que ela se tornara.

— Terá de compreender Marilu — disse ele com voz calma. — Ela é muito emotiva.

— Sei disso — murmurou Sam. — Mas deve lembrar-se de que eu estou exausto. Viajei seis mil quilômetros de avião e passei a noite sem dormir só para vê-la. Mas se não podemos nem discutir o assunto, não adianta nem começar.

Anos de lida com temperamentais tinham dado a Nickie uma paciência de Jó.

— Creio que ela gostaria de conversar com você agora — disse ele. — Já está arrependida da frase impensada.

— Talvez fosse melhor nos encontrarmos de novo depois que eu dormisse um pouco. Eu poderia então ter mais paciência.

— Se posso fazer uma sugestão, Sam, acho que deve encontrar-se com ela sem Pierangeli. Na ausência dele, ela será menos defensiva e mais disposta a conversar em condições racionais.

— Combine isso então, Nickie. Estaria à disposição da hora do coquetel em diante.

— Coquetéis e depois jantar — disse Nickie. — Ela estará aqui.

— E você?

— É melhor encontrarem-se os dois sem mais ninguém. O filme é seu e não meu.

— Mas não é você que vai ser o produtor ?

— Sim, mas como seu empregado. E é bom que Marilu compreenda imediatamente isso. Ficará sabendo que você é a autoridade suprema.

— Obrigado, Nickie. Isso é uma coisa que eu aprecio muito.

Nickie sorriu-lhe pela primeira vez.

— Não se preocupe, Sam. Vamos fazer um filme comercial. Nós dois tomaremos providências nesse sentido.

Apertaram-se as mãos e Nickie saiu. Sam estendeu-se na cama e dormiu quase no mesmo instante.

Nem sempre tinha sido assim. Ao adormecer, lembrou-se da primeira vez que tinha ido a Roma. Fazia quase quatro anos.

O vôo tinha sido horrível. Ficara na seção de turismo imprensado entre duas senhoras que falavam quase sem parar e passavam a cada instante uma para a outra pela frente dele pedaços de frutas e de bolos. Pensou horrores do senso de economia de Roger, que tinha feito as reservas de passagens para ele. Roger não compreendia a necessidade de se viajar de primeira classe. Afinal de contas, os vôos eram sempre tão rápidos.

Chegou debaixo de um calor sufocante numa manhã de agosto e o carro com chofer que devia esperá-lo no aeroporto nunca apareceu. Embarcou ensopado de suor num táxi que o levou ao Hotel Excelsior.

Um funcionário da recepção mostrou-lhe o quarto. Ficou desanimado. Era um quarto pequeno e escuro que dava para um pátio nos fundos.

— Deve haver engano — disse ele. — Pedi um apartamento.

— Não, signore — disse o empregado, mostrando-lhe a reserva. — Isto é o que foi pedido.

Mais uma de Roger, pensou Sam. Estava pronto a apostar que ele nem providenciara sobre um carro para ir esperá-lo.

— Está bem. Mas agora quero um apartamento.

Sam desceu para a recepção com o homem. O gerente foi categórico.

— Todos os apartamentos estão ocupados, signore.

Sam fez um gesto e uma nota de cem dólares apareceu-lhe na mão.

— Em todo caso — disse o gerente, — vou olhar de novo a carta, eccellenza. Talvez alguma coisa me tenha passado despercebida.

— Quero o melhor que tiver — disse Sam. — Tenho algumas importantes reuniões a realizar.

— Ah! Como eu pensava, o apartamento do Embaixador está vago. Mas é muito caro.

— Fico com ele.

— Muito bem, signore. Por quanto tempo vai ficar?

— Uma semana, talvez dez dias.

— O pagamento é adiantado.

Sam tirou o cartão do Diner's Club.

— Sinto muito, signore. Mas não aceitamos cartões de crédito.

Sam tirou o talão de cheques do bolso.

— Também não aceitamos cheques pessoais, a não ser que o crédito tenha sido estabelecido de antemão.

— Será que aceitam cheques de viagem? — perguntou Sam ironicamente.

O gerente não tomou conhecimento da ironia.

— Si, signore.

Sam colocou a pasta em cima do balcão. Abriu-a de modo que o homem visse a pilha de cheques de viagem que havia nela. Tirou um dos maços e fechou a pasta. Assinou-o rapidamente e passou-o ao homem.

— Mas o cheque é de mil dólares, eccellenza — disse o gerente. — E o apartamento é apenas...

— Está certo — disse Sam, interrompendo-o. — É o menor que tenho. Receba esse e me avise quando estiver esgotado.

— Si, eccellenza — disse o homem, quase partindo-se pelo meio na reverência que fez.

Levou pessoalmente Sam até ao apartamento e embolsou a nota de cem dólares com efusivos agradecimentos.

Sam pediu que levassem um bar para a sala e quando entrou no quarto já encontrou um criado abrindo as suas malas para pendurar-lhe as roupas. Estava satisfeito. Roger iria dar pulos de raiva quando visse quanto aquilo havia custado, mas ele teria de aprender.

Tirou as roupas suadas e entrou no chuveiro. Quando saiu, o telefone estava tocando.

E não parou de tocar enquanto ele esteve ali. O cheque de viagem de mil dólares tinha sido um bom investimento. E os cem dólares para o gerente também. Era melhor do que ser anunciado no noticiário das seis horas.

O primeiro telefonema foi de Charley Luongo.

CAPÍTULO III

Saiu do chuveiro e embrulhou-se no roupão de banho. O bar já estava na sala e ele se serviu de um scotch reforçado que levou para a janela.

Via-se dali a Embaixada americana e a Via Veneto quando esta fazia a curva

para a cidade velha. A bandeira americana de certo modo o reconfortou e ele ergueu o copo num brinde.

A campainha do telefone fê-lo voltar ao quarto.

— Alô?

— Sr. Benjamin? Quem fala é Charley Luongo.

O sotaque era inconfundivelmente de Brooklyn.

— Charley Luongo? Eu o conheço?

— Não. Sr. Benjamin. Mas eu o conheço. O senhor é um produtor americano que veio à Itália olhar alguns filmes.

— Está bem informado. Que deseja de mim ?

— Um emprego.

— Para fazer o quê?

— O que quiser. É só dizer. Posso ser intérprete, tradutor, chofer, guia, intermediário, secretário, até arranjador de mulheres. Tenho experiência. Dois anos como assistente de produção de Ben Hur, um ano no departamento de vendas e de publicidade da Columbia Pictures, dois anos de produção independente na Cinematográfica Italiana. Boas referências. Além disso, sou honesto. Não sou como esses guias daqui que o roubarão num instante, se por acaso tirar as mãos dos bolsos.

— Você não é italiano?

— Sou italiano, mas fui criado nos Estados Unidos. Vim para cá antes da guerra com meus pais. Tinha apenas dezesseis anos nessa ocasião. Fui recrutado para o Exército americano quando este invadiu a Itália.

— Está bem — disse Sam. — Gostaria de ver você.

Antes quase de Sam ter desligado, a campainha da porta tocou e ele chegou. Era alto e magro, de olhos castanhos, cabelos claros e um princípio de calva.

Apertaram-se as mãos e olharam um para o outro.

— Como foi que me descobriu? — perguntou Sam.

— O gerente do hotel é cunhado da moça com quem eu estou vivendo. Telefonou-me logo depois que o senhor chegou.

— Se é tão bom como diz, por que é que não está trabalhando?

— Os italianos pegam todos os bons empregos.

— Mas você disse que era italiano.

— E sou. Mas tenho passaporte americano. Meu pai era naturalizado.

— Bem, não sei...

— Por que não faz uma experiência durante uma semana? — perguntou Charley. — Depois, se não estiver satisfeito, cada um vai para seu lado. Não

peço muito. Trabalharei para o senhor por quarenta mil liras por semana.

Sam pensou. Não era muito. Cerca de oitenta dólares.

— OK.

— Muito obrigado, Sr. Benjamin — disse Charley com um sorriso.

O telefonou tocou. Charley atendeu sem a menor hesitação. Houve uma rápida conversa em italiano. Depois, ele cobriu o fone com a mão e voltou-se para Sam.

— Um produtor quer-lhe mostrar um filme.

— Qual é o filme?

— O título é Menina Louca.

— Vale a pena vê-lo?

— Não. Ele vem tentando impingi-lo sem resultado há quase dois anos. Ninguém até agora o quis.

— Diga-lhe que não estou interessado.

Charley disse mais algumas palavras ao telefone e desligou.

— Quem sabe se não o posso ajudar se souber o que é que o senhor está procurando ?

— Quero um grande filme épico em cores. Com muitos costumes e muitas mulheres nuas. Um filme que custe barato e com o qual eu possa fazer uma grande promoção nos Estados Unidos.

— Já sei o que é — disse Charley, — e acho que posso ajudá-lo. Conheço um camarada que tem 400 mil dólares num filme assim chamado Ícaro. É uma história sobre a lenda grega do homem que quis voar como as aves e cujas penas se derreteram ao sol. Tem tudo o que o senhor quer. E o produtor está duro. Aceitará qualquer coisa que o senhor oferecer.

— Já estou gostando do filme — disse Sam. — Fale com ele pelo telefone e combine uma exibição para mim.

Charley tirou um caderninho do bolso e colocou-o ao lado do telefone. Ligou para a telefonista e deu-lhe o número.

— Não quer um uísque ? — perguntou Sam.

— Não, muito obrigado — disse Charley, batendo no estômago — Tenho uma úlcera.

Sam riu e disse:

— Acho que você é americano mesmo.

E assim os dois começaram. Sam foi feliz porque Charley correspondeu inteiramente à expectativa. Compraram Ícaro por um bom preço e mais tarde fizeram uma transação igualmente boa com uma seqüela intitulada Asas de

Ícaro. Foi então que Sam lhe deu uma gratificação de mil dólares e aumentou o seu salário para 200 dólares por semana. Nomeou-o diretor-gerente da Companhia na Itália com um pequeno escritório perto da Via Veneto e Charley passou a ser-lhe inteiramente dedicado.

O quarto estava escuro e ele sentiu a mão no ombro. Abriu os olhos e sentou-se na cama.

— São quase oito horas — disse Charley. — Marilu deve chegar a qualquer momento.

— Ih, vou tomar uma chuveirada rápida — disse Sam, levantando-se da cama. — Reserve uma mesa para o jantar no Capriccio.

— Já pedi o jantar para ser servido aqui.

— Acha correto isso, Charley? Ela não é uma mulher qualquer.

— Ela é uma atriz italiana — disse Charley categoricamente.

— E Nickie?

— A idéia foi dele, não foi?

— Se ela chegar, converse com ela até eu me vestir — disse Sam, encaminhando-se para o banheiro.

— Está certo. Vou levar Roger para jantar fora comigo. Estaremos no Gigi Fazzi ali na esquina, se precisar de mim.

Marilu chegou uma hora depois e Sam já estava um pouco alto quando ela chegou. Tinha-se sentido nervoso como um adolescente. Mas havia tomado um uísque atrás do outro e o mundo inteiro acabara parecendo cor-de-rosa.

Quando bateram na porta, ele se levantou, meio incerto no seu equilíbrio. Charley abriu a porta e ela entrou.

Sam tornou a perder o fôlego e num instante a cabeça se desanuviou. O efeito dela sobre ele era incrível. A estonteante beleza e a feminilidade agressiva dela agiam sobre ele com uma dolorosa constrição nas vísceras.

Ela veio diretamente para ele e Sam a beijou, enchendo as narinas com o quente cheiro dela.

— Estou tão contente de que não tenha ficado zangado comigo, Sam.

Ele sorriu.

— Quem é que pode ficar zangado com uma mulher tão bela?

Ela retribuiu o sorriso.

— Sabe que está ficando muito italiano, Sam?

Foi até à mesa e exclamou:

— Champanha e caviar! — como uma criança, levou à boca uma colherada

de caviar. — Delicioso!

Ela não pareceu notar que Charley e Roger tinham saído. Ainda na mesa, serviu dois copos de champanha e estendeu um a Sam.

— Um brinde, Sam.

Ele pegou o copo, embora detestasse champanha ou qualquer espécie de vinho, e disse:

— Um brinde a quê?

— Ao filme que vamos fazer juntos.

Beberam. Depois, ela baixou o copo e disse, olhando para ele:

— Estou muito feliz.

— E eu também — disse ele.

O telefone tocou e ele atendeu. Tinha pedido uma ligação com Steve Gaunt no começo da tarde para Nova York e só naquele momento a ligação se completava.

— Vou falar no quarto — disse ele. — Dá licença?

Ela assentiu e ele entrou no quarto e pegou o telefone.

— Alô, Steve?

— Um momento, Sr. Benjamin — disse a voz da secretária. — Vou ligar para ele — houve um estalo e Steve começou a falar: — Como vai a pasta por aí, Sam?

— Não tive ainda tempo de provar. Telefonei para saber o que foi que achou do script.

— As Irmãs?

— Sim.

— O assunto é forte. Mas eu gosto. Só não compreendo bem é Marilu Barzini fazendo esse filme. Sei que nua ela é formidável, mas será capaz de representar?

Sam notou que a porta se movia levemente.

— Espere um instante — disse ele, colocando o fone em cima da cama.

Foi até à porta e abriu-a de repente. Marilu quase caiu dentro do quarto. Olhou-o com uma expressão de espanto.

Sam sorriu e, segurando-a pela mão, levou-a para o quarto com ele. Sentou-se na cama e pegou o telefone.

— Desculpe, Steve. Que era que você estava dizendo?

— Há alguém aí, Sam?

— Há, sim.

— Pode falar?

— Posso. Que acha de Marilu?

Colocou o fone de maneira que ela pudesse ouvir o que Steve dizia.

— Como eu estava dizendo, se ela for capaz de representar, há uma chance. Mas o script precisa ser melhorado. E ter um pouco de sexo de verdade e não apenas aquele simbolismo todo.

— Se eu produzir o que você quer, posso contar com você ?

— Agora, já, já, não posso, Sam. Carrego uma diretoria nas costas. Mas se você estiver com o filme pronto, a coisa será diferente.

— Quer assumir um compromisso comigo de 400 mil se eu lhe entregar o filme?

— O máximo a que eu me posso comprometer são 250, desde que o script seja aprovado por nós. É claro que tudo depende de vermos o filme pronto.

— E se eu lhe dissesse que acho que ela vai receber um prêmio da Academia pelo trabalho dela nesse filme?

— Ver para crer. Vai fazer o filme?

— Vou. Afinal de contas, não foi esse o conselho que você me deu? Para sair dos negócios shlock para alguma coisa respeitável?

Steve riu.

— OK, Pai Judeu. De uma maneira ou de outra, pode contar comigo.

— Por trezentos mil dólares.

— Está bem — disse Steve, rindo. — Trezentos mil. Felicidades. E dê nessa pequena que está com você uma por mim. Estou ouvindo a respiração dela pelo telefone. Adeus.

Sam desligou o telefone e se voltou para Marilu.

— Então?

— Com quem estava falando?

— Com o presidente de uma das maiores companhias americanas.

— Por que é que ninguém acredita que eu seja capaz de representar? — perguntou ela com raiva. — Todos só vêem em mim um corpo bonito.

— E que mal há nisso?

— Nada, mas têm de ver que há mais alguma coisa também. Veja as outras — Lollobrigida, Loren — estas são hoje apreciadas como boas atrizes também.

— O mesmo acontecerá com você. Depois que fizermos o filme.

A raiva dela desapareceu de repente.

— Acha mesmo, Sam?

Ele fez um sinal de assentimento.

— E acha que eu ganharei o prêmio da Academia?

Foi então que ele compreendeu que ela estava em suas mãos.

— Se você fizer o que eu lhe disser.

Ela caiu dramaticamente de joelhos diante dele.

— Farei tudo o que mandar, Sam! Você será meu mentor, meu guia!

Dizendo isso, escondeu o rosto no colo dele.

A reação dele foi tão pronta que até a ele surpreendeu. Ela o olhou com um sorriso malicioso e ele sentiu que estava todo vermelho.

— Eu também sou homem — murmurou ele.

— Eu sei — disse ela calmamente, desapertando-lhe o cinto. — Antes de qualquer coisa, vocês são homens.

CAPÍTULO IV

Tivera sempre grandes sonhos. E o primeiro era sobre sua altura. Tinha sempre nos sonhos quase dois metros de altura. Era magro, forte, de ombros largos, o tipo de homem para quem as mulheres olham e por quem suspiram. Não tardou muito a compreender que, por mais exercícios que fizesse, nunca teria mais do que o metro e sessenta e cinco que a hereditariedade lhe concedera. Foi então que resolveu que, desde que não poderia ter dois metros, agiria como se tivesse.

Felizmente a hereditariedade lhe dera também uma estrutura sólida e vigorosa, com a força de um jovem touro. Se não fosse isso, teria dado cabo dele antes que tivesse dezesseis anos. O bairro onde morava no Bronx não fechava os olhos para o seu tamanho quando tinha de ouvir as rudes coisas que ele dizia. Na época em que terminou o curso secundário, chegou à conclusão de que não podia derrotar todos os adversários do mundo e começou a controlar as suas palavras. Daí por diante, as coisas começaram a correr bem.

Formou-se pela Universidade Municipal de Nova York e, depois, pela Faculdade de Direito Foldham. Foi aprovado no exame de licenciamento do Estado de Nova York e, depois de passar dois anos trabalhando no escritório de advocacia de um primo, abandonou a profissão para sempre. Não ganhava dinheiro suficiente. Os pequenos casos que lhe chegavam às mãos não lhe interessavam e os grandes iam sempre cair na mesa dos advogados de renome.

Era em 1933 e a crise econômica flagelava o país. Considerou-se feliz em conseguir um lugar de assistente de gerente num cinema na Broadway, perto da Rua 137. Só conseguira o lugar com a promessa feita ao proprietário da pequena cadeia de cinemas, três ao todo, que prestaria à firma gratuitamente todos os

serviços de advocacia que fossem necessários. E tudo isso pelo magnífico salário de 22 dólares e meio por semana.

Em 1934, houve a greve dos operadores e toda a indústria entrou em agitação. O gerente do cinema saiu e Sam foi promovido. Passara a ser um grande homem. Trinta dólares por semana. E, curiosamente, gostava de seu trabalho Adorava filmes. Todos eles, bons ou maus. Via todos os que se exibiam no seu cinema, quase sempre mais de uma vez. E, então, começou a sonhar.

Foi assim na manhã em que saiu do subway na esquina. O dia estava quente e o calor fazia ferver as ruas da cidade.

Parou na esquina e olhou para o cinema. O que mais chamava a atenção era uma grande faixa abaixo da marquise e que dizia: "LÁ DENTRO ESTA MAIS FRESCO!"

Ao alto, em grandes letras brancas sobre fundo preto, anunciava-se o filme:

James Cagney Loretta Young
TAXI
Preço na matinê: 25 cents
Complementos selecionados

Atravessou a rua e parou na bilheteria.

— Bom dia, Marge.

— Bom dia, Sam — disse a bilheteira.

— Como é que vamos?

— Nada mau — disse ela, olhando para o seu talão. — Já vendi setenta entradas hoje. E os grevistas ainda não apareceram.

— Talvez esteja quente demais para eles.

— Sinto um pouco a falta deles. Nunca se esqueciam de ir comprar uma xícara de café para mim.

Ela tinha razão. Os piquetes de grevistas tinham-se tornado um fato comum e a porta do cinema parecia vazia sem eles com os seus cartazes pintados, brancos e vermelhos.

— Vou saber deles quando telefonar para o escritório — disse ele.

— Não demore muito, Sam. Estou aqui neste guichê desde as nove e meia da manhã e preciso de algum descanso.

— Voltarei dentro de um minuto.

O velho Eddie, o porteiro que recebia as entradas, sorriu para ele.

— Bom dia, Sr. Benjamin. Setenta entradas hoje.

A voz do velho estava tão contente quanto se ele fosse o dono do cinema.

— Bom dia, Eddie — disse ele, entrando. A penumbra fresca envolveu-o, misturada com as vozes que vinham da tela.

Olhou e parou, fascinado. Era a cena que preferia em todo o filme.

O judeu baixinho de longas barbas e chapéu de abas largas se aproximava do táxi parado junto ao passeio e perguntava em iídiche onde ficava a sinagoga.

James Cagney, o chofer, com o mapa da Irlanda estampado no rosto, virava-se e, num iídiche igualmente perfeito, ensinava-lhe o caminho. Um murmúrio de risos se elevou da platéia. Sam riu também.

Subiu então a escada que levava ao balcão. O escritório do gerente ficava num pequeno patamar no meio da escada. Abriu a porta e entrou.

O jovem com o rosto cheio de espinhas, que era primo do patrão e estava no lugar de assistente, olhou para ele.

— Bom dia, Sam.

— Bom dia, Eli. Alguma coisa importante na correspondência?

— Não. O mesmo de sempre. A propaganda do filme da semana que vem. Algumas contas. O geleiro telefonou dizendo que não entregará gelo amanhã se não pagarmos a conta. Disse que você telefonaria para lá logo que chegasse.

— Qual foi a quantidade que trouxeram hoje?

— Quatro blocos.

— Vamos precisar de mais gelo hoje se esse calor continuar assim. Desça e vá tomar o lugar de Marge. Vou já telefonar para o geleiro.

Pegou o telefone e falou com o gerente do depósito de gelo. Combinaram que mandariam mais dois blocos de gelo às quatro horas da tarde depois que ele prometeu pagar alguma coisa por conta.

Deixou o telefone e olhou o material de propaganda do filme da semana seguinte. Era uma produção da Metro e o material era muito bem feito. Era uma companhia que sempre trabalhava bem. Tinham tudo de bom, artistas, enredos, diretores. Folheou as páginas pensando em quantos cartazes e fotografias o escritório central lhe iria mandar. Eram sempre preteridos em acessórios de propaganda ainda que os arrendassem em vez de comprar como faziam os cinemas do centro. Ouviu a porta abrir-se e virou-se.

Era Marge. Olhou-o com o rosto cheio de censura e disse:

— Não se lembrou nem de telefonar ontem à noite.

— Já era tarde, Marge. Só consegui sair daqui à uma hora da madrugada e calculei que você estivesse dormindo.

— Disse a você que ia esperar.

Sentiu-se aborrecido com aquilo. Era o mal de ser gentil com as mulheres. Andava-se duas ou três vezes com elas e elas começavam a pensar que eram donas da gente.

— Estava muito cansado, — disse ele.

Ela fechou a porta cuidadosamente e perguntou:

— Ainda está cansado?

— Cansado assim não — disse ele com um sorriso.

Ela passou a chave na porta e se aproximou dele. Era uma mulher grande, quase uma cabeça mais alta do que ele. Gostava de mulheres grandes e ela era grande em tudo.

Levantou-se e ela caiu em seus braços. Encostou-se na mesa para que não ficasse mais alta do que ele quando se beijassem. Sam começou a desabotoar-lhe a blusa.

Ela deu um risinho breve, já segura de si mesma. Abriu prontamente a blusa e os grandes seios se projetaram, ainda presos no soutien. Lutou um pouco com o fecho e descobriu os seios. Com um grito quase de animal, mergulhou o rosto neles.

Ela lhe comprimia a cabeça de encontro ao corpo com uma mão, enquanto com a outra lhe abria o fecho-éclair. Ele saltou-lhe rígido na mão, fazendo com que ela sentisse todo o seu desejo.

— Tem alguma coisa aí para usar?

— Aqui? Não esperava...

Ela retirou imediatamente a mão como se tivesse tocado num ferro em brasa.

— É melhor parar então. Não posso me arriscar. Estou para ficar e esse é o tempo mais perigoso...

— Isso é que não! Não podemos parar agora. Eu não vou até o fim.

— Promete?

— Prometo.

— Não quero um filho — disse ela, tirando a saia. Parou então um momento e perguntou: — Onde é que vai ser ?

Tinha razão. Não havia no pequeno escritório nem espaço para que se estendessem no chão.

— Fique de costas — disse ele, colocando as mãos dela em cima da mesa, de modo que o corpo ficou meio curvado.

Deixou então as calças caírem aos tornozelos e a possuiu, passando-lhe os braços pelo corpo e a abraçando.

— Oh! Como é bom sentir você! — exclamou ela.

Ele a agarrou com força, quase com brutalidade. Embalou-se num mundo todo dele. Um mundo cheio, constituído daquela mulher enorme. Fechou os olhos.

A princípio, o ronco pareceu muito distante, quase como se fizesse parte da união deles. Houve então a explosão e a força os arremessou de encontro à parede do escritório, jogando-os depois no chão.

A mesa virou de pernas para o ar e a cadeira se lascou toda a um canto. Sam ficou um instante no chão, tentando recuperar o fôlego, com todo o peso da mulher sobre ele. Por fim, entrou em ação.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Acho que sim. Que foi que houve?

Sam compreendeu instintivamente o que havia acontecido, antes mesmo de ouvir os gritos do cinema. Empurrou-a para o lado e levantou-se, tratando de vestir as calças.

— Vista-se depressa, Marge. Acho que jogaram uma bomba no cinema.

Saiu do escritório e desceu a escada antes que ela pudesse dizer alguma coisa. Os vidros do fundo da entrada estavam todos despedaçados. O velho Eddie estava ao lado de uma porta meio pulada das dobradiças, com o sangue a escorrer de um corte na testa.

— Eu os vi, Sr. Benjamin! — exclamou o velho. — Jogaram a bomba de um carro preto que parou diante do cinema.

Sam olhou. A entrada estava toda destruída e quase intransitável de tantos cacos de vidro. O povo começou a sair em pânico do interior do cinema. Faziam pressão contra ele.

— Abra as portas laterais, Eddie — disse ele. — Calma, amigos. Não há mais motivo para pânico. Devolveremos o dinheiro das entradas.

As portas laterais foram abertas e a luz do dia entrou pelo cinema. Felizmente, não houve pânico. Os freqüentadores saíram em ordem. Sam foi para onde estava Eddie.

— Onde é que está Eli?

— Não o vi — respondeu o velho.

De repente, Sam teve uma impressão terrível. Atravessou a entrada passando por sobre os vidros quebrados. O rapaz ainda estava na bilheteria. Ou o que restava dele. Aparentemente, a bilheteria recebera o maior impacto da bomba.

Ouviu ao longe as sirenas dos bombeiros. Era pura sorte que não tivesse sido ele quem estivesse na bilheteria. Pura sorte de quem gostava de andar com mulheres.

CAPÍTULO V

Estava sentado constrangidamente na sala dos fundos da alfaiataria do pai no Bulevar Southern enquanto o velho fechava a casa, encerrando o trabalho. De vez em quando, o pai olhava para ele e sacudia a cabeça, murmurando: — Que é que eu vou dizer a sua mãe?

Tinha trinta e cinco anos de idade e os pais ainda conseguiam fazê-lo sentir-se como uma criança. Não importava que ele fosse assistente do gerente do Cinema Roxy no centro da cidade. Não importava também que o seu salário fosse de noventa dólares por semana, mais do que qualquer outra pessoa nas vizinhanças. Só importava era o seu último mishegoss.

O pai fechou a última porta e eles saíram para a rua.

— Abotoe o paletó — disse o pai. — Esse vento pode matar.

Sam olhou para o velho de corpo encurvado e abotoou o paletó. Seguiram pela rua em direção ao apartamento.

O pai parou de repente no meio da rua e perguntou:

— Eu disse alguma coisa quando você falou que não queria ser advogado depois de todo o dinheiro que gastamos com os seus estudos? Disse alguma coisa?

Sam sacudiu a cabeça.

— Quando sua mãe reclamou, não disse a ela que deixasse você em paz ? Não disse que você era um homem e devia procurar o caminho que mais lhe agradasse? Mesmo quando você foi trabalhar nessa coisa maluca, que é o tal cinema, eu disse alguma coisa? Disse apenas felicidades. Se é isso que ele quer fazer, felicidades.

Sam não respondeu.

— Quando você não se quis casar com a moça da família Greengrass, eu disse alguma coisa, mesmo quando o pai rico dela se comprometeu a lhe dar vinte mil dólares para você abrir seu escritório de advocacia? Não. Eu disse que um rapaz americano tem o direito de decidir por si mesmo com quem quer se casar. Desde que não leve para casa um shiksa, tudo está bem. Isto não é a nossa terra velha.

Sam continuou calado.

— Mas isso que você quer agora é demais! — exclamou ele. — Com isso não posso concordar. Agora não posso dizer a sua mãe que o deixe em paz. Isso é uma imbecilidade.

Já estavam no edifício do apartamento e entraram. A entrada estava cheia dos muitos cheiros da infância. Era noite de sexta-feira. Canja. Começaram a subir as escadas para o apartamento.

— Se você ainda fosse garoto, estava bem. Mas você não é obrigado a ir. Antes que a convocação o atinja, você já terá passado da idade.

— É justamente isso, Papai — disse Sam. — Se eu não for agora, será tarde demais. Não me aceitarão mais.

— E isso será por acaso uma tragédia? — perguntou o pai, parando num patamar e espetando-lhe o peito com o dedo para dar mais força às suas palavras. — Que é que você perderá com isso? Uma oportunidade de morrer de bala ou talvez coisa pior? Só porque lhe damos o nome de Samuel? Deixe a luta para os goyim. Eles são bons nisso. Fique em casa que é o seu lugar e trate de sua vida.

— Acontece, Papai, que isso não me é tão alheio quanto o senhor parece pensar. Sou judeu e tenho interesse direto nessa guerra. Se nós, judeus, não concorrermos para deter Hitler, quem mais vai fazer isso por nós?

— E seu emprego na Roxy? Como sabe que vão guardá-lo para você depois da guerra?

— Isso não tem importância, Papai. Eu já ia mesmo sair de lá.

Chegaram à porta do apartamento. O pai tirou a chave do bolso. Mas antes de abrir a porta perguntou:

— Isso significa que você terá de devolver o permanente do Roxy?

Sam sorriu. Se tudo tosse isso... A única coisa que a mãe tinha para se vangloriar diante das amigas era o direito de entrar no Roxy na hora que quisesse sem pagar nada.

— Acho que não, Papai. Vou tomar providências nesse sentido.

Sam queria guerra e encontrou. Não teve de esperar a chegada aos campos de batalha da Europa. A guerra começou para ele no seu terceiro dia de instrução básica em Forte Bragg.

Eram seis horas da manhã e eles já estavam formados sob a chuva miúda e enregelante do começo da primavera havia quase uma hora. Por fim, debandaram para o café. Todos começaram a correr sob a chuva para o refeitório. Quando já ia entrar, foi empurrado para o lado.

— Saia da frente, judeuzinho — disse uma voz ao ouvido dele. — Já chega termos de lutar sua guerra por você. Queremos entrar para tomar café.

Parou bloqueando a porta, e virou-se para ver quem tinha falado. Havia três soldados atrás dele. Reconheceu o ódio que brilhava nos rostos deles. Afinal de

contas, passara a vida no Bronx.

— Quem foi que disse isso? — perguntou com voz contida. Os três se olharam e o mais alto deles deu um passo à frente.

Disse então com uma voz carregada de desprezo:

— Fui eu, judeuzinho.

Nem acabou de falar. Sam não lhe deu a menor chance. Dobrou o joelho e atingiu os testículos do soldado. O homem deu um gemido e se curvou para a frente, com as mãos no meio do corpo. Sam fechou as mãos num martelo duplo e compacto e desceu-as com toda a força na cabeça do soldado, logo atrás do ouvido. O homem cambaleou para a frente e Sam tornou a usar o joelho, atingindo-o no peito. O soldado caiu na lama e ficou ali de rosto para cima, desacordado.

Tudo aconteceu com tanta rapidez que os outros ainda estavam olhando, sem ação. Sam voltou-se para eles:

— Alguém quer ainda fazer a guerra para mim?

— Por que é que essa fila está parada? — perguntou atrás uma voz cheia de autoridade.

Ficaram em posição de sentido quando um tenente se aproximou. Olhou para o soldado estendido no chão e perguntou:

— Que é que está havendo aqui?

Todos ficaram em silêncio, ainda em posição de sentido.

— À vontade — disse o tenente. — Que foi que aconteceu?

Ninguém respondeu. Ele se voltou para Sam.

— Você aí. Que foi?

— Escorregou no degrau, Tenente, e bateu com a cabeça.

Já então o soldado estendido no chão estava começando a mover-se. Os amigos trataram de ajudá-lo.

— Levem-no para o dispensário — disse o tenente. Acrescentou, olhando para Sam: — Como é seu nome, soldado?

— Benjamin, Tenente. Samuel Benjamin.

— Apresente-se a mim dentro de trinta minutos — disse ele, dando meia volta e afastando-se, antes que tivessem tempo de fazer continência.

Meia hora depois, Sam estava diante da mesa do tenente.

— À vontade, soldado.

Sam ficou em posição de descansar.

— Onde foi que aprendeu a lutar assim?

— Fui criado num bairro de gente muito difícil, Tenente.

O oficial olhou para os papéis em cima da mesa.

— Que é que está fazendo metido com essa gente? Por que não se candidatou ao Centro de Preparação de Oficiais? De acordo com todas as indicações de sua ficha, tem todas as qualificações para isso.

— Julguei que era a maneira mais rápida de lutar com os alemães.

— Você é um completo idiota — disse ele. Escreveu algumas notas num formulário que tinha à sua frente, carimbou-o e empurrou-o para perto de Sam. — Assine isso aí.

— Posso saber de que se trata, Tenente?

— Estou aprovando o seu pedido para ser transferido para a Preparação de Oficiais. Acha que vou mandá-lo para o meio daquela gente depois do que aconteceu? Você seria morto antes mesmo de ver o seu primeiro alemão.

Menos de duas horas depois, Sam saía do campo num ônibus. Sentia-se mais tranqüilo. Três dias no Exército já o haviam convencido. Ser pracinha não adiantava.

Pouco mais de três meses depois, chegou a casa em gozo de licença. Tinha nos ombros as insígnias de segundo-tenente e envergava uma farda feita sob medida.

A mãe olhou para ele e desatou a chorar.

— Que fizeram de você, meu pobre filho? Está tão magro de fazer pena.

Era só músculos; Pesava setenta quilos, o mínimo que tinha pesado desde os vinte anos. E o menos que sempre iria pesar pelo resto da vida.

Passou três anos na Europa e nunca viu um alemão, nunca levou uma arma e nunca deu um tiro. Em dado momento, descobriram que ele entendia de cinema e sabia fazer funcionar um projetor. E ele pesado desde os vinte anos. E o menos que sempre iria pesar pelo repousavam da luta e nas áreas de recreação.

CAPÍTULO VI

— Quer dizer que você agora é um herói — disse o pai passando umas calças a ferro. — E que é que adianta isso? Continua desempregado.

Sam olhou desconsoladamente para o pai e disse:

— Não sou herói.

— Com todas essas fitas na farda, você não pode deixar de ser um herói — disse o pai, de uma maneira que encerrava toda e qualquer discussão sobre o assunto.

Sam desistiu de explicar. Já havia dito vezes sem conta que aquelas fitas eram de serviço e indicavam apenas os diversos teatros da guerra: África do Norte, Inglaterra, Sicília, Itália, França.

— Primeiro, temos de fazer você voltar a ter cara de gente — disse o pai. — O seu aspecto está horrível.

— Basta que eu ponha o sono em dia, Papai.

— Isso você nunca vai conseguir enquanto continuar a sair todas as noites com essas shiksas. Pensa que eu não sei por que você não quer vir morar em casa, onde temos um quarto tão bom prontinho para você? Não, você prefere viver num quartinho no centro da cidade onde só vê da janela tráfego e barulho.

— Não é um quartinho, Papai. É um apartamento.

— Você chama aquilo de apartamento, eu chamo de cubículo — disse o pai. Olhou para o relógio e murmurou: — Aquele danado schwartzer. Onze horas já e ele ainda não chegou. Depois, eles se admiram de não parar nos empregos. Basta tratá-los bem e eles sujam logo tudo.

Foi até à porta, olhou para a rua e voltou dizendo:

— Nem sombra dele. Mas, afinal de contas, que é que você vai fazer ? Está desempregado, não quer seu velho emprego no Roxy, não vai viver em casa e está fazendo sua mãe sofrer. Já tem quase quarenta anos, não é mais um garoto. Que é que vai fazer?

— Estou cansado de trabalhar para os outros. Estou pensando em comprar um cinema para mim.

— Oh, um fluchenshiesserl Tenho agora como filho um figurão. Escute, figurão, onde é que vai arranjar o dinheiro ?

— Economizei alguma coisa — disse Sam.

— Tem algum dinheiro ? — perguntou o pai com voz incrédula. — Quanto mais ou menos?

— Uns dez mil dólares...

— Dez mil dólares? Onde foi que arranjou tanto dinheiro? Não fez nada que possa levá-lo à cadeia?

— Claro que não — disse Sam, sorrindo. — Apenas guardei o dinheiro de meu pagamento.

— Talvez você não seja tão idiota assim. E isso chega para comprar o cinema?

— Para o que eu tenho em vista, chega. Se precisar de mais alguma coisa, posso fazer um empréstimo.

O velho ficou em silêncio durante alguns instantes e, por fim, disse:

— Quer-me prometer uma coisa?

— Que é?

— Se tiver de tomar dinheiro emprestado, não procure os estranhos. Sua mãe e seu pai não são tão pobres que não possam ajudar o filho na hora da necessidade.

Saiu do cinema da Rua 42 e ficou debaixo da marquise olhando para a Oitava Avenida e para a Broadway. As luzes abundantes das numerosas marquises cintilavam como pedras preciosas coloridas. O cinema do qual saíra parecia pequeno e inferior em comparação com os outros do quarteirão.

O agente saiu passando as mãos no sobretudo, a fim de tirar a poeira que ficara nelas depois de fechar a porta.

— Só é preciso mesmo dar uma mão de tinta. Depois disso, poderá começar as suas atividades, Sr. Benjamin.

— Não sei... — murmurou Sam.

— Tudo mais está perfeito, pode crer — disse o agente. — Os projetores e o sistema de som estão em estado de novos. O antigo proprietário havia recondicionado tudo quando morreu de repente.

— Qual é a ordem?

— Quinto lugar. Como os outros cinemas da rua.

Ordem era o sistema que vigorava para determinar os cinemas que exibiriam os filmes em primeiro lugar. Mas, fosse qual fosse a ordem para o cinema, isso pouco lhe adiantava ali perto da Oitava Avenida. O trânsito começava na Broadway. Quando chegasse ali, o melhor da freqüência já teria sido retirada.

— Não — disse ele.

— É um grande erro de sua parte, Sr. Benjamin — disse o agente ansiosamente. — Não pode haver compra melhor. Se não fosse a infelicidade...

— Não é isso que eu estou procurando — disse Sam de maneira decisiva.

— Para o dinheiro que está disposto a gastar, deve estar querendo alguma coisa como o Bijou — disse o agente ironicamente.

O Bijou era o único cinema na Broadway. Ficava logo depois da esquina da Rua 42 e sempre tivera um grande movimento de bilheteria. Mas as suas despesas de manutenção eram altas demais para seu tamanho. Já levara à falência vários exibidores e naquele momento mesmo estava fechado.

— O Bijou está mais dentro do que eu quero. Que é que pode fazer quanto a ele.

— Nada que se aproxime do dinheiro de que está falando.

— Em quanto andaria tudo?

— De verdade?

— De verdade.

— Só o aluguel é cinco mil dólares por mês, com dois meses de depósito. Acrescente sete mil de contribuições para os sindicatos e três mil para a ligação da eletricidade. Com cinco mil do aluguel do primeiro mês, já lá vão vinte e cinco mil dólares. Há ainda os juros do penhor dos móveis e equipamentos e as despesas iniciais. Acho que com menos de cinqüenta mil dólares não deve nem pensar no caso.

Sam fez um balanço rápido. Juntando tudo, podia ter cerca de quinze mil dólares.

— Não se esqueça de que as despesas de pessoal andam em mil e quatrocentos dólares por semana e, desde que o cinema fica na Broadway, todos os distribuidores aumentam os preços e querem percentagens — acrescentou o agente.

— Podemos ir até lá dar uma espiada? — perguntou Sam.

— Acha que pode agüentar com as despesas?

— Só se pode saber depois de tentar, não é?

Tudo bem examinado, o total andava mais perto dos trinta e cinco mil dólares. Ainda assim, faltavam vinte mil dólares a Sam.

Sentou-se na cadeira atrás do balcão na alfaiataria do pai e os dois ficaram vendo o empregado negro que passava roupas a ferro.

— Disseme uma vez que não procurasse estranhos — disse ele ao pai. — Por isso, vim falar em primeiro lugar com o senhor.

— Quanto é que você precisa? — perguntou o pai.

— Vinte mil dólares.

— Acha que é um bom investimento?

— Estou botando no negócio tudo o que tenho, quinze mil dólares.

O pai ficou em silêncio por um momento. Foi então para detrás do balcão e abriu uma gaveta, de onde tirou um talão de cheques.

— De quanto é que você quer que eu faça o cheque, Sam?

Quase perdeu tudo antes mesmo de reabrir o cinema. As garantias exigidas para os seus filmes pelos principais distribuidores quase só garantiam uma coisa. Se ele tivesse o cinema com lotações esgotadas em todas as sessões iria à falência em vinte semanas. Qualquer freqüência abaixo disso apressaria o prazo da falência.

Estava no pequeno escritório além do hall de entrada examinando desanimadamente as contas. Tinha de chegar a uma decisão. Faltavam apenas dez dias para o princípio do mês e se ele não abrisse o cinema até essa data tudo iria por água abaixo.

Bateram na porta e ele levantou os olhos. Um homem louro alto e de boa aparência perguntou:

— Sr. Benjamin?

— Sim?

O homem entrou, tirou um cartão do bolso, colocou-o em cima da mesa e disse com um leve sotaque:

— Meu cartão.

Sam olhou. Tratava-se de Erling Solveg, da Svenska Filmindustri.

— Às suas ordens, Sr. Solveg. Que deseja?

— Represento a indústria de cinema da Suécia. Estamos procurando um cinema na Broadway para exibição de nossos filmes. Temos várias produções que consideramos dignas de sua atenção.

Sam estava quase à beira do desespero e disposto a tentar fosse o que fosse.

— Os filmes têm dublagem? — perguntou.

— Não. Têm letreiros.

— Nada feito. Os freqüentadores deste cinema nunca irão aceitar isso.

— Mas Burstyn e Mayer estão fazendo sucesso no Rialto com filmes italianos que também não são dublados.

— Cidade Aberta teve muito boas críticas na imprensa.

— Acreditamos que nossos filmes são tão importantes quanto os italianos.

— Desculpe — disse Sam. — Mas se não são dublados, não teremos nenhuma chance.

Solveg pensou um pouco e disse:

— Há uma chance. Temos um filme que mostra dois soldados americanos que falam inglês durante o filme todo. Mas o resto do elenco fala sueco e alemão.

— Os papéis dos americanos são bons?

— São os papéis principais. São dois soldados que fogem dos nazistas e se refugiam num campo nudista. Tudo é muito divertido e a cor é realmente ótima.

— Num campo nudista? — perguntou Sam com interesse.

— Sim, mas não há nada de canalha nem de ofensivo ao bom gosto. Gostaríamos de exibir-lhe o filme, se o senhor dispuser de tempo para isso.

— Já foi liberado pela censura?

— Já. Aprovaram o filme recomendando alguns pequenos cortes que já foram feitos e que não prejudicam absolutamente o filme. Estamos dispostos a oferecer-lhe boas condições, se o filme lhe agradar.

— Que condições são essas?

— Faremos uma contribuição de cinco mil dólares por semana para as despesas de publicidade durante um mínimo de dez semanas. O aluguel do filme será de 20% da bilheteria depois de deduzidas as despesas do cinema. Nunca menos do que isso.

— Quem é o distribuidor? — perguntou Sam.

— Ninguém. Ainda não tratamos disso.

— Pode tratar agora — disse Sam sem hesitação. — Dê-me os direitos americanos de distribuição e nós fechamos negócio com o filme.

— Não quer ver o filme primeiro? — perguntou Solveg, um tanto admirado.

— Só se fecharmos negócio — disse Sam. — Não há muito tempo a perder se tivermos de abrir o cinema dentro de dez dias.

Na noite da estréia, Sam se sentou com a mãe e o pai nos fundos do cinema. Na hora em que os dois soldados chegaram ao campo nudista, o público ria às gargalhadas. A mãe cobria os olhos com as mãos e espiava para a tela por entre os dedos entreabertos.

— Mas é tudo nacketaheit, Sam — disse ela.

— Não fale tanto, Mamãe — disse o pai, um pouco irritado. — Talvez aprenda alguma coisa.

— Aprender o quê? — perguntou ela. — São alle goyim.

Sam se levantou da cadeira e foi até à entrada. As filas que convergiam para a bilheteria se estendiam pela rua.

Sam olhou para o cartaz acima do guichê que marcava o preço da entrada em 1 dólar e 25 cents. Foi para o seu pequeno escritório e falou pelo telefone para a

bilheteria.

— Para a sessão das nove horas eleve o preço para 1 dólar e 75 cents — disse ele.

Depois, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. Era o seu primeiro sucesso.

CAPÍTULO VII

O porteiro telefonou da entrada:

— A Sra. Marxman quer falar com o senhor.

— Quem? Como é mesmo o nome?

— Sra. Marxman. Diz que tem encontro marcado às dez horas com o senhor.

— Ah, sim — disse Sam, lembrando-se. — Mande-a entrar.

Desligou o telefone e começou a arrumar os papéis em cima da mesa. Era a moça que o pai dele queria que ele visse depois que ele na noite de sexta-feira dissera durante o jantar que estava precisando de uma secretária.

O pai tinha limpado o rosto com o guardanapo e perguntara:

— Que espécie de secretária você quer?

— O senhor sabe como é. Uma moça que saiba fazer as coisas sem ser preciso falar duas vezes.

— Sei de uma que lhe serve.

— Sabe mesmo? — perguntou Sam desconfiado.

— Lembra-se de Cohen, o vendedor de galinhas ?

— Não...

— Durante a guerra, chegou a ser o maior negociante de galinhas no mercado negro do Bronx.

— É uma moça muito boa — disse a mãe, que nesse momento voltava para a mesa. — Ótima pessoa e muito instruída.

— Esperem um pouco — disse Sam. — Estou procurando uma secretária e não uma noiva.

— Ela também não está procurando noivo — apressou-se em dizer o pai. — Tem uma filhinha.

— É casada então?

— Não. É viúva. O marido dela foi morto durante a guerra. Soube que ela está pensando em voltar a trabalhar.

— Como foi que soube ?

— Roger, o irmão dela, é que me disse. Ele vai todos os meses receber o

aluguel da alfaiataria. O velho Cohen, pai dele, era o dono do prédio. Quando ele morreu, deixou tantas casas que Roger se dedicou ao negócio de imóveis. Está fazendo um bom dinheiro nisso.

— Por que é então que não dá um emprego à irmã? — perguntou Sam.

— Coisas de família, você sabe como é. Além disso, ela não precisa propriamente do dinheiro. O velho Cohen deixou os dois filhos muito bem.

— Por que então é que ela quer trabalhar?

— Deve estar-se sentindo aborrecida de ficar em casa o dia todo sem trabalhar. E que importância tem isso? Você não está precisando de uma secretária ? Fale com ela. Talvez ela lhe agrade para o serviço, talvez não. Além disso, prometi ao irmão dela que você a receberia.

— Ela é bem bonita — disse a mãe. — E bem alta também. Não quer mais um pouco de sopa?

Sam viu a mãe tornar a encher-lhe o prato. Sabia muito bem que se tratava de uma armadilha. Mas não tinha meio de fugir dela. Teria de ver a moça. Mas não passaria disso. Não a contrataria de modo algum. Não fora por falta de inteligência que conseguira o que já havia conseguido.

— Está muito bem, vou falar com ela. Digam-lhe que apareça no cinema na segunda-feira, às dez horas da manhã.

A primeira coisa em que pensou foi que os pais dele tinham razão num ponto. Era bonita, com alguns centímetros de altura mais do que ele, cabelos castanho-escuros e olhos azuis.

— Faça o favor de sentar-se — disse ele, indicando a cadeira diante de sua mesa.

— Obrigada — disse ela, mas continuou de pé.

Sam percebeu de repente que a cadeira estava cheia de papéis que ele ali deixara para examiná-los depois.

— Desculpe — disse ele.

Deu volta à mesa e tirou os papéis de cima da cadeira. Mas ficou com os mesmos nas mãos sem saber onde ia colocá-los.

Ela sorriu.

— Agora sei que meu irmão não estava mentindo. Ele disse que o senhor precisava mesmo de uma secretária.

— E preciso mesmo — disse ele, ainda com os papéis nas mãos. — Por que pensou que ele estivesse mentindo?

— Sabe muito bem como são as famílias judias. Pensam que ninguém deve

viver sozinho e vivem arranjando casamentos para a gente.

— Compreendo perfeitamente o que está dizendo — murmurou ele, desistindo por fim de encontrar um lugar para os papéis e jogando-os num canto da mesa, depois do que voltou a sentar-se. — Ouço a mesma coisa de meus pais noite e dia.

— Para dizer a verdade, pensei que se tratava de outro truque de Roger e não queria vir vê-lo.

Ele riu.

— Pensei que minha família estava empregando o mesmo truque comigo. Minha intenção era dizer-lhe que não servia para o lugar.

Ela riu também e Sam gostou do riso dela. Era quente sem o menor constrangimento. Sentou-se na cadeira e perguntou com uma voz absolutamente objetiva.

— Quais serão as funções de uma secretária sua, Sr. Benjamin?

— Nada excepcional. As coisas de costume. Bater a máquina, arquivar os papéis, saber em geral onde estão as coisas e em que pé andam os assuntos. Preciso de uma pessoa inteligente, que possa ser um pouco mais do que uma secretária, tomando conta de tudo enquanto eu não estiver presente.

— Parece interessante...

— E é. Tenho grandes planos. Não vou parar muito por aqui. Não vou ter apenas que administrar um cinema. Vou ser também distribuidor e vender filmes no mundo inteiro.

— Compreendo...

Ficaram em silêncio e ele olhou para ela. Gostava do vestido que ela usava. Era elegante e simples. Distraidamente, estendeu a mão para o charuto que estava no cinzeiro. Colocou-o na boca e viu que estava apagado. Jogou-o no cinzeiro, pegou outro charuto e perguntou: — O fumo não a incomoda?

— De modo algum.

— Quer um cigarro?

— Aceito, sim, Muito obrigado.

Sam começou a procurar um maço de cigarros que sabia com certeza que havia deixado ali.

— Pode deixar que eu tenho cigarros — disse ela. Tirou um maço da bolsa e colocou o cigarro nos lábios. Ele se curvou sobre a mesa a fim de acendê-lo.

Aceso o cigarro, ele voltou a recostar-se na cadeira. Ficaram alguns minutos em silêncio e, depois, começaram a falar ao mesmo tempo.

— Desculpe — disse ela.

— Não tem importância. Que é que ia dizer?

— Bem, só lhe posso dizer que se trata da espécie de trabalho que podia me interessar. Há alguma coisa que deseje saber a meu respeito para que possa chegar a uma decisão?

— Creio que sim. Já fez antes algum trabalho de escritório?

— Já. Depois que me diplomei pelo Colégio Hunter, trabalhei numa companhia de imóveis até me casar. Devo ter perdido a prática em taquigrafia e datilografia, mas acho que com pouco tempo isso estará corrigido.

— Quanto tempo esteve casada?

— Dois anos. Isto é, dois anos até meu marido morrer na guerra. Na realidade, tínhamos menos de um mês de casados quando ele partiu para o estrangeiro.

— Sinto muito — murmurou ele.

Houve uma longa pausa.

— Sabe que tenho uma filha?

Ele fez um gesto de assentimento.

— Ela tem três anos. Mas isso não será problema se eu começar a trabalhar. Tenho uma boa babá para ela.

— Não lhe posso pagar um salário que dê para isso. Estou ainda começando.

— O salário não tem a menor importância. Há mais alguma coisa que queria saber?

— Há — disse ele, olhando para ela.

— Que é?

— Seu nome.

Ela o olhou bem nos olhos e disse:

— Denise.

Dentro de duas semanas, ela começou a trabalhar para ele. Sam viu logo que tudo correria bem. Ela tomava conta de tudo, da escrita, da correspondência, das contas.

Os Fugitivos Nus, como Sam intitulara para exibição nos Estados Unidos o filme sueco, continuava a ter lotações esgotadas. A impressão que tinha era de que, se quisesse, poderia mantê-lo em cartaz durante um ano. E não tinha pressa alguma em tirá-lo. Não havia nada mais com possibilidade de tomar-lhe o lugar.

Começou a tratar da distribuição. Alguns dos principais distribuidores entraram em contato com ele para encarregarem-se do filme, mas apresentavam condições muito altas, dando-lhe a certeza de que não receberia mais do que a

pequena garantia mínima que eles ofereciam. Diziam todos que o sucesso na Broadway era uma ilusão e que fora de Nova York o filme cairia redondamente. Começou então a conferenciar com vários distribuidores nos Estados.

Eram em geral pequenas empresas mas em condições de promover filmes que seriam postos de lado pelos distribuidores principais. Mas também, na maioria dos casos, não iria ganhar muito dinheiro. Estudou várias fórmulas e no fim voltou à única que lhe tinha dado resultado.

Precisava era de distribuidores ou de sócios para financiar as companhias de publicidade. Seria necessário gastar algum dinheiro para chamar a atenção para o filme em vista da falta de artistas famosos que fossem êxitos de bilheteria. Passou duas semanas visitando as cidades principais do país. Eram as cidades que ofereciam as maiores possibilidades de receita, contribuindo em geral com oitenta por cento da renda bruta de um filme. Quando voltou para Nova York, trazia uma plano na cabeça. O que não tinha era o financiamento para executá-lo.

Começou a sentir-se de novo deprimido e frustrado. Era o mesmo por que já passara em outros tempos e que o tinha feito andar de ocupação em ocupação. Era o sentimento de estar esbarrando contra muros de pedra.

Procurou os bancos, mas nenhum deles se mostrou disposto a emprestar-lhe o dinheiro. De acordo com eles, não havia garantias suficientes nos direitos de distribuição de um filme, por melhor que este parecesse. Já tinham tido muitos prejuízos com propostas semelhantes.

Os agentes e as pessoas que cobravam juros altos estavam dispostos a uma participação limitada. Isso não bastava para que ele fizesse realmente o que queria. Esteve por um momento tentado em admiti-los como sócios, mas os altos juros que cobravam e os cinqüenta por cento dos lucros que queriam depois fizeram-no desistir.

Na realidade, o seu plano era simples. Tinha dez cinemas mais ou menos apalavrados com ele. Arrendariam a casa para exibição do filme. Ele daria a garantia de um lucro mínimo. O que passasse daí seria dividido numa base de cinqüenta por cento. As garantias e as despesas de publicidade andariam em três mil dólares por semana e por cinema. Tinha mil dólares por semana para os dez cinemas numa base de cinco semanas, que era o mínimo possível nos contratos, totalizariam 150 mil dólares.

Ele entraria com trinta mil, os pais lhe dariam de novo 20 mil, especialmente depois de terem recebido com tanta presteza o dinheiro que lhe haviam emprestado, e Solveg lhe prometera contribuir com 50 mil em nome da indústria

sueca. Ainda lhe faltavam, portanto, 50 mil dólares.

Empurrou para o lado os papéis que estavam em cima de sua mesa e olhou para o relógio. Eram quase oito horas da noite. Esfregou o rosto pensativamente. Devia logo fazer a barba e preparar-se. Combinara com Denise encontrar-se com ela para jantarem no Brass Rail. Havia lá uma boa sala de jantar no andar de cima e Denise fora para casa a fim de trocar de roupa. O telefone tocou.

Era Denise.

— Sam?

— Pronto.

— Escute, tive uma idéia. Está fazendo um tempo horrível com essa chuva toda. Para que ir jantar fora? Venha jantar descansada-mente aqui em casa. Tenho uns bifes ótimos que posso preparar para nós.

— Acho ótimo. A que horas você quer que eu esteja aí?

— Venha agora mesmo. Já está tudo pronto.

Estava sentado na sala do apartamento de Denise na Avenida West End, com um copo de bebida numa das mãos e um livro ilustrado para crianças de Branca de Neve na outra.

— Este aqui é Teimoso, Tio Sam ? — perguntou a pequena Myriam apontando uma das gravuras.

— Não, esse aí é Zangado.

— Dele eu não gosto — disse a menina.

Ele riu, deixou o copo numa mesinha e afagou a cabeça da menina.

— Ninguém gosta dele. É um anão muito mal-educado.

— Eu, não — disse Myriam. — Sou bem educada e todo o mundo gosta de mim.

— É claro.

A menina saiu do colo dele.

— Não saia daí, sim ? Vou buscar outro livro.

— Ficarei esperando — disse Sam.

Pegou de novo o copo e olhou o apartamento. Seus pais tinham razão. Ela não devia precisar do emprego. O aluguel de um apartamento como aquele era mais do que ele lhe pagava todas as semanas. A campainha da porta tocou.

— Quer ir ver quem é, Sam? — perguntou Denise da cozinha.

Ele abriu a porta. Era Roger, irmão de Denise. Entrou e apertou-lhe a mão.

— Só posso ficar alguns minutos. Denise me disse que você vinha jantar e eu passei por aqui para dizer alô.

Denise saiu da cozinha.

— Por que não fica também para jantar? A comida chega para todos nós.

— Não quero ser demais — disse Roger, olhando para Sam.

— Não pode ser demais — disse Sam.

— Prepare um uísque para você — disse Denise. — O jantar está quase pronto. Vou botar outro prato na mesa.

— Como vão as coisas, Sam? — perguntou Roger, tomando o primeiro gole.

— Otimamente. Continuamos a ter lotações esgotadas.

— É um bom filme. A cena de que eu mais gostei foi aquela em que os alemães não podem encontrar os soldados americanos porque todo o mundo está nu e querem que todos se vistam.

— É uma boa cena — disse Sam, sorrindo.

— Como vão os seus planos de distribuição ?

— Mais ou menos. É uma coisa que não pode ser feita da noite para o dia.

— Qual é o problema, Sam?

— Dinheiro, como sempre.

— De quanto você precisa?

Sam compreendeu tudo de repente. Roger não havia passado ali por acaso. Denise é que havia combinado tudo.

Mais tarde, depois que Roger saiu, estavam tomando mais uma xícara de café na sala e ele se voltou para ela.

— Você não devia ter feito isso.

— Mas quis fazer. Acredito em você.

Tudo aconteceu naturalmente. Inclinaram-se um para o outro e ela caiu nos braços dele. Beijaram-se. De repente, ele não se incomodou mais com o tamanho dele. Sentia-se alto.

— Por que em mim ? — perguntou ele. — Sou quinze anos mais velho do que você, sou baixo e gordo — apontou para um retrato do falecido marido dela. — Sou muito diferente dele.

— Você é um homem. Comparados com você todos os outros parecem garotos.

Viram um ruído na porta da sala. A menina estava ali, esfregando os olhos.

— Tive um sonho que me meteu medo, Mamãe.

Sam carregou Myriam nos braços e levou-a para o sofá entre eles.

— Agora, já passou — disse ele, consolando-a.

A menina olhou para a mãe e depois para ele, perguntando então:

— Você vai ser meu pai?

— Pergunte a sua mãe. Parece que ela já planejou tudo.

CAPÍTULO VIII

— Gostaria de que você comprasse algumas roupas novas — disse ela uma noite, quando se sentaram para o jantar.

— Para quê? Comprei todas as roupas de que precisava antes de nos casarmos. Chegam muito bem para mim.

— Servem muito para um turfista. Não para um homem de negócios vitorioso.

— O meu trabalho é no cinema, Denise. O pessoal de cinema não tem muito apuro no vestir.

— Se é o que você quer, se gosta de parecer baixo e gordo, está muito bem.

— Sou mesmo baixo e gordo — disse ele, encerrando o assunto.

Mas foi só o que ele pensou. Quando abriu o armário, exclamou:

— Que fim levaram minhas roupas?

— Não grite que isso não faz bem à saúde.

— E faz bem à saúde andar nu pela rua? Que foi que você fez com minhas roupas?

— Dei tudo ao Exército da Salvação.

Ele ficou tão atônito que não pôde dizer coisa alguma.

— Marquei hora para você no alfaiate — disse ela. Às dez horas. Irei com você.

— Está bem. Mas que é que eu vou usar?

— O terno com que você estava ontem.

Compraram meia dúzia de ternos. Todos do mesmo corte, três cinza, três azul-marinho. Ele não teve dúvida em reconhecer que lhe melhoravam a aparência. Os novos sapatos de salto reforçado também não lhe faziam mal algum.

Poucos dias depois, ela se virou da mesa que ocupava no escritório e esperou que ele acabasse de gritar pelo telefone com o gerente do cinema em Oklahoma City.

— Não é preciso gritar — disse ela calmamente. — Da maneira pela qual você grita, ele quase poderia ouvi-lo de lá sem ser preciso gastar o dinheiro do telefonema.

— Que é que você quer que eu faça? Aquele cachorro está querendo me roubar dois mil dólares!

— Você ainda está gritando, Sam. E eu estou pertinho de você.

— É claro que eu estou gritando. Estou zangado!

— Pode estar zangado da mesma maneira sem gritar. E merecerá maior respeito. Não é preciso gritar para que os outros o escutem. Você é um vitorioso, um homem importante. Será escutado ainda que fale num sussurro.

Ela saiu do escritório e ele a seguiu com os olhos até ela desaparecer pela porta. Era sempre esse o mal das mulheres. Viviam com a mania de modificar os outros. De qualquer maneira, talvez ela tivesse um pouco de razão. Como tivera no caso das roupas. Não fazia mal nenhum experimentar. Podia sempre voltar a dar gritos se não desse resultado.

Naquela noite, quando estavam deitados, ele disse:

— Acho que você tem razão.

— Em quê?

— A respeito de eu falar gritando. De fato, não há necessidade. Talvez fosse apenas um hábito, uma maneira de mostrar que eu era quem mandava.

Puxou-a para junto dele, mas ela recuou.

— Há mais uma coisa de que eu lhe quero falar.

— Não pode ficar para depois ? Agora eu quero você.

— É sobre isso mesmo que lhe quero falar, Sam. Depois, você pegará no sono.

Ela estendeu a mão, apagou o abajur e sentou-se na cama.

— Para que isso?

— Não lhe posso falar com a luz acesa e você olhando para mim.

— Se quiser, irei para a sala e nós falaremos pelo telefone.

— Deixe de brincadeiras. O que lhe vou dizer é muito sério.

— Não estou mais brincando. Diga-me logo.

— É justamente isso. Você está sempre tão impaciente, tão apressado.

— Que é que você está dizendo?

— Somos casados há quase seis semanas — disse ela em voz bem baixa. — E eu só senti alguma coisa duas vezes.

Houve uma nota de preocupação na voz dele.

— Por que não me falou antes? Talvez seja bom você ir consultar um médico. Pode ser que haja alguma coisa errada.

— Não há nada de errado, Sam. O que acontece... é que você está sempre muito apressado. Está com vontade, procura-me e satisfaz-se. Pega então no sono e eu passo metade da noite acordada pensando no que aconteceu.

— Não há nada em que pensar, Denise. Basta que você tenha o seu momento

um pouco antes.

— Não posso — disse ela tristemente. — Você terá de me dar um pouco mais de tempo.

— Isso é que não é possível. Você me conhece. Quando começo, nada mais me faz parar.

— Talvez desse resultado você pensar em outras coisas quando se sente excitado demais.

— Se eu pensar em outras coisas, perderei a vontade.

— Li numa revista que dava resultado a pessoa começar a contar. . .

— Não sei... Você tinha o mesmo problema com ele ?

— Nunca senti nada com ele... Antes que eu tivesse oportunidade de pensar nisso, ele foi para o exterior.

Sam ficou em silêncio.

— Não tive a menor intenção de aborrecê-lo, querido — disse ela, procurando-lhe a mão. — Amo você, tenha certeza disso.

— Também amo você. E quero ser para você o que deseja. Vou tentar.

Curvou-se sobre ela e beijou-a. Ela fez a cabeça dele descer para os seus seios e prendeu-a ali enquanto ele a enchia de beijos. Alguns segundos depois, estavam unidos.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Ótimo — murmurou ela, toda quente e estuante.

Ele a abraçou com mais força e ela começou a reagir.

— Estou quase chegando. Devo começar a contar?

— Sim, sim — respondeu ela sem poder controlar o que sentia.

— Um... Dois... Três... Quatro... Até onde tenho de ir?

— Até... onde puder.

— Cinco... Seis... Oh!... Sete... Oito... Não posso mais!... Nove... Oh, dez... Lá vai!

Ela o abraçava também fortemente, sentindo cada vez mais perto o clímax, até que o impulso dentro de ambos morreu completamente. Ficaram depois em silêncio e uma espécie de languidez caiu sobre ela. Sentiu a respiração dele no rosto e abriu os olhos.

— Foi melhor? — perguntou ele.

Ela fez um gesto afirmativo.

— Nunca sentiu assim com ele?

— Não, nunca.

Ele a olhou durante algum tempo e, afinal, perguntou com um sorriso:

— De outra vez, posso cantar? Nunca fui bom em matemática. . .

Quando Samuel Júnior nasceu, no fim do ano seguinte, estavam levando uma vida confortável. Entre o cinema e a companhia de distribuição, Sam estava ganhando perto de 50 mil dólares por ano e tinha ganho reputação no ramo pela sua habilidade comercial e por dedicar-se a uma espécie determinada de filmes. Eram quase sempre filmes com um tema fora do comum que, à primeira vista, pareciam não ter qualidades para serem promovidos, mas Sam sempre encontrava o ângulo e, na maioria das vezes, isso dava resultado. Só havia um problema. Nenhum desses filmes tinha um potencial de agrado junto ao público em geral para que pudessem competir livremente no mercado. E era nesse mercado que havia perspectivas de lucros realmente grandes. Havia no país dezessete mil cinemas e ele não conseguia exibir os seus filmes senão em algumas centenas. Seguia os seus próprios rumos e nem sequer dava parte de suas ambições a Denise, que naquele tempo vivia muito ocupada com os dois filhos. Estudou cuidadosamente o mercado durante muito tempo e, afinal, em 1955, resolveu dar o grande passo.

Passou o cinema adiante e se mudou para a companhia de distribuição em escritórios acanhados no Rockefeller Center. A televisão tinha lançado pânico em toda a indústria cinematográfica. As receitas caíam e muitos cinemas estavam ameaçados de fechar as portas através do país.

O seu raciocínio era simples. O que dera certo para ele em pequena escala não poderia deixar de ter o mesmo resultado num mercado maior. A promoção e a publicidade atrairiam o público para as bilheterias mais do que o próprio filme. Mas teria de ser uma espécie de filme. Tinha de ser um filme que atendesse ao público em geral, tanto aos velhos quanto aos moços. E tinha de ser um filme que se prestasse para o gênero de publicidade à velha moda que ele pretendia dar-lhe. E sabia também onde iria encontrar filmes assim. < A Itália. Os fabricantes italianos tinham-se aproveitado da filmagem que a Metro fizera ali da sua nova versão de Ben Hur. Tinham aproveitado os cenários e o material do filme e Sam sabia que tinham em andamento várias produções que podiam ajustar-se ao seu plano. Precisava apenas de dinheiro.

Denise convidou para jantar Roger e a nova esposa deste.

CAPÍTULO IX

Sam olhou para Roger quando este entrou em seu escritório. Roger colocou uma folha de papel diante dele.

— Aqui estão as últimas informações de Charley Luongo de Roma sobre o filme de Marilu Barzini. Que é que acha?

Sam encolheu os ombros.

— Isso é simplesmente um parecer dos contadores. Já sei de tudo isso há duas semanas.

— Por que não me disse nada? — perguntou Roger, aborrecido. Devia ter-se lembrado de que os contadores estavam sempre com duas semanas de atraso.

— Que era que eu ia dizer? — perguntou Sam. — No ponto em que estamos, não há outro jeito senão continuar.

— Apesar disso, podia ter falado comigo. Afinal de contas, sou seu sócio.

— Não quis preocupá-lo. Calculei que com Anne para ter o filho a qualquer momento, você já tinha preocupações suficientes.

— Preocupações suficientes? — perguntou Roger, irritado. — Pensa que eu sou uma criança? Pensa que não posso encarar a realidade de uma falência? Eu bem disse que nunca nos devíamos ter metido nesse maldito filme!

Sam olhou-o sem dizer nada.

— Você entendia do assunto — disse Roger ironicamente. — O filme ia ganhar todos os prêmios. Mas parece que o único prêmio que vamos ganhar é o banco dos réus no juízo de falências.

— Espere um pouco! — exclamou Sam. — O filme é ótimo. Mostrei a Steve Gaunt as duas primeiras partes e ele ficou entusiasmado.

— Ficou entusiasmado mas não soube que tivesse entrado com um centavo para ele.

— Você bem sabe que ele não pode fazer isso. Só depois que o filme estiver pronto.

— Você está sendo embrulhado, Sam! Será que não pode ver isso? Steve Gaunt é um homem frio como gelo. Já conheço a reputação dele. Usa todo mundo. Pensa que eu não conheço o tipo, o goy cordial, sempre com um sorriso no rosto, mas que, pelas costas, está sempre vendo qual é o momento melhor em que nos pode cravar a faca?

— Está bem, Roger — disse Sam calmamente. — Você está tão nervoso que eu compreendo sua explosão. Volte para a sua sala e acalme-se. Conversaremos

de novo quando você estiver com a cabeça descansada.

— Está descansada agora mesmo. Estou no meu juízo perfeito. Quero apenas meu dinheiro de volta. Se acha que tudo é tão bom assim, pode ficar com o resto.

— Não está falando a sério — disse Sam.

— Acha que não? Experimente e veja.

Sam arrumou os papéis em cima da mesa e pegou uma carta na qual estava grampeado um cheque. Passou-a às mãos de Roger.

— Isto é um cheque de 200 mil dólares dos Laboratórios Supercolor que me estão emprestando esse dinheiro em vista do acordo que fiz com eles para que preparassem e tirassem cópias do filme. Vou mandar isso para a Itália a fim de ser incluído na conta da produção. O resto é com você. Se ainda lhe convém assim, deixe o seu dinheiro. Mas se pensa que todo o mundo neste negócio é louco como você pensa que eu sou e que ninguém sabe o que está fazendo, saia e algum dia se arrependerá. Mas decida-se de uma vez. Pode botar esse cheque na conta da produção ou ficar com ele. Mas de qualquer maneira, faça o que fizer, não quero mais ouvir queixas suas.

— Se eu ficar com o cheque, que é que você vai fazer?

— Arranjei-me até aqui e continuarei a me arranjar.

Ambos sabiam que, para que Roger pusesse o cheque de novo em cima da mesa, bastava Sam pedir. Mas as coisas tinham ido longe demais para isso. Nunca pediria isso. Seria o mesmo que mendigar. E ele tinha o seu orgulho.

Compreendeu pela expressão no rosto de Denise quando voltou para casa naquela noite que ela já sabia. Não disse coisa alguma. Foi diretamente para o banheiro e começou a trocar de roupa. Vestiu uma camisa e slacks, calçou um par de chinelos e foi para a sala. O gelo e o uísque já estavam em cima da mesinha de café. Preparou um copo, ligou a televisão para ouvir o jornal das sete horas e sentou-se no sofá. Tomou um grande gole de uísque.

As crianças apareceram na sala como era seu costume depois que acabavam de jantar. Subiram para o sofá e beijaram-no.

— Alô, Papai.

Ele sorriu para elas.

— Alô, jantaram bem?

Myriam fez um gesto de assentimento. Júnior nem se deu ao trabalho de responder. Estava vendo televisão.

— Que é que está vendo, Papai? — perguntou Myriam.

— O jornal.

— Está na hora de Tesouros do Mar — disse Júnior. — Canal Dois.

— Podem ver depois das notícias.

— Mas assim só pegaremos o finzinho — disse Júnior.

Sam riu e passou a mão pelos cabelos do filho,

— OK. Vá ver na televisão de seu quarto, se quiser.

— Obrigado, Papai — disse Júnior e saiu no mesmo instante correndo.

— E você, Myrian ? Não vai ver também ?

— Não. Prefiro ficar com você.

Sam olhou para ela. Aquilo não era comum. Em geral, ela e o irmão saíam correndo logo que ele dava autorização. Ela se sentou no colo dele. Ficaram em silêncio durante alguns minutos. Quando apareceu um anúncio, ela o puxou pelo braço.

— Nós somos ricos, Papai?

Sam sorriu,

— Acho que não.

— Pobres então?

— Não somos pobres.

— Se não somos pobres, somos ricos.

— Bem, nunca pensei assim. Mas é uma maneira de encarar a questão.

— Somos tão ricos como o Tio Roger?

— Por que está perguntando isso?

— Tia Anne saiu daqui pouco antes de você chegar. Ela e Mamãe conversaram muito. Ela disse que Tio Roger tinha mais dinheiro do que nós.

— É verdade. Mas não há nenhum mal nisso.

— Ela disse também que Tio Roger já estava cansado de nos sustentar. Sempre pensei que era você que nos sustentava.

— E sou. Por isso é que saio todos os dias para trabalhar.

— Por que então Mamãe ficou chorando?

— Ficou chorando?

A menina teve a atenção atraída pelo aparelho de televisão. Sam voltou para ele o rosto dela.

— Quando foi que Mamãe chorou?

— Tia Anne disse que se você não procedesse bem com o Tio Roger, ele não lhe ia dar mais dinheiro. Nós então ficaríamos pobres porque você perderia tudo.

— Ela disse isso mesmo?

— Disse. Depois, saiu e Mamãe começou a chorar.

Sam ficou em silêncio por um momento. Tomou outro gole de uísque e olhou a televisão. Mas não se interessou. Anne não estava muito longe da verdade. Se

ele não pudesse conseguir o dinheiro para acabar o filme, poderiam ficar muito pobres, não da maneira pela qual os pais dele eram pobres nos seus tempos de garoto, mas pobres em comparação com o que tinham naquele momento.

— Posso ir ver Tesouros do Mar, Papai?

— Vá, sim.

— E não ficaremos pobres, Papai? Como aquelas crianças da Índia para quem fazemos coletas na escola? Aquelas crianças que passam fome e não têm roupa para vestir?

— Não se preocupe. Isso nunca vai acontecer.

— Felizmente — disse ela sorrindo. — Acho que não iria gostar muito.

— Você quase não comeu — disse ele quando se levantaram da mesa do jantar.

— Estava sem fome — disse Denise, indo com ele para a sala.

Ele ligou a televisão e_ olhou o balde de gelo.

— Não há mais gelo. Tudo se derreteu.

— Vou buscar mais — disse ela, pegando o balde de gelo e saindo da sala.

Ele mudou de canal até encontrar alguma coisa que lhe interessasse, sentou-se no sofá e ficou olhando. Ele serviu um pouco de uísque num copo e ficou esperando que ela voltasse com o gelo. Colocou vários cubos de gelo no copo e mexeu com os dedos.

— Que hábito mais feio esse seu — disse ela.

— Pois eu acho que dá mais gosto.

Ela se virou e olhou para a televisão.

— Outro western? Não se interessa por nada mais?

— Gosto de westerns.

— Vou-me deitar — disse ela e saiu da sala antes que ele tivesse tempo de dizer mais alguma coisa.

Sam ficou ali alguns segundos olhando a televisão. Depois, levantou-se e foi para o quarto com o copo ainda na mão.

— Muito bem — disse ele, fechando a porta. — Pode lavar o peito.

Ela se voltou do armário onde tinha acabado de pendurar o vestido e disse:

— Não gosto da maneira pela qual você vem procedendo. Não fala mais com ninguém. Faz tudo sem pensar em mais ninguém. Age como se fosse a única pessoa que sabe das coisas.

Ele tomou um gole de uísque.

— Você está muito mudado. Não sei o que foi que deu em você. Só sei é que

você nunca foi assim.

— Foi isso que seu irmão lhe disse?

— Não falei com Roger.

— Não, mas falou com Anne. Mas ele disse a ela o que lhe devia dizer.

— Anne pode ver as coisas sem ser preciso que ninguém lhe diga o que deve dizer. E eu também posso.

— Que é que você quer que eu faça?

— Telefone para Roger e explique-lhe as coisas. Ele está muito magoado, mas pode ser que lhe devolva o cheque.

— Não, Denise. Não tenho nada que explicar. Roger ficou com o cheque porque quis ficar. Não o forcei. Roger tinha razão. Eu é que estava errado. Mas não só agora. Sempre estive. Nunca devia ter querido um sócio. Não está de acordo com o meu temperamento. Tenho de agir por minha conta e risco. Foi por isso mesmo que me meti em negócios.

— Mas ele era seu sócio. Estava com todo o dinheiro dele empatado.

— Não está mais. Paguei tudo até o último centavo. Os duzentos mil dólares eram a parte dele na sociedade até começarmos a fazer o filme.

— Roger diz que Stephen Gaunt lhe virou a cabeça com uma porção de promessas.

— Roger tem é merda na cabeça! — exclamou ele, irritado pela primeira vez desde que tinham começado a conversar. — Stephen nunca me prometeu nada! Disse apenas que por enquanto está gostando do filme. Roger nunca devia ter saído do negócio de imóveis. É a única coisa de que ele entende.

— E o dinheiro? — perguntou ela. — Você precisa de dinheiro para acabar o filme.

— Darei um jeito de arranjar o dinheiro.

— Onde?

— Não sei. Mas arranjarei. E nas condições que eu quero. De hoje em diante, só quero um sócio, que é você.

Deixou o copo de uísque em cima da mesinha e se aproximou dela. Denise lhe caiu nos braços e ele encostou a cabeça dela em seu peito.

— Estou preocupada, Sam.

— E eu também. Mas converse com Myriam amanhã de manhã. Ela ouviu sua conversa com Anne e pensa que vamos ficar pobres. Não adianta ela ficar preocupada também.

— Ela nos ouviu?

— Ouviu, sim. Disseme que você tinha chorado. Pensou que nós poderíamos

ficar sem roupa para vestir e passar fome.

As lágrimas afloraram aos olhos de Denise.

— Pobre menina — disse ela, pegando um lenço de papel numa gaveta da cômoda. — Estou bem agora. E acho que preciso de um gole.

Voltaram para a sala e Sam preparou bebida para ambos. Sentaram-se no momento em que um novo programa começava na televisão.

— Meu Deus, outro western! — exclamou ela, levantando-se para mudar de canal.

— Não mude — disse ele. — Steve me falou nesse filme. É uma nova espécie de western. Psicológico. É um grande filme na opinião dele.

Ela viu o filme durante alguns minutos e voltou-se para o marido.

— Não vejo nada demais. É como qualquer outro filme de bang-bang. Cheio de tiros. Steve não sabe o que está dizendo.

Mas Sam nem a ouviu. Estava embebido no que lhe mostrava o aparelho de TV. Ela estava errada. Aquele filme era diferente, ele sabia que Steve tinha razão. Seria um filme de grande sucesso.

No fim do programa, ela lhe perguntou:

— Que é que você vai fazer, Sam?

— Bem, em primeiro lugar, vou à Itália a fim de ver por mim mesmo o filme e descobrir o que está exatamente acontecendo e exatamente quanto será necessário para chegarmos a concluí-lo. Talvez eu possa achar um meio de reduzir algumas despesas. Veremos.

— Veremos então o que vai acontecer — disse ele

Voltou-se para o aparelho para ver o momento culminante do filme. A pequena tela tinha um poder hipnótico todo seu. Transferia todos os problemas para outro mundo.

E de certa maneira foi muito bom. Porque no fim foi Stephen Gaunt quem encontrou a solução para ele.

CAPÍTULO X

O pequeno avião deu uma queda alarmante quando sobrevoavam as montanhas rumo ao pequeno aeroporto em Palermo. O piloto praguejou em italiano, enquanto ajustava o estabilizador. Depois, voltou-se e explicou alguma coisa rapidamente a Charley.

Charley fez um sinal de assentimento e voltou-se para Sam que estava sentado logo atrás dele.

— O piloto está pedindo desculpas. Diz que há muitos anos não pilota um avião destes e está um pouco destreinado. Agora, quase que só voa com Constellations. Mas diz que não se deve preocupar, porque, quando voltarmos para Roma amanhã, ele já terá um pouco mais de prática.

Sam ainda sentia o aperto no estômago e o leve gosto de bílis que a queda brusca do avião provocara.

— Que hora ele escolheu para dizer isso! Por mim, ele pode praticar quanto quiser, desde que seja sozinho e não quando estou dentro do avião.

O rádio disse alguma coisa e o piloto respondeu. Levou em seguida o avião numa ampla curva para o mar.

— Que é que há agora? — perguntou Sam nervosamente.

— Nada — respondeu Charley. — Tivemos autorização para pousar.

— E que é que ele vai fazer? Pousar num barco de pesca?

Charley riu e olhou pela janela. Era um dia de sol belíssimo e o mar estava de um azul calmo e límpido. Aqui e ali, as velas de alguns pequenos barcos passavam sob eles. À frente, Palermo estendia-se ao sol de verão. O avião passou entre duas montanhas e desceu para a pista.

Sam respirou satisfeito quando as rodas tocaram o chão. Rodaram então para o pequeno prédio do campo.

— O carro deve estar à espera para nos levar para o hotel — disse Charley. — Vai ter tempo de tomar um banho de chuveiro rápido antes de tomarmos o carro para a locação.

— Por que não podemos ir para lá diretamente daqui?

— Não adiantará nada. É hora de almoço e ninguém deve estar trabalhando.

A locação era numa aldeia das montanhas, a cerca de uma hora e meia de Palermo numa viagem de automóvel por uma estrada cheia de curvas. Atravessaram a praça da aldeia com a sua inevitável igreja e dentro em pouco estavam no local das filmagens.

Sam piscou os olhos. Um momento antes, tinha-se julgado em pleno século XVI, tão velhas pareciam as pessoas e as casas. E ali havia trailers muito maiores do que as casas da aldeia, lâmpadas enormes, geradores, refletores. No campo, diante dele, apontando para uma cabana, estava a grande câmara Mitchell, protegida do sol por uma cobertura preta.

O motorista parou o seu pequeno Fiat atrás de um dos caminhões. Bateu no painel de instrumentos do carro, como se lhe estivesse dando parabéns por ter chegado até ali e disse: — Va bene.

Sam saltou do carro e olhou em torno. Do outro lado da estrada, num campo, alguns homens estavam jogando bochas. Outros estavam deitados à sombra das árvores, alguns com os chapéus puxados para os olhos e dormindo. Os que estavam acordados olharam para ele com uma leve curiosidade. Mais do que isso teria sido um esforço excessivo naquele calor.

— Aquele trailer ali em frente é o de Nickie — disse Charley, encaminhando-se para lá.

Sam seguiu-o e os dois subiram a pequena escada. Lá dentro, estava meio escuro e fresco. Aquela primeira sala estava arrumada como um escritório, com duas mesinhas e uma máquina de escrever. Não se via ninguém.

Charley bateu na porta do segundo compartimento.

— Está acordado, Nickie?

Houve ruídos no outro compartimento. Um momento depois, uma moça apareceu, saindo de lá.

— Signore Luongo — disse ela. Dirigiu-se para uma das mesas, sentou-se diante da máquina de escrever e começou a pentear-se.

Um momento depois, Nickie apareceu. Estava usando slacks e uma camisa esporte, mas estava descalço e tinha os olhos sonolentos. Sorriu ao ver Sam.

— Sam! Que prazer inesperado!

— Resolvi vir até aqui para ver como vão as coisas.

— Estão indo bem. Com alguma lentidão talvez, mas estamos conseguindo um bom filme.

— O filme é bom — disse Sam, sem se referir ao atraso. Trataria disso depois. — Gostaria de fazer uma visita.

— Será um prazer — disse Nickie. Olhou para a moça e disse-lhe algumas palavras rápidas. Ela assentiu e começou a bater na máquina no momento em que eles saíam.

— Aquela é a cabana onde vivem as Irmãs — disse Nickie quando se encaminhavam para a câmara. — Tiramos o telhado para podermos filmar lá dentro. É uma verdadeira casa.

Sam olhou em torno. O jogo de bochas continuava do outro lado da estrada.

— Por que é que aqueles não estão trabalhando ?

— Estão esperando que o diretor os chame para a próxima filmagem.

— Que é que o está impedindo?

— Vou saber — disse Nickie.

Trocou algumas palavras com um dos homens que estavam sentados à sombra perto da câmara.

— Estão esperando que o sol esteja no ponto exato. Daqui a meia hora.

— E que diabo toda essa gente está fazendo aqui se é preciso esperar pelo sol?

— São necessários para compor as seqüências e para as filmagens noturnas. Pierangeli insiste nas filmagens reais sempre que é possível.

— Quanto filme foi para as latas hoje?

— Algumas cenas — respondeu Nickie.

— Quantos minutos?

— Talvez dois.

— E esta cena que vão filmar? Quanto tempo de exibição terá?

— Talvez um minuto, talvez menos.

— E só por isso estão esperando o sol? — perguntou Sam, exasperadamente. — Pensei que você fosse me proteger! O filme já está custando o dobro do orçamento. Onde está minha proteção?

— Tivemos contratempos, Sam — disse Nickie, nervosamente. — Chovia muito quando queríamos sol, fazia sol quando queríamos chuva...

— Por que diabo ele não filmou de acordo com o tempo que fazia em vez de esperar por ele?

— É assim que Pierangeli trabalha. Não posso modificá-lo. Ninguém pode.

— Gostaria de falar com ele.

— Está no trailer de Marilu. Estão ensaiando.

Pierangeli já havia deixado Marilu quando chegaram ao trailer. A criada dela recebeu-os. Disse que Marilu estava descansando.

— E vero, il Maestro e o Signore Ulrich, o ator alemão, ensaiaram com ela mais de uma hora e agora saíram para deixá-la descansar um pouco antes de recomeçarem a filmagem.

— Que diabo é que estão ensaiando para ela ficar tão cansada que tem de descansar? — perguntou Sam.

Charley lançou-lhe um olhar, mas ninguém respondeu, e eles voltaram para o set. Charley se aproximou de Sam e disse em voz baixa enquanto caminhavam:

— Pierangeli é realista.

— E daí?

— A cena que vão filmar é a que se passa depois que ela e o alemão estavam se amando nos campos dos fundos da casa e ela volta saciada e radiante para encontrar a irmã que a acusa de ter estado com o sujeito.

— Ainda não estou entendendo — disse Sam.

— Quer que lhe diga tudo com todas as palavras?

Sam arregalou os olhos.

— Quer dizer que o diretor exigiu mesmo que eles fizessem isso?

— Pierangeli acredita que a câmara deve mostrar na cara dela que ela acabou de fazer isso.

— E Nickie ? Com toda a certeza ele...

— Isso é apenas a bem do filme, por pura arte. Nada há nisso de pessoal...

— Vou contar isso a Denise um dia — murmurou Sam. — Mas aposto que ela não vai acreditar.

Os homens já estavam trabalhando quando chegaram ao set. O cameraman e os seus ajudantes já haviam tirado a cobertura preta e estavam atarefados com o ajustamento das lentes. Os homens do som estavam colocando os gravadores em posição. Outros homens estavam limpando o chão em frente à cabana, varrendo os pequenos degraus da entrada e lubrificando as dobradiças da porta para que não rangessem num momento inoportuno.

Sam olhou em torno e não viu Pierangeli.

— Onde está o diretor? _

Nickie apontou e Sam viu então Pierangeli sentado no chão, com as costas apoiadas no pequeno muro de pedra diante da casa. Tinha os joelhos levantados e a cabeça descansava nos braços cruzados sobre os joelhos. O chapéu preto de abas largas estava puxado para a frente, a fim de proteger-lhe o rosto do sol.

Sam se encaminhou para ele. Nickie o fez parar.

— Agora não — disse ele. — Il Maestro está procurando inspirar-se. Nós nunca o interrompemos antes de uma filmagem.

Sam ficou olhando. Cerca de cinco minutos depois, Pierangeli levantou a cabeça. Olhou para todos os homens como se fosse uma surpresa encontrá-los ali. Levantou-se então lentamente.

Foi até à câmara e olhou pelo visor. Disse alguma coisa ao cameraman e, deixando-o, foi até à porta diante da casa. Tornou a colocar no chão alguma terra que os ajudantes tinham varrido. Depois, olhou para o sol, apertando os olhos, e virou-se para olhar a sua sombra contra a casa. Aparentemente, tudo estava em ordem porque ele fez um sinal invisível ao caminhar de volta à câmara. Um apito foi tocado estridentemente.

— Silènzio! — gritou um assistente.

Um segundo depois, não se ouviu senão o leve zumbido de um motor, mas isso também morreu. Sem olhar em torno, Pierangeli levantou a mão.

— Avanti! — disse ele, numa voz calma, baixando rapidamente a mão.

A porta se abriu e a atriz que estava fazendo o papel da irmã mais moça saiu

da casa com um balde nas mãos. Jogou a água fora além dos degraus. Ia voltar para dentro da casa quando ouviu um som e levantou a vista para ver.

Sam seguiu a direção do olhar dela. Marilu estava entrando pelo portão do muro. Havia alguma coisa no jeito dela, na maneira pela qual andava com os quadris, as pernas, os seios balançando-se. Não era preciso dizer a ninguém. Todo o mundo sabia o que havia acontecido olhando para ela.

Sam olhou para o homem ao lado da câmara. Sob o chapéu de abas largas, só os olhos eram visíveis. E esses olhos observavam tudo, como uma câmara vê tudo.

Sam virou-se e fez um gesto para Charley. Atravessaram a estrada e se afastaram até ficar suficientemente longe da filmagem.

— Vamos voltar para Roma, Charley.

— Mas eu pensei que íamos passar a noite aqui.

— Não vai adiantar nada. Ele tem seu jeito próprio de trabalhar. Talvez seja lento, talvez eu não compreenda nada. Pode ser que custe alguns cents mais. Mas eles sabem o que estão fazendo e tudo valerá a pena.

CAPÍTULO XI

Num momento, ele estava sentado ali, sozinho na última fila da sala de projeção, com a luz refletida da tela lucilando sobre o seu rosto impassível. No momento seguinte, quando olharam, ele não estava mais ali.

Jack Savitt levantou cansadamente a mão.

— Pronto, rapazes.

O filme parou enquanto as luzes na sala se acendiam. Jack levantou-se. Jimmy Jordans, chefe da produção de TV da Transworld Films, olhou para ele.

— Que foi que aconteceu?

— Como é que eu posso saber?

— É um trabalho perfeitamente bom — disse Jordan. — Que foi o que o fez sair?

— Pode estar certo de que ele lhe dirá pessoalmente.

— Gastamos muito dinheiro nesse filme-piloto — disse Jordan.

— E Steve também — disse Jack. — Cem mil dólares não são brincadeira. Vou voltar para meu escritório. Telefonarei para você de lá.

Steve estava sentado no carro quando ele saiu do edifício. Jack se sentou em silêncio ao lado dele e ligou o motor.

— Vai para seu escritório?

Steve sacudiu a cabeça.

— Não. Chega por hoje. Leve-me para o hotel. Vou ver se durmo um pouco.

— Boa idéia. Tem trabalhado muito nestes últimos dois dias. Não vencerá o atraso sem descansar bem.

Jack deu partida no carro e dentro em pouco saía pelo portão do estúdio, tomando a entrada para Los Angeles. Tirou um cigarro do bolso e acendeu-o. Passou-o a Steve e acendeu outro para si.

— Tratantes! — disse Steve de repente.

— Que foi que disse?

— São uns tratantes! — exclamou Steve, furioso. — Prometem uma coisa e fazem outra. Mentem, enganam e roubam. Que é que os faz pensar que porque são uma grande companhia de filmes podem atamancar as coisas que fazem para nós? Se não fosse o nosso dinheiro todos eles estariam com as portas fechadas.

Jack saiu da Avenida Highland e virou à direita para o Bulevar Sunset, tomando o rumo de Beverly Hills.

— Eles têm os seus problemas — disse Jaçk. — A divisão de filmes está

sempre retendo o orçamento da divisão de TV.

— Isso é uma porção de mentiras — disse Steve. — Nós demos 100 mil dólares a eles para esse filme-piloto. Custou 150 mil dólares segundo os dados apresentados por eles. Isso compreende os 25% de despesas a mais que cobraram, o que significa que todo o dinheiro com que entraram não passou de 12.500 dólares. Agora querem convencer-nos de que gastaram muito dinheiro. Não admira que só nos dêem porcarias.

— Jimmy não é culpado — disse Jack. — É um bom homem e está fazendo tudo o que pode.

— Sei disso e não o estou culpando — disse Steve.

— Vão querer uma resposta sobre o filme.

— Podem ficar com ele. Não quero mais saber.

— Está jogando cem mil dólares fora.

— Não será a primeira vez.

Ficaram em silêncio até passarem por Sunset Plaza DrÍYe.

— Entre aqui — disse Steve de repente.

Jack fez uma curva fechada, ouvindo alguns impropérios do motorista que vinha logo atrás dele.

— Aonde é que quer ir?

— Vá seguindo.

Seguiram a estrada cheia de curvas durante alguns minutos até chegarem a outra pequena rua.

— Entre aqui.

A rua terminava sem saída cerca de trezentos metros depois, logo depois de um pequeno edifício de apartamentos.

— Pode parar aqui — disse Steve, indicando uma pequena área de estacionamento defronte do edifício.

Jack desligou o motor.

— E agora?

— Venha comigo — disse Steve, saindo do carro.

Jack seguiu-o através da área de estacionamento até a um portão de ferro que fechava uma entrada de carros oculta. Steve tirou a chave do bolso e abriu o portão. Subiu pela entrada de carros que se curvava de repente, mostrando a casa, quase debruçada sobre a estrada de onde tinham vindo. A entrada era nos fundos da casa. Steve tirou outra chave do bolso e abriu a porta.

Entraram no alto da casa e desceram um lance de escadas. No primeiro patamar, Steve apontou uma grande janela panorâmica aberta na parede interna.

— O quarto.

Apertou um botão e as luzes do quarto se acenderam. Através da janela, parecia um cenário de teatro. A enorme cama redonda ficava quase no centro do quarto. Steve abriu a porta e os dois entraram.

Jack olhou para ele.

— Não há janelas para fora?

Steve apontou para o teto apertando um botão ao lado da cama. Houve um som sibilante enquanto o teto se abria e a luz inundava o quarto. Apertou outro botão e o vidro que os separava do exterior se moveu para dentro da parede. No alto, o céu era de um belíssimo azul e já as primeiras estrelas da tarde apareciam nele.

— A cama gira também — disse Steve, apertando ainda outro botão. A cama começou a mover-se em direção a eles, ao mesmo tempo que uma tela de televisão descia de um compartimento no canto.

— Há três aparelhos — disse Steve. — Seja qual for a direção em que vire a cama.

— Que coisa! — exclamou Jack.

Steve acionou um computador principal e tudo começou a voltar para os seus lugares.

— Vamos.

Desceu para o andar principal, chegando a uma enorme sala. A casa era um chalé gigantesco com janelas que estavam a dez metros de altura. Tudo estava ali. A cozinha, habilmente escondida atrás do bar, a parte da mesa do jantar, o terraço cercado. Lá fora, no pequeno terraço, havia uma piscina oval de cerca de seis metros por três e meio, que parecia suspensa sobre a cidade. Lá embaixo, o trânsito rastejava pela Strip.

— Comprou esta casa?

— Mandei construí-la. Jack sacudiu a cabeça.

— Você é um homem cheio de surpresas. Nunca pensei em você como um homem de Hollywood Hills. Parece mais de Beverly ou Holmsby Hills ou até de Bel Air.

— É estilo de família — disse Steve. — Sou um tipo solitário.

— Vai desistir das mulheres? — perguntou Jack, rindo. __

— É essa a sua impressão?

— Claro que não. Você é moço e se casará de novo.

— Pode ser.

— Com toda a certeza, aqui não falta um bom stereo...

— Claro que não — disse Steve, apertando um botão. A música encheu de repente a casa. Parecia vir de toda a parte.

Jack levantou as mãos.

— Pronto! Você me conquistou! Vamos para a cama!

Steve riu e desligou a música.

— Você tem de fazer uma festa de inauguração da casa, Steve. Quando é que vai se mudar?

— Ainda vai levar algum tempo.

— Tudo parece no ponto para mim — disse Jack. — Que mais é preciso fazer?

— Nada mais — respondeu Steve, começando a subir as escadas. — Vamo-nos embora.

Quando voltaram ao carro e começaram a descer a ladeira, Jack olhou para ele.

— Quando é que acha que virá morar aqui?

— No devido tempo. Quem sabe? Um ano, cinco, dez. Meu emprego não durará para sempre. Nenhum emprego dura. Quando isso acontecer, virei morar aqui.

— E que irá fazer então ?

— Pensarei nisso quando chegar o momento. Gostou da casa?

— Fiquei louco por ela. Para mim, só tem um defeito.

— Qual é?

— Quando você vier morar nela, estará velho demais para gozá-la.

Jack entrou com o carro nos terrenos do Beverly Hills Hotel. Um boy o fez parar quando ele chegou à portaria.

— Telegrama, Sr. Savitt.

Jack deu-lhe uma gorjeta e se dirigiu para a mesa do porteiro. Recebeu o telegrama, leu-o rapidamente e fez uma careta.

— Diabo!

— Alguma coisa? — perguntou Steve.

— Seu amigo Sam Benjamin está em maus lençóis desta vez. Encheu a cidade de cheques sem fundos.

— Não sabia que ele estava em dificuldades.

— O filme da Barzini estourou o orçamento e ele ficou sem dinheiro. Acabo de receber notícia de que os Laboratórios Supercolor estão fazendo pressão sobre ele para receber um empréstimo de 200 mil dólares.

— Isso não o parece afligir muito — disse Steve.

— De fato, pouco me importa. Acho-o terrivelmente antipático e creio que há muito tempo ele merecia ficar nessa situação. Mas desculpe. Esqueci-me de que você gosta dele.

— Gosto, sim.

— Isso é que eu não compreendo. Ele não é um homem de seu tipo.

— Você também pensava que eu não era um tipo para viver em Hollywood Hills.

— Está bem — disse Jack. — Mas aqui entre nós, por quê?

— Talvez porque ele seja o único homem que não procura me adular. Ou talvez porque é um homem que sabe arrombar portas.

CAPÍTULO XII

Já passava das dez horas quando Denise fechou a porta depois que eles saíram. Passou o ferrolho de segurança e se encostou à porta, esgotada e exausta. Um momento depois, encaminhou-se para a sala.

Havia ainda algum gelo no balde. Talvez um uísque lhe restaurasse as energias. Botou gelo num copo e serviu um copo de uísque. Acrescentou um pouco de água, provou o uísque e ligou a televisão. Voltou ao sofá e jogou-se nele. O aparelho começou a funcionar, mas ela não o viu. Não era o mesmo sem Sam. Nada era o mesmo sem ele.

Durante todo o jantar, tinham tido o cuidado de não falar nele. Só no fim é que Roger o mencionara.

— Quando é que Sam vai voltar? — perguntara ele.

— Não sei — respondera ela. — Está tentando apressar o filme na parte dos cortes e da música.

— E tudo está correndo bem?

— Sam diz que sim.

— É o que sinceramente desejo — dissera Roger. — Pelo bem das crianças, se não houver outro motivo.

Foi Anne, sempre um pouco sem inteligência e sem tato, quem puxou o assunto que todos tinham cuidadosamente evitado.

— Onde está sua aliança, Denise?

Denise olhou automaticamente para o dedo nu. Tinha tido sempre muito orgulho do brilhante de dez quilates que Sam havia comprado para ela depois do sucesso de Ícaro. Raramente o tirava do dedo e muitas vezes chegava a dormir com ele.

— Está empenhado — disse ela. E acrescentou em desafio: — Juntamente com o relógio e o broche. Precisávamos do dinheiro.

— O dinheiro não podia durar muito — disse Roger. — E não durou.

— De que dinheiro dispõe você agora?

— Vamo-nos arranjando — e estavam-se arranjando mesmo, se era possível dizer isso de um atraso de dois meses no aluguel, das contas por pagar no açougue e no armazém. — Os pais de Sam têm mandado algum dinheiro de Miami.

A mãe e o pai dele tinham-se mudado para ali alguns anos antes, depois que ele vendera a alfaiataria e deixara de trabalhar.

Roger meteu a mão no bolso. Tirou um cheque do bolso e colocou-o em cima da mesa diante de Denise. Era feito em nome dela no valor de cem mil dólares.

— Para que isso? — perguntou ela com voz incerta.

— Você é minha irmã — disse ele. — Não gosto de vê-la passar necessidade.

Ela conteve as lágrimas que ameaçavam subir-lhe aos olhos e empurrou o cheque de novo para ele.

— Não.

— Por que não? Cobrirá os cheques de Sam e porá termo aos nossos problemas. Talvez então ele possa voltar para casa e não ficar escondendo-se na Itália.

— Se quer dar o dinheiro a Sam, terá de dá-lo diretamente a ele. Ele nunca me perdoaria se eu recebesse esse cheque de suas mãos.

— Você bem sabe que eu não posso falar com Sam — disse ele. — Não é preciso você dizer que eu lhe dei o dinheiro. Diga-lhe que foi o último pagamento da sua parte na herança de Papai.

— Não posso fazer isso, Roger. Nunca menti para ele e não vou começar agora.

— Não seja louca! — exclamou Anne.

— Cale-se! — disse Roger prontamente. Pegou o cheque e guardou-o no bolso. Olhou para o relógio. — Temos de sair agora. Está quase na hora da mamada do bebê.

Levantaram-se e ela foi levá-los até à porta. Esperou enquanto Anne vestia o casaco de vison.

— O jantar foi delicioso — disse Anne, beijando-lhe o rosto.

— Beije o bebê por mim — disse Denise. — Obrigada, Roger. De todo o coração.

— De nada. Por falar nisso, paguei o aluguel e as outras contas atrasadas. Não se preocupe mais com isso.

— Como foi que soube disso?

— Você se esquece de que o contador que trabalha para Sam trabalha também para mim.

O programa terminou e o último noticiário começou no momento em que o telefone tocou. Saiu correndo para o telefone. Não sabia notícias de Sam havia uma semana.

— Alô.

— Sr. Sam Benjamin, por favor — disse a telefonista. — Telefonema interurbano.

— O Sr. Benjamin não está. Quem fala é a Sra. Benjamin.

— Sabe em que número poderá ser encontrado? — perguntou a telefonista.

Outra voz se fez ouvir pelo fio, uma voz de homem. — Vou falar com a Sra. Benjamin. Alô, Denise, é Steve. Stephen Gaunt.

— Steve.

— Como vai ? E as crianças ?

— Estamos todos bem. Mas Sam não está aqui. Está na Itália.

— Sabe do telefone em que posso falar com ele? É muito importante.

— Ele está no Hotel Excelsior em Roma. Se não o encontrar lá, tente os Estúdios Cinecittà. É lá que estão cortando o filme.

— Como está indo?

— Sam diz que será um grande filme.

— Tenho certeza disso. Desde o princípio, gostei do projeto. É por isso que estou telefonando. Tenho um bom negócio para ele.

— Que bom! — disse ela.

Então a represa se rompeu e ela começou a chorar, contando tudo. A luta com Roger, falta de dinheiro, a luta para acabar o filme antes que os credores começassem a fazer pressão.

Ele escutou calmamente, deixando-a falar à vontade.

— Por que Sam não me telefonou quando começou a ter dificuldades? — perguntou ele.

— Não sei, Steve. Você conhece Sam. Foi o orgulho dele que o fez lutar com Roger. Talvez fosse isso. Talvez ele não quisesse que você soubesse dos problemas dele. Talvez não quisesse importuná-lo, sabendo que você luta também com os seus problemas.

— Mas foi uma tolice. Para que servem os amigos senão para se recorrer a eles nas horas difíceis?

Ela ficou em silêncio.

— De qualquer maneira, não se preocupe mais com isso a partir de agora — disse ele calmamente. — Tudo vai acabar bem.

Havia na voz dele uma tranqüilidade que lhe inspirou confiança.

— Sinto-me bem melhor agora, Steve. Desculpe que me tivesse descontrolado.

— Não fale nisso, Denise. O que quero saber agora é se você ainda faz brust flanken com rabanetes brancos.

— Claro — disse ela, achando graça na maneira pela qual ele pronunciava as palavras em iídiche.

— Ótimo — disse ele. — Telefonarei quando voltar a Nova York e você me convidará para jantar.

Ela desligou o telefone. Apagou a televisão e foi para o quarto. Steve tinha dito que tudo acabaria bem. E acabaria. Sabia disso. Sentia isso. Pela primeira vez em semanas, ela dormiu sem tomar um comprimido.

CAPÍTULO XIII

Os escritórios da Sinclair Broadcasting em Los Angeles ficavam no último andar de um novo edifício de vinte andares no Bulevar Wilshire em Beverly Hills. O gabinete de Steve ficava no canto sudeste do edifício, voltado para Hollywood e para o centro de Los Angeles. Quando Jack entrou ali na manhã seguinte, Steve estava de pé com uma xícara de café na mão, olhando para as janelas.

— Numa manhã clara pode-se ver o Monte Baldy daqui — disse Steve. — Fica a quase sessenta quilômetros de distância.

— Decerto — disse Jack. — Mas quantas manhãs claras há por aqui?

— Mais do que você pensa. O smog tem mais publicidade do que merece.

A voz de uma secretária fez-se ouvir no interfone na mesa de Steve.

— Estou com o Sr. Brachman, da Supercolor, na linha falando de Nova York, Sr. Gaunt.

— Pode ligar — disse Steve. Apertou um botão e pegou o telefone. — Bom dia, Ernie.

— Bom dia, para você, meu velho — disse Brachman. — Mas para nós, escravos, que estamos aqui em Nova York já é boa tarde.

— OK, escravo — disse Steve, rindo. — Escute, li o seu relatório anual. Vocês são os únicos na indústria que estão ganhando dinheiro. Não fazem outra coisa senão copiar filmes e arrecadar.

Brachman riu.

— Não nos estamos queixando. Mas que é que manda? O nosso serviço está em ordem?

— O serviço de vocês está ótimo — disse Steve. — Só queria um favor seu.

Havia uma nota de alívio na voz de Brachman, quando disse:

— O que quiser. É só dizer.

— Soube que está fazendo pressão sobre Sam Benjamin. Quero que pare com isso.

Houve um momento de silêncio.

— Não sei se isso será possível, Steve. O caso não está mais nas minhas mãos. Já o entreguei ao departamento jurídico.

— Você é presidente da Supercolor ou não é? Nada deixa de estar nas suas mãos.

— Espere um pouco, Steve. Sou exatamente como você. Tenho de prestar contas aos acionistas. Emprestamos 200 mil dólares a Benjamin pelo filme, e ele empregou o dinheiro para pagar ao cunhado. Se nada fizermos, poderemos perder o filme para outros credores e ficaríamos no ora veja.

— Não me venha com histórias, Ernie. Você emprestou o dinheiro a Benjamin para assegurar o serviço de cópia para sua empresa. Não foi por outro motivo. E pouco lhe interessa o que ele fez com o dinheiro.

— Decerto. Mas só no caso de que tudo corresse bem e não houvesse problemas. Mas temos também o direito a um penhor sobre o filme para nossa proteção.

A voz de Steve ainda estava calma mas havia nela uma ponta de aço.

— Quem são os seus maiores fregueses, Ernie?

— São vocês.

A resposta foi dada sem hesitação. Era verdade e ambos sabiam disso. Supercolor fazia todas as cópias dos programas filmados da Sinclair.

— E nós nunca lhe pedimos um centavo por empréstimo ou de adiantamento, não é mesmo?

— Sem dúvida, mas...

Steve interrompeu-o, com a voz enganosamente calma.

— Dentro em breve, teremos em estudo o contrato do ano que vem. Como de costume, Technicolor, Deluxe e Pathé apresentarão as suas propostas. Como

sempre, você oferecerá preços mais ou menos iguais aos deles. Terei de apresentar as propostas à minha diretoria com o meu parecer.

Brachman se descontrolou, mas com classe.

— Muito bem, Steve. Você queria um favor e já o obteve. Eu lhe disse que bastava você dizer. Só espero é que isso não venha a nos prejudicar.

— Você não terá prejuízo, Ernie. O filme é grande. E muito obrigado por tudo.

Desligou e voltou-se para Jack. O agente o olhou cheio de espanto.

— Perdeu o juízo, Steve? Acaba de meter o pescoço na forca. Ernie Brachman não é flor que se cheire e, se perder dinheiro neste caso, não hesitará em ir procurar Sinclair e dizer que você se valeu do seu cargo para fazer pressão sobre ele.

— Cabe então a nós providenciar para que ele não perca dinheiro, não é mesmo?

Jack não teve mais o que dizer. Um momento depois, levantou-se.

— Você tem alguma coisa mais forte do que café aqui? Estou precisando de um drinque.

Steve apontou o bar. Enquanto Jack se servia de uma dose de uísque, Steve tornou a encher a sua xícara de café. Jack bebeu o uísque e voltou para junto da mesa.

— É má política ficar tão inquieto como você está, assim tão cedo — disse Steve.

— Está bem. Tenho o palpite de que você ainda não acabou com essa sua extravagância hoje. Vamos saber qual é o resto.

Steve sorriu e disse:

— Os seus palpites costumam ser absolutamente certos. Você ganhou um novo cliente.

— Sério? Posso saber quem é?

— Sam Benjamin. E você vai tratar da distribuição do filme dele.

— Como é que posso fazer isso se ele tem a sua companhia de distribuição ?

— Não é a distribuição interna. Você vai vender os direitos de distribuição no estrangeiro.

— Quer dizer que ele não tem qualquer negócio entabulado para a distribuição do filme no estrangeiro?

— Sei que não tem. O negócio para a TV está fechado comigo e todos os contratos de distribuição dele têm de ser feitos por nosso intermédio.

— Um filme como o que ele está fazendo deve dar mais dinheiro no

estrangeiro do que aqui. Os estrangeiros gostam de filmes assim.

— Já está entendendo as coisas, Jack. Mas quero dinheiro grosso.

— Que é que você chama dinheiro grosso neste caso?

— Meio milhão de dólares ou mais.

— Vai ser difícil. Só os grandes distribuidores podem ter tanto dinheiro. E nunca pagam tanto assim pelos direitos de distribuição no estrangeiro.

— A Trans-World pagará — disse Steve.

Era uma hora da madrugada e Sam estava sentado na cadeira, olhando pela janela para a fachada iluminada da Embaixada americana do outro lado da rua. Pegou o copo de champanha na mesa ao lado dele e se voltou para a sala.

— Bebam — disse ele. — Há mais quatro garrafas.

As pequenas sentadas no sofá riram. Sam olhou para Charley.

— O que menos você podia fazer era trazer algumas mulheres que falassem inglês. Diga-lhes o que eu acabei de dizer.

Charley começou a falar em italiano, mas ele o interrompeu.

— Não, espere. Tenho uma idéia melhor.

Aproximou-se com passos incertos do sofá. Olhou para as pequenas e disse:

— Diga que a primeira delas que conseguir me levantar ganhará uma garrafa de champanha.

As pequenas tornaram a rir e ele se voltou para Charley.

— Tem certeza de que elas não falam inglês?

Charley falou rapidamente com as pequenas, que lhe responderam com muita vivacidade. Ele olhou para Sam.

— Elas dizem que não são prostitutas. São atrizes e querem ser tratadas com respeito.

— Bote-as para fora! — disse Sam. Voltou para a cadeira ao lado da janela e pegou o copo de champanha. Tornou a fazer uma careta. — Diabo! Será que não há mais nem um gota de uísque aqui?

— Não — disse Charley. — E eu não posso conseguir nada. O nosso crédito foi cortado hoje de manhã.

— E não vão ficar nisso. Amanhã vão me cortar é a cabeça! — Tomou outro gole de champanha e exclamou: — Que porcaria! Não se pode ter nem uma bebida decente neste pishchs. Se algum dia eu tiver dinheiro de novo, vou tomar a resolução de não beber senão scotch pelo resto de minha vida. Sem gelo, sem água, sem coisa alguma. Uísque puro. Ao menos, quando eu quiser ficar bêbado, posso ter confiança no que estou bebendo.

Levantou-se da cadeira e voltou para onde estavam as pequenas.

— Ouvi dizer que vocês tomam banho com Coca-Cola. Por que não experimentam Dom Perignon 1955? É o que pode haver de melhor.

As pequenas riram. Uma delas disse alguma coisa a Charley e este riu.

— Que foi que ela disse? — perguntou Sam.

— Ela disse que estamos perdendo tempo aqui. Por que não vamos logo para a cama?

— Estou de acordo — disse Sam. — Mas, se elas pensam que estão perdendo tempo aqui, não sabem nem o que vai acontecer quando formos para o quarto. Aí vão saber o que é mesmo perder tempo. Do jeito que eu estou, não conseguirão me levantar nem com um guindaste.

Charley disse alguma coisa às pequenas e elas se levantaram e foram para o quarto.

— Podem começar — gritou-lhes Sam. — Não esperem por mim.

Depois que elas fecharam a porta do quarto, Sam voltou-se para Charley.

— Alguma vez lhe prometi que seu emprego seria vitalício?

Charley sacudiu a cabeça e disse:

— Calma, chefe. Qualquer coisa pode ainda acontecer.

— Claro — disse Sam. — E eu sei exatamente o que vai acontecer. Escute, como é que se pode sair de um apartamento como este sem pagar?

Charley não respondeu.

— Vamos — disse Sam, pegando uma garrafa de champanha e encaminhando-se para o quarto. Chegando à porta, voltou-se para Charley: — Então?

Charley se aproximou em passos lentos. Sam abriu a porta e parou de repente.

— Que diabo! — exclamou ele. — Você não disse que elas não sabiam inglês? Pois começaram sem esperar a gente!

Charley olhou para dentro do quarto e viu duas pequenas nuas na cama abraçadas uma com a outra, numa mistura louca de braços e de pernas.

Sam voltou-se para Charley e disse solenemente.

— Parece que as duas se gostam.

— É o que parece — murmurou Charley.

— Acho que não devemos perturbá-las — disse Sam, fechando a porta. O telefone começou a tocar quando voltaram à sala. — Quem será?

Charley pegou o telefone.

— Pronto — ouviu o que lhe dizia a telefonista e voltou-se para Sam. — Um

tal Jack Savitt está telefonando de Los Angeles.

— Ele que vá para o inferno! — exclamou Sam. — Diga que eu não estou. Com certeza descobriu que alguns dos cheques que eu dei aos clientes dele não tinham fundos.

Charley voltou a falar, mas foi interrompido. Escutou em silêncio e tornou a falar com Sam.

— Ele diz que tem um negócio a fechar com o senhor sobre o filme.

— Dê-me esse telefone. Que é que está esperando? — quase lhe arrancou o fone da mão. — Alô, Jack! Que é que há?

Escutou e o suor começou a brotar-lhe na fronte. Tirou um lenço e enxugou-a. Um momento depois, murmurou:

— Está bem, está bem... Adeus.

Desligou e virou-se para Charley. De repente, agarrou-o pela cintura e levantou-o nos braços.

— Você tinha razão, grande patife! Tinha toda a razão, bandido!

— Largue-me! — gritou Charley. — Está louco ? Quer ficar com uma hérnia?

Os gritos fizeram as pequenas nuas chegarem à porta do quarto.

Ficaram ali olhando para eles. Sam pegou duas garrafas de champanha e deu uma a cada uma das pequenas.

— Guardem para seus amantes! — disse ele, empurrando-as de novo para dentro do quarto e fechando a porta.

— Vamos, Charley! Vamos sair daqui e procurar um bar onde haja uísque de verdade para festejar!

— Festejar o quê? Que é que estamos festejando?

— Fomos salvo pelo gongo, Charley! Jack Savitt vai chegar aqui depois de amanhã em companhia do presidente e o gerente de vendas internacionais da Trans-World. Querem fazer um contrato sobre os direitos de distribuição do nosso filme no estrangeiro!

CAPÍTULO XIV

— Brust flanken! — exclamou Sam, olhando para a mesa, aborrecido. — Denise, o mínimo que você pode fazer quando eu trouxer alguém para jantar é um bife bem suculento. Isto é prato para parentes.

Denise sorriu.

— Foi o que Steve pediu.

— Você não deve estar no seu juízo perfeito, Steve. Isso dá azia só de olhar!

Steve riu.

— Mas eu gosto. Posso ter um bife em qualquer lugar dos Estados Unidos, mas brust flanken como este só posso encontrar aqui.

— Você não sabe nem pronunciar o nome direito e mesmo assim gosta ?

Apesar das suas reclamações, Sam comeu mais do que qualquer pessoa na mesa. Quando o jantar terminou, levantou-se e disse a Denise.

— Não estava mau.

Steve riu para ela e Denise retribuiu o sorriso.

— Por que não vão conversar na sala de estar? — disse ela. — Vou ajudar Mamie a tirar a mesa.

Sam preparou dois drinques e deu um copo a Steve.

— Viu as críticas? — perguntou ele, cheio de orgulho.

— Ótimas, Sam. Growter chegou a dizer que se tratava melhor filme dos últimos dez anos.

— Para ele dizer isso, é preciso que o filme tenha mesmo algum valor — disse Sam. — As filas estão dando volta ao quarteirão aqui desde que o cinema se abre até a última sessão. Em Los Angeles é a mesma coisa.

— Quando é que o vai liberar para distribuição geral ?

— Não tenho pressa. Vou esperar as indicações para a Academia. Enquanto isso, deixarei o filme criar fama. Ninguém pode dizer que eu não sei tirar o máximo de um filme. Se pegarmos o Prêmio dos Críticos de Nova York e depois a Academia, vamos precisar de uma pá mecânica para recolher o dinheiro.

Steve levantou o copo.

— Felicidades.

— A você também — disse Sam. — Não é mau para o meu primeiro filme. E disseram que eu não sabia o que estava fazendo.

— Quais são os seus planos agora? — perguntou Steve,

— No momento, só estou pensando nesse filme. Tenho de fazer uma campanha de publicidade visando à Academia. Mas tenho Marilu e Pierangeli apalavrados para uma continuação.

— Mais alguma coisa?

— Não chega?

— Não, se você quer organizar uma verdadeira companhia, como você diz. Não pode fazer isso com filmes estrangeiros, por melhores que sejam.

— Como é que posso fazer filmes aqui? As grandes companhias já estão com todo o mundo que vale alguma coisa. Só posso conseguir o rebotalho.

— Pode começar adquirindo alguns enredos e encenando-os.

— Não sou louco a esse ponto, Steve. Sei que não sou produtor.

— Não fez esse filme? Você é um produtor.

— Isso foi diferente. Marilu era uma estrela. Já me procurou com o script pronto. Tudo estava traçado para mim. Não tive mais do que fazer o financiamento.

— Não é o que quase todas as companhias estão fazendo agora?

— Mas têm dinheiro e eu não posso competir com elas.

— Mas não é preciso competir desde já, Sam. A Trans-World fará sociedade com você em qualquer coisa depois desse filme. Precisam de produção.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza. Por que não experimenta?

Sam pensou um momento.

— Não, não adianta. Não tenho originais e não poderia reconhecer um que prestasse ainda que tropeçasse nele. Mostre-me um filme e eu posso dizer-lhe num instante se vale alguma coisa. Mas um original é coisa diferente.

— Não é tão difícil assim, se você mantiver os olhos bem abertos. Por exemplo, posso sugerir-lhe dois agora mesmo.

— Dois?

— Claro. Um deles é uma peça que vai entrar em ensaios na semana que vem. É uma comédia de um novo escritor sobre casais recém-casados em Greenwich Village. Por 75 mil dólares, poderá conseguir os. direitos de filmagem e ainda um interesse na peça. Chama-se Arco de Washington.

— O título é meio sem graça.

— Talvez, mas a peça será um grande sucesso.

— E o outro?

— É um livro. Li o manuscrito. O autor está com a língua de fora por falta de dinheiro. Por 50 mil fará negócio com ele. Vai ser publicado em janeiro e chegará ao primeiro lugar na lista dos best-sellers. Este tem um grande título. Chama-se O Galo de Aço.

— É um bom título. Mas por que tem tanta certeza de que vai fazer sucesso?

— Só fala de sexo e eu não conheço quem não goste de ler sobre isso. E tem uma história realmente formidável.

— Vou pensar no caso.

— Faça isso — disse Steve. — Vou mandar um exemplar de cada um para você. O preço poderá subir se você mostrar interesse pelos originais.

— Saberão isso de qualquer maneira se eu manifestar a intenção de comprá-

los.

— Não, se você agir por intermédio de Jack Savitt. Pode entrar em ação sem revelar seu nome até que tudo esteja combinado. A reputação dele é suficiente para que seja aceita a afirmação de que ele tem um legítimo interesse pelos originais.

— Está bem, Steve. Olharei os originais logo que você os mandar.

Denise chegou à sala.

— Tudo certo?

— Tudo ótimo — disse Steve, levantando-se. — Mas tenho de sair. Vou pegar um avião bem cedo amanhã para a Califórnia.

Sam olhou para ele, sorrindo.

— Você anda de avião como um camarada qualquer anda de ônibus.

Steve sorriu e se voltou para Denise.

— Muito obrigado pelo brust flanken. Estava delicioso.

Denise sorriu e ele a beijou no rosto.

— Ainda não se pode dizer nada — disse Sam, levando-o até à porta. — Se ganharmos algum prêmio da Academia, darei um grande banquete. Posso contar com você?

— Não costumo assumir compromissos com cinco meses de antecedência. Mas neste caso, vou abrir uma exceção. Ganhe os prêmios e eu estarei presente.

O grande salão de baile do Beverly Hilton Hotel estava repleto. Levando pela mão a pequena que o acompanhava, Steve lutou para se aproximar da mesa de Sam. A primeira pessoa que viu foi Denise. Estava sentada entre os filhos com um sorriso de orgulho no rosto.

Aproximou-se dela e inclinou-se para beijar-lhe o rosto.

— Parabéns, Denise. Desculpe ter chegado tarde.

Ela quase não o podia ouvir, tamanha era a algazarra.

— Não é maravilhoso? — exclamou ela.

— Sem dúvida — disse Steve e olhou para Myrian. — Meu Deus, como você está crescida! Será que ainda posso beijá-la?

— No rosto — disse ela, oferecendo-lhe o rosto com um gesto semelhante ao da mãe.

Ele a beijou e estendeu a mão para Júnior.

— Grande noite, não é, Samuel?

O menino apertou-lhe a mão timidamente.

— Sim, Tio Steve.

Voltou-se para Denise.

— Quero apresentar-lhe... — parou então e olhou para a moça percebendo subitamente que havia esquecido o nome dela. A ação do tempo devia ser mais violenta do que ele julgava. — A Menina dos Olhos Verdes. A Sra. Benjamin.

— Irene Murdoch — disse a moça. — Muito prazer em conhecê-la, Sra. Benjamin. Parabéns.

— Onde está Sam ? — perguntou Steve.

— Saiu daqui com os Barzinis. Estão tirando fotografias — disse Denise. — Sentem-se e tomem alguma coisa.

Puxou uma cadeira para a moça e sentou-se ao lado dela.

— Quero beber alguma coisa, sim. Desci do avião há cerca de uma hora e só tive tempo de trocar de roupa, pegar... — que horror! Tinha-se esquecido de novo do nome da pequena — ... a Menina dos Olhos Verdes e vir para cá.

Colocou o gelo em dois copos e serviu scotch.

— Quando nada, não se esqueceu do que eu bebo.

— Não estou tão ruim assim, menina — disse ele. Mas tinha sido puro acaso. Só lhe dera scotch porque era o que ele estava bebendo.

Uma verdadeira multidão se aproximava da mesa. Sam vinha no centro com a gravata torta e uma porção de Orcars nos braços. Viu Steve e deu um grito:

— Você veio!

Largou os Oscars em cima da mesa e abraçou-o. Depois, beijou-o em ambas as faces.

— Parabéns — disse Steve, rindo.

— Cinco! Que tal? — exclamou Sam. — Quase levamos tudo. Melhor filme, melhor atriz, melhor diretor, melhor screenplay, melhor tudo!

— Venceu em toda a linha! — disse Steve.

Sam sentou-se e disse:

— Preciso de um drinque.

Pegou a garrafa de scotch e levou-a à boca. A bebida lhe escorregou pelo canto da boca, pingando a camisa.

— Sam! — exclamou Denise. — Todo mundo está olhando.

— Que mal faz? — disse Sam, cheio de felicidade. — Não foi isso que vieram fazer?

Jack Savitt chegou com a pequena dele e os dois se sentaram.

Ernie Brachman, alto e alinhado no seu dinner jacket, aproximou-se da mesa.

— Parabéns, Sam.

— Quem merece parabéns é você, Ernie, seu cachorro! A coisa mais

inteligente que você já fez na vida foi esquecer-se de mim.

Ernie teve um sorriso frio, cumprimentou formalmente e afastou-se.

— Sam — disse Denise. — você não devia ter falado assim com ele.

— Bolas para ele! — disse Sam. — Aquele sujeito só urina água gelada. Só fez alguma coisa comigo porque viu que se tratava de um bom negócio.

Olhou para a mesa e começou a arrumar as estatuetas dos Oscars em frente dele como soldados de brinquedo.

— Vejam só! Cinco!

Os olhos estavam um pouco vidrados.

— Sabem o que isso significa? Cada um deles vale um milhão de dólares na bilheteria. Cinco milhões de dólares!

Correu os olhos pela mesa e disse:

— Agora, talvez não me achem mais tão imbecil assim. Ou que podem fazer comigo o que quiserem. Sou tão grande quanto qualquer deles!

"Tenho a peça número um da Broadway. Tenho o best-seller número um. E tenho o filme número um!

"Não sou mais Sam Benjamin, um exibidorzinho baixo e gordo. Sou Sam Benjamin, número um na indústria do cinema. Ninguém pode me jogar de lado.

"E sabem o que é que vou fazer amanhã?"

A mesa continuou em silêncio enquanto ele os olhava a todos.

— Sabem o que é que eu vou fazer ?

"Vou começar a aceitar propostas da TV para o filme. Têm de me pagar um milhão de dólares pelo direito de exibi-lo daqui a cinco anos."

Olhou belicosamente para Steve.

Steve nada disse.

Quem falou finalmente foi Jack.

— Pensei que tinha um contrato com Steve.

— Amigos, amigos, negócios à parte — disse Sam, olhando ainda para Steve. — O filme vale um milhão de dólares, não vale, Steve?

Todos se voltaram para Steve. Os olhos dele estavam perfeitamente calmos quando se virou para Sam e disse com voz pausada:

— Acho que tem toda a razão, Sam.

— Vai-me pagar então um milhão de dólares pelo filme?

— Não — disse Steve com voz calma. — Vou-lhe pagar exatamente o que combinamos. Nem mais, nem menos.

Sam encarou-o por um longo momento. De repente, sorriu e respirou fundo.

— Está bem. Não me seria agradável jogar pôquer com você — levantou-se

e disse a Denise: — Leve-me para casa, Mamãe. Estou bêbado.

Jack viu-os sair e então disse a Steve:

— Eu tinha razão sobre esse sujeito. Como disse alguém uma vez: "Impossível quando está sem dinheiro; intolerável, quando tem dinheiro."

Naquele Dia da Primavera Passada

Tarde

CAPÍTULO I

Ela saiu da cama como se fosse uma gata. Estava comigo ali na cama, quente e ronronante e, de súbito, como um animal que fareja perigo, correu para a janela. Espreitou por entre as cortinas. Senti alguma coisa ao vê-la assim, preocupada e vigilante, resplandecente e dourada de sol.

— Volte para a cama, Loura.

Ela não se moveu.

— Você está com uma visita.

— E você também.

— Está voltando para o carro. É um baixote.

— Se você deixar de olhar, talvez ele se vá embora.

— Pode ser alguém importante O carro dele é um Rolls Royce prateado.

Olhei para ela, para os cabelos louros soltos, para os olhos azuis, para os seios fartos com bicos pequenos, para os pelos dourados e desisti.

— Por que não o chama para cá?

— É uma idéia — disse ela, afastando as cortinas e saindo para o terraço. — Alô! — gritou, acenando com as mãos. — Você aí!

Era um espetáculo que eu não podia deixar de ver. Levantei-me da cama e fui até lá. No momento em que vi o carro, fiquei sabendo quem era. E aquilo significava apenas uma coisa. Sam Benjamin não havia desistido. Mandara alguém para convencer-me, talvez a pessoa no mundo mais indicada para isso.

Dave Diamond, o amável banqueiro do bairro, mas de um bairro onde os

moradores tinham no mínimo um milhão de dólares, também conhecido como presidente dos Bancos Unidos da Califórnia.

Ela tornou a chamar e ele olhou. Por um momento, pareceu petrificado de espanto, com a boca aberta. Logo depois, correu para o carro. Pouco depois, descia a ladeira.

Inclinei-me da balaustrada do terraço e gritei quando ele passou por nós.

— Que é que há, Dave? Não me diga que nunca viu uma mulher nua!

O Rolls foi freado e ele botou a cabeça para fora.

— Que diabo está você fazendo aí em cima?

— Tomando banho de sol.

— Você está é maluco. Em plena luz do dia! A polícia pode agarrá-lo.

— Banho de sol é a única coisa que não se pode fazer à noite, Dave. Suba e venha ficar conosco.

— Só se vocês puserem alguma roupa em cima do corpo. Meus depositantes ficariam muito aborrecidos se eu fosse preso por atentado ao pudor.

Olhei para ela.

— Que é que acha, Loura?

— É simpático.

Debrucei-me na balaustrada.

— Não ouviu o que ela disse? Suba!

Ele encostou o carro ao meio-fio e nós entramos. Vesti as calças enquanto ela abria o armário. Com o biquíni que pôs parecia ainda mais nua do que quando não tinha uma só peça de roupa no corpo. Foi até à porta e abriu-a.

Ele entrou no apartamento, olhando desconfiadamente para todos os cantos.

— Pensei que você tivesse uma pequena — disse ele.

— Tem uma nova agora — disse ela, sorridente.

— Loura — disse eu —, apresento-lhe o homem que toma conta do meu dinheiro. Dave, essa é a Loura.

— Ele toma conta do meu dinheiro também — disse ela.

Ele a olhou com outro interesse. Era essa a linguagem que lhe agradava.

— Ainda não a vi no banco, já?

— Não, Sr. Diamond. Não tenho conta na sede. Tenho uma daquelas pequenas contas na filial de Sunset Plaza, aquelas que admitem um saldo médio de vinte e cinco mil dólares. Mas o senhor me escreveu a carta mais amável deste mundo quando abri a conta.

Ele se pavoneou visivelmente.

— Bem, se precisar de alguma coisa, pode procurar-me. Trabalha por aqui?

— Não. Trabalho em Chicago.

— Chicago ? E mora aqui ? Quando é que trabalha ?

— Uma segunda-feira sim, outra não — disse ela com um sorriso. — Quer beber alguma coisa?

Ele a olhou por um momento, pensando no caso, e afinal disse:

— Scotch, se houver.

— Há, sim — disse ela, saindo da sala.

Ele a viu sair com olhos cheios de admiração e me disse:

— Não sei como você consegue isso. Tem sempre pequenas de primeira. Como foi que a encontrou?

— Foi ela quem me encontrou. Do mesmo modo que você. Diga a Sam que a resposta ainda é a mesma — não!

— Espere um pouco. Você nem ouviu o que eu tenho para dizer.

Ela voltou com uma garrafa de Chivas Regal, gelo e copos. Colocou tudo na mesinha e começou a desabotoar o soutien do biquíni.

— Sirvam-se à vontade. Acho que vou tomar uma chuveirada, enquanto vocês conversam.

Dave cravou os olhos nos seios dela logo que saíram do soutien. Olhou-a até que a porta do banheiro se fechasse e então se voltou para mim.

— Você fez isso de propósito. Sabe muito bem que não posso conversar direito quando estou com desejo.

Eu ri e preparei os uísques.

— L'chaim — disse eu.

— À sua — disse ele. Bebemos.

— Por que não? — perguntou ele.

— Não serei mais usado. Sam que se arranje sozinho desta vez.

— Ele ainda me deve doze milhões de dólares. Mas isso não me preocupa mais. Conseguiu inspirar-me confiança.

— Ótimo para você e felicidades para os dois. Agora, pode ir dizer a ele que não me interessa.

— Você é engraçado. Fica aí parado durante três anos à espera de uma oportunidade e, quando ela aparece, tira o corpo.

— Não é essa a oportunidade que eu quero.

— Que é que você quer? Quer ser chefe de um estúdio? Isso todo mundo quer, mas os estúdios são tão poucos...

— Deixe de conversa, Dave. Você sabe muito bem o que eu quero. Quero uma companhia minha onde eu possa mandar. Como Sinclair. Como Sam.

— Sam diz que você será o chefe se entrar no negocio.

— Conversa de Sam. Como é que eu posso ser o chefe se o dono da companhia é outra pessoa? E que diabo é que uma companhia de vidro plano sabe sobre a indústria de filme, ainda que se trate da maior companhia de vidro plano do mundo ?

— Você precisa ficar atualizado, Steve. O jogo não é mais para os pequenos. Corra os olhos. Trans America, Gulf and Western, Avco. Com companhias assim, é preciso ter dinheiro de verdade para entrar no time.

— Que é exatamente que você está dizendo?

— Não leve a mal, Steve. Mas se ainda está pensando em comprar uma companhia, tire isso da cabeça. Ninguém quer mais seu dinheiro. Querem papéis. Papéis garantidos pelo nome de uma grande companhia e com letras douradas de fantasia que possam ser levados para Wall Street, como fichas do grande jogo. Você não tem dinheiro suficiente para derrotar esse jogo. Nem você, nem ninguém.

Fiquei em silêncio por um momento e perguntei:

— Acha então que é o melhor que eu posso fazer ?

Ele fez um sinal afirmativo.

Olhei pela janela. Era isso mesmo. Três anos perdidos. Três anos em que havia esperado que acontecesse o que eu queria. Estava acabado. Não iria acontecer mais.

— Se eu pudesse cobrir a oferta?

— Trinta e dois milhões? — perguntou ironicamente Dave.

— Mas não é tudo ou quase tudo papéis?

— E daí?

— Que há nisso então para mim?

— Mais do que você pensa — disse Dave. — Se eu disser que você está interessado, posso promover um encontro.

— Já me encontrei com Sam.

— Com ele, não. Com Johnston, da Palomar Plate. É ele que realmente quer você e insiste para que você faça parte do negócio.

— Mas por quê ? Nunca nos vimos.

— Ele diz que conhece a fundo a sua vida como homem de negócios. Pensa que você é a única pessoa nesta indústria que tem algum critério.

Acendi um cigarro e olhei para Dave pensativamente.

— Você o conhece?

— Já nos vimos — disse Dave displicentemente. Isso mostrava que não o

conhecia de modo algum. Na posição de Dave, não ter intimidade com um homem assim era um pecado capital. — Já ouviu falar nele?

— Já — Johnston era bem conhecido. Poucas semanas antes, o retrato dele saíra na capa do Time, a propósito de um artigo sobre a fusão de empresas. Nele se dizia como ele havia levado a sua companhia do calmo conservantismo de um faturamento de oitenta milhões de dólares por ano à posição em que estava no momento, faturando quase oitocentos milhões por ano, tudo em breve tempo e mediante a simples troca de papéis.

Lembrava-me do retrato. Era uma capa típica do Time e mostrava-o cercado de cifrões, certificados de ações e os produtos das companhias que ele controlava.

— Não recuse enquanto não falar com ele — disse Dave. — Ficou de dar-lhe completa autonomia.

— Ele lhe disse isso?

— Pessoalmente.

— Que mais prometeu ele?

Dave não pareceu muito à vontade.

— Vamos, diga. Somos amigos ou não somos?

— Prometeu-me cinco milhões de depósitos.

Dei um assobio de espanto.

— Só para você falar comigo?

— Não, você nada tem a ver com isso. Ele gosta do nosso jeito de agir. Não somos um banco antiquado. Estamos evoluindo. Além disso, receberemos os doze milhões de Sam.

— Foi por isso que me veio procurar?

Havia nos olhos dele uma expressão que mostrava que ele era sincero no que dizia.

— Não só por isso, mas porque acho que a aproximação dos dois trará benefícios mútuos. Ele o respeita e não tentará dirigir os seus negócios como outros fazem.

Eu sabia o que ele queria dizer. Era espantoso como empresários em geral normais e competentes se transformam quando entram na indústria do cinema, jogando pela janela todos os princípios que sempre observaram.

— Não vai querer nem fazer uma amiguinha estrela? — perguntei.

— Isso eu posso responder — disse Loura saindo do banheiro enrolada numa grande toalha como se fosse um sarong.

Olhei-a cheio de surpresa. Dave olhou por cima dos óculos e perguntou :

— Você?

— Eu mesma — disse ela, servindo-se de um uísque. — Conheço Ed Johnston muito bem. É um camarada muito correto e não falou uma só vez em me fazer entrar para o cinema.

Tudo estava começando a se articular. Ela se havia mudado para aquele apartamento três meses antes. Parecia estar sempre à janela, sem nunca sair. Dissera que trabalhava em Chicago às segundas-feiras, de quinze em quinze dias. Era em Chicago que ficava a sede da Palomar Plate.

— Está zangado comigo? — perguntou ela.

— Não, mas você devia ter-se aproximado antes. Perdemos momentos admiráveis.

— Você estava todo embebido com a outra.

— Há sempre lugar para mais uma.

— Comigo não. Nisso não sou muito moderna. Além disso, eu podia esperar. O dinheiro era bom e não havia pressão.

— E que foi que descobriu, Loura?

— Nada que ele já não soubesse. Você é um camarada okay e isso eu disse a ele. Está disposto a gostar de você e eu acho que também vai gostar dele.

Voltei-me para Dave.

— Está bem, vou falar com ele. Mas sem compromissos.

Dave sorriu pela primeira vez.

— Ótimo. Ele está em Las Vegas. O avião a jato da companhia está em Burbank, caso você queira ir almoçar com ele.

Olhei para meu relógio. Era meio-dia e um quarto.

— Muito bem. Eu estava ficando mesmo com fome.

— Iremos para o aeroporto em meu carro — disse Dave. — Assim, só começaremos a voar quando chegarmos ao avião.

— Você irá no seu carro, Dave. A Loura irá comigo.

Soube um pouco mais sobre Johnston no caminho para Las Vegas. A Loura me deu algumas informações pessoais. Era casado, tinha dois filhos e correto em matéria de sexo. Podia ser enfadonho às vezes, mas tinha energia e constância.

Dave me deu informações sobre a parte dos negócios. Fora na guerra o mais jovem comandante de porta-aviões. Dera baixa da Marinha depois da guerra da Coréia, apesar de todas as tentativas feitas para conservá-lo, inclusive uma promoção a contra-almirante na reserva. Entrara para a Palomar Plate como vice-presidente executivo e dentro de um ano se tornara presidente e figura

principal. Em cinco anos, havia iniciado a sua fase de diversificação e aquisição. Começara em atividades correlatas e enveredara por outras até que, no momento, a Palomar controlava um dos grandes frigoríficos e uma cadeia de hotéis, entre os quais o de Las Vegas, para onde íamos. Estava também tentando a posse de uma das grandes companhias de aviação transcontinentais e tinha adquirido vastos terrenos em Los Angeles com a idéia de construir um grande centro industrial nos moldes do projeto da Alcoa.

Eu podia compreender tudo isso. Só não compreendia era por que ele queria também uma companhia de cinema. Isso parecia destoar do conjunto do seu império industrial.

Eram duas menos um quarto quando entramos no apartamento dele no alto do hotel. A mesa do almoço estava posta, mas ele falava ao telefone.

Fez um sinal para que nos sentássemos e continuou a conversa. Prestei atenção.

— O peixe já está na rua — dizia ele com voz calma. — Vamos esperar a reação para começar a tratar dos pontos secundários. Se tudo correr bem, estaremos em ótimas condições. Haverá tempo de sobra para mudar, se as coisas tomarem aspecto diferente.

Desligou e levantou-se. Estendeu a mão.

— Sou Ed Johnston. Estava ansioso por conhecê-lo.

— Muito obrigado — respondi.

Apertou a mão de Dave e beijou a Loura no rosto.

— Fez jus à gratificação prometida — disse ele. Olhou em seguida para mim com um sorriso que tirava toda a possível aspereza às palavras.

— Que tal achou a espiã que eu lhe arranjei?

Ri. Ele era suficientemente direto.

— Eu não teria feito escolha melhor.

— Vamos comer — disse ele, sentando-se à mesa. — Acho que vão gostar da comida. Dizem-me que este hotel tem o que há de melhor no mundo. Que é que vão beber?

Um garçom apareceu prontamente e começou a tomar nossos pedidos. Pedi um scotch com água e me senti melhor quando tive o copo nas mãos. Ele pediu um refrigerante sem açúcar.

Comemos rapidamente e vinte minutos depois a mesa foi tirada. Ele olhou para mim. Olhei para ele e depois para Dave. Aparentemente, eu é que devia começar.

— Tenho apenas uma pergunta a fazer — disse eu.

— Faça.

— Por quê?

— Por que o quê ? — perguntou ele, perplexo.

— A companhia de cinema. Parece-me que já enfeixa bastantes coisas sólidas e reais na mão. Por que deseja uma coisa tão arriscada e efêmera como o cinema?

Ele ficou a me olhar em silêncio.

— Eu poderia compreender se estivesse à procura de um grande estúdio com terras disponíveis para desenvolvimento. Isso se ajustaria aos seus planos. Mas se os únicos ativos são filmes, não poderá transformar isso num projeto de construção.

— Há outras atrações — disse ele. — Já temos a TV em cores. Dentro em breve, teremos a TV paga e, depois, tapes de TV que cada qual poderá comprar e levar para casa para ver quando tiver vontade. Alguém terá de trabalhar noite e dia para atender a tudo isso. E nossa divisão de tape é uma das maiores do país. A idéia não é nova. Outros grupos já a tiveram e já estão trabalhando nesse sentido. Acho que está exatamente na hora de entrarmos no negócio. Será ótimo para a nossa espécie de atividades, especialmente se não nos ligarmos a outros grupos. A minha idéia é ter uma companhia de produção e distribuição que possa abastecer todos os veículos à medida que a procura aumentar.

— Parece-me muito bom. Tenho certeza de que tem um plano muito prático — disse eu, levantando-me. — Mas já lhe tomei muito tempo, Sr. Johnston. Permite-me desejar-lhe o maior sucesso?

Ele me olhou com evidente incredulidade.

— Não está interessado?

— Agradeço muito a sua lembrança, mas isso não me serve.

— Se a questão é dinheiro, tenho certeza de que..,

— Não é isso.

— Que é então? — perguntou ele cem os olhos cheios de poder e frustração.

— Falou sobre tudo, menos sobre o fator mais importante..

— Talento? Eu ia mesmo falar disso.

— Não. Talento o senhor pode comprar. O fator mais importante em nosso negócio é divertimento, Sr. Johnston. Quem não tem isso, não tem nada. O senhor me está oferecendo apenas um emprego.

Encaminhei-me para a porta e disse:

— Não se preocupe comigo, Sr. Johnston. Posso tomar um táxi para o aeroporto.

A Loura me alcançou quando eu estava atravessando o cassino rumo à entrada.

— Espere por mim!

— Foi seu patrão quem a mandou? — perguntei, sorrindo

— Ele acaba de me despedir

— Não devia ter perdido seu emprego por minha causa

— Se você acha que vou deixar uma coisa sem importância como um emprego separar-nos, está muito enganado. Não fazem mais homens como você.

CAPÍTULO II

Tomamos conhecimento do telefonema quando íamos saindo do cassino. Um boy com uniforme de general olhou para a Loura e. se aproximou de mim.

— Sr. Gaunt?

— Sim.

— Telefonema para o senhor — guiou-me para os telefones depois de passar por uma bateria de máquinas caça-níqueis. Pegou um telefone. — O Sr. Gaunt está na linha — disse ele, passando-me o fone.

Dei-lhe um dólar de gorjeta e disse.

— Alô?

— Como é difícil achá-lo, Sr. Gaunt!

A voz contida e inglesa de Diana, do serviço de atendimento de telefones, tinha uma pequena nota de triunfo.

— Está bem. Como foi que conseguiu desta vez ?

— Foi fácil. A polícia encontrou seu carro para mim no local de estacionamento do aeroporto de Burbank. O tráfego aéreo me deu o seu vôo e o seu destino.

— Devo-lhe mais cem dólares.

Tínhamos um contrato. Cada vez que ela me encontrava sem eu ter dito para onde ia, recebia cem dólares. Cada vez que falhasse, eu teria direito a um mês de serviço gratuito. Ainda estava para ganhar a primeira vez.

— Se o caso não parecesse urgente, não iria incomodá-lo — disse ela. — Samuel Benjamin Júnior telefonou a cobrar de São Francisco. Disse que queria falar com Tio Steve e que era muito importante.

— Qual é o telefone? Vou ligar para ele.

— Falou de um telefone público e disse que não se podia demorar, mas que ia telefonar de novo meia hora depois. Isso foi há vinte minutos exatamente.

— Está bem. Quando ele telefonar, transfira a chamada para cá por intermédio de sua mesa.

— Qual é o número de seu quarto?

— Nenhum. Peça que me chamem na mesa dos dados.

Desliguei o telefone. A Loura tinha-se apaixonado por uma máquina caça-níqueis.

— Está na hora — disse ela, acariciando a manivela. — Estou sentindo.

Só caiu um drops de limão. Dei a volta pelas máquinas e ali estavam as mesas de jogo. Havia gente comprimida como sardinha em lata em torno do pano verde mágico. Com uma máquina de dinheiro como aquela, Johnston devia ter pedras na cabeça para querer meter-se em cinema.

Comecei a jogar e a ganhar perdendo dentro em breve a noção do tempo. Quase levei um susto quando o general me apareceu de novo.

— A sua ligação está pronta.

Joguei os dados de novo e perdi. Os dados são assim mesmo, piores do que mulheres. Basta que se deixe de dar atenção a eles por um momento e não ligam mais para a gente.

Peguei as fichas que me restavam e entreguei-as à Loura.

— Receba isso para mim.

Segui o general até o telefone.

— Desculpe tê-lo interrompido, Sr. Gaunt.

— De nada, rapaz. Acho que estava mesmo na hora de eu começar a perder.

Dessa vez, dei-lhe cem dólares. Ele saiu todo sorridente e eu peguei o telefone.

— Pronto, Diana.

— Tenho o Sr. Benjamin na linha.

— Faça a ligação. Mas continue na linha comigo. Pode ser que eu ainda precise de você.

— Está bem, Sr. Gaunt.

Houve um estalo e eu ouvi então a voz de Júnior.

— Tio Steve?

— Sim, Júnior.

— Estou em São Francisco.

— Eu sei.

— Estou com um problema muito difícil.

— Que foi que houve?

— Eu estou morando com alguns amigos — disse ele com voz trêmula. —

Saí durante alguns minutos hoje de manhã e, quando voltei, estava tudo em confusão. A polícia tinha chegado e estava levando todo o mundo no tintureiro. Depois, dois ou três ficaram por lá. Desconfiei de que estavam esperando por mim e dobrei a esquina.

— Qual foi o motivo da batida?

— O mesmo de costume. De vez em quando, a polícia tem dessas manias. Mas não havia motivo para nos prenderem. Somos quietos e nunca fizemos bagunça.

— Havia alguma coisa no apartamento?

— Muito pouco. Estávamos quase sem dinheiro. Um pouco de maconha. Mas não tínhamos ácido.

— Nada mais forte ?

— Não, Tio Steve. Nem heroína, nem coca. Somos todos rapazes direitos.

— Em nome de quem estava o apartamento?

— Não sei. Estava vazio e nós passamos a morar lá. Todos os dias, um sujeito aparecia, recebia algum dinheiro e ia-se embora.

— Acho que não há problema para você, Júnior. Basta você desaparecer da cidade durante algum tempo. Não podem estar à sua procura. Você não tem ficha na polícia.

— Mas não posso sair daqui assim.

— Se não tem dinheiro, mandarei algum para você.

— Não é isso. Há uma moça. E eu estou preocupado com ela.

Eu sabia da moça. O pai dele já me havia falado nela. Mas queria que ele me dissesse.

— Que é que há com ela ?

— Está grávida. E é muito menina ainda.

— Sua pequena?

— Não. Mas era uma criatura tão boa que todos nós a adotamos por assim dizer. Não a deixávamos fumar, nem fazer viagens.

— Por que então está preocupado? Os outros cuidarão bem dela.

— Podem cuidar. Mas lhe darão carinho? Fiquei calado.

— Ela é uma menina muito sensível — disse ele. — Precisa de carinho, de saber que é querida. Foi por isso que entrou em nosso grupo.

Continuei calado.

— Não posso sair daqui enquanto não souber que ela está em ordem. É preciso que ela saiba que eu não a abandonei como os outros. Se eu fosse à polícia para vê-la, assim como estou, seria imediatamente preso. Pensei que

talvez se você tivesse tempo, Tio Steve...

— Está bem. Vou tratar disso. Onde é que você está agora?

— Num telefone público em North Beach.

— Tem algum dinheiro ?

— Não chego a ter um dólar no bolso.

— Vá até ao escritório da TV KSFS na Rua Van Ness defronte do Hotel Jack Tar e procure Jane Kardin no departamento jurídico. Quando chegar lá, ela já o estará esperando. Diga-lhe o que me disse e peça que ela verifique para onde levaram sua amiga e providencie sobre uma visita. Espere na sala dela por mim. Vou tomar o primeiro avião que partir de Las Vegas.

Ele falou de repente com uma voz quase infantil.

— Muito obrigado, Tio Steve! Eu sabia que o senhor não me ia deixar na mão. Escute, será que posso pedir um sanduíche a sua amiga? Ainda não botei nada na boca hoje.

Era ainda um garoto.

— Claro. Do outro lado da rua, fica o café de Tommy. Vá até lá e coma o que quiser, Procurarei você primeiro lá. Até à vista.

— Até à vista, Tio Steve.

Desligou e eu ouvi Diana entrar na linha.

— Há um vôo da Western Airlines que parte daí para San Francisco dentro de vinte minutos. Já lhe reservei passagem enquanto estava falando.

— Você é um amor. Agora, telefone para Jane Kardin na KSFS da Sinclair Broadcasting e diga-lhe que vou para lá e peço que ela cuide do garoto até a minha chegada.

— Fique descansado, Sr. Gaunt. Adeus.

A Loura já estava esperando com o dinheiro nas mãos quando saí da cabina telefônica.

— Que é que há ? — perguntou ela.

— Quanto era que Johnston lhe estava pagando?

— Quinhentos dólares por semana e despesas.

— Quanto é que você tem aí ? — perguntei, apontando o dinheiro nas mãos dela.

— Vinte mil e trezentos dólares — disse ela, entregando-me o dinheiro.

Tomei o dinheiro, contei dez mil dólares e dei a ela. O resto guardei no bolso.

— Isso é para você.

Ela me olhou arregalando os olhos.

— Para que isso ?

— Indenização por dispensa — disse eu, deixando-a no cassino.

Saí e embarquei num táxi. Ela chegou à porta quando o táxi ia saindo. Deu-me adeus e jogou-me um beijo.

Joguei também um beijo para ela e, quando o táxi partiu rumo ao aeroporto, ela já estava voltando para o cassino.

Da maneira pela qual a minha taxa de despedida das pequenas estava subindo desde aquela manhã, se encontrasse mais alguma até à noite teria de ficar com ela.

Los Angeles tinha sido quente e abafada, Las Vegas, ensolarada e seca. São Francisco estava chuvosa e úmida. Senti o corpo tremer quando desci do avião no aeroporto. Calças de brim e um pulôver não eram suficientes.

Jane Kardin estava à minha espera na rampa com uma capa. Vesti-a com satisfação.

— Que pena eu não seja mais seu chefe, advogada. Se fosse, você teria um aumento só por isso.

— Desde que não é mais meu chefe, pode ao menos me dar um beijo de cumprimento.

Os lábios dela eram quentes e doces. Olhei-a e murmurei:

— Tinha quase esquecido como era bom seu beijo.

Ela sorriu e disse:

— Meu carro está lá fora.

— Que foi que fez com o garoto ?

— Deixei-o no café de Tommy com uma montanha de comida diante dele.

Estava chovendo de verdade quando chegamos ao carro. Ela pôs o carro em marcha e ligou os limpadores de pára-brisa.

— Que foi que apurou sobre a garota?

— Já saiu de lá

— Saiu como?

— A polícia me disse que os pais tinham ido buscá-la.

— E Júnior? Deve ter ficado aborrecido com isso.

— Penso que ele recebeu a notícia com alívio — disse Jane. — Afinal de contas, é um homem.

Ela tinha direito a dizer isso. Eu não tinha sido exatamente o mais gentil dos homens com ela. Mas isso havia acontecido quatro anos antes. Eu ainda não havia deixado a Sinclair e ela ainda não era advogada. Era modelo.

Era da Agência Ford em Nova York. Ainda me lembrava da maneira pela

qual ela entrara em El Morocco na primeira vez em que a vira. Tinha os olhos calmos e ficara ali em pé olhando.

Era a festa comemorativa de uma première e eu fui diretamente para ela.

— Em que posso servi-la, senhorita?

A expressão nos olhos dela não mudou.

— Estou procurando John Stafford, o diretor — disse ela.

Eu não o tinha visto e se o tivesse visto nada diria.

— Acaba de sair — disse eu, tomando-lhe o braço. — Permita-me oferecer-lhe alguma coisa.

— Não, muito obrigada — disse ela, sem sair do lugar. — Não vejo ninguém que eu reconheça e não gosto de festas onde não conheço ninguém.

— Sou Stephen Gaunt. Agora não pode mais alegar que não conhece ninguém.

Ela riu.

— Bem que me preveniram que tivesse cuidado com os homens de Nova York.

A essa altura, já estávamos andando juntos Fiz um sinal e o maître se aproximou.

— A sua mesa é aquela ali, Sr. Gaunt.

— Não é daqui? — perguntei quando nos sentamos.

— Sou de São Francisco — olhou para o maître. — Bourbon e ginger ale.

Gostava de bebidas doces, de conversas doces, de homens doces. Ao fim de uma semana, ela chegou à conclusão de que eu queria demais e não era suficientemente doce.

— Você está querendo é casar-se — disse eu.

— Claro. Há algum mal nisso ?

— Não.

— Mas para você não serve?

— Certo.

— Quando nada, você é honesto.

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Pode.

Olhei-a, esperando que ela dissesse o que todas diziam. Mas ela me surpreendeu.

— Quero um emprego.

— Vou encaminhá-la ao chefe do departamento de elencos.

— Não. Não é esse o emprego que eu quero.

— Qual é então?

— Acabei de ter notícias de casa de que fui aprovada no meu exame de licença para o exercício da advocacia.

— É advogada?

— Sou. Só trabalhei como modelo para pagar os meus estudos. Agora, quero seguir a minha carreira. __

— Ganha-se mais como modelo.

— E daí?

— Está bem. Vou mandá-la ao chefe do departamento jurídico.

— Não quero trabalhar em Nova York. Não gosto disto aqui. Quero trabalhar em São Francisco.

— Aqui as oportunidades são maiores.

— Mas tenho família lá. Amigos também. Seria muito mais feliz lá. Aqui tudo é confusão.

A nossa estação em São Francisco precisava de um advogado. Ela se mostrou excelente nisso também. A prova era que ela tinha permanecido no lugar e até ganhara uma promoção depois de minha saída.

Ela encontrou um lugar para estacionar o carro perto do restaurante. Samuel estava sentado diante de um canecão de cerveja.

— Tio Steve, sabe que vendem aqui noventa e uma espécies de cervejas ?

— Limpe essa espuma das barbas e me dê um beijo — disse eu. A viagem foi longa.

— Desculpe — disse ele, sacudindo a cabeça. — Não sabia que ela iria proceder como procedeu. Se soubesse, não o teria incomodado.

— Não tem importância — disse eu, sentando-me diante dele. — Não tenho outra coisa para fazer. Além disso, há muito venho procurando um pretexto para vir até aqui e ver a advogada.

— Agora, chega — disse a advogada. — Vou saindo.

— Nada disso — disse eu, prendendo-a na cadeira ao meu lado. — Não sabemos ainda se todos os problemas já estão resolvidos.

Samuel olhou para ela e depois para mim, dizendo então:

— Eu devia saber.

— Saber o que, Júnior?

— Você não podia deixar de aparecer com a advogada mais bonita do mundo.

Rimos e a garçonete chegou à mesa.

— Cerveja para todos — disse eu.

— Não — disse a advogada. — Bourbon e ginger ale para mim.

— Um instante — disse Júnior, levantando-se. — Já volto.

A garçonete chegou com os copos. Levantei meu copo.

— Ciao.

— Afinal! — exclamou ela.

Olhei para ela.

— Sabe que costumava sonhar com você, como se fosse uma menina ? Sonhava que você iria voltar algum dia e voltaria diferente...

— E estou diferente. Não sou mais seu chefe.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você ainda é o mesmo. Não mudou nada. Por que pensou em mim? Pensei que a esta altura já devia ter esquecido.

Não respondi.

— Ou será que você tem um arquivo dentro da cabeça com fichas bem arrumadas das diversas mulheres a quem pode pedir vários serviços? É assim mesmo, Steve? Estou fichada como advogada?

— Está bem, Jane. Recebeu o dinheiro que merece?

Ela ficou vermelha e murmurou:

— Desculpe.

Samuel voltou com um brilho estranho no olhar. Sentou-se e pegou o copo de cerveja.

— Se quer continuar a fazer isso nos lavatórios públicos, tire essas barbas. O cheiro da maconha fica entranhado nelas.

— Só fumei um pouquinho — disse ele. — Não me estava sentindo bem. Estava inquieto.

— Por quê? Dessa você está livre.

— Por sua causa. Fiquei com medo de repente e o fiz vir até aqui à toa. Deve pensar que eu sou bem tolo.

— Escute, sei tudo melhor do que você. Não foi só por causa da pequena que você me fez vir até aqui.

Ele olhou para a advogada. Esta estava fazendo menção de levantar-se.

— Acho que me vou embora. Devem ter alguma coisa de muito pessoal a discutir.

Segurei-a pelo braço.

— Você está metida nisso. Não pediu que isso acontecesse, mas vai ficar. Não está certo, Samuel ?

Ele fez um gesto afirmativo e ela tornou a se acomodar na cadeira.

— Pronto, Samuel — disse eu. — Pode falar.

Ele respirou fundo.

— Meu pai esteve lá em casa outro dia.

— E então?

— Você o conhece bem, Tio Steve. Fez um dos seus truques. Tentou deixar uma nota de cem dólares para nós. Disse-lhe que nós não queríamos tanto dinheiro e ele depois mandou o chofer subir com duas notas de cinco — tomou um gole de cerveja e acrescentou: — Queria também que eu voltasse para casa.

— Não vejo nada demais nisso — disse eu. — Afinal de contas, ele é seu pai. E sua mãe também não está no sétimo céu da felicidade em face da maneira pela qual você está vivendo.

— Como é, Tio Steve ? Vai ficar contra mim também ?

— Eu não. Júnior. Se há uma coisa em que eu acredito é no direito que cada qual tem de ir para o inferno da maneira que achar melhor. A mim pouco me importa o que você faça ou deixe de fazer.

— Nisso é que eu não acredito. Você se interessa por mim.

— Claro que me interesso. E me interessava também por sua irmã. Mas não podia viver a vida dela por ela. E não posso viver a sua por você. A única coisa que posso fazer é estar pronto quando precisarem de mim.

— Posso tomar outra cerveja?

Fiz um sinal à garçonete e ela chegou com a cerveja.

— Quero que você me ajude — disse ele.

— Como?

— Não lhe parece estranho que um dia depois da visita de meu pai a polícia tenha ido dar uma batida lá em casa?

— É isso o que você está pensando?

— Ele disse que podia chamar a polícia e me tirar de lá. Tenho de apurar a verdade. Tio Steve. É muito importante para mim.

— Que é que você acha que eu posso fazer por você ?

— Pode perguntar a Papai, Tio Steve. Ele não lhe iria mentir.

— Não. Tenho uma idéia melhor.

— Qual é?

— Você vai perguntar a ele. Afinal de contas, ele é seu pai e não meu.

CAPÍTULO III

O carro estava justamente onde eu o deixara antes de ir para Las Vegas, com

o seu preto luzidio e todo o metal cromado reluzindo aos raios oblíquos do sol da tarde.

Júnior deu um assobio quando viu o carro. Saiu correndo à minha frente e tocou nele reverentemente.

— Isso é demais — murmurou ele numa voz emocionada.

Tirei a chave do bolso e abri o carro. Ele entrou antes que eu me pudesse mover. Ficou ali sentado, correndo os dedos embevecida-mente pelos mostradores e pelos instrumentos. Depois, fechou os olhos e disse: — Que cheiro bom!

Bati no ombro dele e disse.

— Vá para trás.

Ele passou para trás subindo pelas costas do banco como um macaco e ficou, todo curvado para a frente, olhando para o painel.

— Faz mesmo 350? — perguntou ele, apontando o velocímetro.

— Não sei, por que nunca experimentei.

A advogada entrou no carro.

— Palavra que ainda não sei o que estou fazendo aqui.

— Você estava aborrecida — disse eu, sorrindo.

— Tenho um encontro marcado para esta noite — murmurou ela.

— Telefone e cancele.

— Este carro tem tudo! — exclamou Júnior. — Onde é o lavatório ?

O telefone começou a tocar. Atendi e disse:

— Muito bem, Diana. Você está ficando rica à minha custa.

— Os telefonemas estão-se acumulando, Sr. Gaunt — disse ela. — Os Srs. Johnston e Diamond telefonaram de Las Vegas. Vêm aí para conversar com o senhor. O Sr. Benjamin telefonou pedindo que o senhor ligue para ele. O Sr. Sinclair telefonou e me pediu que lhe dissesse que está hospedado no Bel Air Hotel e gostaria de que o senhor tivesse a bondade de ir diretamente para lá do aeroporto.

— Mais alguma coisa?

— No momento é só, Sr. Gaunt.

Ela desligou, eu botei o telefone no gancho e dei a partida. O ronco inicial do motor se transformou num leve zumbido.

— Ouçam só esse motor — disse Júnior de trás. — Posso senti-lo bem no fundo da barriga.

— Nunca pude compreender a fascinação dos homens pelos automóveis — murmurou a advogada.

Encontrei os olhos de Júnior no espelho e ele sacudiu a cabeça. Ela tinha razão. Era um mundo particular dos homens. Toquei o carro pelo tráfego.

A advogada pegou o telefone.

— Como é que se fala nisso?

— Aperte esse botão aí embaixo. Quando a telefonista atender, dê-lhe o número que estiver marcado no receptor e o número do telefone que você quer.

Ela apertou o botão e um minuto depois estava falando com o homem com quem tinha encontro marcado em São Francisco. Tinha tanto mel na voz que chegava a enjoar.

— Estou mesmo muito aborrecida, David. Mas isso surgiu na última hora e só agora eu lhe pude telefonar — ficou calada por um minuta e, quando voltou a falar, a voz estava gelada. — Você esquece, David. que eu sou advogada e que o primeiro dever de um advogado é para com os seus clientes.

Desligou e eu sorri para ela.

— É só isso então que eu sou para você, um cliente ?

— Ah, deixe disso, sim? Dê-me um cigarro.

— No porta-luvas.

Ela abriu o porta-luvas e tirou um dos cigarros que eu costumava ter ali. Acendeu-o, tirou uma boa tragada e fez uma cara feia.

— Que gosto mais esquisito!

Senti o cheiro e disse:

— Isso é maconha. Os cigarros comuns ficam à direita; os mentolados, no meio.

Ela levou a mão atrás para jogar o cigarro pela janela, mas Júnior segurou-lhe a mão.

— Isto aqui é zona de perigo de incêndio — disse ele, tirando-lhe o cigarro da mão.

— De que é que vocês estão falando? — perguntou ela, aflita.

— Veja — disse Júnior apontando pela janela às suas costas.

Olhei pelo espelho. O carro da polícia vinha atrás de mim. Júnior pôs o cigarro na boca e murmurou:

— Isso é boa erva.

Olhei para a advogada. Estava muito pálida. Bati-lhe na mão para tranqüilizá-la.

— Calma, Jane. Experimente um cigarro de verdade.

— Vocês dois estão malucos — disse ela com a mão tremendo sob a minha.

Tirei um cigarro do porta-luvas e acendi-o, dando-o depois a ela.

Ela aspirou profundamente o fumo e a cor começou a voltar-lhe às faces.

— Eu poderia ser suspensa do exercício da advocacia, se me pegassem com isso.

Parei diante de um sinal fechado e o carro da polícia parou ao nosso lado.

— Belo carro — disse o jovem guarda.

— Muito obrigado — disse eu. — Aceita um cigarro?

— Não posso fumar. Estou de serviço.

O sinal abriu e eu deixei o carro da policia seguir à minha frente. Dobraram na primeira esquina e eu disse:

— Chega, Júnior. Apague esse cigarro.

Ele quis protestar, mas percebeu meus olhos pelo espelho. Apagou em silêncio o cigarro e guardou a ponta no bolso.

Entrei por Goldwater e comecei a subir a montanha. O trânsito estava mais calmo e eu pisei um pouco. O carro vencia as curvas como uma bailarina.

— Palavra que isto é melhor do que voar — disse Júnior.

Olhei pelo espelho. Ele ia bem. Estava sob a ação do entorpecente.

— Para onde vamos? — perguntou ele.

— Vou deixar você em minha casa. Depois, a advogada e eu vamos ter um encontro com o patrão dela.

O Bel Air Hotel tem uma clientela conservadora, o que é a melhor maneira de defini-lo.

Spencer estava à minha espera em seu apartamento. Nada de bangalôs para ele. Queria todo o conforto à mão, sem ter de esperar pelo serviço, enquanto os garçons caminhavam um quilômetro para levar-lhe o pequeno almoço.

Levantou-se quando entramos. Os anos tinham sido bondosos com ele. Estava ainda bem apresentável. Apertou-me a mão com a energia e a firmeza de sempre.

— Isso é uma surpresa — disse-lhe eu.

— É com muito prazer que o vejo — disseme ele com um sorriso sincero.

Apresentei a advogada.

— Trabalha para o senhor. É do Departamento Jurídico da KSFS em São Francisco.

— Têm razão de dizer que o Oeste é mais progressista — disse ele gentilmente. — Lá no Leste, os advogados não são assim.

— Muito obrigada, Sr. Sinclair.

— Eu não devia tê-lo chamado assim, Steve. Mas surgiram alguns assuntos

importantes e temos de conversar sobre eles.

Olhou para a advogada e esta entendeu imediatamente.

— Se têm de discutir assuntos importantes, posso ir esperar no bar do hotel.

— Ficaria muito aborrecida com isso? — perguntou Sinclair. — Eu lhe agradeceria muito.

Vimo-la sair e Sinclair me perguntou:

— Parece uma boa moça. É boa advogada também?

— Creio que sim. Parece que gostam dela por aqui.

— Quer beber alguma coisa?

Fiz um sinal afirmativo e fui com ele até o pequeno bar instalado no apartamento. Misturei dois uísques com água.

— Bem fraco o meu — disse ele.

Botei mais água e entreguei-lhe o copo.

— Está bem assim ?

— Ótimo.

Fomos sentar-nos no sofá. Ficamos alguns minutos em silêncio enquanto provávamos os nossos uísques.

— Deve estar curioso pelo motivo do meu chamado, não?

— De fato.

— Tenho sessenta e cinco anos e a diretoria quer que eu continue no cargo por mais cinco anos. Estão dispostos a alterar ou suprimir o dispositivo do afastamento compulsório.

— São inteligentes — disse eu.

— Mas eu não quero. Faz três anos que você saiu. A tarefa não se tornou mais fácil para mim e eu não posso mais dar conta dela — pousou o copo na mesa e me olhou. — Depois de mim e da fundação, o maior acionista da companhia é você.

Eu sabia o que ele queria dizer. Referia-se aos 15% de ações de Barbara que ela recebera do seu fundo fiduciário e da herança da mãe.

— Não lhe criarei problemas de espécie alguma — disse eu.— Dei-lhe procuração para votar por mim e poderei dar procuração a quem o senhor disser.

— Mas não é isso que eu quero,

— Que é então?

— Quero que volte.

Levantei-me, fui até o bar e preparei outro uísque. Tomei um gole e fui sentar-me de novo no sofá.

— Eu tenho 30% das ações e a fundação tem 25%. Com as suas ações, isso

representa 70%. Não há ninguém a quem eu possa confiar isso.

— O senhor tem alguns bons homens lá — disse eu.

— São bons homens, mas não são você. São apenas homens que estão desempenhando a contento as suas tarefas. Se outra rede os quisesse amanhã e lhes pagasse um bom preço, eles me deixariam. Não são parte integrante da Sinclair.

— Só o senhor é parte integrante da Sinclair.

— Só eu, não. Você também Refiro-me à atitude, à dedicação, ao ânimo. Você me entende.

Claro que entendia. Ele estava falando de um estado de espírito, de construir uma empresa não pelo amor da empresa ou mesmo do dinheiro, mas de construir uma empresa como se constroem monumentos, pontes para o futuro que continuariam depois que todos desaparecêssemos. Ele não compreendia que o monumento era dele e não meu. Fiquei por tanto tempo em silêncio que ele começou a falar de novo.

— Você sabe muito bem que não foi por minha vontade que você saiu.

— Sei. Mas era o que tinha de ser feito de melhor para todos nós.

— Não concordei com você naquela época e ainda não concordo. Outros cometeram erros maiores e não tomaram conhecimento deles.

— Só posso dizer é que eles não eram eu.

— Você e a sua maneira de perfeição. Não compreende que não há nada, nem ninguém perfeito?

— Não foi isso.

— Que foi então? Você fez o que quis fazer. Salvou da ruína o seu amigo imbecil. Ele pouco se importou com o que aconteceu a você. Pensou que só precisava pagar-lhe em dinheiro ? Por que você tinha de sentir-se culpado por isso? Por que tinha de punir-se? No fim, ninguém foi prejudicado. Nem seu amigo, nem nós. Só você.

— Também não foi isso.

— Que foi então ? Creio que mereço saber.

— Cansei...

— Não compreendo.

— Não é tão difícil de compreender assim. Lutei todas as guerras incessantemente. E eram as mesmas guerras. A guerra dos índices de audiência. A guerra dos talentos. A guerra dos negócios. Quantas guerras é preciso vencer para provar o valor que se tem? Talvez eu tivesse vencido muitas guerras. Talvez fosse tempo de perder uma para provar o gosto novo da derrota. Ao menos, era

uma coisa diferente.

— Não foi só isso — murmurou ele.

— É verdade.

— Que foi mais ?

— Eu tinha um sonho — disse eu. — Eu era uma parte da maior oportunidade que o homem já teve de falar ao homem. E nós estávamos pondo a perder essa oportunidade, justamente por causa das guerras. Havia tanto que podíamos fazer e não fazíamos.

— Não é tarde demais, Steve. Se voltar, poderá moldar tudo ao seu jeito. Eu lhe darei todo o apoio necessário.

— É tarde demais — disse eu. — A oportunidade já passou. Muita coisa já aconteceu e tudo se tornou extremamente complexo.

Ele olhou para mim e murmurou:

— Sinto muito.

Fiquei calado.

— Ainda está firme na sua idéia de voltar comigo? — perguntou ele.

— É claro.

— Faria alguma objeção a que vendêssemos a companhia?

— Nenhuma, se o senhor acha que isso é o melhor.

— Tenho sido sondado por vários grupos — disse ele. — Ainda não falei com nenhum deles. Talvez agora.

Algo estava começando a acontecer. Pela primeira vez, num espaço de tempo que parecia um século, comecei a interessar-me.

— Está pensando mesmo nisso? — perguntei.

— Estou. Por quê?

— Tenho uma idéia. E se eu lhe mostrar que poderia obter todos os benefícios resultantes da venda da companhia sem realmente vendê-la?

— Já recebi propostas de fusão.

— Não é a mesma coisa.

— Qual é a diferença?

Levei três minutos explicando e vi que ele ficou interessado.

— Acha que podemos fazer isso? — perguntou quando eu terminei.

— Não sei ainda — disse eu. — Dê-me seis horas e eu lhe direi.

— Pode levar mais tempo, Steve. Não tenho pressa.

— Terei certeza dentro de seis horas. Onde estará esta noite se eu precisar entrar em contato com o senhor?

— Aqui mesmo — respondeu ele com uma expressão de surpresa. — Onde

era que eu poderia estar? Na minha idade, não se praticam mais certos jogos.

Virei à esquerda no Sunset, saindo dos portões do Bel Air. Já estava escuro e os faróis dos carros que vinham em sentido contrário brilhavam intermitentemente em nossos olhos.

— Ele não é absolutamente como eu pensava — disse ela. — Achei-o verdadeiramente encantador.

— E ele pode ser quando quer.

— Todos dizem que ele é frio como gelo. Mas não se mostrou absolutamente assim com você.

— Bem, isso é por questões de família

— Não compreendo.

— Fui casado com a filha dele.

— Ah, agora sei — disse ela, pegando um cigarro. Acendi o isqueiro para ela. — Acho melhor me levar para o aeroporto agora.

— Por quê ?

— Parece que você vai ter muito o que fazer esta noite e eu só iria atrapalhá-lo.

— Não diga tolices! Se eu não quisesse você aqui, não a teria chamado.

Ela passou algum tempo em silêncio e perguntou:

— Quer ir para a cama comigo, não é isso?

— Em parte é isso.

— Qual é a outra parte ?

— Você é uma advogada. Tem de ficar por perto porque posso precisar de seus conhecimentos profissionais antes que a noite chegue ao fim.

Não sei se ela gostou disso ou não. Só voltou a falar depois que voltamos a minha casa. Parei o carro e desliguei o motor.

Não fez menção de sair do carro. Parecia estar esperando que eu a beijasse. Tomei-a nos braços. Os lábios eram macios, quentes e ansiosos. Ficamos abraçados por muito tempo e afinal ela se afastou.

— É melhor não recomeçarmos — disse ela. — Não poderei passar de novo por tudo o que já passei.

— Mas sobreviveu sem danos.

— Como é que sabe ? Eu não estava representando. Por que acha que eu voltei para São Francisco?

— Havia um emprego à sua espera.

— Era o que eu dizia a mim mesma. Eu era apenas outra pequena qualquer

para você. Havia ocasiões em que você nem se lembrava do meu nome. Mas não era absolutamente o que eu sentia.

Não respondi.

— Já faz mais de três anos — disse ela.

— Dê-me sua mão.

Ela me deu a mão e eu senti tremer um pouco.

— Não sou um monstro — murmurei.

— Pensou em mim alguma vez em quatro anos? Ao menos uma vez?

— Pensei em você esta tarde. Não é uma resposta suficiente?

— Não — disse ela, retirando a mão. — Você acreditaria se eu lhe dissesse que nunca mais estive com outro homem depois que me afastei de você?

— Isso explica tudo. Não admira que você esteja tão agitada. É melhor entrarmos.

Ela me lançou um olhar de raiva e saiu do carro, batendo a porta. Alcancei-a quando ela passou pelo meu lado e segurei-a.

— Pensa que isso é tudo?

— Talvez não. Mas é uma parte muito boa do conjunto.

Ela se desvencilhou de mim e subiu para a casa. Segui-a.

Ouvi as vozes exaltadas logo que abri a porta, Descemos a escada que passava pelo carro.

Sam e Júnior estavam no centro da sala discutindo em voz alta. No fundo, o aparelho de televisão estava transmitindo com muita oportunidade cenas das últimas arruaças em Berkeley.

— Alô — disse eu passando por eles e apagando a televisão.

— Não pense que você é tão grande que eu não lhe possa dar umas palmadas! — gritou Sam, avançando para Júnior,

Coloquei-me entre eles. Júnior me agarrou pelo braço.

— Foi ele que nos denunciou à polícia! Pergunte que ele nem se dá ao trabalho de negar!

— Cale-se! — disse eu energicamente.

Júnior me olhou por um momento com raiva e, em seguida, correu para o terraço. Acendeu um cigarro e ficou olhando a cidade.

Voltei-me para Sam. Ele me olhou, com o rosto ainda afogueado pela cólera.

— Não basta que você me tivesse custado minha filha? Ainda quer levar meu filho ?

Hollywood, 1960-1965

LIVRO III

SAM BENJAMIN

CAPÍTULO I

O guarda do estúdio cumprimentou-o quando a limusine passou pelo portão da Trans-World.

— Bom dia, Sr. Benjamin.

— Bom dia, John — disse ele do banco de trás. — Parece que vai ser um belo dia.

— Decerto, Sr. Benjamin. Nem sinal de smog.

A limusine entrou e virou à direita na estrada junto ao portão. Passou pela primeira fila de edifícios de administração e parou diante de um prédio de dois andares num canto à parte. O carro parou num local de estacionamento onde havia um pequeno cartaz: "RESERVADO PARA O SR. SAMUEL BENJAMIN".

Um servente estava polindo a chapa de metal ao lado da porta em que se lia: PRODUÇÕES SAMARKAND. Cumprimentou quando Sam passou.

— Bom dia, Sr. Benjamin.

— Bom dia.

Sam continuou pelo corredor até chegar ao seu gabinete. Tomava toda a extensão do prédio nos fundos. Entrou pela sua porta privativa ao mesmo tempo que sua secretária chegava da sala dela.

— Bom dia, Sr. Benjamin.

— Bom dia, Srta. Jackson.

Sentou-se à mesa e a secretária colocou alguns papéis à frente dele.

—_A Sra. Benjamin telefonou ainda há pouco. Disse que o senhor se esqueceu de tomar o remédio antes de sair de casa.

Foi até ao bar e voltou com um copo de água que lhe deu juntamente com dois comprimidos.

— Está bem, está bem — disse ele, tomando os comprimidos. — Devo ser o único homem no mundo que foi atacado de gota comenda cachorro-quente kosher.

Ela colocou outro comprimido diante dele.

— E isso aí o que é?

— Seu comprimido do regime. O senhor hoje não pode ingerir mais de 1.500 calorias. Sua esposa disse que tomou 300 no café da manhã e deve comer umas 800 no jantar. Isso quer dizer que só poderá almoçar um pedaço de queijo magro.

— 'Bobagem tudo isso — disse ele, tomando o outro comprimido. — Agora, podemos começar a trabalhar?

— Claro, Sr. Benjamin — pegou os papéis em cima da mesa, olhou-os e disse: — As primeiras provas de Arco de Washington serão passadas às onze horas na sala de projeção Três.

— Está bem.

— Aqui está um estudo comparativo das receitas de bilheteria de O Galo de Aço. Nos dezessete primeiros contratos. Está correndo 70% a 120% à frente de As Irmãs.

— Ótimo. Deixe aí que eu quero examinar.

— O Sr. Cohen telefonou de Nova York. Gostaria de falar com o senhor às cinco horas, hora dele.

Ele fez um sinal de assentimento.

— O Sr. Luongo telefonou de Roma. O novo filme de Barzini está com um atraso de sete dias.

— É a média esperada para apenas três semanas de filmagens. Faça uma ligação de novo que eu quero falar com ele.

— O Sr. Schindler e o Sr. Ferrer, do departamento de produção, gostariam de ter uma conferência com o senhor na hora que determinar. Já prepararam os cálculos de produção e os orçamentos de O Premiado e gostariam de discuti-los com o senhor.

— Falarei com eles antes do almoço.

— E o Sr. Craddock telefonou. Convida-o para almoçar com ele na sua sala de jantar particular às 12 e 15.

— Que será que ele quer? — perguntou ele, olhando para a secretária.

Craddock era chefe da produção e vice-presidente executivo da Trans-World.

— Já leu os especializados de hoje ? — perguntou ela em voz baixa.

— Não.

Ela colocou na mesa diante dele o Hollywood Repórter e o Variety.

— Leia a matéria principal nos dois jornais.

Os títulos eram quase os mesmos: "BENJAMIN NOVO PRESIDENTE DA TRANS-WORLD?" O conteúdo era também quase o mesmo. Ambos os artigos punham em destaque o fato de que quase todos os filmes que a Trans-World tinha em produção ou planejamento eram de Benjamin. Mencionavam o sucesso de O Galo de Aço em exibição e recordavam os sucessos passados de As Irmãs e de Os Fugitivos Nus.

— É a primeira vez que ouço falar nisso. Ninguém me disse nada.

— Nas últimas semanas não se tem falado em outra coisa no estúdio.

— Ainda não sei nada sobre isso — murmurou ele, mas intimamente se

sentia satisfeito. — Já tenho problemas de sobra. Que é que tenho com os problemas deles?

— Que é que eu digo ao Sr. Craddock?

— Diga-lhe que está bem. Doze e quinze.

Ela saiu do gabinete e um momento depois tinha completado a ligação com Charley.

Sam gritou pelo telefone transatlântico:

— Que história é essa de sete dias de atraso? Que é que está acontecendo aí?

Rory Craddock era um homem magro e nervoso que passava os dias tomando um preparado de bicarbonato para aplacar o estômago. Nos últimos oito anos, tinha sido o chefe da produção da Trans-World. O segredo do seu sucesso era muito simples. Nunca aprovava um projeto enquanto todos os seus superiores não instavam com ele nesse sentido. Quando chegava a esse ponto, se alguma coisa não desse certo, ninguém poderia acusá-lo.

Estava sentado à sua mesa com os jornais especializados. Tomou nervosamente outro comprimido e examinou o artigo. Quando o lera pela primeira vez naquela manhã, quase telefonara para Nova York a fim de saber quem tinha mandado publicar aquilo e se havia alguma verdade no rumor. Mas, depois, tinha pensado melhor e não telefonara.

Convivia com o meio havia tempo suficiente para reconhecer a tática. A notícia não passava de um balão de ensaio, de um gesto de sondagem da gerência para ver como a idéia seria aceita. Consultou o seu corretor. Aparentemente, caíra bem na Bolsa. Havia um interesse acima do normal nas ações da Trans-World e as ações comuns tinham subido quase dois pontos.

Ficou pensando no efeito que aquilo teria sobre ele. O comprimido já se dissolvera quase por completo, deixando-lhe um gosto de barro na boca.

Pouco se lhe dava que Benjamin se tornasse presidente da companhia. Mas o fato de que ele pudesse querer encarregar-se da produção era diferente. Até então não tinha havido ameaça ao seu setor. Tinha telefonado impulsivamente e convidara Benjamin para almoçar. Não sabia se tinha agido bem. Um dos seus pontos fortes era nunca se mostrar preocupado. O que tinha de fazer era justificar o almoço.

Estendeu a mão para pegar o outro comprimido e parou. A implicação de que tinha sido por culpa dele que a produção da companhia tinha estado parada não era inteiramente verdadeira. Havia vários projetos que ele estava disposto a aprovar, mas não havia conseguido o apoio que julgava necessário. Havia dois

em particular que lhe pareciam cheios de possibilidades.

Um deles era A História de Chico Bóia. Tinha um screenplay magnífico, baseado no escândalo que levara a indústria a organizar a sua junta de censura própria. Já havia falado com James Gleason para representar.

O outro era uma versão nova de um velho romance de Zane Grey que tinha sido um dos grandes sucessos de Tom Mix. Gary Cooper tinha dito que trabalharia no filme se houvesse um script em condições.

Teve de repente a idéia. Era tão boa e simples que ele se espantou de não haver pensado nisso antes. Serviria a todos os seus objetivos. Responderia às críticas sobre a sua falta de produção e mostraria a Benjamin que ele estava do lado dele, caso houvesse alguma verdade no boato.

CAPÍTULO II

— Faça o favor de entrar, Sr. Benjamin — disse a secretária, abrindo a porta. — O Sr. Craddock está à sua espera.

— Muito obrigado.

Sam entrou na sala de Craddock. Este se levantou de trás de sua mesa e estendeu a mão, dizendo:

— Bom dia, Sam. Estou muito contente de que pudesse vir.

Sam apertou-lhe a mão. Craddock falava de uma maneira que fazia pensar que Sam viajara mil quilômetros para chegar até ali, quando não fizera mais do que atravessar uma rua do estúdio.

— Bom dia, Rory.

Craddock tirou os óculos e colocou-os em cima de uma pilha de scripts, esforçando-se para que Sam os notasse.

— Lê tudo isso?

Craddock esboçou um gesto de modéstia.

— Isso é apenas parte de meu serviço. Não pode imaginar quanta coisa horrível tenho de ler todas as semanas até encontrar alguma coisa que valha a pena. Penso às vezes que preciso de outro par de olhos.

Sam mostrou-se convenientemente impressionado.

— Para mim isso seria impossível. Não teria paciência.

— Que é que vou fazer se é esse o meu serviço? — disse Craddock apertando o botão do interfone.

— Pronto, Sr. Craddock.

— Vamos subir agora. Não estou para ninguém.

— Muito bem, Sr. Craddock. Bom apetite.

Craddock desligou a chave do interfone e perguntou a Sam:

— Está com fome ?

Subiu com o outro a escada para a sala de jantar particular.

— Estou sempre com fome — disse Sam. — Mas estou fazendo regime.

Foram sair no pequeno terraço que tinha sido fechado com vidraças para formar a sala de jantar. Tinha-se dali uma vista de todo o estúdio.

— Todo o mundo faz regime — disse Craddock, sorrindo. — É por isso que temos dois menus, o do regime e o normal.

— Qual é a diferença? — perguntou Sam.

— O normal é um bife bem grosso, batatas fritas, saladas e queijo Roquefort. O regime é hamburger sem gordura, com queijo magro e tomate.

— Nada disso — exclamou Sam. — Quero o menu normal.

O mordomo preto fez uma reverência.

— Sr. Craddock, Sr. Benjamin, posso saber o que desejam beber?

— Para mim, um xerez seco, como de costume.

— Para mim, uísque puro com gelo — disse Sam. Olhou para Craddock e acrescentou: — Lá se vai o regime.

Craddock sorriu.

— Você não é capaz de acreditar, Rory, mas calculo que nos últimos dez anos perdi bem uns quinhentos quilos fazendo regime. Por que então ainda peso 90 quilos?

O mordomo chegou com as bebidas numa bandeja, Sam tirou o seu copo.

— Tim-tim.

— Tim-tim — disse Craddock.

Beberam.

— Posso atrever-me a perguntar como deseja o seu bife, Sr. Benjamin? — perguntou o mordomo.

— Mal passado.

— Sou-lhe extraordinariamente grato, Excelência.

Sam voltou-se para Craddock.

— Onde foi que ele aprendeu a falar assim?

Craddock riu.

— Lembra-se de uma série de filmes em que Arthur Treacher fazia o papel de mordomo? Creio que Joe não perdeu um só.

Encaminharam-se para a mesa e, depois de sentados, Craddock disse:

— Soube que as primeiras provas de Arco de Washington estão prontas.

— Bem, de fato não saíram más.

— Está tendo tudo o que deseja no estúdio? Serviços, cooperação ?

— Não podia ser melhor.

O mordomo colocou a salada diante deles e Sam começou a comer vorazmente. Craddock apenas beliscava o prato. Uma salada era um verdadeiro crime contra o seu estômago delicado.

— Deve ter estranhado meu telefonema hoje de manhã, não?

Sam fez um sinal afirmativo sem falar, pois estava com a boca cheia.

— Estamos muito contentes de tê-lo aqui conosco na Trans-World. E temos dado tratos à bola procurando meios de cumprir a nossa associação.

Sam olhou para ele, mas ainda não disse nada.

— Sabe que é agora um dos três produtores da indústria cujos nomes são reconhecidos pelo público?

— Não — murmurou Sam.

— Só há mais dois que podem ser citados, Hal Wallis e Joe Levine. Os outros só são conhecidos dentro da indústria.

— Nunca havia pensado nisso.

— Mas é verdade — disse Craddock. — E conseguiu isso com apenas alguns filmes em alguns anos. Os outros passaram a vida toda nisso.

Sam ficou em silêncio.

— Estamos muito interessados em quaisquer outros originais que possa ter em vista.

— Tenho examinado algumas coisas — disse Sam. — Mas, além de O Premiado, não tenho ainda nada de positivo.

— É uma pena — disse Craddock com aparente sinceridade. — Gostaríamos de fazer mais.

O mordomo trouxe os bifes. Sam olhou para o seu. Quente, tostado por fora, com uma rodela de manteiga com salsa se derretendo bem no meio. Sentiu as glândulas salivares entrarem em ação. Cortou-o. Estava perfeito, sangrento e macio.

— Já pensou em produzir alguns filmes para outros, além de sua companhia?

Sam sacudiu a cabeça.

— Seria uma maneira de encher seu tempo — disse Craddock. — Enquanto estivesse preparando os seus originais.

— Não sou a bem dizer um produtor.

Craddock riu.

— Se você não é produtor, nós gostaríamos de ter mais uns dez como você.

Sam guardou silêncio. Ainda não sabia o que Craddock queria, mas, fosse o que fosse, o bife era bom e ele se livrara de um almoço de regime.

— Que é que você tem em vista ? — perguntou finalmente.

— Posso estar falando antes do tempo. Mas creio que os homens do Leste concordarão comigo. Acho que podemos fazer um contrato para dez filmes.

— Dez filmes?

— Sim, você faz cinco filmes para nós e nós financiamos cinco filmes para você. Em nossos filmes, nós lhe pagaremos o dobro do que você cobra nos seus filmes como produtor e lhe daremos 50% dos lucros. Você fará os seus filmes da mesma forma por que os faz agora, com a diferença de que reduziremos a nossa parte dos lucros a 25% do estrangeiro em lugar dos atuais 50%.

Sam acabou de comer o bife e disse:

— É uma idéia interessante.

— E, na minha opinião — disse Craddock, — muito prática e boa para ambos os lados.

Sam assentiu. Havia alguma coisa no que Craddock dizia. Receber 250 mil dólares como produtor por filme era um bocado de dinheiro. E não havia muita dificuldade. Não teria de cuidar do pior, que era a caça ao original, ao script. Só lhe caberia manter tudo sob vigilância. Tudo dependia, porém, dos originais.

— E eu teria direito a aprovar os scripts? — perguntou.

— Absoluto — disse Craddock. — Não poderíamos nem sonhar em pedir-lhe que fizesse alguma coisa que você não quisesse fazer. Você teria de aprovar tudo, script, diretor e elenco. Não é nem preciso dizer isso.

— Tem algum original em vista?

Craddock fez um sinal afirmativo.

— Tenho dois grandes originais já prontos. A única coisa de que preciso é de um produtor à altura. Um deles é um western que poderia ser estrelado por Gary Cooper. O outro exigirá um ator como James Gleason. Em boas mãos, esses dois originais poderão dar em resultado grandes filmes.

Sam olhou-o pensativamente. Com atores assim, os filmes não poderiam deixar de ser ótimos. Os próprios atores eram por demais bons e caros.

— Escute —- disse Craddock. — Vou mandar-lhe os dois scripts. Leia-os e então teremos outra conversa.

— Boa idéia — disse Sam.

O mordomo se aproximou da mesa e fez uma reverência.

— E agora, cavalheiros, teremos para a sobremesa torta de maçã à moda do Estado de Washington com baunilha e sorvete de chocolate à la mode.

Sam estava completamente vencido.

— Quero tudo.

Só depois do almoço, quando voltava para o seu escritório, foi que Sam percebeu que Craddock não mencionara o artigo publicado nos jornais especializados da manhã.

CAPÍTULO III

— Steve.

Ele virou o corpo ficando de costas sobre a areia quente. Levantou a mão para proteger os olhos do sol, que já estava começando a mergulhar no Pacífico.

— Que é, Menina Dourada ?

Ela se arrastou pela areia para mais perto dele, passou o braço por sobre o peito de Steve e olhou-o, bloqueando o sol.

Steve desceu o braço até a coxa dela. A carne dela estava tão quente quanto a areia debaixo dele.

— Você estava tão longe — disse ela.

— Engano seu. Estava aqui mesmo.

— Em que era que estava pensando?

Todas elas eram iguais. Depois de algum tempo, queriam logo dominar a cabeça da gente.

— Em nada. Talvez estivesse apenas desejando que houvesse dez, cem, mil dias como o de hoje. Sem telefones, sem gente, sem problemas.

— Você não se sentiria feliz se fosse assim.

Ele pensou por um momento.

— Acho que não.

— Quer ir a uma festa esta noite?

Steve não respondeu.

— Sei que não foi isso que prometi. Mas hoje é domingo e amanhã você vai de qualquer maneira voltar para Nova York e eu tenho de começar a procurar trabalho.

Ele continuou calado.

— Ardis me telefonou hoje de manhã enquanto você estava dormindo. Os Gavins vão dar uma festa na casa nova que mandaram fazer em Colony. A festa vai ser em honra de Samuel Benjamin, o produtor. Bobby Gavin vai trabalhar no western que ele vai fazer com Gary Cooper e me disse que há um grande papel feminino no filme que me cairá como uma luva.

— Pode ir à festa que eu não me importo.

— Não. Prometi ficar com você e, se você não for, eu também não irei.

Ele é que sabia. Quer ele a levasse, quer não, ela não iria sozinha à festa, nem que tivesse de chamar para levá-la o seu cabeleireiro invertido.

—_Bobby acha que eu tenho boas chances. É um papel que Benjamin não pode dar à pequena dele. __

— Que pequena?

— Marilu Barzini. O sotaque italiano dela não serve para o filme. Ardis me disse que Benjamin vai levar Marilu à festa.

— Está bem.

— Está bem o quê?

— Iremos à festa.

A casa não era muito grande, mas tinha um grande terraço que se estendia pela praia até à beira da água e os convidados se espalharam por ele na noite quente.

Algum dia, Bobby Gavin seria um grande astro, pelo menos no que dependesse de Ardis, mulher dele. Ela estava à porta quando chegaram.

— Selena! — exclamou ela. Olhou para Steve. — E você também! Quanta satisfação!

— Eu não iria perder uma festa sua, Ardis — disse ele, beijando-lhe o rosto.

— Entrem e peguem um drinque — disse ela. — Já há uma porção de gente divertida aí dentro.

Deixaram-na atendendo a outros convidados que chegavam e abriram caminho para o bar por entre a multidão. Não foi fácil. Selena era muito conhecida e o fato de Steve estar com ela não a prejudicava. Ele já era bem conhecido em Hollywood e em geral se sabia que o presidente da Sinclair não era muito amigo de festas.

Chegaram finalmente ao bar. Steve voltou para a sala com um scotch na mão. O barulho o atordoou depois do dia calmo passado na praia e ele foi para o terraço. Encostou-se à balaustrada e ficou olhando o mar.

Um navio passava ao longe todo iluminado e as ondas se quebravam na praia. Fazia quase um ano que não via Sam. Fazia quase um ano que Sam fechara o seu novo negócio com a Trans-World.

No seu espírito, não conseguia ajustar Sam ao ambiente de Hollywood. Havia nele alguma coisa completamente diferente. Mas ele tinha prosperado ali e tinha uma grande casa em Beverly Hills. Os filhos freqüentavam a Escola de Beverly Hills e Denise... Como estaria Denise vivendo? Ficara muito inquieto

com a notícia de que Marilu era a pequena de Sam. Não conseguia também ajustá-lo a essa situação.

Esforçou-se por tirar isso da cabeça. Todos eles eram adultos c podiam viver a sua vida como bem quisessem. Era bem provável também que nenhum deles aprovasse a maneira pela qual ele estava vivendo.

Sam e Marilu chegaram tarde, dentro dos padrões de Hollywood. Eram dez e meia. A essa hora, os convidados já estavam começando a retirar-se. A segunda-feira era dia de trabalho. Quem estava trabalhando tinha de chegar ao estúdio cedo e quem não estava não queria dar demonstração disso.

Houve uma certa agitação à porta e Steve ouviu Ardis dizer:

— Já estava começando a pensar que não viriam.

Virou-se para olhar. Toda a festa parecia ter passado a gravitar em torno de Sam e Marilu. Sam estava sorrindo, com o rosto um pouco afogueado e suarento. Com certeza, tomara alguns drinques antes de chegar ali.

Marilu estava ao lado dele. Steve olhou-a. Não havia a menor dúvida. Quando ela chegava a uma sala, todas as outras mulheres desapareciam em comparação a ela. Tinha aquele ar íntimo de segurança que só é dado a ter uma mulher que tenha absoluta confiança em sua beleza.

Alguém pôs um drinque na mão de Sam e ele bebeu avidamente.

— Foi um telefonema de Roma que nos atrasou — dizia ele, quando viu Steve do lado de fora. Parou de falar subitamente e uma espécie de embaraço se lhe estampou no rosto. Acabou de tomar o drinque e se encaminhou para o terraço.

— Steve! — exclamou ele, abraçando-o e beijando-o em ambas as faces, à moda européia. — Por que não me disse que estava na cidade? Poderíamos ter combinado alguma coisa.

— Foi uma viagem rápida. Só o fim de semana. Amanhã mesmo já vou voltar para Nova York.

— Ainda assim, podia ter-me telefonado. Há tanto tempo que não nos vemos!

— Você deve andar muito ocupado.

— Para você nunca estou ocupado. Você é um dos velhos amigos — Marilu se aproximou. — Já conhece Marilu Barzini?

Steve cumprimentou-a.

— Conhecia na noite dos prêmios da Academia. Mas foi por um breve instante há quase dois anos e havia muita gente em volta.

— Steve Gaunt — disse Sam a Marilu.

— Mas eu me lembro dele. É o homem da televisão. Sam falou com você de Roma quando estávamos pensando em filmar As Irmãs.

Steve lembrou-se da conversa pelo telefone. Quer dizer que tudo havia começado naquela época. Marilu era a pequena que estava no quarto com Sam.

— Tem uma memória notável.

— Nunca me esqueço de nada.

Ela disse isso de uma maneira que fez Steve acreditar. Nunca devia esquecer-se de nada que tivesse importância para ela ou para a sua carreira.

Alguém chegou e levou Sam, deixando Marilu com ele.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou ele polidamente.

— Champanha.

Ele fez sinal a um garçom e dentro em pouco o champanha estava nas mãos dela. Steve acendeu um cigarro.

— Está gostando da sua estada aqui ?

Ela sorriu.

— Gosto dos Estados Unidos.

— Pretende ficar muito tempo aqui?

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Sam quer que eu faça o filme. Querem que depois eu assine contrato para mais dois.

— Ótimo. Qual é o filme?

Ela fez uma careta.

— Um western. Pode imaginar uma coisa dessas? Eu trabalhar num western! Mas Sam diz que o script é muito bom e Gary Cooper vai trabalhar no filme.

Steve viu que Selena do fundo da sala estava olhando para eles. Sentiu-se de repente cansado. Esperava que ela não descobrisse naquela noite que não tinha possibilidade de conseguir o papel.

— Devo-lhe muitos agradecimentos — disse Marilu.

— Agradecimentos por quê?

— Naquela ocasião, em Roma, se não tivesse animado Sam, talvez o filme não chegasse a ser feito.

— Não, o filme teria sido feito de qualquer maneira.

Sam voltou e pegou o braço de Marilu com um jeito de proprietário.

— Temos de ir saindo. Prometi passar ainda por outra festa.

— É pena — disse Steve secamente.

— Gostaria de que ficassem mais alguns dias. Gostaria de conversar sobre tantas coisas com você!

— Há uma reunião de diretores em Nova York a que eu não posso faltar.

— Telefone-me na próxima vez que vier aqui.

Steve olhou para a Menina Dourada e, obedecendo a um impulso, chamou-a com um gesto.

— Um momento, Sam. Quero apresentar-lhe uma artista.

Quando ela chegou e Sam se voltou para ela, Steve disse:

— Menina Dourada, quero apresentar-lhe Sam Benjamin. Sam esta aqui é Selena Fisher. Talvez seja a atriz para o western que você está fazendo.

— Mas o elenco do filme já está completo. O comunicado vai sair amanhã. Quem vai fazer o papel é Marilu. Mas vá procurar-me, Selena. Tenho certeza de que lhe poderei arranjar outros papéis.

Steve olhou para Marilu sobre a cabeça de Sam. Os olhos dela estavam frios e verdes como os de um animal selvagem dentro da noite. Ele sorriu para ela. Mas ela não sorriu para ele. Era uma declaração de guerra.

Ele sabia.

Ela sabia.

Sam não sabia.

CAPÍTULO IV

Embarcaram na limusine e Sam disse ao chofer:

— Para a casa de Dave Diamond em Bel Air.

— Não — disse Marilu. — Quero ir para o hotel.

— Só alguns minutos, meu bem. Prometi a Dave que pararia para tomar um trago quando voltasse para casa.

— Não, já disse. Estou farta dessas festas imbecis.

— Mas isso é importante. Dave vai financiar seus dois filmes seguintes.

— Se é tão importante assim, deixe-me no hotel e vá você.

Ela se afastou para a ponta do banco e ficou olhando para o outro lado pela janela.

— Está bem — disse ele ao chofer. — Vamos para o hotel.

Ficaram em silêncio até o carro entrar no Bulevar Sunset e começar a subir as colinas para Los Angeles.

— Que é que a está aborrecendo, Marilu?

— Nada.

— Não pode deixai de ser alguma coisa. Você estava tão bem no começo da noite.

Ela não respondeu. Sam estendeu a mão para a dela, mas ela a retirou.

— Está bem. Seja como você quiser.

Não falaram até o carro chegar aos arredores de Brentwood. As luzes de um pequeno centro comercial brilharam um instante quando ela se voltou para ele.

— Vai passar a noite comigo?

— Não.

— Por quê?

— Ora, meu bem, já passei uma noite com você nesta semana. Não tenho mais desculpas para dar a Denise. Ela ficaria furiosa.

— Se a esta altura ela ainda não sabe, deve ser uma imbecil completa — disse ela com o mais absoluto desprezo.

Ele não respondeu e ela continuou.

— Os homens americanos são uns covardes. Posso compreender que você não se divorcie. Há muitos motivos. Bens, impostos.. . Mas Nickie não hesitou um instante. Deixou a mulher e veio morar comigo.

— Isto aqui não é a Europa. Aqui é diferente e essas coisas não são aceitas com facilidade.

— Quer dizer que tenho de viver num hotel como uma putana a quem você visita quando tem vontade ?

Ele pegou a mão dela e teve-a dessa vez.

— Não é verdade, meu bem. Você sabe. Sabe muito bem o que sinto por você.

— E o que é que sente por mim o Sr. Benjamin, o grande produtor ?

— Deixe de ironias. Eu a amo.

— Se me ama, passe a noite comigo. Preciso de você esta noite. Sabe que eu detesto dormir sozinha.

— Não posso — disse ele desesperadamente.

Ela enterrou a mão entre as pernas dele.

— Você sabe como é que eu gosto de dormir. Pegando em você a noite inteira.

— Não faça tudo pior ainda para mim — disse ele. — Talvez eu consiga alguma coisa amanhã, mas esta noite prometi voltar para casa.

— Prometeu? — exclamou ela, retirando a mão violentamente e começando a chorar.

— Marilu! — disse ele, tentando desajeitadamente acariciá-la.

Ela lhe empurrou a mão.

— Não me toque!

Ele ficou a olhá-la desoladamente.

— Não sei por que dei ouvidos a você — disse ela, soluçando. — Nickie bem me disse que você não era como ele, que você não tinha por mim o mesmo interesse que ele tinha e só queria era usar-me.

— Usar você? — perguntou ele com raiva, exasperado com a cena que ela fazia. — Usar você, mulherzinha de merda? Pago a você meio milhão de dólares por filme e ainda uma parte da renda bruta e você tem coragem de dizer que eu a usei? Você só veio comigo por uma razão. Foi porque só vê na sua frente o dinheiro, sua ordinária!

Ela parou de soluçar de repente. Era a primeira vez que ele levantava a voz para ela. A expressão do rosto dela mudou e ela murmurou com segurança:

— Você me ama?

— É claro que amo você, cadela! Se não fosse isso, acha que iria querer alguma coisa com você? Iria arriscar meu casamento e sujeitar-me ao risco de meus amigos que pensam que eu sou um velho apegando-se aos seus últimos restos de potência?

Ela pegou a mão dele e beijou-a ternamente.

— Perdão, perdão... Pode perdoar sua menina?

Ele respirou fundo e murmurou:

— Está bem. Não se pensa mais nisso.

A limusine transpôs os portões do Beverly Hills Hotel. Ela se chegou para junto dele.

— Quer subir e ficar um instantinho só comigo?

Ele não respondeu.

— Prometo não prender você — disse ela, encostando na boca a palma da mão dele e passando nela a ponta da língua. — Só quero é mostrar como estou arrependida.

A idéia que ela tinha do tempo e a dele eram inteiramente diversas. Sam sentiu-se invadido por um imenso cansaço.

— Amanhã à noite — disse ele. — Tenho de me levantar bem cedo amanhã.

— Promete?

Ele fez um sinal afirmativo.

— Não está mais zangado comigo:

— Não.

A limusine parou e o motorista saiu para abrir a porta e ficou esperando.

— Foi seu amigo — disse ela de repente.

— Meu amigo? — perguntou Sam, surpresa

— Sim, o homem da televisão. Olhou para mim de um jeito muito esquisito. Não gostou de mim.

— Está enganada. Steve é um grande fã seu.

— Não, não gosta de mim. Do contrário, não teria falado naquela moça que lhe apresentou para fazer o meu papel no filme.

— Ele não sabia que o papel já era seu.

— Sabia, sim. Disse a ele pouco antes de você voltar. Apesar disso, ele chamou a tal moça.

Sam não disse coisa alguma.

— Talvez ele seja amigo de sua mulher e, por isso, é que me tratou assim.

— Assim como?

— Como se eu fosse uma vagabunda. Nunca mais quero vê-lo — disse ela, saindo do carro.

Ele saiu também e disse:

— Sei que você está enganada. Steve não é absolutamente assim.

— Bem, ele é seu amigo e eu não direi mais nada. Uma mulher não deve separar dois amigos.

— Na próxima vez em que ele vier aqui, promoverei um almoço entre nós três e você verá que se enganou.

— É possível — disse ela, dando-lhe o rosto para que ele o beijasse em despedida. — Boa noite, Sam.

Ele ficou olhando até ela desaparecer no hotel e voltou cansadamente para o carro. Não pensava senão em meter-se na cama e dormir. Tomara que Denise não estivesse esperando por ele. Não se sentia com ânimo de contar-lhe mentiras naquela noite.

Denise estava na cama quando ouviu o carro entrar na alameda. Largou o livro que estava lendo e escutou. Ouviu a porta ser aberta e os passos dele pela escada. Apagou prontamente a luz e se meteu debaixo das cobertas.

A porta do quarto foi aberta com cuidado e um pouco da luz do corredor chegou até à cama. Ela fechou bem os olhos e procurou respirar firme e regularmente. Ele entrou em silêncio no quarto e ela sentiu que ele a olhava. Não se moveu e, ao fim do que lhe pareceu um longo espaço de tempo, ele saiu do quarto.

Denise escutou no escuro os barulhos cautelosos que ele fazia despindo-se. O baque surdo dos sapatos, o farfalhar da camisa e das calças. Ouviu-o entrar no banheiro e, depois, ir dormir no quarto dos hóspedes ao lado. Enterrou a cabeça no travesseiro e começou a chorar. Hollywood. Como odiava tudo aquilo!

CAPÍTULO V

— Sou por mim só um estúdio! — vangloriou-se Sam, sem qualquer inibição. — Quando Mamãe, o Palhaço Está Chorando começar a ser rodado amanhã, será o meu sétimo filme em produção neste ano. Não é mau para um camarada no seu segundo ano de Hollywood, não acha ?

Steve olhou-o do outro lado da mesa. O entusiasmo de Sam era contagioso.

— Nada mau — disse ele.

Sam olhou para o restaurante do estúdio cheio de gente e disse a Steve, baixando a voz.

— Quando cheguei aqui, podia-se praticar tiro aos pombos dentro deste restaurante. Agora, está cheio de gente. E quase todos que estão aqui trabalham nos meus filmes — baixou ainda mais a voz. — Dizem que Rory Craddock não estaria mais aqui, se não tivesse feito um trato comigo. Estou carregando este estúdio nas costas.

Steve riu.

— Mas que é que se faz aqui para conseguir alguma bebida?

Sam fez cara feia.

— Ah, eu devia ter pensado nisso antes de sairmos de meu escritório. Aqui só servem vinho ou cerveja. Mas eu não queria chegar atrasado. Marilu virá encontrar-se conosco no intervalo para o almoço.

— Posso tomar uma cerveja?

Sam fez sinal à garçonete.

— Cerveja para o Sr. Gaunt. Fiquei muito contente de que você me telefonasse, Steve. Queria que ficasse conhecendo Marilu melhor. Não é só uma grande atriz. É também uma mulher admirável.

— Como vai o filme que ela está fazendo?

— Fantasticamente. As primeiras provas são magníficas. Quando Gary Cooper não pôde fazer o filme em virtude de um desentendimento, pensei que fôssemos entrar pelo cano. Mas, depois, consegui Jack Claw e ele é muito bom. Mas é Marilu que faz a grande diferença. Dá classe ao filme, de modo que não se pode dizer que se trata de um western como outro qualquer.

— Fico muito satisfeito com isso. Como vão Denise e os filhos?

— Denise está ótima — disse Sam. — E têm razão no que dizem sobre isto aqui. Não há outro lugar no mundo para educar crianças. Você devia vê-las. Adoram Hollywood.

— Gostaria mesmo de vê-las.

— Certo. Vou marcar uma noite e você irá jantar lá em casa. — Direi a Denise para mandar buscar no açougue kosher e fazer um pouco do brust flanken de que você tanto gosta.

— É só você me avisar, Sam. Já estou com a boca cheia de água.

Houve alguma agitação à porta e Steve não precisou de olhar para saber que Marilu tinha chegado. Ela parou ali um instante, concedendo autógrafos aos visitantes, e se dirigiu então para a mesa deles. Ambos se levantaram.

Sam beijou-a no rosto e disse:

— Você está maravilhosa, querida.

— Esta maquilagem está horrível. Mas você é muito gentil — olhou para Steve. — Muito prazer em revê-lo, Sr. Gaunt.

Ele lhe apertou a mão estendida.

— O prazer é todo meu, Srta. Barzini.

— Quanta cerimônia! — disse ela. — Isso é muito americano. Chame-me de Marilu.

— Desde que me chame de Steve.

Ela olhou para o copo.

— Isso é cerveja?

— É, sim.

— Estou com tanta sede. Você se importa, Steve? — pegou o copo e bebeu um grande gole. Depois, deu um suspiro. — Passamos a manhã toda trabalhando nos fundos do estúdio e o sol estava terrivelmente quente.

Sam chamou a garçonete.

— Mais duas cervejas. Duas não, três. Para mim, chega dessa bobagem de dieta.

A garçonete perguntou:

— O almoço de costume, Sr. Benjamin?

— Sim — disse ele e olhou para Steve. — A comida não é ruim. Pode-se pedir quase tudo sem receio de ser envenenado.

Marilu quase não comeu e foi Sam quem tirou as batatas fritas do prato dela. Steve acabou de comer o bife e se recostou na cadeira.

— Passa muito tempo aqui, não é, Steve? — perguntou Marilu.

— Passo, sim. Quase a metade de meu tempo. Chego até a pensar se não seria uma boa idéia transferir meu escritório para cá.

— Terá de fazer isso mesmo mais cedo ou mais tarde — disse Sam. — O centro de tudo está aqui.

A garçonete chegou à mesa.

— Estão telefonando de seu escritório, Sr. Benjamin. Quer que traga o telefone aqui para a mesa?

— Não é preciso. Será mais rápido se eu for atender na caixa;

Viram-no passar por entre as mesas e pegar o telefone, começando a falar rapidamente.

— Ele trabalha demais — disse Marilu. — Nunca está parado. Os dois se olharam diretamente e ela perguntou:

— Trabalha tanto assim também?

— Sim e não.

— É uma resposta bem européia essa — disse ela.

— Procuro não trabalhar tanto, mas às vezes sou colhido e nada posso fazer. Foi isso que eu quis dizer.

— Você é como todos os americanos. Os negócios vêm em primeiro lugar. Depois, se sobrar tempo e não houver muito cansaço, vêm outras coisas.

Ele sorriu, mas sem qualquer prazer.

— Você não gosta de mim.

Era uma afirmação e não uma pergunta.

— Não disse isso.

— Meu inglês não é muito bom. Talvez seja melhor eu dizer que você não me aprova.

— Não creio que isso tenha qualquer importância. Não é da minha conta.

— Você é muito americano e, portanto, correto. Mas é amigo dele e acha que eu não sirvo para ele.

— E serve?

— Creio que sim. De muitos modos. Para a carreira dele e principalmente para a sua personalidade, não acha?

Steve não respondeu.

— Deve haver em algum momento da vida de todos os homens uma mulher como eu. Sou melhor para ele do que qualquer estrelinha barata que lhe tiraria tudo sem nada dizer. Dou-lhe tanto quanto ele me dá. Comigo ele é um homem.

— Ele sempre foi um homem — disse Steve.

Sam voltou para a mesa afogueado e nervoso.

— Cambada de idiotas! — exclamou ele, sentando-se. Olhou para Marilu. — Sinto muito, mas não vamos poder jantar juntos hoje. O diretor e os escritores não chegam a acordo sobre o script e eu tenho de me reunir com eles esta noite para resolver o assunto Temos de começar a filmagem amanhã.

— Que pena! — disse Marilu. — Tinha feito planos. Eu mesma ia cozinhar a pasta esta noite.

Sam olhou para ela e depois para Steve, dizendo:

— Tenho uma idéia. Por que não vai jantar com ela? Se eu me livrar daqueles chatos a tempo, irei fazer-lhes companhia.

— Talvez Steve tenha outro compromisso — disse ela, com um tom de desafio na voz.

— Não tenho.

— Ótimo — disse Sam, sorrindo. — Você nunca provou realmente pasta até provar a que ela faz.

— Já estou antecipando esse prazer. A que horas e onde?

— Oito horas, bangalô três, Beverly Hills Hotel — disse ela.

— Então é fácil. Estou hospedado lá também.

Ela se levantou.

— Tenho de voltar para o set.

Viram-na sair e Sam olhou para Steve, dizendo:

— Fiquei tão contente de que você não a tivesse repelido. Sabe que a pobrezinha pensou que você não gostava dela?

Saiu da fresca penumbra do Salão de Pólo refrigerado e mergulhou no calor do dia que se findava, Piscou por um momento os olhos ofuscados e seguiu pelo caminho marginado de flores. O bangalô três ficava logo depois dos escritórios de contabilidade do hotel. Subiu os degraus e apertou o botão.

Um instante depois, a porta, se abriu. Uma mulher de meia-idade, morena, com um vestido preto de criada, fez-lhe uma reverência .

— Signore...

Lá dentro, a temperatura estava apenas ligeiramente mais baixa. As janelas estavam todas escancaradas.

Marilu entrou na sala pouco depois.

— Não se pode comer pasta numa sala com ar condicionado. O efeito não é bom.

— De fato. Esfria logo.

— Por que não tira o paletó ?

Steve notou que ela estava usando um vestido de algodão comum que não podia ter custado mais de três dólares nas lojas da Broadway e não tinha qualquer maquilagem no rosto. Respirou fundo. Não fazia diferença o que ela usasse. Era evidente que se tratava de uma mulher de verdade.

Ela lhe tomou o paletó e guardou-o num armário.

— Há bebidas no bar — disse ela. — Sirva-se à vontade. Tire! também a gravata. Tenho de voltar para a cozinha.

Estava servindo-se de uísque quando ouviu a voz dela que vinha da cozinha.

— Não tome uma bebida muito forte. Não quero que perca o gosto para a comida.

— Não se preocupe, Menina Italiana — disse ele. — Estou começando a adquirir um gosto novo.

CAPÍTULO VI

O jantar foi inteiramente italiano e muito simples. Primeiro, o antipasto, com aipo e alface, rabanetes e cebolinha, tudo acompanhado de atum de lata frio, fatias finas de salame de Gênova, azeitonas pretas e verdes e pimentão. Depois, a pasta. Lasagna al forno. Al dente, com um molho delicioso e enrolada em camadas de carne e pedaços de salsicharia italiana. O Chianti estava suficientemente frio e como sobremesa havia sabaglione que ela mesma bateu na mesa. O café expresso bem forte de uma pequena máquina colocada no centro da mesa completou tudo.

Ele se recostou na cadeira.

— Não acredito. Comi demais.

— Mas não comeu tanto quanto eu.

— Não sei onde consegue guardar tanta comida — disse ele, e era uma verdade.

Ela tinha comido como não se usava mais para as mulheres que tinham todas medo de engordar. Ela riu.

— Tenho mais experiência do que você.

A criada chegou e começou a tirar a mesa. Marilu levantou-se.

— Vamos para a sala-de-estar.

O telefone tocou. Ela foi até à mesinha e atendeu.

— Alô?

Era Sam.

Ela escutou por um momento e disse

— É uma pena. Amanhã, então — olhou para Steve. — Quer falar com você.

Steve recebeu o telefone das mãos dela e ouviu a voz de Sam:

— Estou preso aqui e não vou poder sair. Tinha ou não razão a respeito da pasta?

— Razão de sobra.

— Vai-se demorar muito na cidade? Quero encontrar-me de novo com você. Temos de conversar sobre algumas idéias que eu tenho.

— Ainda vou ficar alguns dias.

— Amanhã não vou ter tempo. Que tal depois de amanhã?

— Para mim, está bem — disse Steve. — Mande sua secretária telefonar para meu escritório dizendo a hora.

— Ótimo — disse Sam. — Muito obrigado.

— Obrigado de quê?

— Por ter sido gentil com Marilu. Aprecio muito isso.

Desligou e Steve colocou o telefone no gancho. Marilu estava junto ao bar e voltou-se para ele com dois copos de Fior d'Alpi nas mãos. Steve sentiu-lhe o tremor dos dedos quando tomou o copo da mão dela.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou ele.

— Não. Estou muito bem.

— Deve estar exausta — murmurou ele. — Trabalhou o dia inteiro debaixo do sol e ainda veio para casa e cozinhou o jantar. Vou-me embora para que possa ir descansar.

— Não vá ainda — disse ela, ansiosamente.

— Você se sentirá melhor quando se deitar.

— Estou bem. Não fui eu que preparei o jantar. Mandei buscar na Casa d'Oro de Billy Karin do Bulevar de Santa Monica. É o único lugar onde fazem comida como fazemos na Itália.

— Está brincando.

— De que é que se espanta? Isto aqui é Hollywood. Nada é o que parece, nada é real.

Ele nada disse.

— Não sei cozinhar. Nunca aprendi. Quando eu tinha quatorze anos e ainda vivia em Marselha, um diretor de cinema que apareceu por lá com a sua companhia me viu. Eu era bem crescida para minha idade. Duas semanas depois, fui para Roma com ele. Meu pai ficou satisfeito. Tinha mais sete bocas em casa para alimentar.

Ela virou de repente o rosto e disse:

— Acontece que os sicilianos não são tão escrupulosos em questões de honra como pensam. É espantoso o que dez mil liras podiam fazer naquele tempo.

Dez mil liras eram menos de vinte dólares.

— Sinto muito — disse Steve por fim.

— Não há motivo para isso — disse ela de costas para ele. — Aprendi uma coisa com meu pai. Tudo tem seu preço. Até a honra, E aproveitei bem essa lição. Depois do diretor, houve outros. Nunca deixou de haver alguém. Agora, há Sam — voltou-se para olhá-lo e disse: — Como vê, tinha razão a meu respeito.

Ele viu que os olhos dela estavam cheios de lágrimas e disse:

— De todo não. Tem amor por ele?

— Não. No sentido a que você se refere, não. Mas amo-o a meu modo. E respeito-o.

— Por que então? Não precisa mais dele. É uma estrela reconhecida mundialmente.

— É o que vivo dizendo a mim mesma, mas sem acreditar. Tenho medo. Acho que se não tiver alguém para me dar apoio, fracassarei.

— Não é verdade — disse ele. — Não deve o que é a ninguém senão a você. Quando se coloca à frente da câmara, está sozinha. Ninguém mais, só você. Quando se apresenta na tela ao mundo inteiro, está sozinha também.

Ela levantou o copo para ele.

— Você é um homem muito gentil, Stephen Gaunt. Muito obrigada.

— Você é muito bonita, Menina Italiana, e, tenha ou não preparado o jantar, nunca em minha vida comi uma pasta tão saborosa.

— E você? Como é que vive? Não fala muito a seu respeito.

— Não há muito de que falar.

— Os outros não têm nada de que falar. Mas dão um jeito. Não param nunca. É a terceira vez que o vejo e sempre você se limita a escutar. Todos dizem que você é grande menos você. É grande mesmo?

— Sou o que pode haver de melhor.

Ela o olhou com seriedade e disse:

— Acredito. É casado?

— Não. Fui.

— Divórcio?

— Não. Ela morreu.

— Oh... Você a amava?

— Muito. Só soube quanto depois que era tarde demais.

— É assim mesmo — disse Marilu. — Quase sempre só se dá valor ao que se tem depois de perdê-lo.

Ele olhou para o relógio.

— São onze horas. É melhor eu ir saindo para que você apareça amanhã com bom aspecto diante da câmara.

— Não vou trabalhar amanhã.

— Que é que faz nos seus dias de folga?

— Amanhã tenho de provar alguns vestidos na costureira de manhã. Depois, voltarei para cá e ficarei esperando um telefonema de Sam. Se ele puder, jantaremos juntos.

— E se ele não puder?

— Neste caso, jantarei sozinha. Irei para a cama depois de olhar um pouco a televisão. Depois de amanhã, estarei melhor porque irei trabalhar. Sempre me

sinto bem quando estou trabalhando.

— Não sai? Não vai a um cinema, a algum lugar?

— Não posso. Que pensariam se vissem Marilu Barzini, a grande estrela, sozinha? Mas não faz mal. Estou habituada.

— Não é bom para você viver assim isolada.

— Não será por muito tempo. Já me decidi e não vou assinar o contrato dos outros dois filmes. Vou voltar para a Itália. Lá estarei livre em casa.

— Sam já sabe disso?

— Não. Não podia saber ainda. Decidi tudo esta noite.

— Passará por Nova York quando voltar para a Itália?

— Passarei se você me pedir.

— Estou pedindo.

— Passarei então.

Ele se aproximou dela e ela lhe caiu nos braços. Ela descansou a cabeça no peito dele e os dois ficaram assim durante muito tempo. Depois, ele lhe virou o rosto e beijou-a delicadamente.

— Boa noite, Menina Italiana.

— Boa noite, Stephen Gaunt.

Steve apanhou a gravata em cima do sofá. Ela lhe deu o paletó e ele saiu, sem dizer mais uma só palavra. Ela ficou ali, olhando para a porta fechada, durante muito tempo. Depois, foi para o quarto, sentindo-se tão bem como há muito não se sentia.

— Já leu isso, Sam?

Ele levantou os olhos do prato de bacon com ovos.

— Isso o quê ? — perguntou com a boca cheia.

Denise passou-lhe às mãos o Hollywood Repórter, apontando a notícia na primeira página: "Marilu Barsini Vai Voltar para Roma".

Ele olhou o título, fez um gesto de assentimento e continuou a comer.

— Você não tinha contrato com ela para mais dois filmes?

— Resolvemos cancelar os contratos, Denise. Ela não se sente feliz aqui. Prefere trabalhar em Roma.

Denise tentou dissimular o súbito alívio que sentiu no coração.

— Isso prejudicará os seus planos de alguma maneira?

— Sem dúvida. Mas talvez agora eu possa chegar em casa mais cedo sem ter de andar atrás dela o tempo todo, tendo de tomar providências cada vez que ela quer fazer pipi.

— Como esta noite?

Ele largou o garfo e a faca e segurou a mão dela.

— Sim, Mamãe, como esta noite.

CAPÍTULO VII

Steve chegou ao apartamento pouco depois e encontrou o telefone tocando. Atendeu.

— Alô?

Ouviu uma voz com um ligeiro sotaque.

— Stephen Gaunt?

— Sim.

— Você me disse que telefonasse quando passasse por Nova York.

— Menina Italiana, quando é que vai chegar?

— Estou em Nova York. No aeroporto. Meu avião acaba de chegar.

— Já acabou o filme?

— Acabei ontem. Tive algumas cenas para refilmar hoje de manhã. Se não fosse isso, teria chegado mais cedo.

— Sam sabe de sua partida?

— Não. Achei que seria melhor sair em silêncio. Tentei telefonar-lhe antes, mas nunca o pude encontrar.

— Tem algum carro aí à sua espera?

— Estarei aí num carro dentro de meia hora.

— Não é preciso. Vou tomar um táxi.

— Não se esqueça de que é uma estrela, Menina Italiana. Os táxis são para a gente comum.

Ela riu.

— Vou esperar então. Estarei na sala da United Airlines.

Ele desligou e pegou o telefone interno.

— Portaria, por favor.

— Diga ao meu chofer que quero falar com ele. Não, diga-lhe que me espere. Já vou descer.

Os repórteres e os fotógrafos chegaram antes dele. Apesar do adiantado da hora pareciam ter surgido do nada. Ela estava sentada num parapeito, o que lhes dava oportunidade de fotografar as pernas, com a saia curta parecendo ainda mais curta.

Ele parou atrás deles e ficou esperando pacientemente.

Ela o viu e deu-lhe adeus.

— Stephen Gaunt!

Os fotógrafos o viram e abriram caminho para ele passar. Marilu saltou do parapeito para os braços dele. Beijaram-se e os flashes brilharam.

— Mais uma vez — pediu um fotógrafo. — Meu flash pifou.

Ela o olhou, indecisa.

— Por que não? — perguntou ele, sorrindo.

Repetiram o beijo para o fotógrafo. Steve olhou para os fotógrafos e disse:

— Não me incomodaria de passar o resto da noite assim. Mas a Srta. Barzini acaba de fazer uma longa viagem de avião e está cansada.

Começaram a afastar-se. Alguns dos repórteres seguiram-nos.

— Algum romance? — perguntou um deles.

— Somos velhos amigos — disse Steve.

— Há quanto tempo se conhecem? — perguntou outro.

— Há uma eternidade. Um mês.

Houve risos. A bagagem já estava no carro. O chofer de Steve abriu a porta para eles. Marilu entrou no carro e ele a seguiu.

— Vai ficar em Nova York muito tempo? — perguntou um repórter.

— Ainda não resolvi — respondeu ela, sorrindo.

Steve fez um sinal ao chofer e o carro se afastou, .deixando os repórteres diante do aeroporto. Ele se voltou para ela.

— Seja bem-vinda a Nova York, Menina Italiana.

Ela o olhou por um momento e então disse:

— Está falando com sinceridade?

— Claro que estou.

— Acredito e acho estranho.

— Estranho por quê?

— Estou muito habituada a não acreditar no que os outros dizem. Mas acredito em você. Sabe que desde aquela noite em que jantamos juntos fiquei ansiosa por terminar o filme? Só pensava era em vir para aqui, para o seu lado.

Ele ficou calado.

— Acredita no que lhe estou dizendo?

Ele fez um sinal afirmativo.

— Por que não fala então?

— Não sei — disse ele com hesitação.

Ela pegou a mão dele e levou-a aos lábios.

— Também não sei — sussurrou ela com os lábios colados à palma da mão dele.

Ela se abraçou a ele e o calor dela envolveu-o como o fogo de uma fornalha.

— Estou perdida, Stephen Gaunt! Vejo à minha frente todo um mundo que eu nunca conheci e tenho medo!

— Não tenha medo! Você está comigo! Abandone-se ao que está sentindo!

— Não! — gritou ela freneticamente e tentou fugir dele, batendo com as mãos no peito e nos ombros dele.

Steve prendeu-a contra a cabeceira da cama, pondo sobre ela o peso de seu corpo e com o braço passado pelo pescoço dela, prendendo-lhe a respiração. Ela se debateu, rolando e torcendo o corpo. Ele aumentou inexoravelmente a pressão. A luta cessou tão repentinamente quanto havia começado.

Ela o olhou com a boca aberta, procurando recuperar o fôlego.

— Você me podia ter matado — disse ela suavemente e com um curioso respeito na voz. — Você não é como os outros.

Com o corpo imóvel, ela o atraiu, ficando unidos como se fossem um só. Ele começou a acarinhá-la, procurando aplacar o seu desejo.

— Gosta? — murmurou ela.

— Gosto — disse ele.

Ela assentiu, de novo segura de si mesma.

Steve parou e disse:

— Você conhece todos os truques, não é, Menina Italiana ?

Ela sorriu. De repente, ele a deixou e rolou o corpo, saindo da cama e ficando ali de pé a olhá-la.

Ela o seguiu prontamente e o beijou.

— Meu belo e estranho homem — murmurou ela. — Deixe-me levá-lo ao paraíso.

Ele ficou por um momento, sentindo os braços dela que cada vez mais o apertavam. Depois, falou:

— Não, Marilu. Quero que haja entre nós algo mais profundo. Se quisesse fazer apenas amor com você, teria feito isso naquela noite na Califórnia.

A voz de Roger Cohen se fez ouvir pelo telefone transcontinental.

— Sam?

— Sou eu, sim — respondeu Sam, irritado. Estava começando a arrepender-se de ter feito as pazes com ele.

— Sabe onde é que sua pequena está hoje de manhã?

— Claro que sei. Marilu está no Beverly Hills Hotel. Acabamos as filmagens ontem.

— Claro que sabe! — exclamou Roger, injetando então a sua dose de veneno. — Como explica então que a fotografia dela tenha saído em todos os jornais da manhã aqui em Nova York aos beijos com Steve Gaunt no aeroporto de Idlewild?

— Não é possível!

— Quer que lhe mande os recortes?

— Está bem, está bem, acredito. Mas que tipa suja!

— E os outros filmes que ia fazer com ela?

— Foram cancelados. Ela dizia que se sentia infeliz aqui.

Roger começou a falar com mais rudeza ainda.

— Muito bonito isso! Agora, você já fez os seus cinco filmes para a Trans-World e não estamos mais perto de um filme para sua companhia do que estávamos há um ano. Não vamos fazer nem o filme em que ela devia figurar. Esse também você deu a eles!

— O milhão e um quarto que recebi como produtor não fez mal nenhum a nossa companhia.

— Quanto tempo acha que iremos durar sem ter filmes para distribuir? Nossas despesas andam agora em mais de quinze mil dólares por semana. Se não tivermos quanto antes alguma produção, poderemos fechar as portas.

— Estou trabalhando em algumas idéias, Roger. Espero apenas o OK do escritório de Craddock.

— Quanto tempo isso ainda vai levar?

— Devo ter uma resposta hoje. É apenas uma formalidade.

— Espero que as suas idéias sejam boas. Estamos precisando delas.

Depois de desligar o telefone, Sam sentiu-se furioso. Devia ter sabido disso. Ela havia começado a mudar desde a noite em que fizera o jantar para Steve. Afinal de contas, ela podia ter sido sincera com ele.

Teve então um sentimento de alívio. Assim era melhor. Durante algum tempo, viajara com ela por uma montanha-russa sem saber como era que podia saltar. Encontros casuais e rápidos eram uma coisa; uma ligação era outra e muito diferente.

Era uma verdadeira felicidade que ele estivesse velho demais para uma coisa assim.

CAPÍTULO VIII

— Pegamos um tigre pelo rabo — disse Steve. — Temos de entrar por nossa conta no campo da produção. Do contrário, ficaremos à mercê de todas as companhias de cinema.

— O nosso ramo não é o cinema — disse Spencer Sinclair. — É a televisão.

— O nosso ramo — declarou Steve — abrange o cinema. E mais o jornalismo, a publicidade, os esportes e a política. Tivemos um papel decisivo na eleição de Kennedy.

Sinclair nada replicou.

— O que eu quero dizer é que estamos nas comunicações. Isso compreende tudo. A nossa pequena tela de 21 polegadas se alimenta no mundo com o apetite de mil tigres e, se não lhe dermos comida bastante, acabaremos em breve de mãos vazias.

Sinclair arrumou os papéis em cima de sua mesa e, ao fim de alguns momentos, olhou para Steve.

— Que é que acha que devemos fazer ?

— Temos de começar ingressando no negócio de cinema — disse Steve. — Há duas maneiras de fazer isso. Podemos montar a nossa companhia ou podemos comprar uma das já existentes.

— Já deve ter pensado em alguma.

— Claro. A Trans-World.

— Pensei que seu amigo é que tencionava comprá-la.

— Ao contrário. Sam é produtor e vendedor, mas não é homem de negócios.

— Por que julga que eles estarão dispostos a vender?

— Estudei os relatórios anuais da companhia nos últimos cinco anos. Há quatro anos não apresentam lucros e os prejuízos sobem a mais de vinte milhões de dólares. O seu ativo principal é a filmoteca que avaliam em 150 milhões de dólares.

— Quantas ações a companhia tem emitidas?

— Três milhões a 22 dólares cada uma. Se fizermos uma oferta de 30 dólares por ação, penso que poderemos assumir o controle da companhia dentro de uma semana. A administração da companhia tem sido inerte e eles não possuem quase nada.

— Isso andará em 90 milhões de dólares — disse Sinclair.

— Não é preciso pagar em dinheiro. Podemos oferecer ações.

— Não, não pretendo absolutamente diluir o meu ativo. Se fizermos o

negócio, terá de ser a dinheiro.

— Isso é o senhor quem resolve. É quem manda.

Sinclair sorriu

— Se é assim, por que é que eu sinto que fazem tanta pressão sobre mim?

— Talvez seja porque não vem mais ao escritório com tanta freqüência. Quando vem, encontra sempre uma decisão urgente à sua espera e isso lhe parece pressão.

Sinclair riu.

— Você nunca pára, não é?

Steve ficou calado.

— Mande o departamento jurídico estudar o caso — disse Sinclair. — Temos de evitar complicações. A lei antitruste, Comissão Federal de Comunicações e assim por diante.

— Os estudos já estão sendo feitos.

— E quanto aos prejuízos operacionais da Trans-World? Isso afetará os nossos lucros?

— Afetaria se tomássemos conta de tudo e, neste caso, se os prejuízos continuassem. Mas só quero mesmo deles o estúdio e a filmoteca. Passarei adiante a companhia de distribuição.

— Faz uma idéia de quem pode querê-la?

— Perfeitamente.

— Quem?

— Sam Benjamin. Ele sonha em fazer a Samarkand uma grande companhia distribuidora e só não dispõe ainda é de uma organização já pronta.

— Por que acha que ele vai querer? — perguntou Sinclair. — Se não me engano, vamos ficar com o melhor.

— A bem dizer, não. Precisaremos ainda de um distribuidor para os filmes que fizermos. Com um acordo como deve ser, nenhum dos lados terá prejuízo. Benjamin é o melhor vendedor da indústria.

— O melhor, não. O segundo.

— Quem é o primeiro?

— Você. Às vezes, nem sei por que ainda me dou ao trabalho de vir aqui.

— Não se sentiria feliz se não viesse — disse Steve.

— Talvez — murmurou Sinclair pensativamente. — Mas, com o tempo, eu terei mesmo de desistir e tudo ficará então em suas mãos.

Steve sabia a que ele se estava referindo. O contrato social da companhia continha uma cláusula de aposentadoria compulsória por limite de idade.

— Até então, não se afaste. A sua presença é necessária.

— Muito obrigado — disse Sinclair. — Havia uma mulher bonita ao seu lado na fotografia que os jornais publicaram hoje. A atriz italiana. Alguma coisa séria com ela?

— Não. Apenas uma amiga.

— Ouvi dizer que ela tinha uma ligação com Sam Benjamin.

Nada escapava ao velho.

— Pode ter tido.

— Espero que isso não influa de maneira alguma nas suas relações com Benjamin. Especialmente em vista dos planos que temos de trabalhar com ele. No meu tempo, sempre achei mais perigoso ter um caso com a amante do que com a mulher de um amigo.

Sinclair não estava muito errado. Havia um telefonema de Sam à sua espera quando ele voltou para o escritório. A voz de Sam ressoou pelos fios.

— Canalha! Está andando com minha pequena!

Sam, apesar das palavras, não parecia absolutamente zangado.

— Você tem de reconhecer que fui muito cavalheiro em tudo isso, Sam. Esperei até que ela não tivesse mais nada com você.

— É uma boa pequena, Steve. Seja bom para ela. Marilu precisa de alguém como você.

— Chega de conversa fiada, Sam. Não foi para falar de Marilu que você me telefonou.

— Surgiu um pequeno problema no meu contrato com a Trans-World. Completei os primeiros cinco filmes para eles e, agora que estou pronto para começar os meus, vieram com um caso de falta de produção. Tiveram um primeiro semestre difícil e têm de distribuir imediatamente os novos filmes.

— Já sei de tudo. Craddock fez uma cara feia e disse que se sentia muito contrafeito mas que o pessoal em Nova York...

— Conhece então o filho da mãe?

— E muito.

— Por que não me avisou?

— Você não me perguntou nada.

Sam ficou um momento em silêncio, deixando ouvir pelo telefone a sua respiração pesada.

— Entrarão com 75% do negativo. Querem que eu entre com os outros 25%.

— Isso anda em quanto?

— A minha parte é de seis milhões e um quarto pelos cinco filmes. Dave

Diamond me dará quatro milhões. Quero o resto de você.

— Quando é que vou receber os filmes?

— Três anos depois da distribuição no país.

— Negócio fechado, mas com uma condição.

— Qual é?

— Na próxima vez, leia os contratos com mais atenção. Não é a primeira vez que Craddock faz isso. É a cláusula predileta dele para fugir aos contratos. Nunca pensou que você pudesse entrar com o dinheiro.

— Vou despedir meu advogado — disse Sam.

A primeira coisa que ele viu quando entrou no apartamento foram as malas dela arrumadas no vestíbulo de entrada. Preparou um uísque e ligou a televisão para ouvir o jornal.

Não se voltou quando a porta do quarto às suas costas se abriu.

— Não pensei que viesse para casa tão cedo — disse ela. — Sam telefonou. Você falou com ele?

— Falei.

— Ele não ficou surpreso de que eu estivesse aqui?

— Não tinha motivo para isso. A sua chegada não foi propriamente secreta.

— Não tive a intenção de causar animosidade entre vocês dois.

— E não causou. Ele me telefonou para tratar de negócios.

— Bem, acho melhor ir-me embora agora. Tenho passagem reservada no vôo das nove horas para Roma — fez um gesto de desânimo e acrescentou: — Desculpe.

— Desculpá-la de quê?

— De ter sido uma decepção para você.

— Não foi uma decepção. Foi uma surpresa.

— Não compreendo...

— Sabe de tanta coisa, mas não sabe nada do amor... E tem medo de deixar-se sentir alguma coisa.

— Talvez — disse ela, estendendo a mão. — Adeus, Stephen Gaunt.

Ele não fez qualquer menção de apertar-lhe a mão

— Não fuja.

— Não estou fugindo. Vou para casa.

— É a mesma coisa. Se você for agora, nunca mais encontrará aquilo que está procurando. Viverá sempre com medo.

— Quer dizer que deseja que eu fique, mesmo depois do que aconteceu

ontem à noite.

— Sim.

— Por quê?

— Porque acho que nos podemos amar. E o amor é uma coisa rara demais para que se perca antes mesmo de começar.

— Porque acho que nos podemos amar. E o amor é uma coisa de Steve.

— Acho que já o estou amando, Stephen Gaunt.

CAPÍTULO IX

Marilu nadou preguiçosamente até ao fim da piscina aquecida e saiu. Ficou um instante parada, saboreando o ar quente do Connecticut que rescendia a mato. Pegou uma toalha e começou a enxugar-se.

Ouvia às suas costas o murmúrio distante das vozes. Olhou-os. Estavam ocupados com as folhas de papel diante deles e não levantaram a vista. Ela se voltou para olhar as águas azuis do esteiro.

A piscina ficava no cimo de uma pequena colina que se elevava à beira do esteiro de Long Island. Havia na praia um cais que se estendia por uns vinte e cinco metros. Estavam amarrados ao mesmo um grande iate a motor, que resplandecia muito branco ao sol com os seus quarenta metros de comprimento, duas lanchas a motor e um barco a vela.

Ela pensou como teria sido bom se tivessem podido sair para o mar naquele dia no barco a vela. Só eles dois, ninguém mais. Poderiam ter colhido as velas e deixado o barco ir à deriva para se amarem sob o sol no convés aberto. Mas não tinha sido assim.

Dirigiu-se para onde eles estavam. Steve tinha passado a tarde com o velho, explicando os dados escritos nos papéis. A voz de Steve se tornou inteligível quando ela se aproximou.

— Os fundos e as casas de corretagem já me asseguraram que participarão do negócio. Isso quer dizer controle. A atual administração não lhe satisfaz. Mas não querem dinheiro.

— Que querem então?

Ela parou junto à sua cadeira e acendeu um cigarro enquanto Steve respondia.

— Debêntures no valor de trinta dólares por ação e mais uma bonificação de ações comuns sem direito a voto no valor de cinco dólares por ação. Julgam que assim se beneficiarão com o pagamento de impostos.

— Sem dúvida — disse Sinclair. — Não pagarão impostos, pelo menos enquanto as debêntures e as ações não forem vendidas ou retiradas. Mas isso representará 15 milhões de dólares mais do que você havia pensado.

— Há fatores de compensação — disse Steve. — Em primeiro lugar, poderemos gastar os juros e o custo das debêntures; em segundo lugar, não teremos de desembolsar o dinheiro; terceiro, quando tivermos de pagar-lhes teremos tido o uso da filmoteca no valor de 150 milhões de dólares. Na

realidade, pagaremos com o dinheiro deles mesmos.

— Compreendem que você passará adiante a seção de distribuição da companhia?

— Claro — respondeu Steve. — E pouco se incomodam com isso. Sabem que é a seção que dá prejuízo. Mas nesse ponto eu tenho um problema.

— Qual é?

— Não se interessam pelo financiamento da Samarkand.

— De Sam Benjamin então?

— É a mesma coisa.

— Têm alguma razão?

— Apresentam uma porção de razões. Mas nenhuma delas é verdadeira. No fundo, o que eles não querem é fazer negócios com um homem de negócios a quem consideram judeu.

— Se tivermos de ficar com a companhia de distribuição, o negócio não nos interessa — disse Sinclair. — Não vou deixar esse déficit operacional de cinco milhões de dólares anuais consumir os nossos lucros.

— Acho que tenho uma maneira de controlar isso.

— Não tem certeza então ?

— Não se pode saber antes de tentar. Na minha opinião, podemos entrar com 50% do capital de produção de Sam. O que me cabe fazer é conseguir o resto do financiamento para ele.

— Já conversou com ele?

— Não. Não poderia fazer isso antes de ter a sua autorização.

— Pois está autorizado — disse Sinclair. — Só espero é que seu amigo não o decepcione. Se ele falar sobre essa transação antes de estarmos prontos da nossa parte, tudo poderá ir por água abaixo.

— Sei disso. E só falarei com ele depois de ter tudo preparado. Daremos a entrada no momento em que ele concordar.

— Acha mesmo que isso dará resultado?

— Por que não? Começaremos com 71% das ações em nossos bolsos. Com apenas 9% mais, poderemos consolidar as companhias. E devemos conseguir isso logo no primeiro dia.

— Está bem. Mas cuidado com a sua guarda — disse o velho, levantando-se. — Não gostaria de vê-lo atingido no queixo.

Steve riu de repente.

— Sinto-me melhor agora.

— Por quê?

— Tinha receio de que estivesse perdendo a energia — disse Steve. — Mas a sua advertência é forte e clara.

Sinclair riu e se aproximou do lugar onde Marilu estava descansando.

— Signorina Barzini, peço-lhe desculpas por hospedá-la de maneira tão deficiente — disse ele em irrepreensível italiano.

Ela lhe respondeu na mesma língua.

— Na minha profissão, é preciso acostumar-se a isso. Os homens estão sempre falando de negócios.

— A culpa é de seu amigo Steve. Na minha opinião, ele é um perfeito imbecil em estar falando de negócios quando podia estar em sua companhia.

— Ele pode ser muitas coisas para muita gente, mas imbecil é que não é.

— Isso é muito profundo e muito italiano. Quer explicar o seu pensamento a um velho que não compreende bem?

Ela hesitou.

— Não estou querendo ser inoportuno e acho que não é obrigada a responder.

— Não é isso. Estava pensando como era que ia responder-lhe. Para mim, por exemplo, ele é o amante que eu pensei que nunca iria conhecer. Para Sam Benjamin, ele é o amigo que o outro nunca pensou que merecesse. Para o senhor...

— Continue. Para mim... ?

— Para o senhor, creio que ele é o filho que o senhor nunca teve.

— E que será ele para si mesmo ? — perguntou o velho. — Que é que acha?

A tristeza pareceu espalhar-se pelos grandes olhos verdes de Marilu.

— Para ele é que ele não é suficientemente bom. Vive em busca de um sonho que nunca se concretizará.

— Quem chefiará a produção para você? — perguntou Sam. — É com ele que tenho de viver.

— Jack Savitt — disse Steve. — Vai vender a sua agência e dedicar-se inteiramente à nova linha.

— Ótimo — disse Sam. — Gosto dele.

— Deixe ver se estou entendendo tudo bem — disse Roger. — A Trans-World Sinclair tomará posse do estúdio e das companhias de distribuição no estrangeiro. A Samarkand-Trans-World ficará com a distribuição nos Estados Unidos e no Canadá. Financiaremos a produção numa base de 50% cada lado; os lucros serão repartidos na mesma base. Cada lado poderá fazer filmes fora desse

acordo financeiro, mas vocês só poderão fazer filmes para a TV.

— Exatamente — disse Steve. — Só estamos interessados em trabalhar para a televisão.

— Mas esses filmes serão distribuídos para os cinemas no exterior ?

— Sim.

— Não será concorrência feita a nós?

— Não acho — disse Steve. — A qualidade não é a mesma. Sem o mercado norte-americano, estaremos automaticamente limitados.

— Isso me satisfaz — disse Sam. Voltou-se para Dave Diamond. — Que é que acha?

— Estou satisfeito também — disse o banqueiro. — Tenho tudo pronto para o empréstimo rotativo. Você começará com um crédito de 15 milhões de dólares.

— E se eu comprar filmes estrangeiros para distribuição no pais como tenho feito no passado? — perguntou Sam. — Como a situação se ajustará ao novo acordo?

— Procederá da mesma forma — disse Steve..— Não terá restrições. Gostaria de ter a primeira oportunidade de escolhê-los, mas se estiver empregando o seu dinheiro, poderá agir da maneira que entender.

— Tudo está muito bem — disse Sam. — Só há uma coisa de que faço questão absoluta.

— Qual é?

— Quem vai fazer a comunicação a Craddock sou eu.

Steve riu.

— Vá em frente. Com os meus votos de felicidades.

— Há muito que espero este momento com aquele patife. Quando acha que tudo estará pronto ?

— A única demora agora será a leitura dos documentos pelos seus advogados — disse Steve.

— Hoje é sexta-feira — disse Sam. — Podemos assinar no domingo.

— O pagamento será feito na segunda-feira.

Sam sorriu.

— Gostaria de ver a cara de Craddock quando souber — voltou-se para Roger com uma nota de triunfo na voz. — A Samarkand-Trans-World! Que tal ? Somos uma das grandes empresas da indústria !

CAPÍTULO X

— Pronto — disse Steve, entrando no apartamento. — Conseguimos 92% das ações no primeiro dia.

— Parabéns — disse ela.

— Isso merece champanha — disse ele, tirando a garrafa da pequena geladeira e enchendo dois copos. — Arrume as malas, Menina Italiana. Vamos partir para a Califórnia amanhã de manhã.

— As malas já estão arrumadas. Mas não iria com você. Vou voltar para Roma.

— Por quê ? Não me disse que não tinha gostado de nenhum dos filmes que lhe propuseram?

— Nickie me fez uma proposta que me agradou — disse ela. — Casamento.

Steve nada disse. Ela apanhou o telegrama em cima da mesa e passou-o às mãos dele. Dizia:

"Anulação aprovada ontem Vaticano. Acabaram-se os pretextos. Volte para casar-se. Amor."

— Está acabado então — murmurou Steve.

— Sim, está acabado. A não ser...

— A não ser o quê?

Ela sacudiu a cabeça e falou com a voz subitamente embargada,

— Nada. Não daria certo. Sou uma atriz e tenho meu trabalho. Não combinaríamos.

— Você poderia renunciar ao seu trabalho.

— Está-me pedindo que me case com você? — perguntou ela, atônita.

— Acho que sim — murmurou ele. — É o que parece, não é?

As lágrimas chegaram aos olhos dela.

— Mas você nunca disse que me amava. Mesmo quando...

— Amo-a — disse ele. Ela lhe caiu nos braços.

— Por que demorou tanto?

— Não sou muito inteligente. Acho que só percebi agora quando compreendi que ia perdê-la.

Ela o beijou rapidamente e se afastou dele.

— Muito obrigada, Stephen Gaunt, mas não.

— Por quê?

— Não fique tão surpreso assim. Sabemos que não daria certo. Eu não

poderia renunciar à minha carreira.

— Prefere ser uma atriz a ser uma mulher?

— Sou ambiciosa, sempre fui ambiciosa. Quero as duas coisas. Com você, teria de escolher uma delas.

— E com Nickie?

— Terei ambas as coisas. Eu o conheço. Vivemos durante muito tempo juntos. Ele me conhece e não se opõe — tomou um gole de champanha e sorriu. — Pode descansar. Você está em segurança.

— Não. Resolvi partir esta manhã. Deixei minha empregada arrumando as malas para vir depois.

Ele começou a sorrir. Um momento depois, estavam ambos rindo. Ele abriu os braços para ela.

— Menina Italiana, nós hoje vamos sair e você terá a maior noite que já conheceu na vida.

— Não. Esta noite vamos ficar em casa. Ele a beijou.

— Amo você. Acredita nisso, não é mesmo?

— Claro que acredito. Ainda me lembro do que você disse a respeito de poder amar-nos um ao outro. E nos amamos. Mas sei também uma coisa que você não sabe. Há duas espécies de amor. Um é o que vai dar no casamento. O nosso é o outro.

Sam sentiu a diferença no momento em que entrou de carro no estúdio na manhã seguinte. O cumprimento subitamente respeitoso do guarda no portão em lugar da sua habitual efusão. Os pequenos grupos de empregados que paravam de conversar de repente para olhar o carro dele que passava. A pilha de telegramas que lhe enchia a mesa.

— Há uma porção de telefonemas — disse a secretária.

— Diga a todos que uma declaração será emitida ainda hoje — disse Sam, sabendo que naquele momento Steve estava em conferência com os diretores da Trans-World

— O Sr. Craddock telefonou e disse que gostaria de falar-lhe se tem alguns momentos livres.

O cachorro não perdeu tempo, pensou Sam. Que venha. Vamos ver como ele gostará de levar um pontapé no traseiro.

— Pode dizer que estou livre agora.

Viu a secretária colocar o fone no gancho.

— O Sr. Craddock já vem.

Craddock entrou com um sorriso e de mão estendida.

— Parabéns, Sam. Acho que é a melhor coisa que poderia acontecer à Trans-World.

— Acha mesmo?

— Claro que sim. Era preciso fazer alguma coisa e os diretores em Nova York estavam com um atraso no tempo de pelo menos vinte anos — acendeu um cigarro. — Agora talvez façamos alguns filmes. Afinal de contas, um estúdio serve é para fazer filmes.

— Idiota! — gritou Sam. — Você está despedido! Ou não sabe disso?

— Claro que me importo — disse Craddock, fumando com óbvio prazer. — Mas olhe para mim. Estou fumando. Tragando até. É a primeira vez em dez anos que um cigarro não me vai bater diretamente na úlcera. Por falar nisso, quem é que você tem em vista para o meu lugar?

— Jack Savitt — respondeu Sam sem pensar, ainda em estado de choque.

— Jack Savitt — disse Craddock num tom de aprovação. — Uma boa escolha. Bem qualificado. Já tem uma úlcera, de modo que o lugar não o prejudicará em nada.

Sam olhou espantado para o homem. Falara em dar-lhe um chute, mas o homem devia ser de ferro. Não havia em Hollywood outro chefe de produção que se tivesse mantido por tanto tempo no lugar. Não se podia também negar o fato de que ele defendia para a Trans-World até o último dólar possível, como se o dinheiro fosse dele. Se Sam tivesse alguém como ele trabalhando na produção talvez nunca tivesse de enfrentar os problemas que já havia enfrentado.

— Falei com os meus advogados hoje — disse Craddock. — Disselhes que se preparassem para a rescisão do meu contrato. Dentro de quanto tempo acha que eu serei procurado?

— Não lhe posso dizer. Isso é com a Sinclair. O estúdio é deles. Eu apenas estou arrendando espaço aqui.

— Está bem — disse Craddock. — Posso esperar. Meu contrato ainda tem três anos de vigência.

Sam tomou uma decisão. De certo modo, era a coisa mais lógica que podia fazer.

— Escute, Rory, desde que vou dirigir a companhia de distribuição, vou passar a maior parte do tempo fora do estúdio. Preciso de alguém que se encarregue da produção em meu lugar. E você é a pessoa que me serve. Conhece os planos, a produção e o estúdio. Está interessado?

— A sua intenção é que eu faça filmes?

— Quero que você faça para mim o mesmo que fazia para a Trans-World.

— Estou interessado, sim.

— Que diabo! — exclamou Sam. — Se está interessado, arranje-me alguns filmes para colocar em produção. Temos uma companhia de distribuição que precisa de filmes.

— Vou tratar imediatamente disso — exclamou Craddock sorrindo e puxando uma fumaça do cigarro. No mesmo instante, o sorriso desapareceu e um esgar de dor lhe contorceu o rosto. Olhou para o cigarro como se o mesmo se houvesse tornado de repente um traidor e jogou-o dentro do cinzeiro.

— Que foi que houve? — perguntou Sam.

Craddock o olhou e disse com raiva:

— Esse maldito cigarro começou a fazer doer a minha úlcera. Eu devia saber que tudo era tão bom que não podia durar.

CAPÍTULO XI

— Que história é essa de você não querer um bar mitzvah ? — gritou Sam. — Seu avô e sua avó vêm da Flórida especialmente para isso.

Júnior tinha uma expressão obstinada no rosto.

— Ora, Papai, isso é apenas um ritual anacrônico. Do mesmo modo que a circuncisão, não significa mais nada na sociedade moderna.

— Nada? Torne a dizer uma coisa dessas e eu lhe esquentarei esse rabo com uma boa surra. Você vai fazer o bar mitzvah nem que eu tenha de levá-lo amarrado para o shul.

— Não se exalte, Sam — disse Denise calmamente. — Olhe a pressão.

— Minha pressão está boa. O que não está boa é a cabeça desse fedelho. Mas meterei um pouco de juízo dentro dela nem que seja a pau.

— Vamos falar sobre isso calmamente — disse Denise.

— Está bem, vamos falar — voltou-se para Júnior e disse: — Você vai fazer o bar mitzvah ainda que tenha de lhe quebrar os ossos do corpo, um por um.

Denise olhou para o filho.

— Saia um instante que eu quero conversar com seu pai.

O menino saiu sem dizer uma palavra. Os dois esperaram que a porta se fechasse e Sam olhou para ela.

— Está vendo o que você foi arranjar? Basta eu dar as costas um instante e veja o que acontece. Você não pode cumprir nem uma missão simples como convencer seu filho a fazer o bar mitzvah.

Denise se zangou.

— É claro que sei disso.

— E não se importa?

— Uma missão simples? O grande homem de negócios só aparece em casa de seis em seis meses e fala com a mulher como se fosse uma empregada. Que é que vai fazer, Chefão? Despedir-me?

— Se estivesse trabalhando para mim, eu... — parou de repente e olhou para ela com uma expressão de perplexidade. — Por que é que está falando assim, Mamãe?

— Nem sei. Mas não fui eu que comecei. De qualquer maneira, há um ano que você vive num mundo diferente. Nós nem o vemos mais.

— Tenho muito que fazer — disse ele. — Toda a companhia teve de ser reorganizada, senão teríamos cinco milhões de dólares de prejuízo por ano, como

os outros estavam tendo. Mas tudo correrá melhor agora que vou trazer Charley de Roma para ser meu assistente.

— Ora, você encontrará outra coisa em que se ocupar — disse ela. — Conheço bem isso. Quando Craddock foi encarregado da produção, quando Roger se incumbiu da administração, quando você contratou aquele homem da Twentieth para ser gerente de vendas. E você continuou envolvido em tudo como sempre.

— Eu sou o chefe. Se não vigiar bem, nada andará como deve.

— Por que precisa então de todos esses homens a quem paga salários fantásticos?

— Preciso deles para ficar livre e poder concentrar-me nos grandes problemas, aí está.

— Pensei que você tinha dito que tudo estava resolvido. Que grandes problemas são esses?

— Quero fazer uma revisão das nossas relações com a Sinclair. Sabe quanto foi que eu ganhei para eles com meus filmes no ano passado? Sete milhões de dólares. Mais do que sobrou para nós.

Ela ficou olhando-o sem falar.

— Só com o novo filme de Barzini eles vão ganhar mais de quatro milhões.

— Pensei que Steve é que a tivesse convencido a fazer esse filme. Ela disse que não queria voltar para Hollywood, mas voltou.

— Por que não iria voltar? — perguntou Sam. — Entre ela e o marido, estão arrecadando mais de três milhões. Nós só receberemos a miséria de um milhão e meio. Soube outro dia que a UA gostaria de encarregar-se da distribuição da nossa produção no estrangeiro. E estão dispostos a receber 10% menos pela distribuição e 5% menos dos lucros.

— Estava apenas zelando pelos interesses dele. Se eu não ficasse com a companhia de distribuição interna, ele não poderia fechar o negócio. A Sinclair não concordaria em sofrer o prejuízo anual e a lei antitruste provavelmente seria violada. Ele não me fez favor algum. Ao contrário, eu é que lhe salvei a pele. Além de dar-lhe a minha produção quase de graça.

— Converse com Steve e tenho certeza de que ele encontrará alguma solução.

— Às vezes, ele se mostra muito obstinado. Tem a típica atitude dos goyam para quem um negócio fechado está fechado.

— O velho está em pé de guerra — disse Júnior, jogando-se no chão perto da

piscina, ao lado da irmã.

Myriam pôs de lado o script que estava lendo e perguntou:

— Ainda o caso do bar mitzvah ?

Ele fez um gesto afirmativo.

— Está furioso. Agora é porque Vovó e Vovô vêm da Flórida para cá.

— Acho então que é melhor você concordar mesmo. Você sabe como Papai é com eles.

— É mesmo — disse ele, tirando a camisa e mostrando a sua constituição franzina.

— Sabe se Mamãe já falou com ele a meu respeito?

— Acho que não. Papai subiu logo às nuvens comigo e Mamãe tratou então de acalmá-lo.

— Tomara que ela não demore demais. Se eu não der uma resposta definitiva dentro de uma semana, poderei perder meu lugar. O Estúdio dos Atores tem sempre mais candidatos do que pode atender.

Ele olhou sorrindo para a irmã e disse:

— Você nunca irá para lá, se deixar os seus namorados usarem o porta-luvas de seu carro para guardar certas coisas.

— Você anda bisbilhotando!

— Nada disso. Mamãe quis sair em seu carro outro dia e me pediu que fizesse um limpeza antes. Foi uma sorte sua eu olhar para o porta-luvas. Se Mamãe descobrisse aquelas coisas lá, sua situação não seria nada boa.

— Que foi que você fez com as coisas? — perguntou ela.

— Escondi tudo num lugar seguro. Acho que na primeira vez em que me encontrar cem Razz, vou pedir que me pague para reaver aquilo.

— Aquilo não é de Razz.

— De quem é então?

— É meu.

— Seu? Não é possível. Os cigarros da erva eu compreendo. Mas as borrachas também?

Ela não respondeu e ficou ligeiramente vermelha.

— Está bem, Myriam — disse ele com a voz cheia de admiração. — Só espero é que tenha a sorte de encontrar uma pequena como você quando tiver idade para isso.

— Você vai denunciar-me?

— Claro que não. Mas vou ficar com cinco cigarros. São melhores do que os que vendem perto da escola.

— Você já está fumando? — perguntou ela, escandalizada.

— Claro que estou. Todos os garotos estão. Mas só tiro algumas fumaças. Mais não agüento.

— Acho melhor você ter cuidado — disse Myriam. — Você é muito criança ainda.

— Pode deixar que sei o que faço.

Ela ficou durante algum tempo em silêncio e então perguntou:

— E as borrachas?

— Bem, isso eu vou-lhe entregar. São grandes demais para mim.

Denise olhou da janela e viu os dois brincando na piscina.

— Venha ver, Sam.

Ele largou o jornal e foi para junto dela. Ficaram ali durante algum tempo a olhá-los.

— Tivemos sorte — disse ela, com voz terna. — Pensou por acaso quando entrei no seu escritório naquele dia que teríamos tanta sorte?

— Não — disse ele, olhando Júnior que atravessava a piscina num crawl rápido, agitando a água no seu rastro como bolhas de champanha. — Aquele garoto nada como um campeão.

— E como são bons filhos — disse Denise pressurosamente. — Você nem faz idéia do que me contam. É de não se acreditar a maneira pela qual os garotos procedem hoje em dia.

— Sim, eu sei — disse ele, saindo da janela e voltando à leitura do seu jornal. — Mas, seja como for, ele vai fazer o bar mitzvah.

— Quanto a isso, fique descansado que ele fará.

— Será melhor para ele.

Ela pensou que ele parecia estar com uma disposição mais favorável e que talvez fosse aquele um bom momento para falar sobre Myriam.

— Sabe de uma coisa, Sam? Estive conversando com Myriam a respeito do futuro dela, a respeito do que ela quer fazer.

Ele tornou a largar o jornal e olhou para ela.

— E então?

— Ela é uma moça bem bonita — disse Denise prontamente, — e quer ir estudar no Leste.

— Por quê? A Universidade do Sul da Califórnia não serve mais para ela?

— Não é isso. É que ela acha que aqui não poderá ter a espécie de instrução que deseja.

— E que espécie de instrução ela deseja?

— Arte dramática.

— Arte dramática? — exclamou ele, elevando a voz. — Não me diga que nossa filha quer ser atriz!

— Que mal há nisso? Não se lembra de como ficou satisfeito quando ela representou naquelas peças na escola?

— Mas aquilo era diferente, Denise! Aquilo era a escola. Você bem sabe o que eu penso sobre as atrizes. São todas umas prostitutas. Não criei minha filha para que ela ande pelos escritórios dos teatros e das companhias de cinema procurando um papel como se fosse uma vagabunda!

— Myriam não é assim — disse Denise. — É uma moça séria. Ainda no mês passado, quando Lee Strasberg esteve aqui, concedeu uma entrevista a ela e acha que ela tem talento. Aceitou-a para o Estúdio dos Atores. E você sabe que não é a todo mundo que aceitam.

— Hum... Mas não vou deixá-la viver em Nova York sozinha. Isso é que não!

— Ela não ficará sozinha. Roger me prometeu que tomará conta dela.

Apesar de tudo, Sam começou a sentir um orgulho secreto.

— Você tem de deixá-la fazer isso, Sam — disse Denise. — Será um golpe muito grande para ela se você não deixar.

CAPÍTULO XII

— Seu amigo gorducho está novamente botando as manguinhas de fora — disse Jack, quando Steve entrou no escritório.

Steve se sentou e a secretária de Jack lhe levou uma xícara de café.

— Que é que há?

— Ele escolheu para fazer fora do acordo os três melhores originais que arranjamos para ele.

— E daí? — perguntou Steve, tomando calmamente o café.

— Espere aí, Steve. Você bem sabe que não é justo. Como é que eu posso dirigir o estúdio sem prejuízo se ele usa as suas despesas gerais mínimas para auferir outros benefícios da Companhia?

— Ele já anunciou um distribuidor?

— A UA. Que é que você vai fazer?

— Nada. Ele está dentro do acordo. Pode preferir fazer os seus filmes com seu dinheiro se quiser.

— Não vai dizer nada a ele? — perguntou Jack, exasperado.

— Nem uma palavra.

— Está bem, então eu vou deixar este lugar. Ninguém me pode obrigar a descobrir originais para entregar a ele.

— Deixe de descobrir então, Jack. Você já tem bastante para fazer dentro do nosso programa. Deixe-o procurar os seus originais.

— Está falando a sério?

— Claro que estou. Não há nada em nosso contrato que nos obrigue a entregar-lhe qualquer original que nós comprarmos. A única razão para isso é o fato de sermos sócios.

— Isso é outra coisa — disse Jack. — E se eu encontrar alguma coisa notável?

— Compre-a. Trataremos de conseguir um produtor depois. Não há nada no acordo que nos proíba de fazer isso.

Levantou-se, foi até à janela e olhou. A rua do estúdio estava bem movimentada.

— Parece que há muita gente em atividade.

— Bem, estamos trabalhando — disse Jack, satisfeito. — No mês que vem vai começar a produção do primeiro dos nossos filmes de duas horas e, depois disso, faremos um por mês.

— Muito bem — disse Steve. — Vou começar a pensar na programação.

— Poderemos estar pronto antes, se quiser.

— Não há pressa — disse Steve. — Tudo está bem como vai indo. A nova série sobre um médico está tendo bons índices de audiência. Mas eu noto que estes são um pouco melhores quando as cenas se passam nos hospitais e não fora. Pode dar atenção a isso e projetar mais algumas histórias dentro dos hospitais.

— Tratarei disso — disse Jack, tomando nota.

— Tem falado com Sam recentemente?

— Ele não anda muito por aqui. Entendo-me quase sempre com Craddock.

— Procure saber se ele está aí. Talvez eu passe por lá para ter uma conversa com ele.

Recostou-se cansadamente na cadeira e fechou os olhos enquanto Jack pegava o telefone.

— Sam está fazendo uma excursão pelos escritórios locais.

— Está bem. Falarei com ele da próxima vez.

— Está sentindo alguma coisa?

— Estou bem. Apenas cansado. Ando há um mês numa rodaviva.

— Precisa tirar férias.

— Não há tempo para isso. Tenho de estar em Montreal amanhã de manhã para fechar contrato com a Liga Intercontinental de Futebol. No dia seguinte, devo estar em Washington para participar do inquérito parlamentar sobre a televisão. Depois, tenho de ir a Chicago para as convenções da Associação Nacional de Broadcasting. Em seguida, tenho de ir a Londres para fiscalizar as séries que estamos fazendo em cooperação com a TV inglesa.

— Gostaria de poder ajudá-lo mais — disse Jack.

— Sei disso — murmurou Steve sorrindo e tirando do bolso um vidro de comprimidos. — Um dos males do meu cargo é que todo mundo quer falar com o presidente da companhia. Pode arranjar-me um pouco de água?

Jack encheu um copo de uma garrafa que tinha sobre a mesa e perguntou:

— Que é que está tomando? Vitaminas?

— Não. Tomo vitaminas também. Mas isso aqui é um estimulante. Com isso, ficarei em forma pelo resto do dia.

— É perigoso, Steve. Pode ficar viciado.

— Só uso isso de vez em quando, sempre que me sinto muito cansado. Dormi muito pouco na semana passada. O avião chegou muito tarde.

— Acho que devia tomar férias de verdade — disse Jack. — Não gostaria

que lhe acontecesse alguma coisa. Eu não ficaria aqui nem um minuto.

— Fique descansado — disse Steve, levantando-se __ Que tal vermos agora os filmes-pilotos que você diz que saíram tão bons?

— Houve alguma reação depois que você disse que a UA iria distribuir os três filmes? — perguntou Sam.

— Nenhuma — respondeu Craddock. — Esperei que Jack esperneasse, mas não houve nada. Já faz um mês. Devem estar muito ocupados com os seus problemas.

— Como é que vão os filmes deles?

— Acho que vão bem. Começaram a produção de um na semana passada.

— Presta?

— Quem sabe? De qualquer maneira, não pode ser grande coisa. Que é que se pode conseguir hoje em dia por seiscentos mil dólares? Só um bom original custa isso.

— De fato — murmurou Sam, sentindo-se um pouco desapontado. Esperava que Steve lhe falasse sobre a mudança de distribuição. Seria um bom ponto de partida para novas negociações. — E quanto àqueles originais que nós queríamos?

— Nada feito.

— Nada feito como? Quer dizer que alguém os comprou?

Rory fez um sinal afirmativo.

— Como foi que você deixou? Não mandei você comprá-los?

— Sei perfeitamente disso, Sam. Mas quando iniciei as negociações, soube logo que tinham sido vendidos.

— Quem foi que os comprou?

— Não sei — disse Craddock. — Só sei é que foi o mesmo grupo que comprou os dois originais.

— O mesmo grupo? Joe Levine?

— Acho que não. Se fosse Levine, os jornais especializados teriam noticiado o fato. Na minha opinião, é um sindicato novo e não vão deixar transpirar nada enquanto não fecharem o negócio que desejam.

— Apure quem são, Rory. Se estão procurando fazer negócio, podemos entender-nos com eles.

— Tratarei disso — murmurou Rory, rindo. — Mas tenho quase certeza de que conseguirei um bom original. Fiz uma oferta de meio milhão por Blue Jeans, um livro que, segundo o New York Times, estará na semana que vem em

primeiro lugar na lista dos best-sellers.

— Eu, se fosse você, não teria tanta pressa. Afinal de contas, foi Steve quem o fez chegar a essa posição.

— Muito bem. Quando acha que teremos uma notícia sobre isso ?

— A qualquer instante. Já pedi ligação para a Agência Matson, que ia abrir as propostas hoje de manhã. — O telefone tocou. — Devem ser eles.

Atendeu ao telefone. Pouco a pouco, o seu sorriso desapareceu. Quando desligou, disse desanimadamente:

— Perdemos esse também. Foi vendido por 750 mil dólares.

— Quem foi que comprou?

— Não me disseram. Calculo que deve ter sido o mesmo grupo que comprou os outros.

Sam levantou.

— Não estou entendendo nada. Soube de outros originais que eles tivessem adquirido?

— Não. Só esses três.

— Está-me parecendo alguma tratantada. Você não acha tam-. bem?

— De que maneira?

— Parece até que nos estão tentando bloquear. Escute, Rory, além de você e de mim, quem era mais que sabia que estávamos interessados nesses originais?

Rory pensou um momento e disse:

— Ninguém, exceto as nossas secretárias.

— E como foi que soubemos desses originais?

— Pelos canais habituais. O departamento de enredos do estúdio mandou-os com as provas de galés e um relatório.

— E você ainda acha que não tivemos qualquer reação da Sinclair !

A úlcera de Craddock deu uma fisgada e ele procurou um comprimido.

— Você não é então tão esperto como pensei que fosse! — exclamou Sam. — Ou talvez eu conheça Steve Gaunt mais do que você. É dessa maneira que ele nos está mostrando de que não gostou do que fizemos. Usa isso como um meio de nos fazer entrar na linha.

— Que é que vai fazer ?

— Dois podem jogar o mesmo jogo. Steve está muito enganado comigo. Desta vez, vai-se dar mal.

— Como é que vai conseguir isso?

— É muito simples. Você vai deixá-lo saber tudo aquilo sobre que apresentamos propostas. E fará propostas sobre tudo, mesmo sobre o que não

queremos. Eles melhorarão as nossas ofertas e dentro em pouco estarão tão cheios de lixo que vão pedindo misericórdia. E é então que vão ver uma coisa!

CAPÍTULO XIII

Steve chegou à recepção no momento em que Sam se levantava para fazer um discurso. Sentou-se numa cadeira vazia numa mesa aos fundos da sala e correu os olhos em torno.

Atrás da mesa principal, estava estendida uma grande faixa na qual se lia:

"Parabéns a Samuel Benjamin Júnior,
no Dia do seu Bar Mitzvah".

Sam bateu com uma colher num prato para obter silêncio. Pouco a pouco, a sala se foi calando, enquanto Sam, balançando um pouco o corpo, sorria. Um momento depois, levantou as mãos e falou: — Amigos, goyim e landsleit, sejam bem-vindos ao bar mitzvah de meu filho — fez uma pausa enquanto todos aplaudiam. — Se não notaram na entrada, fiquem sabendo que há cinqüenta Rolls Royce brancos esperando do lado de fora. Quando sairmos daqui, iremos neles para o aeroporto, onde haverá cinqüenta DC-8 brancos que nos levarão em vôo direto ao Quênia, na África. No aeroporto, estão cinqüenta caçadores brancos com cinqüenta elefantes brancos. Subiremos a esses elefantes e seremos levados para um safari na selva. Cada qual receberá um fuzil branco para atirar no mais raro dos animais, um tigre branco. Quando nos aproximarmos da selva em fila indiana por um caminho estreito, o chefe dos caçadores levantará a mão e nós esperaremos. E sabem que é que ficaremos esperando?

Houve risos na sala e alguém disse:

— Não sabemos, Sam. Quer dizer à gente?

— Estaremos esperando que o safari do bar mitzvah de Joe Levine saia da selva para podermos entrar.

Risos e aplausos estrugiram através da sala. Sam sorriu e levantou de novo as mãos pedindo silêncio.

— Muito obrigado — disse ele. Correu os olhos pela sala. —. Tenho estreado meus filmes com menos gente do que vejo aqui. E caso não tenham nada para fazer na próxima terça-feira...

Começaram a rir de novo. Dessa vez, Sam esperou até que se calassem por si mesmos.

— Mas amigos, talvez estejam perguntando: por que Sam Benjamin está fazendo isso? Por que se está dando a esse trabalho todo? Afinal de contas, não se trata senão de um bar mitzvah e isso é uma coisa que acontece todos os dias.

"Mas não se trata só disso. Foi esse o único meio que teve um menino pobre do Bronx que foi ajudado pela sorte de dizer publicamente a seu filho — olhou diretamente para Júnior — que o ama e tem orgulho dele."

No silêncio que se fez, Sam curvou-se e beijou o filho. Depois, olhou para a sala e disse simplesmente:

— Muito obrigado.

Depois disso, sentou-se.

Steve se encaminhou para a mesa central quando os convidados começavam a sair. Sam estava falando com algumas pessoas e quem primeiro o viu foi Denise.

— Steve — disse ela, contente.

Ele a beijou no rosto.

— Parabéns. Uma bela festa.

— Estou tão feliz de que tenha vindo. Há que tempo não nos vemos. Ainda lhe devo um jantar de brust flanker.

— Ficará para outra ocasião quando as coisas estiverem mais calmas.

— Será que vamos ter de esperar mais quatro anos?

— Faz tanto tempo já?

— Faz. A última vez que você viu as crianças foi na festa dos prêmios da Academia.

— Prometo que dessa vez não demorará tanto — voltou-se para Júnior com um sorriso. — Lembra-se de mim?

— Lembro-me, sim, Tio Steve.

Steve sorriu e tirou um envelope do bolso.

— Meus amigos me disseram que é esse o costume. Parabéns.

Júnior recebeu o envelope e olhou. O rosto se abriu todo num sorriso.

— Uma nota de quinhentos dólares! E eu pensei que hoje não ia arrecadar mais nada!

— Júnior! — exclamou Denise, escandalizada.

Júnior estendeu a mão para Steve.

— Ih! Obrigado, Tio Steve! — disse ele entusiasticamente.

— De nada — disse Steve, sorrindo. Voltou-se para Denise. — Onde está Myriam? Desde que estou aqui, gostaria de falar com ela.

— Estava aqui ainda há pouco — disse Denise, olhando em torno.

— Foi para casa — disse Júnior. — Disse que ainda tem algumas coisas para arrumar.

— Ê mesmo — disse Denise. — Vai para a escola no Leste e deve viajar

amanhã de manhã.

— Sinto muito não a ter visto. Dê-lhe lembranças minhas.

— Darei, sim — disse Denise, sorrindo orgulhosamente. — Você não a reconheceria. Está tão bonita!

— Especialmente depois que fez plástica no nariz — disse Júnior.

— Júnior! — exclamou Denise severamente.

Steve riu.

— Não tem importância, Denise. Ficará em família. Não direi nada a ninguém.

— Mas não há mal nenhum nisso — disse Denise. — Muitas moças fazem isso hoje em dia.

— É claro — disse Steve. — Você nem calcula quantas atrizes famosas fizeram essa operação.

— Especialmente — disse Denise, — depois que...

O vozeirão de Sam a interrompeu.

— Alô, Steve!

Apertaram as mãos.

— Parabéns!

— Que é que acha do garoto? — perguntou Sam, olhando para o filho com admiração. — Acho que vai ser bem alto.

— É notável.

— Vamos tomar um drinque — disse Sam, tomando-lhe o braço e levando-o para o bar. — Dois uísques.

— Sir, Sr. Benjamin — disse o homem do bar colocando os copos diante deles.

Beberam.

— Como vão as coisas ? — perguntou Sam.

— A mesma coisa de sempre. Umas em cheio, outras em vão.

— Tenho comprado um bocado de originais nestes últimos meses.

— Tenho notado isso — disse Steve displicentemente.

Sam olhou para o rosto de Steve, à procura de intenções dissimuladas, mas nada viu senão um interesse polido.

— Acho que precisamos de ter uma conversa.

— Estarei no estúdio amanhã — disse Steve.

— Eu lhe telefonarei na parte da manhã — disse Sam e olhou para a sala enquanto um sorriso se lhe abria no rosto. — Que festa, hem? Acho que nunca houve um bar mitzvah como esse!

Myriam fechou a última maleta. Ouviu o carro que chegava e apagou a luz mais que depressa. Por aquela noite, chegava de família.

Começou a despir-se lentamente no escuro. A tensão ainda a dominava. Nada tinha dado certo, ao menos em relação a ela. Se não fosse o bar mitzvah, já estaria longe dali desde a semana anterior. Às vezes, os parentes eram intoleráveis. Especialmente o irmão. Era fantástico como ele podia perceber o que ela estava pensando.

— Para quem você está olhando? — perguntara ele quando o pai se havia levantado para fazer um discurso.

Ela não respondera.

Mas ele lhe seguira o olhar.

— É para o Tio Steve. Tem vontade de estar com ele?

— Cale essa boca! — exclamara ela, irada, sentindo o calor subir-lhe pelo rosto. Olhara para o lado e o pai começara a falar, distraindo o irmão.

Mas ele tinha razão. Tinha sido sempre assim para ela. Mesmo na festa dos prêmios da Academia, quando ele aparecera com aquela atriz. Com que prazer ela a teria matado. Depois disso, nunca deixava de sentir alguma coisa sempre que lia o nome dele nos jornais. Estava sempre em companhia de alguma mulher. Uma atriz ou um modelo. Talvez isso é que lhe desse a idéia de ser atriz.

Quando o discurso acabou e Steve se encaminhou para a mesa, ela sentiu o impulso súbito de fugir. Voltou-se para o irmão e disse:

— Diga a Mamãe que vou para casa para acabar de arrumar as coisas..

Saiu imediatamente, passando por Steve a caminho da porta. Era estranho que ela sentisse tanta coisa por ele e Steve nem a tivesse reconhecido. __

Tinha raiva de si mesma. Estava agindo como uma criança, não como uma pessoa crescida e experimentada. Foi até à cômoda e abriu a bolsa. Restava-lhe um cigarro de maconha.

Acendeu-o e aspirou profundamente a fumaça. Sentiu-se quase imediatamente mais calma. Com gestos lentos, desabotoou o soutien e deixou-o cair no chão. Inteiramente nua, foi até à janela e abriu-a.

Ficou ali, deixando o ar fresco da noite envolvê-la, ao mesmo tempo que soprava a fumaça para fora. Fechou os olhos e debruçou-se no peitoril.

Onde estaria ele naquele momento? Tinha ido à festa sozinho mas isso não queria dizer nada. Devia ter encontro marcado para depois e naquela hora devia estar com uma mulher. Devia ser tão bom fazer amor com ele! Começou a sentir-se excitada e descendo a mão, tocou em si mesma, acariciando-se.

Sem saber explicar, tinha uma necessidade enorme dele Deitou se na cama abraçada a um travesseiro. Com o pensamento em Steve, continuou a fazer-se carinhos. Em pouco tempo, sentia-se como na Lua. Quando atingiu o êxtase, levou o nome dele num meio gemido aos lábios: — Steve!

O nome dele ficou pairando na escuridão.

As lágrimas chegaram-lhe aos olhos.

Depois, chegou o sono.

— Ele me passou para trás — exclamou Sam, chegando em casa, furioso. — Ficou ali diante de mim, sorrindo como uma cobra. "Você sabe que eu sou seu amigo", disse ele. E então me fez de palhaço!

Denise olhou-o, muito espantada.

— De que é que você está falando, Sam?

— É de Steve que estou falando! — exclamou ele, exasperado. — De seu amigo goy. Do homem que ainda ontem compareceu ao bar mitzvah de meu filho e comeu nossa comida!

— Não posso acreditar isso de Steve.

— Pois acredite. Eu só queria uma conversinha calma para aplainar as desigualdades em nosso contrato. Só isso.

— E que aconteceu?

— Ele ficou ali sentado todo cheio de razões e de importância como se fosse um juiz. "Devia ter vindo falar comigo antes de fechar negócio com a UA", disse ele. Expliquei-lhe que tinha sido forçado a tomar essa providência para me proteger. Do jeito pelo qual iam as coisas, a Sinclair estava ganhando dois dólares contra um dólar para mim.

— "Você leu o acordo — disse ele. — Ninguém forçou você a assinar."

— "Mas eu lhe estava fazendo um favor — disse eu. — Você queria fazer o negócio e eu o ajudei."

— "E ganhou com isso sete milhões e meio de dólares — disse ele. — Mas eu sou seu amigo e, se você está descontente, posso deixar você desistir do negócio, embora ainda faltem cinco anos para a conclusão do contrato."

— E que foi que você disse? — perguntou Denise.

Ele a olhou de repente como se a visse pela primeira vez.

— Preciso de um drinque — disse abruptamente.

Ela o acompanhou até o bar e esperou enquanto ele se servia de um uísque e o bebia de um só gole. Tornou a encher o copo e olhou para ela.

— "E os quatro milhões e meio de dólares de originais que eu comprei?" —

perguntei a ele.

— "Foi você que os comprou e não nós — disse ele com tanta calma quanto se estivesse falando sobre o tempo. — Você não nos deu aviso algum, como o contrato determinava."

Bebeu metade do segundo uísque.

— Olhei-o tentando ler o rosto dele. Mas não consegui perceber nada. Ele precisava de mim mais do que eu precisava dele. Senti isso e cheguei à conclusão de que ele estava blefando. E resolvi ver o blefe dele.

Acabou de beber o uísque e colocou o copo pesadamente em cima do balcão do bar.

— Que aconteceu então?

— Nada. Os advogados vão-se reunir amanhã.

Olhou para ela, com o rosto desolado, e murmurou:

— Calculei mal.

Hollywood, 1960-1965

LIVRO IV

STEPHEN GAUNT

CAPÍTULO I

O telefone começou a estrondar no fundo da escuridão. Debati-me através dos abismos do sono e estendi a mão.

— Alô?

— Steve?

— Sou eu — disse sem reconhecer a voz.

— Quem fala é Angel.

Tudo se juntou e acabei de acordar. Angel Perez era vice-presidente encarregado da Programação Diurna. Tinha sido ator outrora, mas havia mudado para a produção. Era bem melhor atrás do que diante da câmara. Naquele último ano, eu o estava usando como meu assistente não-oficial. Eu precisava de um homem de Nova York para escutar, desde que estava passando a maior parte do tempo na Califórnia.

— Que é que há, Angel?

— A casa está pegando fogo. Acho que convém você vir quanto antes para cá.

— Mas que é que há?

— O velho convocou ontem a diretoria para uma reunião especial.

— Sei disso. Recebi o aviso.

— Você devia ter comparecido. Soube que o censuraram muito por causa dos programas especiais.

Eu sabia de que ele estava falando. Os programas eram boa televisão, mas não davam boa programação. Não conseguiam bons índices de audiência e eu já havia ouvido queixas dos anunciantes descontentes.

— Disselhes que deviam esperar isso, mas que, apesar disso, devíamos transmiti-los. Não se pode dispensar um programa desses de vez em quando.

— A Southern Products cancelou toda a sua publicidade. Não gostou da orientação dada ao programa especial sobre as relações trabalhistas e acha que a companhia foi especialmente visada.

— Não sou responsável pelos sentimentos de culpa da companhia — disse eu.

— Agora, você vai ser um herói vencido

— É só isso ou há mais alguma coisa?

— Há também seu velho amigo.

— Qual deles? Tenho uma porção de velhos amigos.

— Nenhum é como este — disse Angel. — Trata-se de Dan Ritchie. Ele apareceu em companhia de outro velho amigo seu, Sam Benjamin. Têm um plano inteiramente novo para revitalizar a rede. Alegam que você se afastou da sua velha política de filmes e divertimento e se meteu numa cruzada para reformar o mundo. Dizem que as suas ligações com os Kennedys lhe perturbaram a cabeça e o critério.

— Você está muito bem informado para quem está localizado no andar 31 — disse eu.

— Leio todos os memorandos.

— Onde os consegue?

— O velho me chamou ao gabinete dele e me encarregou de estudar a situação e fazer-lhe um relatório. Ele sabe que nós somos íntimos e talvez tenha escolhido isso como um meio de avisá-lo.

— Disse mais alguma coisa?

— Não. Você sabe como ele é. Fechado em copas.

— Que horas são, Angel?

— Dez horas aqui. Sete horas aí para você.

— Estarei aí à noitinha. Vá encontrar-se comigo no meu apartamento às oito horas.

— Muito bem — disse ele com manifesto alívio na voz. — Tenho uma pequena que quero que você conheça. É uma atriz, Marianne Darling. Está fazendo um sucesso louco na cidade e quer conhecer você.

— A mim?

— Sim. Quando soube que eu o conhecia, caiu sobre mim como um foguete. Fez-me prometer que na primeira vez em que você estivesse na cidade eu arranjaria um encontro. Parece que acompanhou toda a sua carreira pelos jornais ou coisa que o valha. Sabe mais a seu respeito do que eu.

— Está bem, leve-a com você — disse eu, sentindo-me interessado.

— Levarei Faith também. Talvez possamos dançar um pouco.

Faith era a pequena dele.

— Ótimo. Então, até à noite.

Desliguei e tornei a soltar o gancho do telefone, chamando a telefonista.

— Pronto, Sr. Gaunt.

— Reserve passagem para mim no avião das dez horas da manhã para Nova York

Depois disso, liguei para a casa de Jack Savitt.

— Vou para Nova York hoje de manhã.

— Houve alguma coisa? — perguntou ele.

— Nada que eu não possa resolver.

— Quer que eu o leve de carro até o aeroporto?

— Não, muito obrigado. Quero que faça outra coisa para mim.

— É só dizer.

— Sam Benjamin. Quero ficar atualizado sobre ele e saber de tudo o que está dizendo.

— Não sei de muita coisa dele depois que se mudou para Nova York no ano passado. Só que está em constantes dificuldades e atrasado no pagamento de suas contas. Não teve muita sorte com aquela última partida de filmes. Perdeu perto de onze milhões.

— Disso eu sei. O que eu quero saber é em que ele está metido agora.

— Vou entrar em ação.

— Telefone-me para meu apartamento em Nova York esta noite.

— Boa viagem.

Entrei debaixo do chuveiro. Liguei a água bem quente, depois-bem fria, depois quente de novo e, pelo menos, quando saí de lá não estava mais dormindo. Mas aqui me sentia um pouco atordoado e cansado. Tomei um comprimido estimulante antes de fazer a barba e, quando acabei de fazê-la, estava outra vez vivo.

Houve um desencontro, e quando cheguei a Nova York não encontrei a limusine à minha espera. Já eram quase seis horas e estava escuro quando tomei um táxi no Aeroporto Internacional Kennedy. Fiquei surpreso de ver a neve empilhada ao lado da estrada. Lembrei-me então de que era a semana de Natal em Nova York.

Em Los Angeles, o Natal não era autêntico. A neve que havia era feita de plástico e Papai Noel usava um trajo de verão. Apertei mais o sobretudo em volta do corpo.

— De onde é que vem? — perguntou o chofer do táxi.

— Da Califórnia.

— Hum... Gosta desse tempo ?

— Gosto. Ao menos, para variar.

— Pois eu se pudesse me mudava para a Califórnia. Mas minha velha não quer deixar as crianças, isto é, os netos. Quando nossos filhos cresceram, ela vivia ansiosa para que eles tomassem rumo e saíssem de casa. Agora, os netos fazem uma algazarra dos diabos dentro de casa o dia todo e ela vive no sétimo céu. Nunca pude compreender as mulheres.

— Então somos dois.

Ele resmungou e concentrou-se na direção do carro. Ficou calado até chegarmos e eu lhe dar uma boa gorjeta. Cinco dólares.

— Feliz Natal — disse ele.

— Compre um presente para os netos.

Entrei no apartamento e acendi as luzes. Tudo estava como eu deixara cinco meses antes.

Preparei um drinque e atendi ao telefone que começara a tocar.

Era Sheila.

— Boas vindas, chefe. Estou aqui embaixo com os seus papéis.

— Pode subir — disse-lhe eu.

Preparei outro uísque e, quando acabei, a campainha da porta tocou.

Ela apareceu, com o casaco preto salpicado de neve.

— Alô, Stephen.

Beijei-lhe o rosto e tirei-lhe o casaco, dizendo:

— Uma das boas coisas de voltar para casa é você. Há um scotch no bar para você.

Fomos para o bar e ela pegou o copo.

— Ôba — disse ela.

Fiquei calado. Ela acabou de tomar o uísque e deixou o copo no balcão.

— Foi muito bom ter voltado. Há muita confusão.

— Vá contando.

— Há uma corrente subterrânea em marcha. Não pude ainda identificá-la bem. Os lucros estão caindo e todo mundo está sob tensão. Sem sua presença para acalmar as coisas, Sinclair passa os dias em sua torre lançando memorandos que descem como aviões de papel, assustando todo mundo — parou para tomar fôlego e acrescentou: — Preciso de outro drinque.

Preparei-o para ela.

— Foi você que mandou Angel me telefonar?

— Como foi que soube?

— Adivinhei. Angel é ambicioso e era preciso que alguém o convencesse de que era melhor ficar comigo do que contra mim.

— Não adianta você ficar o tempo todo na Califórnia — disse ela. — A Companhia precisa de quem a controle.

— Um dia, vou mudar a sede para lá. Só precisamos em Nova York de um escritório de vendas. O resto é pretensão e tradição.

— Pode dizer o que quiser, Stephen. Mas a sede ainda é aqui.

Ela não disse tudo o que pensava. Mas eu podia saber. Era ali o meu lugar como presidente da Companhia. Tinha de estar ali, quanto mais não fosse para defender meu lugar. Isto é, se eu ainda o quisesse.

E tudo consistia nisso.

Eu não sabia mais se ainda queria o lugar.

CAPÍTULO II

Os anos balançam a gente ora para um lado, ora para o outro. Eu vinha subindo a montanha havia tanto tempo que isso se tornara um hábito. Se eu retardasse um pouco o ritmo, todo mundo teria a impressão de que eu estava escorregando. Assim sendo, tinha de voltar a subir.

Não culpava Spencer Sinclair. Ele tinha a tarefa dele. Era vigiar a máquina com um olho crítico, para apertar os parafusos se sentisse algum atraso. E eu era o único que podia ter os parafusos apertados, pois eu era o encarregado de tudo.

— Quem sabe que eu voltei?

— A estas horas, quase todo o escritório — disse Sheila. — Ainda havia muitas luzes acesas quando saí de lá. Querem preparar-se para enfrentá-lo amanhã.

— Não sei se irei lá amanhã — disse eu. — Falarei pelo telefone daqui. Mande instalar a mesa auxiliar.

Era uma linha especial com muitos troncos em ligação direta com meu escritório. Tudo se passava como se eu estivesse em meu escritório. Quem telefonava não podia perceber que eu não estava lá.

— Alguma recomendação especial?

— Sim. Afaste Sinclair de mim. Não quero falar com ele.

— E se ele insistir?

— Diga exatamente a ele que eu já estou muito velho para certos jogos e que ele deve estar também.

Ela me deu o resto dos papéis e fechou o caderno. Levei-a até à porta e ajudei-a a vestir o casaco. Ela olhou para mim com uma expressão de estranheza no rosto.

— Você está bem, Stephen?

— Claro que estou. Por quê?

— Não sei. Você parece um pouco estranho. Como se você não se estivesse incomodando muito.

— Estou um pouco farto de tudo isso, sabe? Já passei por isso muitas vezes

antes.

— Não é isso só.

— Talvez esteja cansado. Amanhã, estarei em ponto de bala.

Ela não insistiu mais.

— Boa noite, Stephen.

Fechei a porta depois que ela saiu e voltei para o bar. Preparei outro uísque e fiquei ali sentado. Sheila Fogarty não era boba. Ela me conhecia talvez melhor do que eu. Era bem possível que visse em mim o que eu não via. Comecei a examinar a pilha de memorandos que estava diante de mim.

Perdi a noção do tempo. Talvez meia hora depois, a campainha da porta tocou. Acabei de ler o último memorando e fui ver quem era. Eu estava a um quilômetro de distância quando abri a porta. A pequena que havia tocado me fez regressar num instante. Tinha cabelos louro-escuros que lhe caíam soltos até ao meio das costas, rosto oval e olhos azuis-violeta com quatro pares de cílios postiços. Vestia um casaco curto e macio de lince, no qual os flocos de neve pareciam condecorações. O nariz era bem feito e um tantinho arrebitado e o sorriso parecia encantador, com os dentes brancos e um lábio inferior sensual.

— Alô — disse eu.

— Sou Marianne Darling — disse ela. — Para facilitar-lhe as coisas pode chamar-me de Menina Darling.

Sorri.

— Entre, Menina Darling.

Fechei a porta e tirei-lhe o casaco. Usava um minivestido de jérsei vermelho e botas longas vermelhas que lhe subiam acima dos joelhos quase até ao meio das coxas. Havia alguns centímetros de coxas brancas entre as botas e o vestido e, pelo jeito, não estava usando nada mais em cima da pele.

Entrou à minha frente no apartamento. Olhou para tudo ao mesmo tempo. Fiquei de parte observando-a.

— Que é que acha? — perguntei.

— Gosto muito — disse ela. — Tudo tão masculino e tão severo.

— Que é que vai beber? — perguntei, encaminhando-me para o bar.

— Que é que você está bebendo?

— Scotch.

— É então o que eu quero. Assim será mais simples.

Servi-lhe um uísque e reforcei o meu. Ela levantou o copo para mim e disse:

— Tim-tim!

Bebemos. Ela viu em cima do bar o copo em que Sheila Fogarty bebera, com

um leve toque de batom na borda.

— Vim muito cedo — disse ela. — Mas não tive a menor intenção de interromper.

— Não houve interrupção de espécie alguma. Minha secretária veio me trazer uns papéis.

— Oh!

Ela se levantou e olhou pela janela. A neve estava caindo lá fora.

— A vista daqui é linda — murmurou ela.

— É verdade — disse eu. Quase me havia esquecido disso. — Fique à vontade. Preciso tomar um banho. Ainda estou com o corpo pegajoso da viagem.

— Está bem.

Foi para o bar enquanto eu entrava no quarto.

Tirei as roupas e deixei-as em cima da cama. Entrei no boxe e abri a água quente. O calor atenuou a tensão e o barulho da. água me acalmou os nervos.

Não sei quanto tempo levei no banho até que a ouvi chamar-me.

— Que é ? — perguntei tirando a cabeça de baixo da água.

— O telefone está tocando. Quer que eu atenda?

— Faça o favor — gritei.

Um momento depois, a porta do banheiro se abriu.

— É da Califórnia que estão telefonando. Jack. Savitt. Fechei a água e abri a porta do boxe.

— Dê-me esse telefone que está aí na parede.

Ela entrou no banheiro e ficou parada, hesitante.

— Ali ao lado? — perguntou ela. — Sempre ouvi dizer...

— Não há perigo algum — disse eu, rindo.

Ela me entregou o telefone e eu falei:

— Pronto, Jack.

— Quem é a pequena? Tem uma voz boa.

— Você não a conhece. Que foi que conseguiu saber?

— A coisa é mais ou menos como calculávamos. Ele está em má situação e os bancos já principiaram a fazer pressão. Estão dispostos a ir em frente e levar o caso à justiça. Ele pôs Dan Ritchie em ação na semana passada para conseguir tudo o que fosse possível para ser televisionado.

— Que relação tem isso com o movimento contra nós?

— Ritchie ainda tem amigos na sede. Você tem vinte e seis programas especiais planejados. São vinte e seis filmes que poderão ser apresentados se conseguirem botar você de lado.

— Muito bem.

— Mais alguma coisa, Steve?

— Por hora, não. Falarei com você amanhã.

Estendi a mão pela porta do boxe e tornei a dar o telefone a ela. Fechei a porta e tornei a abrir a água.

Através do vidro opaco, vi que ela continuava no banheiro e o vestido vermelho fazia um desenho abstracionista sobre o vidro. Estava imóvel.

— Que é que há? — perguntei.

— Nada — disse ela. — Estou olhando.

— Olhando o quê?

— Você. O efeito é estranho por trás desse vidro. Uma coisa estranha como todo o seu apartamento.

Fechei a água e disse:

— Convém dar-me uma toalha, antes que você faça alguma coisa que não deve.

— Já fiz — disse ela. — Duas vezes. A primeira quando lhe entreguei o telefone e a segunda agora, quando estava olhando.

— Dê-me a toalha de qualquer maneira. E deixe de gastar o que você possui. Temos uma longa noite à nossa frente.

Peguei a toalha e enrolei-a em torno do corpo. Peguei outra toalha e comecei a enxugar-me.

— Posso enxugar-lhe as costas — disse ela.

Joguei-lhe a toalha. As mãos dela eram firmes e seguras.

— Você é japonesa por acaso? — perguntei.

— Pareço japonesa ? — perguntou ela, rindo.

A porta do banheiro se abriu e Angel apareceu. Um sorriso lhe abriu o rosto.

— Tudo em ordem. Vejo que já se conhecem.

— Prepare um drinque para você — disse eu. — Vou já para lá.

— OK — disse ele e desapareceu.

Tomei a toalha das mãos da pequena.

— Você também.

Ela fez uma cara amuada.

— Pensei que ia ajudar você a se vestir.

Ri e empurrei-a para a porta.

— Vá para a sala, Menina Darling. Já estou bem crescido e sei vestir-me sozinho.

Estavam todos em torno do bar quando saí. Falei com a pequena de Angel e

preparei um drinque para mim.

— Já jantaram?

Angel sacudiu a cabeça.

— Não.

Voltei-me para as pequenas.

— Onde gostariam de comer?

— Não servem jantar aqui se pedir pelo telefone? — perguntou Menina Darling.

— Servem.

— Por que é então que vamos lutar contra a neve? Estamos todos confortavelmente aqui. Tudo pode ser feito sem sair daqui: comer, beber e o resto.

Angel riu.

— Não lhe disse que ela era formidável, chefe?

— Talvez — disse eu, pegando o telefone para pedir o jantar no restaurante. Continuei a olhá-la e vi o rubor subir pelo rosto dela.

A comida não estava má. Houve um momento em que Angel começou a falar dos assuntos do escritório e eu o interrompi.

— Deixe para amanhã. Há tempo de sobra.

Depois que o garçom levou os pratos, houve um momento de silêncio. Angel levantou-se por fim.

— Vamos, Faith. Está na hora de sairmos.

Não fiz o menor esforço para detê-los. Depois que os dois saíram, ela continuou sentada onde estava. Olhamo-nos durante muito tempo.

— Em que está pensando? — perguntou ela por fim.

— Não compreendo. Por que esse interesse todo de sua parte?

— Talvez eu goste de você — disse ela, sorrindo.

— Mas por quê?

— Ê uma história muito comprida — ela se levantou e foi para o quarto. Algum dia eu lhe contarei tudo.

CAPÍTULO III

Fiquei sentado no bar, bebendo. A fossa era total. Não queria fazer o esforço. Talvez meia hora depois ela voltou.

— Êh — disse ela da porta. — Vai passar a noite aí bebendo?

Olhei para ela. A única coisa que tinha deixado em cima do corpo eram as

botas. Tinha pintado os bicos dos seios de vermelho para combinar com o vestido. Ela sorriu.

— Gosta?

— É diferente.

Ela foi ao quarto e botou um cigarro na boca.

— Quer-me dar fogo? — perguntou, encostando-se em mim.

Risquei o fósforo para ela. O odor acre da maconha encheu rapidamente a sala.

— Quer uma tragada ? — perguntou ela.

Tomei-lhe o cigarro da mão e puxei fundamente a fumaça. Não senti nada. Naquela noite, nada dava resultado.

Ela tornou a tomar o cigarro.

—: Mas você está bem baixo.

Não respondi.

— Se você quiser, irei embora — disse ela.

Levei muito tempo para resolver.

— Não.

Ela tirou mais algumas fumaças e os olhos dela começaram a ficar turvos.

— Vai ficar-me olhando a noite toda?

A voz dela estava ficando pastosa.

— Talvez.

— Se é assim que você quer, está bem.

Atravessou a sala e ligou a eletrola.

— Não se importa que eu divirta um pouco?

— À vontade — disse eu, sorrindo.

Ela começou a dançar ao ritmo da música. Tirou de novo uma fumaça e passou o cigarro para mim. Continuei no banco do bar vendo-a dançar. Ela se moveu em torno da sala, apagando as lâmpadas até que só houve uma débil luz que vinha de trás do bar. Ela entrou no quarto e eu tirei uma fumaça do cigarro de maconha.

Voltou um instante depois, trazendo na mão alguma coisa que eu não pude ver o que era à fraca luz. Ela se aproximou de mim e disse:

— Quero-lhe apresentar meu verdadeiro amor.

Olhei para a mão dela e vi um pequeno vibrador cor-de-rosa.

Ligou-o e ele começou a zumbir.

— Steve, apresento-lhe Steve — disse ela.

Olhei-a. Estava inteiramente séria.

— Conhecemo-nos na verdade quando eu tinha quatorze anos — disse ela. — E nunca mais me separei dele.

Apertou o pequeno aparelho de encontro ao rosto, depois ao pescoço e passou-o em redor dos seios. Estendeu a mão livre para pegar o cigarro.

Tirou uma fumaça e devolveu-o. Os olhos estavam inteiramente desvairados.

Joguei o cigarro num cinzeiro e tornei a encher o meu copo. Olhei para ela pelo espelho do bar.

Ela estava dançando ao som da música, com os olhos quase cerrados e passava o vibrador pelo estômago, e depois pelo resto do ventre.

De repente, ela arregalou os olhos, voltando-se para mim. As pernas lhe começaram a tremer.

— Steve! — exclamou ela e caiu de joelhos, enquanto o vibrador lhe caía das mãos e rolava pelo tapete onde ficou zumbindo obscenamente.

Um momento depois, ela o apanhou e desligou. Olhou para mim com um leve sorriso nos lábios.

— Uma loucura, não é mesmo?

Sacudi a cabeça.

— Um orgasmo violento.

— Eu não saberia — disse ela. — Tenho de ir ao banheiro.

Voltei para o bar. A sala era uma estranha mistura de odores, mulher, maconha, uísque. Peguei meu copo.

— Prepare um para mim — disse ela da porta. Voltei-me para olhá-la. Estava completamente vestida. Coloquei algum gelo num copo e servi o uísque.

Ela tomou-o de minha mão e disse:

— Tim-tim.

Tomou o uísque de um gole e dirigiu-se para a porta. Pegou o casaco em cima da cadeira e vestiu-o.

— Boa noite, Steve.

— Boa noite.

A porta se fechou e eu continuei sentado no bar. Poucos minutos depois, o telefone interno tocou. Atendi. Era ela falando da portaria.

— Esqueci-me de lhe dizer uma coisa.

— Que foi, Menina Darling?

— Amo você — disse ela e desligou.

Os sonhos me massacraram naquela noite. Era o que acontecia sempre que eu voltava ao apartamento. Barbara estava ali. Talvez Sam tivesse razão. Eu

devia ter-me mudado dali.

Mas não tinha feito isso e ela continuava ali. Vivíamos tão unidos e de repente... nada. Ela tinha partido e nunca mais voltaria.

Rolei para o outro lado na cama e afastei todos os sonhos. Nunca mais. Não iria cometer de novo o mesmo erro.

Era melhor assim. Nem laços, nem encrencas. Tudo frio e claro. Fazia o que tinha vontade sem qualquer sentimento de culpa, porque havia outra coisa para fazer ou alguma outra preocupação no espírito.

Mas ainda me lembrava de como tudo havia começado. Tinha sido mais belo do que qualquer coisa antes ou depois. Mas, depois disso, a dor. Só a dor.

Nunca mais. Tentei dormir de novo. Mas tive um sonho maluco e Menina Darling começou a dançar de novo. Mas dessa vez dançava com o rosto de Barbara e sorria com o sorriso de Barbara.

Era o mesmo sorriso malicioso que Barbara tinha quando me estava provocando. Estendi os braços para ela e Barbara desapareceu. Sentei-me na cama, com os olhos arregalados para a escuridão.

O quarto estava silencioso e vazio. Um momento depois, levantei-me da cama e tomei um comprimido para dormir. Deu resultado. Apaguei como uma luz desligada.

Acordei com o telefone. Ainda estava meio tonto de sono quando atendi.

Era Angel e estava falando da portaria.

— Levei não sei quanto tempo tocando a campainha de sua porta. Afinal, desci para telefonar.

— Pode subir.

Depois, peguei de novo o telefone e pedi café. Fui então para o banheiro e joguei água fria no rosto.

Angel estava cheio de curiosidade, mas não fez quaisquer perguntas. Também não lhe prestei informação alguma. Tomei um pouco de café e começamos a conversar.

Fora rápido. Estava de posse de todos os índices de audiência, de todos os preços e de todas as respostas. Era brilhante, enérgico e ambicioso. Não iria perder aquela oportunidade enquanto estivesse sob as vistas de Sinclair.

Tudo começou a se esclarecer enquanto eu ouvia Angel. Por mais esperto que ele se julgasse, vivia na superfície. Lá embaixo, Sinclair já estava agitando as águas. Tudo o que Angel podia ver era que o velho tinha recorrido a ele.

A aritmética era simples. Dedicávamos duas noites por mês aos programas especiais. A princípio, tinha havido um entusiasmo geral, até da parte dos

patrocinadores. Afinal, fazia-se alguma coisa de que podiam participar com orgulho. Depois, chegaram os índices de audiência.

O orgulho desapareceu diante dos índices. Continuaram a descer. Eles os traduziram imediatamente em reação das vendas e começaram a procurar uma maneira delicada de tirar o corpo fora. As razões apresentadas foram as de sempre. A culpa toda era dos telespectadores. Afinal de contas, eles é que trocavam de canal.

Sinclair sabia do meu interesse pelos programas e essa era a maneira que ele tinha de me dizer que não estava satisfeito. Tinha feito o lance inicial. Angel era apenas uma peça no tabuleiro de xadrez.

Mas o velho estava perdendo a sua habilidade. O peão do cavalo do Rei na quarta casa era uma má abertura para ele. Estava arriscado a perder Angel.

— Bom trabalho — disse eu. — Gosto da maneira por que está pensando e acho firme a sua orientação.

— Obrigado, Steve — disse Angel, visivelmente satisfeito. Pensei por um momento e perguntei:

— Você tem algum elemento de confiança na Programação Diurna?

— Peter Reiser — disse ele. — Encarreguei-o dos programas de esportes, mas acho que ele está a par de tudo no departamento.

— Ótimo — disse eu. — Vou passá-lo para a Programação Especial. Vai subir mais um andar e ganhar mais 15 mil dólares por ano. Vou deixá-lo encarregado de tudo. Tenho certeza de que você dará um jeito completo nas coisas.

— Não se arrependerá, Steve — disseme ele, com os olhos brilhantes. — Trabalharei ao máximo.

— Eu sei disso. Mas você terá de ficar de olho em Reiser até termos certeza de que ele poderá desempenhar o cargo.

— Fique descansado, Steve. Compreendo.

— Acho que é melhor você ir à Califórnia e dar uma olhada no resto dos programas. Quero saber da sua opinião.

— Tomarei o avião esta noite — disse ele, levantando-se. — Por falar nisso, estou com o relatório pronto para Sinclair. Que é que devo fazer com ele?

— Entregue-o, é claro.

— Mandar-lhe-ei uma cópia logo que minha secretária acabar de batê-lo.

— Muito obrigado.

Esperei que ele saísse do apartamento e peguei o telefone. Não tive que fazer qualquer verificação para saber que o relatório já tinha sido mandado para

Sinclair. Eu receberia a cópia quando ele calculasse que já havia decorrido o tempo suficiente para afastar todo e qualquer perigo. Toquei o telefone e fui acordar Jack Savitt em casa.

— Angel Perez está indo para aí — disse eu. — Cozinhe-o em água fria.

— Fique descansado. Terá o tratamento "A".

— Quando completar essas providências, tome um avião e venha para cá.

— Para quê ?

— Quero que você trate do caso Ritchie-Benjamin.

— Espere um pouco — disse ele. — Isso começou em alto nível e quer dizer que você é o homem indicado para tratar do caso. Sinclair não permitirá outra pessoa que não seja o presidente da rede.

— Venha, Jack. Eu me encarregarei de Sinclair.

Desliguei o telefone e acendi um cigarro. Sinclair queria jogar. Era um direito que lhe assistia, desde que a bola lhe pertencia.

Mas ia ter algumas surpresas. As regras eram outras. E ele teria de aprendê-las todas. A primeira era que ele não devia meter-se em jogos.

CAPÍTULO IV

O relatório de Angel estava em cima de minha mesa quando cheguei ao escritório no dia seguinte. Peguei-o e passei os olhos. Estava todo eriçado de intenções. A única pessoa que não tentava destruir era o próprio Sinclair.

Sorri intimamente. Angel era muito precipitado e Sinclair era capaz de ver claro através de todo o seu manejo. O relatório era muito manifestamente favorável ao próprio Angel. Mas tinha razão num ponto. Desde que eu estava na Califórnia a maior parte do tempo, havia falta de direção em Nova York.

Não era nenhuma novidade. Todos já havíamos previsto isso muito tempo antes. Havia quase dois anos que eu dissera isso a Spencer. Mas ele tinha negado qualquer importância ao fato.

— Trate de expandir-se — dissera ele.

E eu nem me dera ao trabalho de agir de outra maneira. Tratara exclusivamente do que me parecera mais importante. O resto podia ficar para depois. Mas não podia mais.

Joguei o relatório na cesta. Relatórios não faziam programas de televisão. Toquei o botão do interfone.

— Avise-me logo que Sinclair chegar.

— Já chegou e está aqui — disse Spencer da porta.

Levantei os olhos e sorri. Levantei-me e estendi-lhe a mão.

— Como vai, Sr. Sinclair?

Ele fez cara feia quando me apertou a mão e disse:

— Reconheço esse tom de voz. Quer dizer que o nosso encontro vai ser formal ?

— Já é tempo — disse eu, sorrindo.

— Antes de começarmos, posso dizer-lhe que tenho prazer em vê-lo, Steve?

Sorri.

— E eu fico muito contente de vê-lo, Spencer.

Ele se sentou na cadeira diante de minha mesa e me perguntou:

— Por que mandou Perez para a Califórnia?

— Para anulá-lo. Não gosto de gente malandra.

— Pedi-lhe que fizesse um serviço para mim.

— Foi um erro seu. Era para mim que ele estava trabalhando. Era a mim que devia ter pedido.

— O relatório dele faz sentido.

— O que eu lhe disse há dois anos também fazia. Mas você nada quis fazer naquela ocasião. Previ que teríamos problemas. Agora que estamos lutando com os problemas, está disposto a fazer qualquer coisa. Naquele tempo, não estava.

— Ele não pode ser tão ruim assim. Afinal de contas, ele lhe telefonou.

— Depois de lhe mandar o relatório. Jogou com cartas marcadas.

— Sou presidente da diretoria e sou responsável pelos assuntos financeiros da companhia. Não pode dizer que este ano tenhamos tido um estrondoso sucesso.

— Está esquecendo um fato.

— Qual é?

— Quando me fez presidente de toda a companhia, eu me tornei automaticamente o principal executivo da mesma. Não gosto de que ninguém usurpe a minha autoridade. Nem mesmo você.

— Não seja tão suscetível, Steve. Estava apenas tentando ajudar.

— Sei disso. Mas infringiu as regras. E não pode fazer mais isso. O jogo agora é outro.

— Está querendo dizer que eu não posso tomar medidas corretivas quando vejo alguma coisa errada?

Ele estava começando a perder a calma.

— Claro que pode fazer alguma coisa. Pode falar comigo.

— Como é que posso falar alguma coisa com você, se você está quase o

tempo todo ausente do escritório?

— Já ouviu falar na existência de uma coisa chamada telefone?

Eu estava sendo deliberadamente irritante.

Ele esfriou um pouco.

— Que é que vamos fazer agora? A diretoria vai querer saber. Afinal de contas, o nosso faturamento caiu onze milhões este ano.

— Apertar o botão do pânico não restabelecerá o faturamento.

— Você está passando muito tempo na Califórnia. As vendas estão sofrendo em conseqüência disso.

— Não haverá muita diferença em setembro quando os nossos novos programas começarem.

— Mas setembro ainda está muito longe. Falta menos de uma semana para o ano novo. Ainda temos de nos preocupar com os resultados do inverno e do verão. Vamos encarar a realidade de frente, Steve. Ninguém conhece as agências tão bem como você. Tem de voltar para cá. Não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Você tem toda a razão num ponto — disse eu. — Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. Mas não tem razão no outro. Há alguém que conhece as agências tão bem quanto eu. Jack Savitt. Não se esqueça de que ele passou a vida em Madison Avenue vendendo os seus programas às agências, aos patrocinadores e às redes.

— E o estúdio?

— Já fez o trabalho que tinha para fazer ali. Preparou também homens competentes que são perfeitamente capazes de substituí-lo. Creio que é tempo de tirá-lo de lá.

Ele ficou um minuto em silêncio pensando e afinal perguntou:

— Que é que pretende dar a ele?

— Pedi-lhe que viesse para tratar da proposta de Benjamin.

— Espere um pouco. Isso é a você que cabe.

— Isso cabe ao presidente da TV Sinclair.

— Mas você ainda é o presidente.

— Foi esse o meu erro. Quando assumi o seu cargo de presidente da Companhia Sinclair, devia ter posto outro homem no meu antigo cargo. Creio que já é tempo de que a TV Sinclair tenha um novo presidente.

— E que é que você ficará fazendo?

— A mesma coisa que você fazia quando estava no meu lugar — botar todo mundo maluco.

Ele começou a rir e levantou-se. Dirigiu-se para a porta, mas parou no meio do caminho e me perguntou:

— Quer ir jantar comigo no domingo em Greenwich? A neve está uma beleza por lá.

— Irei se não tiver voltado à Califórnia.

— Mais uma coisa — disse ele.

— Que é?

— Já calculou quando é que eu posso me aposentar?

— Quando tiver sessenta e cinco anos — respondi prontamente.

Ele riu e saiu pela porta. Fiquei olhando-o e comecei a sorrir intimamente. Ele perdera o combate e ganhara a guerra. Era ainda mais esperto do que eu. A verdade era que ele havia conseguido tudo o que queria.

Já estava escuro quando saí do escritório e não a vi ao chegar à rua. Aproximei-me do meu carro e já ia entrar quando ela me bateu no ombro.

— Trabalha até muito tarde, Sr. Gaunt.

Estava com outro casaco de peles. Raposa vermelha, julguei eu. Um capuz lhe cobria quase todo o rosto e só deixava ver os olhos negros e cintilantes.

— Estou esperando desde as cinco horas — disse ela.

— Que tolice! Se queria me ver por que não subiu ?

— Não sei se vai acreditar, mas tive medo.

— Medo de quê?

— De que... não quisesse me ver.

— Isso ainda seria melhor do que passar esse tempo todo aqui, debaixo desse frio.

— Não foi tão ruim assim — disse ela, tirando do casaco uma frasqueira de bolso, como as que usavam antigamente para guardar uísque. Virou-a para que eu visse que estava vazia.

— Ao fim de algum tempo, eu nem sabia mais que estava fazendo frio.

— É melhor entrar no carro — disse eu, segurando-a pelo braço.

Ela não se moveu.

— Não. Não foi por isso que esperei. Não tem de me levar a lugar algum. Só queria era lhe pedir desculpas de me ter comportado como uma idiota na noite passada. Não sei bem o que me aconteceu. Foi como se de repente eu tivesse ficado totalmente desinibida.

Havia alguma coisa de muito jovem no rosto dela. Tornei a pegá-la pelo braço.

— Entre no carro.

Ela entrou em silêncio na grande limusine Continental. Segui-a e fechei a porta. O chofer virou-se e perguntou:

— Para onde, Sr. Gaunt ?

— Onde é que você mora? — perguntei a ela.

— Riverside Drive com Rua 78 — disse ela. Em seguida, começou a tremer e se encolheu num canto do carro.

A limusine entrou na corrente do trânsito. Liguei o aquecedor ao máximo. O ar quente nos envolveu. Quando chegamos ao Central Park, o carro parecia um forno.

— Está melhor assim ? — perguntei.

— Está... Tem um cigarro?

Acendi um cigarro e passeio às mãos dela. Ela começou a fumar e, um momento depois, deixou de tremer. Olhou pela janela para a neve no parque e perguntou:

— Para onde é que vamos?

— Não disse Riverside Drive e Rua 78?

— Não quero ir para lá.

— Para onde quer ir então?

Ela me olhou com a fumaça a enovelar-se diante do rosto.

— Quero ir com você.

— Vou para casa dormir — disse eu. — Estou exausto.

Ela ficou em silêncio por um momento e então disse:

— Neste caso, não tem importância. Pode-me deixar aqui mesmo.

Estávamos no centro do parque. A neve estava empilhada em grandes montões dos dois lados do caminho.

— É uma loucura — disse eu. — Você levará no mínimo uma hora para sair daqui a pé.

— Eu gosto de caminhar por dentro da neve — inclinou-se para a frente e bateu no ombro do chofer. — Pare aqui.

Ele encostou o carro ao meio-fio e ela abriu a porta e saiu. Ficou ali enquanto o ar frio invadia o carro.

— Obrigado pela carona.

Ela fechou a porta, subiu para o passeio por um montão de neve e começou a caminhar. Olhei-a enquanto o carro começou a mover-se e passou lentamente por ela. Ela tinha a cabeça baixa e o capuz estava puxado por sobre o rosto. Só podia ver dela a ponta do nariz. Ela então ficou para trás e eu me recostei no

banco do carro. Um instante depois, ouvi um baque contra a janela atrás de mim.

Virei-me e olhei. Outra bola de neve bateu no vidro da janela. Vi-a fazer menção de arremessar a terceira.

— Pare! — disse ao chofer.

Ele parou e eu saí. A terceira bola de neve passou sibilando por mim. Juntei um pouco de neve nas mãos, amassei-a numa bola e joguei, indo atingi-la no ombro.

— Acertei! — gritei.

Cometi o erro de ficar parado vangloriando-me da minha proeza e ela me acertou com a bola de neve seguinte. Desfez-se em meu pescoço e começou a escorrer geladamente por dentro do colarinho. Apanhei mais neve e ataquei.

Ela correu para uma árvore e, escondida atrás dela, bombardeou-me enquanto eu me aproximava. Dava gritos de alegria. Felizmente, a pontaria dela não correspondia ao seu entusiasmo. Afinal, cheguei muito perto da árvore e ela saiu de lá e começou a correr.

Acertei-a nas costas com duas bolas de neve seguidas e, então, quando ela parou para apanhar mais neve, alcancei-a, derrubando-a. Escorregamos por um montão de neve e rolamos várias vezes até o outro lado. Paramos então e eu lhe esfreguei neve no rosto.

— Isso é para você aprender a não ser tão esperta da próxima vez! — exclamei, rindo.

Ela ficou de repente imóvel, olhando-me.

— Você está rindo! Você sabe rir!

— Não diga uma coisa dessas.

— Não, você está realmente rindo. Nunca tinha visto você rir!

Passou os braços por meu pescoço. O nariz dela era frio, os lábios eram quentes e a língua era como um fogo à procura de minha boca. Ao fim de um momento, recobramos o fôlego. Ela me olhou fixamente e exclamou: — Sim! Sim mesmo!

CAPÍTULO V

Jack chegou de Los Angeles ao Aeroporto Kennedy às sete horas da manhã. Às oito e quinze tocava a campainha de meu apartamento.

Ela se levantou como se fosse movida por uma mola, com os olhos arregalados e cheios de medo. Puxou a colcha para cobrir o corpo.

— Quem é?

— Calma — disse eu. — É o meu primeiro encontro do dia.

Saí da cama e peguei o robe.

— Vai demorar muito?

— Umas duas horas.

— Oh!

— Pode sair quando quiser. E não é preciso esconder-se.

— Vou dormir mais um pouco. Se ele sair antes do meio-dia, volte para a cama comigo.

— E se ele não sair?

— Vou lá, mato-o e trago você para a cama.

Puxou o cobertor para cobrir a cabeça e eu fui abrir a porta da rua.

Jack estava todo excitado. Os tranqüilizantes que tomara durante a viagem não tinham adiantado nada. Quase não pôde ficar sentado enquanto tomava café.

— Quer dizer que o velho não levantou nenhuma objeção mesmo?

— Nenhuma — disse eu, sorrindo. — Para dizer a verdade, pareceu até satisfeito.

— Será que ele sabe que eu sou judeu?

— Acho que sim. Há pouca coisa que ele deixe de saber.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Já imaginou? Eu, judeu, presidente da TV Sinclair. Há dez anos, não conseguíamos sequer um emprego subalterno lá.

— Amanhã, conquistarão o mundo — disse eu.

De repente, ele se deixou cair numa cadeira.

— Estou com as pernas fracas.

— Você precisa é de mais café — disse eu, tornando a encher-lhe a xícara.

— Eu me acalmarei, fique descansado. Mas tudo aconteceu tão rapidamente. Quando você me telefonou pela segunda vez ontem e me disse, não pude acreditar.

— Acredita agora?

— Acredito. Sabe o que foi que me convenceu?

Sacudi a cabeça.

— Foi a neve— disse ele. — Quando descemos para o pouso, vi a neve e soube que era verdadeira.

— A notícia vai ser publicada pelos jornais hoje de manhã — disse eu. — Você tem um almoço marcado com Sinclair às doze e meia no Vinte e Um. Às duas e meia, você terá uma conferência para ficar conhecendo os chefes de departamento.

— Você estará presente?

— Ao almoço, não. Mas irei à conferência.

— Resolverei tudo com você.

— Não — disse eu.

— Espere aí. A quem então ficarei subordinado?

— A ninguém. Você é o chefe da rede agora. Ela ficará entregue a você. Terá de tomar as decisões. Só lhe peço é que me mantenha informado.

— E se eu fracassar?

— Será o seu pescoço em jogo. Mas você não fracassará. Cometerá erros. Às vezes, calculará errado. Mas sou capaz de apostar que acertará mais do que errará.

— É justo o que diz, Steve — abriu a pasta que trazia e tirou alguns papéis. — Vim estudando a programação durante a viagem. Tenho algumas idéias. Quer ouvi-las?

— Quero, sim.

— Não vai gostar das primeiras coisas que eu vou dizer.

— Diga de qualquer maneira.

— Vou cancelar o resto dos programas especiais. Seja qual for a sua opinião, não se pode dar jeito neles. Enquanto não conseguir um programa para substituí-los, vou recorrer aos filmes.

— Qual é a outra coisa?

— Angel Perez. Sei que você não gosta dele. Mas ele é inteligente, dinâmico e ambicioso. Quero que ele seja meu vice-presidente executivo.

Fiquei calado.

— Eu bem disse que você não ia gostar.

— Não tenho de gostar. Quem vai ter de viver com ele é você. Só lhe recomendo é que não deixe a sua retaguarda desprotegida.

— Se eu não cuidar de mim mesmo, não mereço o cargo.

— Muito bem. Quem mais?

Ele tratou então de dissecar três dos meus programas favoritos.

— Esses programas — disse ele — estão velhos e cansados. Já estão no ar de três a quatro anos e já deram tudo o que tinham de dar. Gostaria de cancelá-los imediatamente, mas não tenho substitutos suficientes, de modo que vou suprimi-los pouco a pouco, principiando por Poeira de Estrelas.

Poeira de Estrelas era um programa de entrevistas pessoais, feitas ao vivo nas casas das estrelas de cinema. O sucesso tinha sido grande no começo, quatro anos antes, mas o programa havia declinado, talvez porque não houvesse estrelas de verdade em número suficiente.

— Que é que vai botar no lugar dele?

— Um programa de rock com adolescentes. Danças, efeitos de luz, pequenas de minissaia, muita agitação e muito barulho.

— Não se esqueça de que vai ocupar um horário nobre.

— Decerto. Mas não tenho dúvida de que os garotos farão sucesso. Que é que acha?

— Que importância tem o que eu ache? Já disse que você é que terá de tomar as decisões.

— Muito bem — disse ele. — E quanto à proposta de Benjamin?

— Encontrará uma cópia da proposta em cima de sua mesa quando chegar ao escritório. Estude-a e depois disso conversaremos.

Ele se levantou.

— Vou voltar para o meu hotel e preparar-me. Depois, irei imediatamente para o escritório.

Levei-o até à porta.

— Até logo mais à tarde. Felicidades.

Fiquei ali até que ele tomou o elevador. Depois, entrei e tomei outra xícara de café. De repente, sentime velho. Não fazia muito tempo eu me vira na mesma situação de Jack. Com o mesmo entusiasmo, as mesmas esperanças, os mesmos planos. Nada disso me animava mais. Tudo se havia tornado ressecado e morto. Pela primeira vez compreendi o papel de Spencer na companhia. Era preciso de vez em quando desmontar tudo a fim de haver reconstrução e progresso.

— Já foi ? — perguntou ela da porta do quarto. Ela havia aberto a porta uma fração de centímetro e estava espiando.

— Já.

— Ótimo.

Abriu a porta e veio para a sala embrulhada numa toalha em estilo de sarong e com a pele ainda úmida do banho.

— Já estava começando a pensar que ele nunca mais ia sair.

— Quer café?

— Você tem aí suco de abacaxi?

— Na geladeira.

Ela abriu a lata e derramou um pouco num copo cheio de gelo. Depois, pegou uma garrafa de vodca e encheu o copo até em cima. Mexeu tudo e provou.

— Muito bom. Quer experimentar?

Sacudi a cabeça.

Ela encolheu os ombros e levantou o copo.

— Tim-tim. Que horas são?

— Quase dez horas.

— Ih! Eu tinha uma audição hoje de manhã e me esqueci inteiramente. Posso telefonar?

— Por que não? Vou fazer a barba enquanto você telefona.

Quando saí do banheiro, ela estava de novo na cama. Havia outro copo de suco de abacaxi com vodca na mesinha de cabeceira.

— Meu agente ficou danado da vida porque faltei à audição.

— Era um bom lugar?

— Não. Era para fazer um anúncio. E, de qualquer maneira, eu não ia conseguir nada. Estavam querendo uma pequena do tipo de Sandra Dee e eu não sou absolutamente desse tipo.

Eu não podia contestá-la. Ela olhou para mim.

— Vai trabalhar agora?

— Não. Só depois do almoço.

— Ótimo — disse ela. Virou o corpo e ficou de bruços na cama. — Acha que eu tenho um corpo bonito?

Olhei-a e só havia uma resposta possível.

— Acho.

— Então por que é que está aí parado? Venha cá e me dê um beijo.

Aproximei-me da cama e inclinei-me sobre ela. Ela deu um salto e se virou na cama quando lhe dei uma palmada. Havia um brilho estranho nos seus olhos.

— Por que fez isso?

Nada disse.

Ela sorriu lentamente e tornou a ficar de bruços.

— Faça de novo que eu gostei.

Spencer estava esperando no meu escritório quando voltei do salão de conferência depois de ter apresentado Jack aos chefes de departamento. Ele me olhou e disse: — Você está precisando de um drinque.

Preparamos dois drinques e bebemos.

— Como se está sentindo? — perguntou ele.

— Como se tivesse dado o meu primeiro filho a estranhos.

— Então já sabe o que foi que eu senti.

CAPÍTULO VI

— Eles querem seis milhões de dólares pelo conjunto — disse Jack. — E eu não vou aceitar.

— Está bem — disse eu.

— Benjamin não vai gostar disso. Tinha certeza de que íamos fazer o negócio.

— Não sei por quê. Nunca conversamos sobre esse negócio.

— Ele diz que você assumiu um compromisso quando ele estava no estúdio e que, portanto, está na obrigação de comprar os filmes. Está desesperado por dinheiro.

— Isso é problema dele.

— Ritchie me disse que os advogados estudaram o contrato de dissolução da sociedade e que, se nós não chegarmos a um acordo, seremos acionados.

— Eles não nos vão acionar.

— Por que tem tanta certeza?

— Sam não vai deixar perceber que está em má situação. Sabe que se os credores souberem realmente da verdade cairão todos em cima dele.

Levantei-me.

— Alguns dos filmes não são tão ruins assim — disse Jack.

Fiquei aborrecido.

— Escute aqui, você é o presidente da rede. Compre os filmes ou não compre. Faça o que quiser. Mas não fique indeciso. Esse é o seu serviço.

Ele pensou um pouco e disse:

— OK!

Depois, encaminhou-se para a porta. Chamei-o.

— Jack, fique sabendo que não tenho raiva de Sam. Gosto até dele. Mas não vou ser intimidado, nem ameaçado.

— Compreendo — disse ele e saiu.

O interfone tocou. Apertei o botão.

— A Srta. Darling na linha quatro.

Peguei o telefone.

— Alô, Menina Darling.

— Aonde é que vai almoçar? Estou louca de fome.

— Desculpe, mas já estou comprometido para o almoço.

— Negócios ou prazer ?

— Prazer.

— Matarei você se sair com outra — disse ela veementemente.

— Vou almoçar com minha tia que chegou do Cabo.

— É mesmo? — disse ela ironicamente. — E com certeza vai levá-las para as Quatro Estações, não é?

— É verdade — disse eu. — Como foi que adivinhou?

— Detesto você — exclamou ela e desligou.

Estava sentado à mesa ao lado da piscina, tomando o meu terceiro scotch. Tia Prue estava atrasada. Eu devia saber disso. Ela não podia resistir ao Saks da Quinta Avenida quando vinha à cidade.

Acabei o drinque e fiz um sinal ao maître. Um quarto uísque apareceu diante de mim como por encanto. Se a coisa continuasse no mesmo ritmo, quando Tia Prue chegasse eu estaria imprestável. Olhei para o longo corredor de entrada. Estava vazio. Nesse momento, alguém me bateu no ombro e eu me voltei.

— Espero que ela não lhe dê o bolo! — exclamou ferozmente Menina Darling.

Antes que eu pudesse responder, ela se afastou e foi levada pelo maître a outra mesa à qual se sentou, de frente para mim. Pediu um drinque. Sorri e ela me deu a língua.

— Conhece aquela moça? — perguntou Tia Prue.

Levantei-me. Não a tinha visto chegar.

— Mais ou menos — disse eu, beijando-lhe o rosto.

O garçom lhe segurou a cadeira e ela se sentou.

— Um martini muito seco e meio frio — pediu ela ao garçom. Depois olhou para Menina Darling e me disse: — É muito bonita, mas o cabelo é pintado e o nariz foi consertado numa operação.

— Como é que sabe?

— O cabelo é fácil — disse ela desdenhosamente. — E ninguém na terra nasce com um nariz tão perfeito.

Sorri. Tia Prue tinha quase setenta anos, mas nada lhe passava despercebido.

— Quase bebi demais esperando-a, Tia Prue.

— Passei por Saks — o garçom trouxe o martini e ela o levantou, para mim. Tocamos os copos. — Muito amor — disse ela.

— Muito amor — respondi. Ela provou o martini e disse:

— Muito bom. Tudo vai bem com você?

— Tudo. Por que pergunta?

— Li no jornal que a Televisão Sinclair tinha novo presidente e julguei que o tivessem despedido.

— Não foi bem assim — disse eu, rindo. — Eu tinha muito o que fazer e botei outro homem no lugar.

— Uma Companhia não pode ter dois presidentes — disse ela com uma lógica irrefutável. — Até eu sei disso. E é melhor dizer a verdade, meu jovem, porque se você não está mais lá, vou tratar de vender as minhas ações.

— Não é preciso fazer isso — disse-lhe e comecei a dar-lhe explicações. Ao fim de algum tempo, ela compreendeu.

— Ah, foi bom você ter feito isso. Estava trabalhando demais.

— Não acredite nisso, Tia Prue.

— Não é questão de acreditar, meu filho. Então eu não estou vendo como você está magro?

Não era a primeira vez que eu ouvia isso.

— Emagreci dois quilos só de lhe esperar.

Ela tomou um gole de martini.

— Você devia era casar-se de novo. Que é que está esperando ? Fique sabendo que não está ficando mais moço coisa nenhuma.

— Estou esperando a moça que me sirva. Alguém assim como você.

— Isso é papo furado, Stephen Gaunt! — disse ela desdenhosamente.

— Tia Prue, está falando em gíria. Onde aprendeu a falar assim?

— Bem, você sabe, lá no Cabo não estamos propriamente isolados do mundo. Ouvem-se essas coisas na televisão.

— Está bem — disse eu, apontando o menu. — Escolha o que é que você quer.

O garçom chegou à minha mesa e deixou um pedaço de papel dobrado junto de mim.

— Daquela moça — sussurrou ele, voltando um pouco a cabeça para o lado.

Li o bilhete: "Jantar esta noite? Caso não esteja muito zangou do. M."

Escrevi a resposta no bilhete e entreguei-a ao garçom. Ele voltou para a mesa dela.

— Não seria muito mais simples se você a convidasse para vir ficar conosco? — perguntou Tia Prue.

— Se eu quisesse que ela ficasse conosco ela estaria sentada à mesa quando você chegou.

— Vou tomar outro martini e não é preciso me responder assim.

— Está bem, vou chamá-la.

Já me ia levantando, mas quando olhei para a mesa dela vi que ela havia saído.

— Veja o que foi que você fez! — exclamou Tia Prue, ficando do lado dela. — Estragou o almoço da pobre moça e ainda a fez ir embora! Stephen, você não mudou nada desde os tempos de garoto. É tão grosseiro como sempre foi.

Recostei-me na cadeira com um suspiro e pedi ao garçom outro scotch, dessa vez duplo. Não havia outro jeito.

— Ela gosta de você ? — perguntou Tia Prue.

— Quem?

— A moça que você botou para fora daqui.

— Você sempre achou que todas as moças com quem falo gostam de mim. Por outro lado, eu não botei ninguém para fora.

— Conheço a sua reputação, Stephen. Nós também lemos jornais lá no Cabo.

Eu estava ficando aborrecido.

— Eu sei. E têm também eletricidade, gás e telefone.

Tia Prue me encarou muito séria e disse com uma nota de triunfo na voz.

— Você gosta dela!

— Não disse isso.

— Não é preciso dizer. Está na cara.

Dissimulei, tomando um gole de uísque.

— Stephen. , — Que é, Tia Prue?

— Se gosta mesmo dela, não fuja. Não tenha medo.

Eram quase onze horas, quando Jack saiu finalmente do meu escritório. Não tinha perdido a tarde. Levou-me um projeto para o programa de rock que me pareceu cheio de possibilidades.

— Passei a tarde toda ao telefone com Angel — disse ele. — Aquele camarada conhece mesmo o meio musical. Disse-lhe que começasse a coordenar o pessoal na Califórnia. Os melhores grupos americanos estão lá, em Los Angeles e São Francisco. Vou mandá-lo a Nashville na semana que vem para ver se ele descobre alguma coisa lá.

— Muito bem — disse eu.

— É só — disse ele, começando a juntar os seus papéis. — Vou precisar de um contrato para trabalhar junto às gravadoras de discos e aos editores de músicas para ficarmos em dia com o que está acontecendo.

— Vai precisar de um bom produtor também.

— Tenho pensado muito nisso, mas ainda não me ocorreu ninguém em condições.

— Talvez eu tenha um para você. Bob Andrews.

— Mas ele não é produtor. É um disc-jockey.

— Mas o melhor do país, Jack. Os garotos gostam dele. Foi o primeiro a difundir Elvis, o primeiro a difundir os Beatles. Além disso, tem a qualidade de estar sob contrato de exclusividade conosco.

E não era só isso. Graças a ele, tínhamos a melhor estação de rádio de Nova York, que antes que ele começasse a trabalhar para nós só dava prejuízo.

— Isso me agrada.

— Vou mandá-lo falar com você amanhã.

— E se ele não estiver interessado? Sendo o maior na posição em que está, talvez não queira mudar.

— Vai-se mostrar interessado. Há dois anos vive atrás de mim para entrar no negócio de discos ou comprar uma gravadora. Se você vai dar música em horário nobre, pode ser que tudo isso passe a fazer sentido.

— Já devíamos ter pensado em discos há muito tempo, Steve. Sabe quanto a RCA está ganhando com Elvis e quanto a Capitol faz com os Beatles?

— Sei.

— Então estamos conversados. Vou-me embora que estou exausto. Irei daqui diretamente para o hotel para ver se durmo um pouco.

O telefone começou a tocar logo depois da saída dele. Deixei-o tocar até que me lembrei de que Sheila já tinha ido para a casa e atendi.

Ouvi imediatamente uma algazarra de música e vozes.

— Steve?

— Sim, Menina Darling.

— Estou altíssima.

— E isso é alguma novidade?

— Desta vez, estou de fato. A todo pano. Tenho feito viagens a noite toda.

Não respondi logo e houve um momento de silêncio. Eu ouvia a respiração dela contra o fundo sonoro da algazarra.

— Alô, Steve? Ainda está no telefone?

— Estou.

— Por que não me levou para jantar esta noite?

— Tinha muito o que fazer.

— Esperaria por você o tempo que fosse preciso.

— Parece que se está divertindo bem.

— Tive saudades de você. Sentime tão sozinha. Fiquei em casa fumando erva e chorando. Tive de sair.

— Parece que sua festa está bem animada.

— Quer vir buscar-me, Steve ? Quero ficar com você.

Hesitei.

— Por favor!

— Está bem — disse eu, pegando a caneta. — Quer-me dar o endereço?

Era uma velha casa de cômodos entre a Rua 28 e a Primeira Avenida. Ouvi o barulho da rua e senti o cheiro da maconha logo que cheguei ao hall de entrada e comecei a subir as escadas. A algazarra e o cheiro acre aumentaram à medida que eu subia. O último lance de escadas foi uma corrida de obstáculos, tomada que estava de casais que se entregavam livremente às suas efusões amorosas, sem que dessem a menor atenção uns aos outros ou a mim quando passava por cima ou ao lado deles.

— Chegou um bocado tarde! — disse o rapaz cabeludo que estava à porta. — Tem de fazer muita força para pegar os outros. Cinco dólares, sim?

Coloquei uma nota de cinco dólares na mão que se estendia. Entregou-me um cigarro de maconha muito mal feito.

— Acenda e entre.

O barulho que eu tinha ouvido de fora era puro silêncio comparado com o que me feriu os tímpanos no momento em que entrei na sala. Fiquei um momento na saleta de entrada, tentando habituar os olhos à semi-escuridão. O centro do barulho era a sala para a qual me dirigi. No momento em que cheguei, à porta, todo o barulho cessou e a sala ficou de repente às escuras.

Eu sentia a expectativa ansiosa e muda de todos os que estavam na sala.

Uma voz profunda de barítono fez-se ouvir no fundo da sala:

— E agora Dan Rance vai apresentar a sua última obra-prima de arte viva. Anúncio do Ano Novo. Feita com chocolate, geléia de morango, marmelada e pudim, bem como com o corpo fantástico de Marianne Darling!

A música estrondosa e as luzes chegaram juntas. Pisquei os olhos um instante e, então, vi-a.

Estava de pé numa mesa no centro da sala, segurando um cartaz acima da cabeça e de costas para mim. O corpo inteiramente nu estava coberto de uma mistura colorida de xaropes e geléias que já estavam começando a derreter-se. Começou lentamente a virar-se.

As pessoas que enchiam a sala deliraram. Prorromperam em aplausos e gritos de aprovação. Começaram a comprimir-se em torno da mesa.

Ouvi a voz dela acima do barulho.

— Que é que há com vocês? Não sabem ler?

Ria desvairadamente e balançava o corpo ao ritmo da música.

Os rapazes saltaram sobre ela com as línguas de fora, lambendo-lhe o corpo. As cores começaram a misturar-se. A mesa era sacudida enquanto eles procuravam subir cada vez mais alto.

Ainda rindo, ela manteve o equilíbrio e completou a volta. Ficou de frente para mim.

Os seios estavam pintados como se fossem gigantescos testículos de vermelho e roxo. Deles partia um falo de chocolate que descia e desaparecia no seu ventre pintado de vermelho, do qual saía uma enorme bengala listrada de pirulito. O cartaz que ela segurava acima da cabeça dizia:

VENHAM COMER-ME!

Os olhos dela se encontraram com os meus e, por um instante, se desanuviaram. Mas ela já estava muito alta e estava toda entregue à animação daquele momento hippy. As sombras voltaram aos olhos e ela gritou: — Não é uma beleza?!

Nesse instante, um homem arrancou dela a bengala de pirulito e enterrou o rosto no colo coberto de creme, lambendo avidamente. A mesa caiu afinal e ela rolou no chão no meio da turba ululante, escondida por uma massa de corpos pressurosos.

Fechei os olhos e tentei conter a náusea que me invadia. Virei-me então e fugi do apartamento. Só parei de correr quando cheguei à rua. Encostei então a cabeça na parede fria de pedra do edifício da esquina e vomitei até as tripas.

Era Barbara. Outra vez.

CAPÍTULO VII

— O Sr. Benjamin está na linha e quer falar com você — disse Sheila Fogarty.

Apertei o botão e disse:

— Alô, Sam!

— Por que é que está dizendo isso?

— Você soltou Jack Savitt em cima de mim. Sabe muito bem que nunca pude comunicar-me com ele.

Sam tinha subido muito. Comunicar era uma palavra que eu nunca o ouvira empregar.

— Não o soltei contra você coisa nenhuma. Ele agora é o presidente da rede

e essa tarefa cabe a ele.

— Que importância tem um título entre amigos, Steve? Sempre nos entendemos diretamente, cara a cara. Por que não pode ser assim agora?

— Isso não é mais comigo, Sam. Não quer que eu passe por cima das atribuições dele, quer?

— Quero.

— Mas não vou fazer isso,, Sam. Não é assim que eu trabalho.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e finalmente disse:

— Está bem. Isso quer dizer que você não iria jantar lá em casa esta noite se eu o convidasse?

— Convide e veja.

— Irá mesmo? Será como nos velhos tempos. Júnior está de volta da escola para passar as férias e Myriam nos está honrando com a sua presença. Vou até mandar Denise preparar brust flanken para você.

— Não é preciso dizer mais nada. Qual é o endereço?

— Quinta Avenida, 700. Às oito horas.

Sam tinha subido muito, sem dúvida. Do Bronx à Quinta Avenida a distância era muito grande. Eu esperava que muito do que eu tinha sabido sobre os problemas dele não fosse verdade. Seria muito doloroso ele ter de fazer a viagem de volta.

O interfone falou:

— O Sr. Savitt e o Sr. Andrews estão aqui.

— Faça-os entrar.

Sheila abriu a porta e os dois entraram. Indiquei-lhes as cadeiras em frente à mesa e um instante depois ela chegou com o café. Quando acabaram os apertos de mão, o café estava servido e as xícaras estavam à nossa frente. Ela saiu e fechou a porta.

— Parece que você e Jack já se entenderam. Que é que acha da idéia?

— Contem comigo — declarou ele na sua voz ressoante de locutor. — Há muito tempo que espero uma oportunidade assim.

— Isso me alegra muito — disse eu. — Jack lhe falou também dos nossos planos de entrar no ramo dos discos?

— Aludiu ao fato, mas disse que o senhor me daria os detalhes.

— É muito simples. Vamos criar uma divisão independente e creio que você é o homem indicado para dirigi-la. Conhece o meio e merece o respeito de todos.

— Nem posso acreditar. É como se eu tivesse tirado a sorte grande.

— Fui procurado há alguns meses por Joe Regan que queria passar-me a

companhia dele. Que é que acha da Symbolic?

Pensou por um momento.

— Não é uma má companhia. Gravam em todos os setores da música e têm um bom arquivo de discos-padrão que adquiriram quando encamparam a velha Eagle. Têm uma boa quota de sucessos e uma rede de distribuição bem organizada.

— E do lado negativo?

— A administração deixa muito a desejar. A companhia caiu nas mãos dos usurários da Máfia para conseguir financiamento e ouvi dizer que está sofrendo pressão deles.

— Faz uma idéia de quanto devem?

— Deve andar entre dois e três milhões de dólares. E pagando 30% de juros, não têm muita margem de recuperação.

— Vale a pena fazer negócio com eles?

— É melhor colher mais informações. A marca é conceituada no meio.

Gostei desse critério seguro e conservador. Era estranho conhecer tanto tempo uma pessoa sem chegar nunca a conhecê-la em profundidade. Nunca me havia passado pela cabeça que ele tivesse tino comercial. Mas eu devia ter sabido. Ele é que tratara do seu contrato conosco e esse contrato era uma jóia, o melhor que já conseguira um disc-jockey.

Apertei o botão do interfone.

— Quero falar com Joe Regan, da Symbolic, em Los Angeles — falei então com eles. — Que foi que combinaram a respeito do programa ?

— Acho que Bob pode ir para a Califórnia logo depois do primeiro do ano e começar a trabalhar — disse Jack.

— Tenho alguns compromissos para as festas de que não posso me livrar — disse Andrews. — Vou fazer um espetáculo de rock no Ano Novo no velho Foz de Brooklyn.

— Está certo — disse eu.

O interfone foi ligado.

— O Sr. Regan está na linha.

Peguei o telefone.

— Como vai, Joe ?

A voz dele tinha um eco. Senti que havia colocado o telefone numa caixa para que eu não fosse ouvido por outras pessoas no escritório dele.

— Otimamente, Steve. E você?

— Muito bem. Lembrei-me de lhe telefonar para saber se há alguma

novidade a respeito daquele assunto de que falamos há alguns meses.

— Não houve muita coisa, Steve. Tivemos algumas ofertas, mas não foram do tipo de associação em que estamos interessados. Estamos no momento em muito boa situação. Temos alguns discos na lista de sucessos.

— Ainda está interessado em conversar comigo?

— É possível — disse ele cautelosamente e então se denunciou com a pergunta seguinte. — Quando é que você quer que nos encontremos ?

— Estarei na Califórnia amanhã. Por que não vai almoçar no estúdio comigo?

— Meio-dia e meia, está bem?

— Perfeito — disse eu e desliguei o telefone. — Ouviram a conversa. Vou-me encontrar com ele amanhã. Serão informados de tudo.

Saíram do escritório e Sheila falou comigo pelo interfone.

— A Srta. Darling telefonou duas vezes durante a reunião. Quer que ligue para ela?

— Não.

Alguns segundos depois, tornei a ligar o interfone.

— Pronto, Sr. Gaunt.

— Se a Srta. Darling telefonar de novo, diga-lhe que não tenho interesse algum em falar com ela.

Sheila ficou um momento em silêncio.

— Só isso?

— Só isso.

Denise é que me veio abrir a porta.

— Stephen — disse ela, sorrindo. — Há quanto tempo!

Dei-lhe as rosas e beijei-lhe o rosto.

— Há muito tempo, Denise. Mas parece mais jovem do que nunca.

— Muito obrigada — disse ela. — Agora, sei por que é que gosto tanto de ver você. É que você me faz ficar vaidosa.

Entrei com ela para a sala de estar. Do outro lado das janelas, a neve cobria o parque e o som do trânsito lá embaixo nos chegava abafadamente aos ouvidos.

— Que é que vai beber? Sam está no chuveiro, mas já vem.

Uma empregada me trouxe um drinque. Estava bom.

— Bela sala a sua, Denise.

— Fico contente de que goste dela — entregou as flores à empregada. — É muito mais fácil conseguir uma boa decoração aqui do que na Califórnia.

Fiz um gesto de assentimento. A vida na Califórnia era muito menos formal.

— Contente de estar de volta?

— Estou sim. E Sam também. Nunca pôde realmente gostar da Califórnia, pois é um nova-iorquino completo.

Júnior entrou na sala. Estava quase tão alto quanto eu, magro e ligeiramente desengonçado, com os cabelos compridos. Veio para mim de mão estendida.

— Tio Steve!

— Júnior — disse eu, apertando-lhe a mão. — Ou eu estou ficando mais baixo ou você está ficando mais alto. Já faz três anos no mínimo que não o vejo.

— A última vez foi em meu bar mitzvah.

— Bela festa.

— É verdade. Meu pai fez um verdadeiro baile.

Sam chegou à sala.

— Que tal? — perguntou ele, fazendo um gesto para o apartamento.

— Magnífico.

— Onde está Myriam? — perguntou ele a Denise.

— Não tarda a chegar.

— Já passa de oito horas — disse Sam e voltou-se para mim — Essa minha filha não tem a menor noção do tempo. Está sempre atrasada.

— Não tem importância, Sam. Tenho tempo de sobra. Só precisarei de sair daqui às onze horas, pois tenho de tomar o avião da meia-noite.

— Para a Califórnia ?

— Sim.

A campainha da porta tocou.

— Deve ser Myriam — disse ele. — Vou abrir a porta.

Ouviu-se a voz dele da outra sala.

— Que maneira de se vestir é essa? Se sua saia fosse mais curta, os guardas teriam de levá-la para a delegacia!

Não ouvi a resposta dela.

Júnior riu.

— Papai hoje está com os burros.

Olhei para a porta no momento em que apareceram. Sam entrou logo na sala, mas ela ficou na porta a me olhar.

Sam voltou-se para ela.

— Lembra-se do Tio Steve, não se lembra, Myriam?

Ela hesitou um momento, mas em seguida se aproximou de mim com a mão estendida.

— É claro que me lembro.

Apertei-lhe a mão. O rosto estava pálido debaixo da maquilagem. Havia nos olhos dela um estranho medo.

— Myriam — disse eu.

Vi que Júnior nos olhava, atrás dela, como se se estivesse divertindo muito. Compreendi que ele era a única pessoa naquela sala,que sabia de antemão o que ia acontecer.

— Mas acho que já estou um pouco crescida demais para chamá-lo de Tio Steve — disse Menina Darling.

CAPÍTULO VIII

A empregada voltou com as rosas num vaso. Olhou para Denise e esta disse:

— Ponha em cima do piano, Mamie.

Mamie atravessou a sala. Colocou as flores em cima do piano e disse:

— O jantar está na mesa.

Fiquei sentado ao lado de Menina Darling.

— Vai demorar-se muito aqui na cidade? — perguntou ela.

— Vou para a Califórnia esta noite — disse eu.

Defronte de mim, Júnior sorriu e depois olhou para a irmã.

— Myriam está pensando também em ir para a Califórnia — disse ele. — Diz ela que é mais fácil achar trabalho lá.

— Só se passar por cima do meu cadáver! — exclamou Sam. — Já basta o trabalho que eu tenho em vigiá-la aqui !

Mamie colocou a sopa diante de nós. Levei uma colherada à boca e quase deixei-a cair no chão. Por baixo da toalha, Menina Darling tinha segurado minha perna.

— Que é que acha, Steve? — perguntou ela com uma voz falsamente doce. — Não acha que há mais trabalho por lá?

— Não estou bem certo disso. Parece-me que quem tem valor vence em qualquer lugar.

— Você só irá para lá com um lugar garantido — disse Sam.

Ela me olhou bem nos olhos, provocando.

— Por que não me dá um emprego, Tio Steve?

— Chega — disse Denise com firmeza. — Steve veio jantar e não ser importunado.

— Não me importo, Denise. Estou bem habituado a esses pedidos e tenho

uma resposta padronizada.

— Qual é? — perguntou Menina Darling.

— Mande-me o seu retrato que eu o encaminharei ao departamento de pessoal.

— E que é que acontece depois?

— O retrato vai para a pasta dos assuntos esquecidos.

Quase dei um pulo da cadeira com o beliscão que ela me deu.

— Desculpe ter pedido — disse ela com voz fria.

Olhei para o meu relógio e disse:

— Está na minha hora. Muito obrigado pelo esplêndido jantar, Denise.

— Pode levar-me no seu carro ? — perguntou Menina Darling. — Vou para a esquina da Rua 90 com York. Fica no seu caminho.

— Está bem — disse eu.

— Vou levá-lo até o carro — disse Sam, indo apanhar nossos capotes no armário embutido da entrada.

— Adeus, Tio Steve — disse Júnior, sorrindo. Olhou para os lados para ver se havia alguém por perto e acrescentou: — Myriam gosta de você desde garotinha. Foi por isso que ficou tão agitada quando o viu.

Olhei para ele com alívio. Ao menos, havia algumas coisas de que ele não sabia.

— Adeus, Júnior.

Entramos no elevador e Sam me perguntou:

— Que é que vamos fazer com aqueles filmes?

Menina Darling nos estava olhando com muita atenção e eu não respondi.

A porta do elevador se abriu.

— Vá indo para o carro, Myriam — disse Sam. — Quero falar um minuto com Steve.

Ela beijou o rosto dele e saiu. Sam voltou-se para mim.

— Essa menina é um problema. Anda em companhia de todos os vagabundos de Nova York. Eu nem tenho coragem de dizer nada à mãe dela.

— É muito jovem ainda.

— Minha esperança é que ela conheça um bom rapaz e se acomode.

— É o que vai acontecer. Dê-lhe um pouco de tempo. As palavras lhe chegaram com dificuldade à boca.

— Sempre tomos amigos, Steve, e por isso vou-lhe falar sem rodeios. Se não fecharmos negócio quanto antes, vou estourar.

Vi Menina Darling que nos olhava da janela do carro.

— De quanto você precisa?

— De quatro milhões de dólares.

— E Dave Diamond?

— Não posso ir procurá-lo. Já lhe devo dez milhões e ele está reclamando. Tive uma temporada de pouca sorte, mas estou acabando agora dois filmes que não podem deixar de fazer sucesso.

Era pura conversa de cinema. Ninguém nunca fez um filme sem ter certeza de que ia ser um sucesso. Olhei para Menina Darling. Ainda nos estava olhando.

— Que é que você tem livre de ônus? — perguntei.

— Nada. A não ser as ações de minha companhia.

— Quanto pode conseguir por elas?

— Imediatamente? Nem um centavo. Mas se eu tivesse margem para operar com os quatro milhões, valeriam vinte e cinco milhões daqui a um ano.

— Muito bem. Sam. Comprarei 25% das suas ações por quatro milhões de dólares, dando-lhe opção para comprá-las no prazo de um ano pelo mesmo dinheiro ou pelo valor das ações, conforme for mais alto.

— Quer dizer que a Sinclair comprará 25% da minha companhia?

— Não, Sam. Quem vai comprar sou eu.

Ele me pegou a mão e apertou-a com toda a força. Pela primeira vez desde que eu o conhecia, estava sem poder falar.

— Diga a seu advogado que me procure no estúdio amanhã — disse eu, indo para o carro.

Era um preço danado de alto por andar com a filha dele.

Ela chegou para o outro lado quando entrei no carro.

— Esquina de 90 com York. Depois, Aeroporto Kennedy — disse eu ao chofer.

— Não — disse ela. — Isso foi apenas um pretexto para sair de lá. Irei até o aeroporto com você.

— Para quê?

— Quero conversar com você.

Fiquei calado.

— Pode ao menos ouvir — disse ela.

— Vamos diretamente para o aeroporto — disse eu ao chofer.

Ela apertou o botão e a vidraça se levantou diante de nós, separando o chofer. Acendi um cigarro. Ela olhou para mim e eu lhe entreguei o maço.

Ela começou a fumar e se recostou no banco. Disse então olhando para a

cabeça do chofer e não para mim.

— Amo você.

O carro rodou uns cinco minutos.

— Não acredita, não é? — disse ela, ainda sem olhar para mim

Não respondi.

— Não sou mais criança. Não sou maluca. Apaixonei-me por você desde que era garotinha e não vou mais mudar.

— Por que não me disse quem era na primeira noite em que esteve em minha casa?

— A princípio, não quis dizer nada, de brincadeira. Depois, tive medo. Medo de que você se aborrecesse e não quisesse mais me ver.

Sentime de repente muito cansado. Encostei a cabeça no banco e fechei os olhos.

— De qualquer maneira, não tem mais importância. Tudo isso está acabado.

— Por quê? — Por causa da noite passada?

— Não.

— Por que então?

— Porque estou velho demais para ser professor de jardim da infância para meninas emocionalmente perturbadas.

— É isso que você acha que eu sou?

— E que é que você pensa que é?

Os olhos se lhe encheram de lágrimas e ela murmurou:

— Sou como qualquer outra. Um pouco confusa, um pouco apavorada. Tentando abarcar tudo antes da bomba. Por que é que acha que eu sou diferente das outras pequenas com quem tem andado?

— Talvez seja isso mesmo. Você não é diferente.

— Oh! — exclamou ela como se eu a tivesse atingido fisicamente.

Ela fechou os olhos e nada mais dissemos até o carro chegar ao aeroporto.

— Leve-me com você, Steve — murmurou ela.

— Não.

— Não me expulse de sua companhia, Steve. Não tenho mais para onde ir.

Saltei do carro e disse:

— Quer fazer um favor a si mesma, Myriam?

Ela me olhou com olhos arregalados.

— Faça a vontade de seu pai. Procure um bom rapaz e se acomode.

— Por favor, Steve...

— Você já é bem crescida, Myriam, Não pode ver que isso não dá certo?

Fechei a porta do carro e entrei no aeroporto sem olhar para trás.

CAPÍTULO IX

A minha primeira escala na manhã seguinte foi o gabinete de Dave Diamond no segundo andar do edifício-sede dos Bancos Unidos da Califórnia, no Bulevar Wilshire. Ele se levantou de trás da grande mesa de nogueira que o fazia parecer da metade de seu tamanho e estendeu-me a mão, dizendo: — Que surpresa!

Apertei-lhe a mão. Num canto da sala, um pequeno aparelho de televisão estava dando as últimas cotações da Bolsa. Era um dos serviços da nossa estação UHF. A audiência do programa era espantosa. Todo o mundo estava interessado em dinheiro.

— Estou às suas ordens — disse ele, enquanto a secretária dele colocava uma xícara de café diante de mim.

— Vim-lhe fazer dois pedidos. Primeiro, quero informações completas sobre Joe Regan e a Symbolic.

— Você as terá em dez minutos. Temos a ficha atualizada de todas as companhias com que fazemos negócios — disse algumas palavras ao telefone e me perguntou: — Qual é o segundo pedido?

— Quero um empréstimo de quatro milhões de dólares.

— Pessoal?

— Sim, pessoal.

— O dinheiro está muito difícil — disse Dave.

— Eu sei. Ê por isso que estou aqui. E você, como banqueiro, só é necessário quando o dinheiro está difícil.

Ele riu.

— Devem pensar que eu fabrico dinheiro.

— E não fabrica?

Ele tornou a rir e de repente ficou sério.

— Quais são as suas garantias?

— Ações da Sinclair — disse eu.

— Boa garantia, mas você tem suficientes ações para cobrir o empréstimo? Temos permissão para emprestar até 75% do valor dos títulos na Bolsa.

— Tenho o bastante.

— Está bem. Quando é que quer o dinheiro?

— Logo que for possível.

— Vou tomar as providências — pegou de novo no telefone e falou durante

alguns minutos com o departamento de empréstimos. — Viu como é fácil? Basta uma visita ao seu amigo banqueiro.

Sorri.

— Se não é segredo, que pretende fazer com o dinheiro?"

— Vou comprar 25% das ações da Samarkand.

Ele olhou incredulamente.

— A companhia de Sam Benjamin?

— Exatamente.

— Não acredito. Você é esperto demais para fazer uma coisa dessas. Sabe quanto é que ele me deve sem poder pagar?

Não tive nada para dizer.

— Oito milhões de dólares! E eu fui o maior imbecil do mundo em ter emprestado o dinheiro a ele!

Sorri. Sam havia até exagerado a situação dele.

— Bem, de agora em diante você terá ao menos um consolo. Alguém lhe fará companhia. Serei eu.

— Pode não compreender isso — disse ele. — Estou falando contra os meus interesses. O empréstimo que quer fazer é bom negócio, desde que cobramos os mais altos juros da cidade. Como vê, só teremos lucros com isso. Mas vou-lhe dizer uma coisa. Não faça esse empréstimo.

A secretária entrou na sala e colocou alguns papéis em cima da mesa.

— As informações sobre a Symbolic que pediu, Sr. Diamond.

Dave Diamond olhou para as informações e me disse:

— Se quer comprar a companhia, eu lhe direi que fará um excelente negócio. A companhia tem um bom movimento e desde que se livrar dos usurários e passar a ter boa gerência, há uma ótima chance. Mas quanto à outra será o mesmo que jogar dinheiro fora.

— Agradeço muito a sua sinceridade, Dave. Mas estou comprometido.

— Não há qualquer compromisso enquanto o dinheiro não muda de mãos — quando viu que não ia responder disse: — Está bem. Mas eu sou seu amigo. Não me pode nem dizer por quê?

— Vamos dizer que cada um deve pagar pelo que faz. É o que está acontecendo comigo.

Quando as formalidades foram cumpridas e todos os papéis assinados, era quase meio-dia.

— Tudo resolvido da minha parte — disse Dave. — Logo que me avisar,

creditarei o dinheiro a Sam.

— Eu lhe telefonarei do estúdio.

Quando cheguei ao meu escritório, já encontrei Joe Regan à minha espera.

— Desculpe, mas pode esperar mais dez minutos enquanto eu tomo umas providências inadiáveis? — disse-lhe eu. — Depois, iremos para o restaurante.

— À vontade, Steve.

Pedi à telefonista uma ligação para o meu advogado em Nova York e outra para Sam. A ligação do advogado foi a primeira a ser completada.

— É uma transação simples, Paul — disse eu, explicando-lhe tudo.

— Compreendo — disse ele.

— Providenciarei para que Sam e o advogado dele vão ao seu escritório. Logo, que você me disser que entregaram as ações e assinaram o contrato de opção de compra, mandarei transferir o dinheiro para a conta de Sam.

— Seria preferível, para evitar dúvidas, que o dinheiro pudesse ser pago no momento da assinatura do contrato — disse Paul.

— Está certo. Avise-me a hora em que marcar para a assinatura e eu farei Dave Diamond participar no banco de um ligação telefônica de conferência.

— Assim será melhor — disse Paul. — Daqui a pouco, telefonarei.

Logo que Paul desligou, Sam estava na linha.

— O dinheiro já está pronto para você, Sam. Mande seu advogado entrar em contato com Paul Gitlin. Ele tratará de tudo para mim.

— Por que Paul Gitlin? Já fiz negócio com ele. É um verdadeiro monstro.

— Por quatro milhões de dólares, você se pode dar ao luxo de gostar dele, Sam

— Posso receber o dinheiro hoje?

— Diz ele que bastará você assinar as ações e assinar o contrato para receber o dinheiro.

— Já estou gostando dele — disse Sam.

Desliguei o telefone e disse à minha secretária que fizesse entrar Joe Regan.

— Que tal um drinque antes de irmos almoçar? — perguntei —Não se servem bebidas fortes no restaurante.

— Bourbon e água — disse prontamente Joe.

Fiz um sinal para a secretária e ela foi preparar os nossos drinques no bar. Depois que nos trouxe os copos, saiu da sala.

— Viva! — disse eu.

— Viva! — disse ele e tomou um bom gole. — Ah! Isso ajuda muito. Foi muito bom você ter-me telefonado. Ontem, não pude falar direito com você.

Havia algumas pessoas em minha sala e eu tive de falar dentro da caixa.

— Calculei isso.

— Estão começando a me apertar. Querem tomar conta de minha companhia.

Deixei-o falar.

— Eu já estava quase disposto a entregar tudo. A situação é de tal ordem que nem consigo dormir mais à noite — olhou para o copo vazio e perguntou: — Posso tomar outro ?

Levantei-me e tornei a encher o copo no bar. Depois, voltei para a minha mesa.

Ele tomou um gole e disse:

— Ia entregar tudo a eles e afastar-me para não pensar mais nisso. Já imaginou? Abrir mão de quinze anos de minha vida?

— O que é preciso para afastá-los?

— Basta pagar o que eu lhes devo. Não possuem ainda qualquer ação. Essa seria a etapa seguinte. Ofereceram perdoar metade do empréstimo se eu lhes cedesse a metade das ações da companhia.

— Quanto deve a eles?

— Um milhão e setecentos mil

— Não é tanto assim.

— Para você, não. Mas para mim, é. Por mais que eu ganhe, nunca tenho o suficiente para diminuir sequer a dívida.

— Calma — disse eu, esvaziando meu copo. — Vamos trabalhar juntos no caso e não podemos deixar de achar uma saída.

Nesse momento, o telefone tocou Era Paul falando de Nova York.

— Acabo de ter notícias de Benjamin. Estarão em meu escritório às cinco horas. Se você providenciar sobre a ligação de Conferência para as cinco e meia, tudo estará em ordem. Serão duas e meia de sua hora.

— Está tudo certo, Paul.

— Steve...

— Que é?

— Não é de minha conta, mas já pensou bem no que vai fazer?

— Que quer dizer com isso?

— Estou falando como advogado, Steve. Não conheço o seu contrato de trabalho, mas deve haver alguma cláusula que o proíba de fazer negócios dessa natureza.

— Não há.

— Bem, mas há ainda uma questão de ética. Afinal de contas, a sua

Companhia tem negócios com a companhia de Benjamin. Pode surgir uma questão de conflito de interesses.

— Nunca chegará a esse ponto, Paul. Na realidade, não se trata senão de um empréstimo. Estou recebendo as ações como uma forma de garantia. Por isso é que eu quero o contrato de opção de compra.

— Então por que não me deixa redigir o contrato de modo que isso fique bem claro ? Pode ser uma precaução inútil, mas o deixará em boa posição se surgir alguma coisa.

— Você é o advogado. Proceda como lhe parecer melhor que eu estou de acordo. O que eu quero é ter o dinheiro pronto para ele hoje.

— É o que eu vou fazer. E devo-lhe dizer que você me tranqüilizou um bocado.

— E você a mim, Paul. Muito obrigado — desliguei o telefone e voltei-me para Joe. — Vamos almoçar.

— Palavra que eu prefiro ficar aqui bebendo — disse ele.

— Ê uma boa idéia. Vou mandar buscar alguma coisa para comermos aqui.

Joe Regan estava meio cambaleante quando saiu de meu escritório. Mas tive a impressão de que não era de bebida e sim de alegria. Ia receber dois milhões e meio de dólares em ações da Sinclair pela companhia dele e nós ainda lhe íamos pagar as dívidas.

A ligação de conferência foi feita logo depois da saída dele. Sam entrou na linha logo depois de terminadas as formalidades.

— Só queria agradecer-lhe, Steve.

— Não tem nada que agradecer. Aproveite bem o dinheiro e recupere as suas ações.

— É o que vou fazer. Tudo irá correr bem agora. Será de fato um Ano Novo feliz.

Já era tarde para fazer planos. Além disso, eu não estava com disposição de ir a qualquer festa. Estava muito cansado e só queria era ir para o hotel, tomar um banho quente, jantar, ver um pouco de televisão e jogar-me na cama. Só cometi um erro. Nunca devia ter ligado a televisão.

A televisão na Noite de Ano Novo é cheia de nostalgia. Comecei a beber. Às nove horas, vi a bola iluminada descer do edifício do Times em Nova York, enquanto Guy Lombardo tocava. Às dez horas, peguei Woodie Herman à meia-noite em Chicago. A essa altura, tinha bebido quase uma garrafa inteira de scotch e fui para a cama.

Pensei que fosse pegar no sono logo, mas o uísque estava agindo sobre mim. Estava alto demais para poder dormir. Fiquei ali numa espécie de sonolência agitada enquanto os rumores da meia-noite que se aproximava começaram a aumentar.

Faltavam cinco minutos para a meia-noite quando a campainha da porta começou a tocar. Continuei deitado, na esperança de que a pessoa compreendesse que havia errado a porta e se fosse embora. Não houve nada disso. A campainha continuou a tocar.

Levantei-me por fim e vesti o robe. Abri a porta irritado, disposto a dizer boas a quem estivesse ali.

Ela me olhou com os olhos arregalados e tímidos.

— Estava... estava com medo de não chegar aqui a tempo. Feliz Ano Novo.

Abri os braços e ela se aninhou neles.

CAPÍTULO X

Virei o corpo na cama e olhei para ela. Abriu os olhos.

— Bom dia — disse eu.

Ela sorriu.

Beijei-a.

— Feliz 1965 — peguei o telefone e pedi ligação para o restaurante. — Que é que você quer no breakfast?

— Só café.

— Pois eu estou morto de fome — disse eu e pedi uma porção de coisas.

— Você não vai poder comer tudo isso.

— Não? Espere que você vai ver.

Abracei-a fortemente. Ela passou os braços pelo meu pescoço e puxou o rosto para ela. A boca era de uma doçura matinal.

— Que é que você teria feito se eu não tivesse vindo? — perguntou ela.

— Nada. Teria ficado aqui sozinho.

Ela conservou meu rosto junto ao dela enquanto sussurrava.

— Estou tão contente. Tão quente e tão amada. Ainda estou cheia de você. Como você se derramou em mim!

— Continue a falar assim e vai passar pelo mesmo outra vez.

— Não pense que me assusta — disse ela sorrindo. — Não quero outra coisa.

Tornei a beijá-la mas a campainha da porta tocou.

— Que diabo! — exclamei.

— Você não queria comer?

Saiu da cama e dirigiu-se para o banheiro Chamei-a e ela parou à porta e me olhou.

— Você é linda! Sabe disso?

Ela riu.

— Vá pegar a sua comida. Não quero que me acuse de matar você de fome.

Vesti o robe e fui abrir a porta. Comecei a beber o suco de laranja antes mesmo que o carrinho com o breakfast parasse.

Tinha quase acabado o presunto com ovos, quando ela saiu do quarto embrulhada numa toalha com os cabelos ainda úmidos do chuveiro. Olhei para ela com a boca cheia e apontei-lhe uma cadeira.

Ela se sentou, serviu-se de um pouco de café e não falou enquanto eu não acabei de limpar o prato com o último pedaço de pão.

— Você não estava brincando mesmo — disse ela quando eu larguei o talher.

— Não lhe disse que estava com fome? Mas me sinto melhor agora.

Levantei-me e abri as venezianas. O sol invadiu o quarto.

— Está um dia lindo e nós temos um fim-de-semana de três dias à nossa frente. Vamos viajar?

— Para ir aonde? — perguntou ela.

— Palm Springs.

— É muito chato.

— Las Vegas ?

— Gente demais.

— O mar? Podemos ir até La Jolla e alugar um barco.

— Fico enjoada só de olhar para as ondas.

— Que é que você quer fazer então?

— Por que é preciso fazer alguma coisa? Por que não podemos ficar aqui e amar?

— Nada é melhor do que isso. Mas se é o que você quer, vá-se vestir.

— Para quê — perguntou ela, surpresa.

— Se é isso só que vamos fazer neste fim-de-semana, sei de um lugar muito mais romântico.

Entrei com o carro pelo portão e fui parar diante da garagem. Saí do carro e disse:

— Vamos.

Ela foi comigo até à porta e tirei a chave do bolso para abrir a porta.

Paramos no quarto no primeiro andar e eu larguei no chão a maleta em que havíamos apressadamente arrumado algumas coisas para o fim-de-semana. Apertei um botão e o teto se abriu.

Ela se estendeu na cama e olhou para cima. O sol cobria-a toda de ouro.

— Não posso nem acreditar! — exclamou ela.

— E você ainda não viu nada.

Apertei os outros botões e a cama começou a mover-se ao mesmo tempo que os aparelhos de televisão apareciam. Desliguei o comutador e tudo parou.

— Por ora, basta — disse eu. — Vou mostrar-lhe o resto da casa.

Descemos para a sala de estar. Apertei um botão na parede e as cortinas se abriram. Toda Los Angeles se estendia lá embaixo aos nossos pés. Fiz abrir-se a porta envidraçada e saímos. A pequena piscina oval cintilava ao sol.

— Que beleza! — exclamou ela, jogando longe os sapatos e tirando o

vestido pela cabeça. Mergulhou na piscina e voltou à tona espadanando água. Ela bateu as pálpebras e se voltou para mim.

— De quem é esta casa?

— É minha.

Ela nadou para perto de mim, com o corpo nu parecendo ainda mais branco e mais belo dentro da água azul. Descansou os braços na beira da piscina e perguntou:

— Há quanto tempo tem esta casa?

— Há cinco anos.

— Quem mora aqui?

— Ninguém.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Não compreendo. Por que é que você, tendo uma casa como esta, vai morar num hotel?

— Acho que ainda não estou em condições de viver aqui. Depois, no hotel, posso pedir o que eu quero pelo telefone. Tentei passar uma noite aqui.

— E?

— Achei tudo muito vazio.

Tirei toda a minha roupa. Corri nu para o trampolim e levantei os braços.

— Que beleza! — disse ela rindo e olhando para mim. Mergulhei. Graças ao aquecedor da piscina e ao sol, a água estava quente. Subi à tona da água procurando-a, mas não a vi.

Ela parecia uma flecha branca por dentro da água quando me atingiu pela cintura, com a boca pelo meu corpo. Descemos até ao fundo da piscina e estávamos quase sem fôlego quando subimos.

— Sabe que se pode morrer afogado tentando fazer uma coisa assim? — perguntei-lhe rindo.

— E você conhece melhor maneira de morrer? — perguntou ela.

Quando o sol desceu no céu, comemos bifes e batatas fritas que eu havia comprado no Sunset quando íamos para lá. Depois, ligamos o stereo e nos estendemos diante da lareira.

— Como se sente? — perguntei, virando-me para ela com o conhaque aquecido ao fogo da lareira.

— Fantasticamente bem — disse ela, provando o conhaque. — Diga-me uma coisa: tenho alguma semelhança com sua mulher?

— Por que me faz essa pergunta? — exclamei, atônito.

— Houve uma hora na noite passada quando nos estávamos amando em que chamou o nome dela. Não era Barbara que ela se chamava?

— Sim, Barbara.

— Faço você lembrar-se dela ?

Acabei de tomar o conhaque e disse:

— De certo modo, sim.

— Como?

— Principalmente as atitudes. Nada de muito preciso e definido. O conceito que vocês ambas têm da vida. Barbara era uma pessoa também muito dada aos prazeres materiais. Queria também sentir tudo, provar tudo.

— E conseguiu ?

— Não. Ninguém consegue.

Ela tomou outro gole de conhaque e murmurou:

— Eu conseguirei.

Mais tarde, quando eu estava deitado junto dela e as nossas peles eram como extensões uma da outra, ela disse:

— Quero ver o céu.

— Mas está fazendo frio. As noites aqui são frias.

— Não faz mal. Você me esquentará.

Estendi a mão e apertei o botão. O ar fresco da noite nos envolveu imediatamente. O luar lhe pintava o rosto de um branco pálido. Ela me puxou a cabeça para os seios dela.

— Não se mova — disse, puxando a coberta até aos nossos ombros. — Agora, vire a cabeça e olhe.

Era belo. A Lua e as estrelas enchiam o veludo azul-escuro do céu.

— É como se estivéssemos voando, não é?

— Isso mesmo.

Senti-a apertar o corpo de encontro ao meu.

— Amo você.

Eu a possuí outra vez, com mais ardor. Parecia que ela me queria absorver totalmente.

Foi assim todo o fim-de-semana. Não saímos senão para ir ao mercado comprar comida, à casa de bebidas para comprar vinho e uísque, e ao Sunset para comprar erva.

Na segunda-feira, fui buscar no hotel o resto das minhas coisas e nos mudamos para lá.

CAPÍTULO XI

— Tenho de procurar um apartamento — disse ela

— Por quê?

— Você bem sabe por quê. Que é que pareceria se Mamãe ou Papai telefonassem e o serviço de atendimento falasse na residência do Sr. Gaunt?

— É muito simples. Vou mandar instalar uma linha separada para você. Só você a atenderá.

— E o endereço?

— Ninguém conhece esta casa. Não fará qualquer diferença.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não adianta. A primeira coisa que eles vão querer é ver o meu apartamento, para saberem se estou morando num lugar decente e confortável.

— Está bem.

— Não faça essa cara — disse ela rindo. — Não vou mudar-me. Será apenas um disfarce.

— Procure um lugar aqui por perto.

— Vou precisar também de um carro.

— Já tomei providência a esse respeito. Um conversível Mustang lhe será entregue aqui amanhã.

— Branco com couro vermelho?

Fiz um sinal de assentimento.

Ela me abraçou toda alvoroçada como uma garotinha.

Era na segunda-feira. Quando cheguei do estúdio na terça-feira ela estava passeando nervosamente de um lado para outro da sala de estar.

— Ainda não entregaram o carro!

— Vou saber amanhã o que foi que houve — disse eu, sem dar importância ao caso. — Agora, vista alguma coisa e vamos comer.

— Não estou com fome! — disse ela rudemente e subiu para o quarto. Ouvi a porta bater.

Fui até o bar e servi-me de um drinque. Pensei que talvez tivesse feito alguma coisa que a aborrecesse. Olhei para o cinzeiro atrás do bar.

Estava cheio de pontas de cigarros, metade deles de maconha. Comecei então a compreender. Ela se havia sentido aborrecida sem nada para fazer o dia inteiro e, naquele momento, estava voltando a si da ação da erva.

Fiquei sentado bebendo. Ouvi os passos dela na escada e me voltei. Estava

vestida de calças.

Veio para onde eu estava e apanhou um cigarro no bar. Acendi-o para ela. Parecia um pouco pálida, com fundas olheiras e a testa um pouco banhada de suor.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntei.

— Não — respondeu ela abruptamente.

— Que é?

— Você não compreenderia — disse ela com hostilidade manifesta.

— Talvez compreenda. É alguma coisa feminina?

Percebi por um momento uma espécie de alívio nos olhos dela.

— Mais ou menos. Desde que comecei a tomar a pílula. De vez em quando fico inteiramente fora de mim.

— Por que não disse ? Posso fazer alguma coisa ?

— Não... Mas pode emprestar-me o carro por alguns minutos ? Vou até a farmácia. Talvez encontre lá alguma coisa que me sirva.

— Se quiser, levarei você.

— Não, não é preciso se incomodar. Tome a sua chuveirada e troque de roupa. Estarei de volta daqui a alguns minutos.

— Está bem. As chaves estão no carro.

— Obrigada — disse ela, beijando-me o rosto. Subiu as escadas. Ouvi o motor ser ligado e o carro descer a ladeira. Peguei então meu copo e fui para o chuveiro.

Já passara mais de uma hora e eu estava no meu terceiro drinque quando ela voltou. Ouvi os passos dela na escada. Entrou no quarto e depois a porta do banheiro se fechou. Preparei outro uísque e esperei. Desceu quinze minutos depois.

— Como estou agora?

— Parece mesmo melhor.

Era verdade. A cor era mais normal e as olheiras pareciam estar desaparecendo.

— Que foi que o farmacêutico lhe deu?

— Não sei — disse ela. — Mas ele me deu o remédio e me fez esperar para ver se fazia efeito. Por isso que demorei tanto.

— Foi bom ter dado resultado — disse eu. — Quer um drinque?

— Não — disse ela, sorrindo e tomando-me o braço. — Você deve estar morrendo de fome. Vamos sair para comer.

— Vamos — disse eu, acabando o uísque. — Mas talvez seja melhor você

dirigir. Estou meio arrasado.

— Meu pobre querido — disse ela, sorrindo e beijando-me. — Desculpe que o tenha inquietado tanto.

Encontrou um pequeno apartamento na colina, um pouco abaixo da casa. Instalou um telefone no apartamento e uma extensão para minha casa. Dessa maneira, quando o telefone tocasse no apartamento, tocaria também na casa.

Em geral, quando eu saía de manhã, ela já estava acordada e falando pelo telefone com os agentes. Passava a maior parte do dia à procura de trabalho na cidade. Certa vez, perguntei-lhe como iam às coisas.

— Muito mal — disse ela. — Quase todos só querem é me levar para a cama.

Em outra ocasião, quando voltei para casa, ela estava sentada na sala ao escurecer, fumando maconha.

— Não acha que é um pouco cedo para isso? — perguntei.

Ela não me respondeu. Aproximei-me e beijei-lhe o alto da cabeça.

— Pode abrir-se comigo. Eu sou seu amigo.

— Tenho de ter um emprego — disse ela. — Tenho de ter.

— Está certo. Mas por que fica nessa angústia toda? Só está aqui há algumas semanas. Em geral, leva-se algum tempo até se arranjar alguma coisa.

— Papai está abrindo a boca no mundo — disse ela. — Diz que se eu não arranjar alguma coisa dentro de um mês, terei de voltar para casa.

— Falou com ele?

— Pouco antes de você chegar. Ele e Mamãe telefonaram.

— Continue a procurar. Pode aparecer alguma coisa a qualquer momento. Estão começando a organizar a programação do outono.

— E que tem isso? Quando chego, o lugar já foi dado à amiguinha de alguém. Talvez a minha maneira de agir é que esteja errada.

— Não, não está — disse eu, sorrindo. — Você tem um amigo na Sinclair.

Ela se voltou para mim com os olhos cheios de esperança.

— Vai fazer alguma coisa por mim?

— Talvez — disse eu em tom de brincadeira. — Mas você sabe como é Hollywood. Quero uma compensação de sua parte. Posso até exigir que você seja minha.

— Estou disposta a tudo — disse ela rindo. Começou a tirar o vestido. — Agora.

— É uma hora tão boa quanto qualquer outra — disse eu, abraçando-a.

No dia seguinte, soube que estavam precisando de uma moça. numa das nossas séries de westerns. Fi-la apresentar-se. O papel não era grande coisa, mas talvez fosse um bom início e ela começou a trabalhar.

No fim do mês, tinha de ir a Nova York para a reunião da diretoria. Além disso, o programa de rock estava pronto e eu queria saber quais as alterações que Jack fizera nos horários a fim de acomodá-lo. Ela me levou de carro até o aeroporto, — Volte depressa — disse ela.

— Logo que puder.

— E nem olhe para aquelas pequenas de Nova York. Sou uma mulher muito ciumenta.

— Sei disso — murmurei, rindo.

Beijei-a e entrei no aeroporto. Mas este estava coberto de nevoeiro e, depois de longa espera, os alto-falantes anunciaram que todos os vôos estavam cancelados. Tomei um táxi e voltei para casa.

Encontrei-a dormindo, toda encolhida como uma bola e com os cobertores empurrados para longe do corpo. Estava dormindo de maneira tão infantil e indefesa que não pude deixar de sorrir. Uma dúzia de ladrões podia ter entrado na casa, carregando tudo e saindo, sem que ela percebesse coisa alguma. Puxei os cobertores e agasalhei-a.

Despi-me no escuro e fui para o banheiro fechando a porta antes de ligar a luz para não a perturbar.

Fui até à minha pia e abri a água. Como de costume, começou a correr fria e eu fiquei esperando a água quente. Olhei para a pia dela e me esqueci por completo da água quente. As pias eram feitas no mesmo bloco de mármore. A do lado dela vivia normalmente cheia de maquilagem, grampos, pentes e escovas. Naquela noite, havia mais alguma coisa. Uma colher, alguns fósforos riscados e uma seringa de injeção.

Havia um pequeno envelope embaixo da seringa. Apanhei-o e abri-o. Havia vários pequenos pacotes dentro do envelope. Abri um deles. Estava cheio de um pó branco, fino e cristalino. Peguei um, pouco com a ponta do dedo e provei. Senti o gosto enjoado e agridoce da heroína.

Compreendi tudo de repente. O ataque de nervosismo dela no dia em que não entregaram o carro. Os olhos vidrados dela na noite em que a fora buscar na festa em Nova York. A maneira engraçada que tinha de baralhar as palavras como se a língua estivesse grossa demais para articular as sílabas. Só com a maconha, não era possível ninguém chegar a esse ponto.

Mas eu ainda não podia acreditar nisso.

Apanhei uma toalha e ensopei-a na água quente. Torci-a e voltei para o quarto. Levantei o cobertor de cima dela e acendi todas as luzes.

Ela acordou em sobressalto.

— Steve!

Peguei-a pelo pulso e puxei-lhe o braço. Comecei então a esfregar-lhe o braço com a toalha. Ela tentou puxar o braço.

— Que é que há, Steve? Está maluco?

Continuei a segurar-lhe firmemente o braço, sem responder. A maquilagem saiu toda na toalha. Olhei para a carne branca subitamente exposta. Todas as marcas da agulha estavam ali, em torno das veias.

Joguei irritadamente a toalha no meio do quarto.

— Vá para o diabo! Vá para o diabo, cadela imbecil e maluca!

Minha Menina Darling era uma toxicômana inveterada.

CAPÍTULO XII

Sentei-me ao lado do bar na sala de estar, sacudindo o scotch no copo. Ouvi os passos dela na escada atrás de mim. Não me virei para olhá-la.

Ela atravessou a sala e se sentou ao meu lado.

— Steve...

— Que é? — disse eu sem olhá-la.

— Não pense que sou viciada. Foi apenas porque me senti muito sozinha. Tinha saudades de você e não podia dormir.

— Não minta, Myriam. Contei pelo menos seis picadas de agulha no seu braço esquerdo. Quantas haverá no direito?

— Posso largar isso na hora que eu quiser.

— Está querendo enganar a quem, Myriam? Já tentou deixar?

— Vou-lhe provar. Veja!

Abriu a mão e me mostrou os pequenos pacotes. Desceu do tamborete e foi até à pia do bar. Abriu a torneira e começou a abrir os pacotes e esvaziá-los.

Estendi a mão e tomei um pacote da mão dela. Abri-o e provei-o. Bicarbonato de sódio. Devolvi-lhe o pacote.

— Nunca vi um viciado que pudesse jogar a droga fora.

Ela olhou para mim e fechou a torneira.

— Amo você. Sabe disso.

— Claro que ama — disse eu sarcasticamente. — Mas ama a heroína muito

mais.

Servi-me de mais uma dose de uísque e saí do bar, deixando-a lá. Sentei-me no sofá diante da janela. As luzes de Los Angeles brilhavam dentro da noite. Mas para mim o espetáculo perdera toda a sua beleza.

Ela veio do bar, ficou diante de mim e perguntou:

— Que é que vai fazer agora?

— Nada. O problema é seu e não meu.

As lágrimas começaram a correr-lhe.

— Não me abandone assim, Steve — jogou-se ao chão diante de mim e me abraçou os joelhos. Os soluços lhe sacudiam todo o corpo. — Ajude-me. Steve. Por favor, ajude-me.

Tomou minha mão e começou a cobri-la de beijos. As lágrimas quentes me queimavam a pele.

— Ajude-me, ajude-me — murmurava ela sem cessar.

Olhei-a e por um momento tive vontade de chorar também. Afinal, não havia muito tempo que ela era uma meninazinha inocente. Afaguei-lhe a cabeça. Ela me segurou a mão e encostou-a ao rosto.

— Que é que eu vou fazer? — perguntou numa voz cheia de desespero.

Olhei-a em silêncio.

— Diga-me, Steve — disse ela com insistência, quase com raiva.

— Há três coisas que, na minha opinião, você pode fazer. Mas não creio que faça nenhuma delas.

— Pode dizer.

— A primeira é voltar para Nova York, procurar seus pais e contar tudo. Eles acharão um jeito de ajudá-la.

— Não. Seria a morte para minha mãe.

— Segundo, pode ir para a Inglaterra e matricular-se como viciada. Dessa maneira, tomará a droga sob supervisão médica.

— Não. Isso me separaria de você. Viverei lá e você aqui. E não poderia voltar.

— A terceira é a pior.

Ela nada disse.

— Interne-se em Vista Carla. Amanhã mesmo.

Vista Carla era talvez a melhor clinica particular de recuperação de toxicômanos do país. E a mais cara também. Mas dispunha das técnicas mais avançadas, clínicas e psicológicas.

Senti o corpo dela estremecer num arrepio. O medo que sentia era bem real.

— Há mais alguma coisa?

— Claro que há — disse eu com rudeza. — Não faça nada,, continue como vai e dentro de muito pouco tempo dará cabo de si mesma.

Ela ficou por muito tempo em silêncio. Acendi um cigarro e entreguei-lhe, depois do que acendi outro para mim. Olhei-a. Havia no rosto dela rugas que eu nunca tinha visto.

O cigarro tinha quase chegado ao fim, queimando-lhe os dedos quando ela falou.

— Se eu fizer isso, você não me abandonará?

— Não.

— Irá lá ver-me?

— Irei.

— De verdade?

— De verdade.

— Não poderei conseguir nada sem você. Sei disso.

— Conseguirá, sim — disse eu, tomando-a nos braços. — Eu a ajudarei.

Vista Carla ficava nas colinas depois de Santa Bárbara. Chegamos lá quase ao meio-dia. Se não fosse o gradil de ferro de três metros de altura em torno do terreno e o guarda fardado no grande portão, daria a impressão de ser a mansão de um milionário.

Parei junto ao portão fechado e dei meu nome ao guarda. Ele foi até à sua casinha e voltou com um caderno na mão.

— A doente está com o senhor?

— Está. Srta. Darling.

Ele olhou para dentro do carro. Mas ela não olhou para ele. Continuou a torcer nervosamente as mãos.

— Entre até ao fundo. Vire então à esquerda e pare na entrada principal. Encontrará um lugar para estacionar lá. A Dra. Davis estará à sua espera.

Voltou para a sua casa e eu vi, pela janela, apertar um botão. O grande portão de ferro começou a abrir-se. Pegou o telefone enquanto passávamos. O portão se fechou logo depois.

Uma mulher bela e jovem nos esperava do alto dos degraus da entrada. Usava um guarda-pó branco sobre o vestido curto. Desceu logo que eu estacionei o carro.

— Sr. Gaunt? — perguntou ela com a mão estendida. — Sou a Dra. Shirley Davis.

— Prazer em conhecê-la.

Ela se voltou para Myriam, que, nesse momento, saltava do carro.

— Srta. Darling, sou a sua médica, Shirley Davis.

Myriam ficou um tanto confusa e olhou para mim.

A Dra. Davis riu. O riso era muito simpático.

— Não fique admirada, pois sou médica mesmo. Quando for ao meu gabinete, mostrar-lhe-ei meus diplomas.

Olhei para a Dra. Davis, satisfeito. Um a zero para ela. Myriam olhou-a como se a tivesse também aprovando. Subimos a escada. A Dra. Davis tirou uma chave do bolso e abriu a porta. Entramos e a porta se fechou automaticamente às nossas costas.

— O vestíbulo é mobiliado com antiguidades mexicano-espanholas do século XIX — explicou a Dra. Davis, enquanto nos levava para o seu gabinete. — O mobiliário foi doado a Vista Carla por uma fundação.

Paramos diante de uma porta. De novo, a Dra. Davis tirou urna chave do bolso e abriu a porta, que também se fechou automaticamente depois que passamos.

A sala era mobiliada com conforto. O único sinal de que se tratava de um consultório médico era um pequeno armário de remédios atrás da mesa.

— Por que não se senta no sofá, Sr. Gaunt, enquanto a Srta. Darling e eu vamos atender a algumas formalidades necessárias? Há algumas revistas em cima da mesa se quiser ler.

Sentei-me enquanto elas foram para o outro lado da sala. A Dra. Davis tirou algumas fichas da gaveta e começou a fazer as perguntas em voz baixa.

Olhei as revistas. Eram todas de medicina e só havia números atrasados. Só me interessaria por elas, se eu fosse historiador da medicina. Larguei-as e olhei pela janela.

De vez em quando passava um paciente, sempre acompanhado de uma enfermeira. Afora isso, os verdes jardins pareciam desertos.

— Bem, as fichas já estão prontas — disse a Dra. Davis e eu olhei para elas.

A médica estava de pé com um grande envelope na mão.

— Se quiser colocar aqui todos os seus objetos de valor, nós os guardaremos no cofre para lhe serem restituídos quando sair.

Myriam tirou em silêncio os anéis, uma pulseira e a corrente de ouro que usava ao pescoço.

— O relógio de pulso também — disse a Dra. Davis.

Myriam tirou o relógio e deixou-o cair dentro do envelope. A doutora

fechou-o e colocou-o em cima da mesa. Em seguida, apertou um botão.

Uma enfermeira grisalha de aspecto maternal entrou pela porta atrás da mesa e ficou esperando.

— A Srta. Grahan a levará para o seu quarto — disse a Dra. Davis. — Quando chegar lá, tenha a bondade de tirar todas as suas roupas e vestir uma roupa da casa. Começaremos então os exames.

— Por aqui, minha querida — disse a enfermeira com uma voz agradável, abrindo a porta.

Myriam se levantou e me olhou apreensivamente.

— Não se preocupe — disse-lhe prontamente a Dra. Davis. — O Sr. Gaunt irá vê-la em seu quarto logo que estiver confortavelmente instalada.

Sorri para Myriam, tentando tranqüilizá-la. Ela procurou retribuir o sorriso, mas não conseguiu. Saiu com a enfermeira e eu me encaminhei para a mesa.

A Dra. Davis tornou a sentar-se e me indicou a cadeira em que Myriam estivera sentada.

— Sabe quando foi que a paciente tomou a última injeção? — perguntou ela numa voz fria e direta.

— Tanto quanto sei, ontem à noite.

— Sabe há quanto tempo ela está tomando entorpecentes?

— Não.

— Sabe a freqüência com que as têm tomado?

— Não.

Enquanto me fazia essas perguntas, olhava para as fichas que tinha feito com a colaboração de Myriam. Olhou então para mim.

— A paciente veio internar-se voluntariamente ou sob coação?

— Voluntariamente.

— Acha que ela tem um desejo sincero de recuperar-se?

— Acho.

— É uma moça muito bonita. Espero que possamos ajudá-la.

Não respondi.

— Em casos assim, o êxito depende do paciente mais do que de ordinário.

— Compreendo.

Ela pegou uma ficha.

— Faça o favor de dizer-me onde poderá ser encontrado caso haja algum problema especial.

Dei-lhe todos os telefones e endereços, inclusive do meu apartamento em Nova York.

— Espero que não seja necessário incomodá-lo, Sr. Gaunt, mas nunca se sabe. Embora, como deve ter visto, observemos as maiores precauções de segurança, isto aqui é uma clínica e não uma prisão Alguns pacientes conseguem fugir à nossa vigilância.

— Quando acha que poderei visitá-la?

— Se tivermos sorte, dentro de uma semana. Com mais probabilidade, perto do fim da segunda semana. As duas primeiras semanas são muito difíceis para o paciente. Telefonar-lhe-ei logo que achar que ela pode receber a sua visita.

— Muito obrigado, Doutora.

— Agora, se tiver a bondade de acompanhar-me, vou levá-lo ao quarto dela.

Saí com ela pela mesma porta pela qual Myriam passara. Passamos por um corredor verde de hospital, subimos um lance de escadas e tomamos outro corredor. Parou diante de uma porta e bateu.

A enfermeira grisalha abriu a porta e disse a Myriam:

— Voltarei daqui a alguns minutos, querida.

Passou por mim e eu entrei no quarto. A porta foi fechada e trancada.

Myriam parecia uma criança com a roupa branca de hospital, estendida na cama, com o corpo calçado de travesseiros. O quarto era bastante agradável, mas a única janela era bem alta, perto do teto.

— Como se está sentindo, Myriam?

— Bem, mas com medo — disse ela, com o lábio inferior tremendo.

Sentei-me na cama, abracei-a e beijei-a.

— Você está fazendo o que é certo. Tudo vai acabar bem, Myriam.

A porta se abriu e a enfermeira voltou, empurrando um carrinho no qual havia vários instrumentos.

— Está na hora de começarmos o nosso trabalho, querida — disse ela com voz alegre.

Myriam olhou para mim e perguntou:

— Quando é que eu vou ver você?

— A doutora disse que provavelmente poderei vir aqui na semana que vem.

— É tempo demais. Não pode vir antes?

— Farei o possível — disse eu.

Ela estendeu os braços para mim.

— Beije-me de novo, Steve.

Beijei-a e abracei-a por um momento. Depois, saí para o corredor. Á médica estava esperando por mim ali.

Descemos pelo corredor.

— Que tal a achou? — perguntou.

— Bem, mas acho um pouco assustada.

— É natural. Está dando um passo muito difícil.

Descemos as escadas e ela me mostrou alguma coisa que tinha na mão.

— Encontramos isto aqui escondido no forro da bolsa dela.

Eram os pacotes de heroína. Já sabia agora onde ela havia escondido a droga.

— Já esperava mais ou menos isso.

— Acha que ela tem mais alguma quantidade da droga escondida?

— Como é que posso saber?

— Não se preocupe, Sr. Gaunt — disse a médica, sorrindo. — Se ela ainda tiver alguma coisa, a enfermeira encontrará. Ela é muito boa nisso.

Agradeci à médica e voltei para meu carro. Fui até o Aeroporto Internacional de Los Angeles e embarquei para Nova York no avião das três horas.

Eu ainda tinha de passar pelo pior de tudo. Era falar a Sam e a Denise sobre a filha deles.

CAPÍTULO XIII

Cheguei cedo ao escritório e Sheila me levou logo o café.

— Houve um verdadeiro pânico aqui ontem — disse ela. — Não sabiam se você ia chegar a tempo para a reunião de hoje e não havia jeito de encontrá-lo.

Acabei de tomar o café sem dizer nada.

— Já se estava pensando em telefonar para Sinclair. Não teria muito sentido realizar uma reunião da diretoria, sem qualquer dos diretores-executivos presentes.

Spencer estava em férias no Caribe havia quase um mês.

Olhei para ela e disse:

— Estou aqui.

Eu sabia que ela estava ansiosa por saber onde eu tinha estado no dia anterior, mas nada disse e ela não perguntou. Começou a me falar nos telefonemas recebidos.

— Sr. Savitt quer falar com o senhor antes da reunião. Quer mostrar o novo horário ao senhor antes de submetê-lo à aprovação da diretoria.

— Chame-o logo que acabar de falar comigo.

— O Sr. Regan telefonou da Califórnia. Pediu-me que lhe dissesse que a diretoria aprovou a verba da Symbolic à Sinclair. Pediu ainda que o avisássemos logo que a nossa junta aprovar a transação, para que o comunicado à imprensa

seja distribuído ao mesmo tempo lá e aqui.

Fiz um sinal de assentimento.

— O Sr. Benjamin telefonou para manifestar-lhe a sua satisfação com a conclusão do novo negócio. Não é preciso telefonar para ele.

— Que negócio?

— O Sr. Savitt tentou comunicar-se com o senhor ontem para dizer-lhe. Comprou uma partida de filmes do Sr. Benjamin. É outra coisa sobre que lhe quer falar.

— Outros telefonemas?

— Todos de rotina. Nada de especial.

— Muito bem. Pode chamar o Sr. Savitt.

— Está bem — disse ela, colocando uma pasta diante dele na mesa. — Essa é a sua cópia da agenda para a reunião de hoje.

Agradeci e comecei a examinar a agenda logo que ela saiu. Mas não me foi possível concentrar para entender coisa alguma. Só via diante de mim o rosto de Menina Darling, com uma mistura de medo e confiança.

Jack entrou no escritório. Apertamo-nos as mãos enquanto Sheila lhe trazia café. Ele esperou até que ela saísse.

— Você não parece bem.

— Engano seu. Estou apenas cansado.

— Talvez seja bom você tomar férias depois da reunião da diretoria.

— Só depois que Spencer voltar. Os estatutos da Companhia determinam que um de nós tem de estar sempre acessível.

— Quando é que ele vai voltar?

— Lá para fins de março ou princípios de abril.

— Só daqui a dois meses...

— Fique descansado que eu supero isso. Preciso apenas de uma boa noite de sono — mudei de assunto. — O que é que há sobre Benjamin. Pensei que você era contrário ao negócio com ele.

— Era, de fato. Mas Sam me apareceu na semana passada sem Dan Ritchie e me fez uma proposta inteiramente nova. Deu-nos o direito de escolha dos filmes por três milhões de dólares. Consegui que ele baixasse para dois e meio e então apurei o creme. Escolhi os doze melhores. E por um milhão e meio menos do que ele havia pedido anteriormente.

Eu não fiz comentários. Sam não era idiota. Com o financiamento adicional que recebera de mim, não precisava regatear muito. Levantara seis milhões e meio, o suficiente para se arrumar.

Jack interpretou o meu silêncio como reprovação.

— Não gostou?

— Ao contrário, achei ótimo. Que foi que aconteceu a Ritchie?

— Para dizer a verdade, não sei. Soube que os dois brigaram, mas exatamente por que e como, ignoro.

— Nova York é uma cidade engraçada.

— Sim, aqui está sempre acontecendo alguma coisa. Vamos ver os horários agora?

— Vamos.

Tirou a papelada da pasta. Olhei. Era a mesma porcaria de sempre. Os títulos no alto das folhas eram os mesmos: NBC, CBS, ABC e SINCLAIR. Estava farto de tudo aquilo.

Já passava de cinco horas quando a reunião acabou. Voltei ao meu escritório e liguei para Sam. Ele chegou ao telefone muito bem-humorado.

— Ainda vou fazer de você um homem rico, Steve? Quando eu tornar a lhe comprar as minhas ações, elas valerão o dobro do que você me emprestou!

Foi a primeira vez que ri naquele dia.

— Você pode arruinar a minha declaração de Imposto de Renda durante dez anos se fizer isso.

— Neste caso, seja bom para mim, senão eu pago o que lhe devo.

— Preciso conversar com você — disse eu, ficando sério.

— Por que não vai jantar conosco hoje? Só Denise e Júnior estão em casa.

— Júnior não está na escola ?

— Foi expulso. Pegaram-no no banheiro fumando maconha ou masturbando-se ou fazendo as duas coisas. Você sabe como são esses garotos de hoje.

— Eu sei — por um momento, tive vontade de recuar. Mas era a filha deles e eles tinham o direito de saber. E logo. — Não posso jantar porque vou tomar o avião das nove horas para a Califórnia. Que tal um drinque?

— Onde quer encontrar-se comigo?

— Estarei em seu apartamento às seis e meia.

— Muito bem. Estou esperando.

Saltei do carro diante do edifício de Sam e disse ao chofer.

— Espere-me aqui. Não sei exatamente quanto tempo vou demorar.

Entrei no edifício e acendi um cigarro quando ia subindo o elevador. Não ia ser fácil. Havia um milhão de outras coisas que eu preferia ter de dizer-lhes.

Mamie, a criada, abriu-me a porta e me levou até à biblioteca. Sam e Denise já estavam lá e a criada me trouxe um uísque com gelo sem que eu pedisse.

— Você está com um ar tão sério — disse Sam, rindo. — Acho que prefiro você quando toma martinis.

Forcei um sorriso. Até o uísque tinha um gosto horrível.

Júnior chegou a sala.

— Alô, Tio Steve.

— Como vai você?

— Não pergunte nada a ele. Isso é um vagabundo — disse Sam, mas com um sorriso de tolerância. — Imagine um filho meu ser surpreendido dessa maneira. Por que não esperou voltar para seu quarto?

— Ora, Papai. Não fui eu só. Pegaram quatro comigo que estavam fumando um cigarro muito ordinário.

As coisas não estavam ficando mais fáceis para mim.

Denise se levantou.

— Vamos sair, Júnior, que eles querem falar de negócios.

— Não saia, Denise — disse eu.

Ela parou quase chegando à porta e olhou para mim. Havia nos olhos dela uma expressão que me fez vê-la pela primeira vez como a mãe de Myriam.

— Isso lhe diz respeito também.

Ela voltou em passos lentos.

— É alguma coisa com Myriam?

Fiz um gesto afirmativo.

Ela foi instintivamente para junto de Sam. Segurou a mão dele e ficou a olhar-me com o rosto muito pálido.

Respirei fundo e disse:

— Myriam foi internada ontem de manhã no sanatório de Vista Carla.

— Está doente? — perguntou Sam, que ainda não estava entendendo.

— Está.

— Por que ela não nos mandou dizer? Afinal de contas, somos os pais dela — estava começando a enfurecer-se. — Que é que há com ela? Está grávida?

— Não — proferi então as palavras talvez mais difíceis de minha vida. — Myriam está viciada em entorpecentes. Toma heroína. Foi internada em Vista Garla para se ver se é possível fazê-la deixar o hábito.

— Que diabo! — exclamou Sam. Virou-se para Júnior: — Samuel, vá para o seu quarto!

— Não — disse Denise. — Ela é irmã dele. Deve ficar.

— Lá vem você com suas idéias! — gritou Sam, exasperado: — Por causa de suas idéias é que tudo aconteceu. Deixe-a ser atriz. É isso que ela quer. Não lhe disse mais de uma vez que não passavam de prostitutas e vagabundas? Agora, espero que esteja satisfeita.

Denise ficou em silêncio, com as lágrimas a correr-lhe dos olhos. Vi o esforço que ela fazia para controlar-se. Por fim, disse a Sam:

— Vou arrumar uma mala.

— Não! Você não vai a lugar algum.

— Ela é minha filha e precisa de mim.

— Não precisou de sua ajuda para se meter nisso. E vai sair sem sua ajuda.

Denise olhou-o por um momento e então saiu da sala. Ele se voltou para mim.

— Como foi que você teve conhecimento disso?

— Ela estava em minha casa na noite de anteontem. Fui ao banheiro e encontrei a seringa.

Vi o sangue subir-lhe ao rosto.

— E que era que ela estava fazendo em sua casa?

Não respondi.

Ele me pegou pela gola do paletó e me sacudiu, gritando:

— Responda! Responda!

Afastei-lhe as mãos e disse:

— Estava morando comigo.

Nunca pensei que um homem do tamanho e da corpulência dele pudesse mover-se com tanta rapidez. Muito tarde, vi o braço dele levantar-se e, logo depois, a dor me explodiu no estômago, fazendo-me vergar o corpo. Virei-me, tentando evitar o segundo golpe. Fui atingido entre o pescoço e o ombro e caí no chão. Senti uma explosão de dor nas costelas quando ele me deu um pontapé. Tentei fugir com o corpo.

— Papai! Papai! — exclamou Júnior, segurando-o.

— Não se meta nisso! — gritou ele, empurrando Júnior. — Vou matar esse patife!

Agarrei-me à borda do sofá e procurei levantar-me. Sam avançou, para mim. Olhei para ele, incapaz de me mover.

Júnior atirou-se de novo ao pai.

— Ela gostava dele, Papai' Sempre gostou!

Dessa vez, Sam virou um pouco o corpo e bateu nele. O garoto foi bater de costas na estante e os livros começaram a cair em torno dele.

— Não se meta nisso, já lhe disse!

O rapaz ficou ali parado, com os olhos dilatados pelo horror. Eu tinha conseguido levantar-me, mas cairia de novo se não me apoiasse no sofá.

— Cachorro sem-vergonha! — vociferou Sam, encarando-me. — Por que tinha de ser ela também? Não lhe bastavam todas as outras mulheres do mundo?

Vi o braço ser levantado para trás para de novo atacar-me, mas não tive jeito de levantar os braços para defender-me. Não me restavam forças para isso.

De repente, Denise apareceu entre nós.

— Sam!

Ele ficou ali parado, com o punho ainda no ar.

— Ela tem vinte e dois anos, Sam. E é uma mulher, não é mais uma criança — disse Denise. — Steve não era obrigado a vir dizer-nos nada se não quisesse.

— Saia da minha frente! — disse ele asperamente.

— Ela é minha filha e não sua, Sam! Deixe-o em paz!

Ele fechou os olhos como se tivesse sido atingido por um golpe e deixou cair lentamente as mãos. Apesar da dor que eu sentia, tive pena dele, quando ele pareceu encolher-se diante dos meus olhos. Foi até à porta e então se voltou para nós.

Mas foi só a Denise que falou. Eu deixara de ter existência para ele.

— Se você dar um passo para ir para onde ela está — disse ele com voz trêmula, — nenhuma das duas precisa mais voltar para minha casa!

CAPÍTULO XIV

— Não tem sido fácil para ela — disseme a Dra. Davis, quando a acompanhei ao seu consultório. — Está lutando com grandes dificuldades. Não tenho muita certeza de que já possa vê-la.

— Já faz duas semanas que ela está aqui.

— Não podemos fazer milagres. Podemos apenas tentar. Afinal de contas, ela é viciada há mais de três anos e não é fácil tirar-lhe o hábito do organismo.

— Tanto tempo assim?

— Sim, foi o que apuramos. Até agora, nada pudemos fazer senão tratar dos seus problemas físicos. Ainda não tivemos oportunidade de submetê-la a um tratamento psicológico. E em noventa por cento das vezes aí é que está o caminho da cura.

— Que acha então que eu devo fazer?

— Gostaria de que o senhor a visse. Ela o ama muito, o senhor parece a

única pessoa que a quer ver. Mas...

— Mas o quê?

— Pode ser que ela só queira vê-lo porque se julga capaz de convencê-lo a tirá-la daqui. É preciso compreender que, no momento, ela não é a mesma moça que o senhor trouxe para cá. É como um animal acossado pelas exigências do vício. É capaz de fazer tudo para sair daqui e conseguir a droga de que precisa. Já fez duas tentativas de fuga.

— Disso eu não soube.

— Achei que não devia dizer-lhe isso na conversa que tivemos pelo telefone. Aceitamos aqui esse fato como quase normal. Se eu deixar que o senhor a veja, ela procurará explorar a sua simpatia de todas as maneiras possíveis. O que ela precisa principalmente agora é de amor e compreensão. Mas o senhor tem de tomar uma atitude muito firme. Não pode mostrar muita pena dela. Com isso, apenas aumentará as esperanças que ela tem de sair daqui. Não vai ser fácil. Acha que vai conseguir?

— Não sei — disse eu. — Qual é sua opinião ?

— Se tudo correr bem, a visita poderá ser extremamente útil. Pode dar-lhe um motivo ainda maior de desejar a cura.

— Vamos então tentar — disse eu, apagando o cigarro e levantando-me.

— Não se deve mostrar surpreso com o aspecto dela — disse a Dra. Davis enquanto subíamos a escada para o segundo andar. — Ela perdeu muito peso. Procure elogiá-la e fazer com que ela se sinta bonita. Isso poderá ajudar muito.

Paramos em frente à porta do quarto de Myriam e ela bateu. A mesma enfermeira do primeiro dia abriu a porta.

Olhou para dentro do quarto e disse:

— Veja que bom, querida! Temos visitas. O seu jovem amigo veio ver você!

— Steve! — ouvi a voz dela. Em seguida, ela veio correndo até à porta e se jogou nos meus braços. A enfermeira saiu do quarto e fechou a porta.

— Steve — murmurou ela, começando a chorar. — Steve, Steve, Steve.

Abracei-a e acariciei-lhe os cabelos.

— Menina Darling...

Ela me olhou, tentando enxugar as lágrimas.

— Devo estar horrível. Não me deixam nem fazer maquilagem.

— Você está linda — disse eu, sentindo-me angustiado. Tinha a pele em cima dos ossos e os olhos estavam profundamente encovados.

— Não, sei como estou ainda que não haja nem um espelho em que eu me possa olhar.

— Você está muito bem.

Ela se sentou na cama e me disse:

— Venha cá sentar-se junto de mim.

Sentei-me. Ela pegou minha mão e colocou-a por dentro da camisola do hospital sobre o seu seio.

— Estou com tanta vontade de você — disse ela, olhando ternamente para mim.

Não pude falar. Tinha de mobilizar todas as minhas energias para não chorar.

— Sabe que estou curada? Disseram-me aqui que nem se pensa em sexo enquanto não se deixa por completo o vício.

— Não sei...

— É verdade, sim... Ponha a mão em mim e veja como estou com vontade.

Sacudi a cabeça.

— A médica disse que você ainda não está bastante forte para ter contato sexual. Ficou muito debilitada.

Ela se zangou de repente.

— Era isso mesmo que ela tinha de dizer. Não pensam senão em me manter aqui dentro para conseguirem mais dinheiro. Com certeza, não lhe disse nem que eu já havia deixado, não foi?

— Ela me disse que você tinha feito bons progressos — disse eu cautelosamente.

— São todos loucos! — disse ela, levantando-se. — Posso contar-lhe coisas sobre isto aqui e a maneira pela qual os doentes são tratados que você não vai nem acreditar!

Olhou para os lados como se quisesse ter certeza de que não havia mais ninguém no quarto.

— Conhece aquela enfermeira, que chamam da Srta. Graham?

Fiz um sinal afirmativo.

— Parece uma velhinha muito boa, não é? Pois não é nada disso! Já me espancou várias vezes. É uma sádica! Você vai ver!

Puxou a camisola pela cabeça e deixou-a cair no chão, ficando nua.

— Está vendo as marcas?

Não havia uma só marca no corpo dela. Eu só podia ver era as costelas e o aspecto pálido, quase translúcido da pele.

— Além disso, é lésbica. Mais de uma vez, acordei com ela querendo me beijar!

Peguei a camisola.

— Vista-se. Não quero que se resfrie.

Ela deixou em silêncio que eu lhe vestisse a camisola e sentou-se de novo na cama.

— E aquela tal Dra. Davis, com todos os seus diplomas e os seus ares de importante! Sabe o que é que ela faz? Leva alguns doentes e alguns atendentes daqui do hospital para o quarto dela e são orgias todas as noites. É louca por homem. É uma ordinária. Durante o dia, veste-se daquela importância toda para enganar todo o mundo. Mas a mim é que ela não engana. Eu sei!

Limitei-me a olhar para ela.

Ela ficou calada alguns instantes e, então, se jogou em meus braços soluçando.

— Você tem de me tirar deste lugar horrível, Steve! Acabarei perdendo o juízo se ficar mais tempo aqui!

Eu a sentia tremer nos meus braços.

— Pode tirar-me daqui. Steve! Estou realmente curada!

— Espere mais um pouco, Menina Darling. Primeiro, você tem de recuperar as forças.

Ela se afastou de mim e jogou-se em cima da cama, com o corpo sacudido pelos soluços.

Coloquei a mão no ombro dela. Ela me empurrou a mão com raiva.

— Vá para o inferno!

Continuei ali a olhá-la durante alguns minutos e depois me dirigi para a porta.

— Steve! — gritou ela.

Arrojou-se no chão com as mãos em torno de minhas pernas e os olhos cheios de lágrimas.

— Tire-me daqui, Steve! Vou ser boazinha e só farei o que você quiser. Mas leve-me daqui!

Fi-la levantar-se e abracei-a.

— Falta muito pouco para você sair daqui, Menina Darling.

Ela meteu a mão por dentro de meu paletó. Antes que eu percebesse o que ela estava fazendo, ela me arrancou a caneta do bolso e a levantou acima da cabeça como se fosse um punhal.

— Se não me levar com você, vou furar-lhe os olhos!

Olhei para ela. Estava desvairada e parecia bem capaz de executar a ameaça.

— Está bem — disse eu tão calmamente quanto me era possível. — Mas como é que eu vou abrir a porta? Não tenho chave. É preciso chamar a

enfermeira.

Ela voltou os olhos um instante para o botão da campainha ao lado da cama. Não foi preciso mais nada. Agarrei-lhe o pulso e tomei-lhe a caneta.

— Você me enganou! — gritou ela com voz de criança. Depois levou as mãos ao rosto e começou a chorar. Tomei-a nos braços e procurei acalmá-la.

— Sei que não é fácil, Menina Darling. Mas tem de tentar. Quanto mais depressa você ficar curada, mais depressa voltaremos a ficar juntos.

— Já estou curada! Já estou curada!

Então, a porta se abriu, a enfermeira entrou no quarto e a visita terminou.

A doutora estava à minha espera no corredor.

— Vamos ao meu consultório — disse ela.

Acompanhei-a e a porta se fechou depois que entramos.

— Acho que vai precisar de uma bebida — disse ela.

Abriu o armário e tirou uma garrafa de uísque e um copo. Serviu-me dois dedos de uísque.

Bebi como se fosse água. O uísque me foi queimando todo por dentro, mas me senti imediatamente melhor.

— Não foi fácil — disse eu. _

— Eu sei. Estávamos escutando. Temos um microfone em cada quarto. É a única maneira que temos de controlar os doentes. O senhor agiu muito bem.

— Talvez — disse eu, mas tive a impressão de que ela só estava dizendo isso para que eu não me sentisse deprimido.

Ela me levou até ao carro.

— Sr. Gaunt, não me estou querendo intrometer em sua vida particular, mas se o senhor respondesse a algumas das minhas perguntas poderia ajudar muito.

— Pergunte.

— Qual é exatamente seu interesse nela?

— Conheço-a desde menina. Sou amigo dos pais dela há muito tempo.

— Mas tinha uma ligação amorosa com ela, não tinha?

— Tinha.

— Há quanto tempo ?

— Um mês mais ou menos quando a trouxe para cá.

— Mais uma pergunta, Sr. Gaunt. O senhor a ama?

Pensei durante muito tempo. Por fim, respondi:

— Não sei.

Ela me encarou durante alguns instantes e então disse:

— Muito obrigada, Sr. Gaunt.

Entrei no carro e liguei o motor. Quando a olhei, ela estava voltando para o sanatório.

CAPÍTULO XV

Myriam não me quis ver no dia de visita seguinte.

— Ela só nos disse hoje de manhã — disse a Dra. Davis. — Tentei telefonar-lhe mas o senhor já havia saído de casa.

— Não compreendo.

— Tudo isso faz parte do jogo dela — disse a médica. — Ela quer castigá-lo por não a ter tirado daqui. Ou é isso ou está tentando convencê-lo a tirá-la daqui. Sinto muito que tenha feito a viagem à toa.

— Não tem importância...

— Apesar das aparências, estamos fazendo progressos — disse ela. — Já faz um mês e a reação dela à privação da droga é consideravelmente menor. Recuperou um pouco de peso. Mas ainda recusa orientação psiquiátrica. Não quer nem falar com o médico.

— Como é que vai resolver o problema?

— Continuaremos a tentar — respondeu ela. — Mais cedo eu mais tarde, vai querer falar com alguém, ao menos para ter quem a ouça com simpatia. Isso é o que acontece com todos os pacientes, mas no momento ela ainda nos é hostil, A enfermeira apareceu nesse momento e colocou um envelope em cima da mesa da médica.

— Ela me deu esta carta pedindo que a botasse no correio — disse ela. Depois, olhou para mim e sorriu:

— Como vai, Sr. Gaunt? A nossa doente está um pouco rebelde hoje, mas não se preocupe. Nós a poremos boa.

Deixou o escritório e a Dra. Davis olhou para o envelope, que me entregou sem dizer palavra.

O envelope me era endereçado. Abri-o. O bilhete estava escrito numa letra quase infantil.

"Querido Steve:

Quando você me veio ver ontem, disseram que eu não queria falar com você. Mentira! Estão-me mantendo prisioneira aqui. Espancam-me e abusam de mim todos os dias. Só querem é receber o dinheiro todas as semanas. Já deixei o hábito, mas ainda não estão satisfeitas. Esta carta deve convencê-lo. Quero muito ver você. Venha tirar-me daqui. Com muito amor, sua Menina Darling."

— Leia — disse eu, entregando a carta à médica. — Acho que tem razão.

Ela leu a carta sem fazer comentários e eu me levantei.

— Tenho de ir a Nova York na semana que vem para uma reunião. Sendo assim, só poderei voltar daqui e uns dez dias.

— Não se preocupe, Sr. Gaunt. Telefonar-lhe-ei se houver algum problema especial. Mas não creio que vá haver nada.

Mas dessa vez a médica estava enganada.

Dan Ritchie iniciara a sua ação contra Sam um dia antes da reunião. Pleiteava o recebimento de 250 mil dólares como a sua comissão de 10% pela venda dos filmes à Sinclair, acrescidos de danos e custas. Para tornar a sua ação mais enérgica, éramos apresentados como co-réus. Acusava especificamente a Televisão Sinclair, a empresa e a mim como cúmplices de Sam na tentativa de privá-lo das comissões a que tinha direito.

Na declaração que fez à imprensa logo depois de intentar a ação, disse que se as suas exigências não fossem atendidas prontamente, iria desmascarar "as práticas espúrias de negócios que existem entre a Sinclair e a Samarkand e certos dos seus diretores".

Cheguei a Nova York no dia da reunião e encontrei Jack no escritório à minha espera.

— Eu lhe disse que não podíamos confiar naquele filho da mãe — disse ele.

— Qual deles? — perguntei rindo.

— Tem razão, Steve. Nunca pensei nisso, mas não há muita diferença entre Sam e Ritchie. São dois patifes insaciáveis em matéria de dinheiro.

— É melhor não dizer isso em público. Isso não é maneira de falar sobre o nosso co-réu.

— Não compreendo — disse ele. — Você tem um senso de humor bem estranho.

Sheila trouxe o café.

— O Sr. Sinclair deseja falar-lhe o mais depressa possível.

— Ele já está aí?

— Chegou às oito horas da manhã.

Jack esperou que ela saísse.

— O homem deve andar dando pulos de raiva.

Tomei o meu café sem responder.

— Não vai subir para falar com ele?

— Claro, mas quando chegar a hora. Por enquanto, tenho coisas mais importantes para fazer.

— Acha que pode suportar uma boa notícia, Steve?

— Seria uma variação agradável.

— O programa de rock está fazendo muito sucesso. Já conseguimos cerca de 40% da audiência e os patrocinadores estão brigando para consegui-lo.

— Ótimo.

— Estou pensando em apresentar o programa duas vezes por semana.

— Não faça isso. É uma tentação que tem feito mal a muita gente e a uma porção de programas.

— Precisamos de alguma coisa para melhorar a nossa programação no fim-da-semana.

— Por que não usa os "filmes que comprou a Sam?

— Estava guardando-os para o próximo outono.

— Você tem ainda oito meses até o próximo outono. E só lhe restam oito semanas da temporada antes de começar a fazer reprises.

Ele olhou para a sua programação sem responder,

— Vou-lhe dizer talvez a única coisa que aprendi em todos esses anos. Um anunciante só compra é o desempenho que apresentamos. Os índices de audiência que os fazem comprar hoje talvez sejam diferentes amanhã. E se referem ao programa de ontem.

Deixei-o e subi no elevador particular para o gabinete de Spencer. Encontrei-o sentado à sua mesa, recém-chegado das férias no Caribe.

— Como se foi de viagem? — perguntou ele, polido como sempre.

— Mais uma viagem de avião apenas — disse eu. — E suas férias?

— Foram ótimas. Estou pensando em comprar um lugar por lá para passar o inverno quando me aposentar. Estou um tanto cansado de Palm Beach.

— Não é uma má idéia — disse eu, sentando-me diante dele.

— Os diretores me têm telefonado a manhã toda para falar da ação de Dan Ritchie.

— Recebi telefonemas também.

— Não sei absolutamente do caso de Benjamin. Mas conversei com Harley e ele me assegurou que nós não temos responsabilidade legal no assunto.

Harley Garret era o chefe do nosso departamento jurídico e um advogado ponderado e conservador.

— Estou mais preocupado com as alegações de Ritchie do que com a ação. Há alguma coisa que você saiba e eu não?

— Talvez — disse eu. Falei-lhe então do meu empréstimo a Sam, com a garantia das ações.

Sinclair escutou atentamente sem falar até que eu terminasse. Meneou então

a cabeça pensativamente e disse:

— Não foi uma coisa muito prudente o que você fez.

Fiquei um pouco surpreso. O Sinclair que eu conhecera, quando fora trabalhar ali dez anos antes, teria explodido.

— Mas as minhas relações com Sam não influíram na compra dos filmes. Jack comprou-os sem que eu tivesse conhecimento disso. Só soube de alguma coisa depois de feita a transação.

— Terá de explicar isso à diretoria.

— É o que pretendo fazer — disse eu, levantando-me.

Os diretores não se mostraram tão calmos quanto ele. Começaram a evocar todos os espantalhos: a Comissão Federal de Comunicações, a Comissão de Títulos e Bolsas, a lei antitruste e a Diretoria das Rendas Internas. Ao fim de algum tempo, estavam discutindo calorosamente a atitude que se devia tomar.

— Acho que devemos entrar em acordo — disse finalmente Harley. — A publicidade resultante nos prejudicaria se fossemos aos tribunais.

— Sou contra — disse eu.

— Não poderá impedir que se pense que aprovou pessoalmente a transação porque lucraria com isso, valorizando as suas ações da Samarkand.

— Não possuo ações da Samarkand — repliquei. — Sou apenas depositário de algumas ações como garantia de um empréstimo que concedi.

— Acha que há qualquer probabilidade de que ele o reembolse do empréstimo? — perguntou Harley.

— Não faço a menor idéia.

— Até esse reembolso poderia ser mal interpretado como um benefício indevido seu. Acho que devemos entrar num acordo. Na realidade, a quantia em jogo não é alta.

— Não — disse eu categoricamente. — Trata-se de chantagem e isso não me agrada. Quando uma companhia se mostra vulnerável à chantagem, começa a aparecer uma porção de pequenas coisas e pequenos interesses para aproveitar a oportunidade.

Houve silêncio em torno da mesa. Olhei para Sinclair e vi que o rosto dele estava inexpressivo. O telefone ao meu lado começou a tocar.

— Com licença, senhores — disse eu, atendendo.

Foi Sheila que me falou.

— Não queria absolutamente incomodá-lo, Sr. Gaunt, mas tenho na linha a Dra. Davis, de Santa Bárbara, Califórnia. Diz ela que é muito urgente.

— Pode ligar — disse eu. Houve um estalo na linha. — Dra. Davis ?

— Tenho, infelizmente, más notícias, Sr. Gaunt. A paciente fugiu esta manhã.

— Como?

— Não sabemos. Quando a enfermeira entrou no quarto dela depois do café da manhã, não a encontrou mais. Procuramo-la por toda a clínica e não encontramos nem sinal, Quer que notifique a polícia ?

Pensei por um momento. Não faltava mais nada num momento daqueles. Podia imaginar o escândalo que os jornais fariam.

— Não, não faça nada disso. Vou tomar o primeiro avião para aí.

Olhei em torno da mesa. Tinham conversado entre si enquanto

eu falava ao telefone.

— Penso que devemos submeter o assunto a voto — disse Harley. — Proponho que negociemos um acordo na ação que Daniel Ritchie move contra a Sinclair, contra Stephen Gaunt e outros.

Levantei-me e tomei o caminho da porta.

— Espere um instante, Steve — disse Harley. — Apresentei uma proposta e você tem de votar.

— Votem vocês — disse eu. — A mim pouco se me dá.

CAPÍTULO XVI

A Dra. Davis me esperava no aeroporto.

— Sua secretária me deu o número de seu vôo — disse ela, aproximando-se de mim.

— Não precisava ter vindo. Eu iria diretamente procurá-la.

— Achei melhor — disse ela simplesmente, encarando-me. — Além disso, tenho algumas informações que podem ajudar-nos a encontrá-la.

— Já descobriu como foi que ela fugiu?

— Ainda não. Mas sabemos que ela está em Los Angeles.

— Como?

— Trabalhamos com uma agência de detetives que nos tem sido muito útil em casos assim. Essa agência já está em ação.

Ela me levou até ao bar do aeroporto e parou perto de uma mesa a um canto. Um homem ainda moço que estava ali bebendo um copo de cerveja levantou-se desajeitadamente.

— Nick Jones, Stephen Gaunt — disse ela. — Nick é um dos melhores elementos da agência.

Ele me estendeu a mão e me cumprimentou, falando com um sotaque inconfundível do Oeste.

— Muito prazer, Sr. Gaunt.

Não se parecia absolutamente com a idéia que eu fazia de um detetive particular. Mas devo reconhecer que a minha idéia era inteiramente condicionada pelo cinema e pela televisão.

— Prazer, Sr. Jones.

— Pode chamar-me de Nick...

Sentamo-nos. A Dra. Davis pediu uísque com água e eu como de costume pedi uísque apenas com gelo.

— Diga ao Sr. Gaunt o que foi que apurou, Nick.

— Soubemos que a pessoa pegou uma carona num caminhão às onze horas da manhã de hoje na estrada da costa. Deixou esse caminhão ao chegar a um posto de gasolina em Santa Mônica, perto do Bulevar Sunset, e pegou outro caminhão que ia para Los Angeles. Não conseguimos, ainda localizar esse caminhão e, por isso, não sabemos onde foi que ela saltou.

— Como foi que soube do primeiro caminhão? — perguntei.

— Muitos caminhões das grandes companhias de transportes interestaduais

têm um interceptar e um transmissor de rádio. Falei com o próprio motorista.

— Ela levava algum dinheiro?

— Quando fugiu, não — disse a Dra. Davis. — Tudo dela ainda está guardado no cofre.

— Ela vai precisar de dinheiro — disse eu. — Nunca soube de um traficante de entorpecentes que vendesse fiado.

— Ela tem dinheiro — disse Nick.

— Como é que sabe?

— O motorista do caminhão deu dinheiro a ela.

— Por que diabo iria ele dar dinheiro a ela?

Ele me olhou sem responder.

A garçonete chegou com as bebidas. Bebi a metade do meu uísque de um gole.

— Tem de compreender que ela é uma pessoa doente e dar o desconto — disse a Dra. Davis.

— São dez e meia agora — disse o detetive. — Nas noites de sexta-feira, a Strip começa a animar-se às onze horas. Se ela ainda não fez contato com alguém, deve estar por lá. Alertei alguns dos meus amigos na polícia para prestarem atenção a ela, sem nenhuma ação oficial.

— Muito bem — disse eu.

— Ao mesmo tempo, não faria mal algum que fôssemos dar um passeio por lá e procurar por nosso lado.

Acabei de tomar o uísque.

— Podemos ir agora mesmo. Deixei meu carro estacionado aqui.

— Muito bem — disse o detetive. — Estarei na esquina de Sunset e Clark quando chegarem lá.

— Irei com o Sr. Gaunt — disse a Dra. Davis. — A condução de Nick não é exatamente confortável.

— Leva-me onde quero — disse ele secamente. — Além disso, é mais ou menos parecida comigo.

Só quando ele entrou no seu carro e saiu com ele, foi que compreendi o que ele dissera. Tratava-se de uma velha camionete verde-escura Ford.

A Strip é a parte do Bulevar Sunset que atravessa o oeste de Los Angeles, limitada a oeste pelo Banco City National, ao seguir para Beverly Hills, e a leste pela Drogaria Schwab, logo depois de Lytton Center. Durante o dia, era uma rua quase sem movimento, cheia principalmente de balcões de cachorro-quente,

lojas baratas e um ou outro edifício moderno. Servia principalmente de escoadouro para o trânsito entre Beverly Hills e Hollywood.

À noite, sofria uma transformação. Era animada por letreiros coloridos, restaurantes iluminados e casas de discos que enchiam os passeios de música. E havia principalmente gente moça. Aos milhares. De todos os formatos, tamanhos, idades e cores. Passeavam, falavam, olhavam ou ficavam parados. O cheiro levemente adocicado da maconha pairava sobre eles como um miasma, e dos seus carros de patrulha que passavam em marcha lenta, os homens da polícia de capacete branco os olhavam, rezando para que nada acontecesse e transformasse a rua de repente num vulcão.

Ele estava na esquina da Rua Clark, exatamente como nos havia dito. Fomos para onde ele estava, mas ele nos fez um breve sinal negativo com a cabeça e foi andando.

Era um homem fácil de seguir. Destacava-se pela sua altura e pelo grande chapéu branco de cowboy. Parecia conhecer todo o mundo ali, crianças e adultos. De vez em quando, parava a fim de falar com alguém por um instante e continuava a andar.

Foi até uma casa de delicatessen no quarteirão 9000 e voltou.

— Nada por aqui — disse ele ao passar por nós. — Vamos tentar de outro modo.

Esperamos até que ele se tivesse distanciado cerca de cinco metros e tornamos a segui-lo. Ele parou diante de um bar que tinha simplesmente o nome de Whisky. A música estrondava lá dentro e os jovens faziam fila para entrar. Paramos diante do Sneaky Pete e ficamos observando-o. Ele continuou e nós o seguimos. Ele apontou para um edifício às escuras e fomos para lá atrás dele.

— Os viciados não estão na rua hoje — disse-nos ele. — Devem estar em casa, sofrendo com a privação dos entorpecentes. Alguma coisa os afugentou, mas ainda não pude descobrir o que foi.

— E que é que vamos fazer agora?

— Tenho de ir ainda a alguns lugares — disse ele. — Mas não podem ir comigo. Onde posso entrar em contato quando souber de alguma coisa?

Olhei para a Dra. Davis.

— Que tal minha casa?

Ela fez um gesto de assentimento.

Dei-lhe o número do meu telefone e ele saiu das sombras para a rua. Esperamos alguns minutos e voltamos para o meu carro.

— É realmente uma beleza de casa — disse a Dra. Davis quando descíamos a escada para a sala de estar.

— Acho que vou tomar um drinque — disse eu, encaminhando-me para o bar.

— E eu acho que isso não me faria mal algum — disse ela.

Preparei dois uísques e entreguei-lhe um copo. Bebemos em silêncio. Um momento depois, ela se aproximou das grandes portas envidraçadas e olhou para fora.

— Podemos sair por um momento? — perguntou ela.

Apertei os botões e abri todas as portas. O ar da noite era frio nas montanhas. Abaixo de nós, as luzes piscavam. Ao longe, quase à altura dos nossos olhos, as luzes vermelhas de um avião piscavam na descida para o aeroporto.

— Tudo é tão tranqüilo aqui — murmurou ela.

— Foi por isso que escolhi o lugar. Entretanto, dentro de cinco minutos, pode-se estar no centro da ação.

— E isso é assim tão importante para você?

— Dantes eu pensava que era. Agora, não sei mais.

— É estranho como o tempo altera os nossos valores — disse ela. — Quando me formei em medicina, pensava que sabia tudo. Hoje, compreendo o pouco que sei.

— Isso faz parte do crescimento, Doutora.

— Estou um pouco cansada de esconder-me por trás desse título.

— Como prefere ser chamada, Menina Doutora?

— Meu nome é Shirley. E eu sou mulher. Sabe disso, não sabe?

— É uma coisa evidente.

Não sei como, mas de repente ela estava em meus braços. Depois, foi como se um fogo atômico lavrasse dentro de nós. Estávamos impacientes por chegar um ao outro.

As nossas roupas fizeram um rastro pela escada até o quarto. Caímos na cama, e nos enfrentamos como animais furiosos.

Explodimos afinal e nos estendemos na cama, procurando recuperar o fôlego. Olhamo-nos calmamente durante muito tempo. Por fim, ela falou.

— Isso não foi muito profissional da minha parte.

— Conseguiu sair de trás do seu título. Parabéns.

— Ficou contente?

— Muito.

Ela riu e me beijou.

— Eu também — saiu da cama e me disse. — Gostaria de tomar um banho de chuveiro.

— Qual é a dúvida?

Ela entrou no banheiro e fechou a porta. Um instante depois, reapareceu. Ficou parada à porta, muito pálida.

Olhei-a, espantado.

— Há outro banheiro? — perguntou ela numa voz muito fraca. — Acho que vou vomitar.

— Lá embaixo. Ao lado do bar.

Ela atravessou o quarto e eu lhe ouvi os pés nus nas escadas. Levantei-me da cama e entrei no banheiro.

Menina Darling estava ali. Toda encolhida numa posição fetal. com a cabeça no chão entre o vaso e a banheira, os olhos abertos e a mão direita ainda segurando a seringa de injeção na curva do braço, esquerdo.

Tinha estado ali todo o tempo em que a procurávamos na rua, todo o tempo em que estávamos na cama no quarto ao lado.

Tudo parecia lógico. Para onde poderia ela ter ido senão para casa?

Ouvi a descarga do vaso lá embaixo e voltei para o quarto. Peguei o telefone e chamei a polícia. Dei todas as informações que me pediram e desliguei.

Enfureci-me de repente. Joguei o telefone no chão e ele se quebrou, mostrando os fios de várias cores e as pequenas engrenagens como um cérebro mecânico.

Fechei os olhos. Ainda podia ouvir a voz de Sam muitos anos antes.

Como era aquela prece? Como ele lhe chamava? Não sabia mais. Mas me lembrava das palavras. Disseas em voz alta.

"Yisgadal, v'/yiskadash sh'may rabbo..."

Senti as lágrimas quentes correr-me dos olhos.

Naquele Dia da Primavera Passada

Manhã

Um homem tem mil peças. Todas elas são outras pessoas. As pessoas a quem amou, as pessoas a quem não amou, as pessoas que simplesmente passaram por sua vida. E o total de cada um é a soma de todas essas pessoas adicionadas, divididas umas pelas outras, subtraídas umas das outras e multiplicadas individual e cumulativamente. Olhei em torno da sala. Ali estava eu.

Spencer e Johnston estavam conversando calmamente num canto, Sam e Dave no outro. Lá fora, no terraço, Menina Advogada estava olhando para a cidade, enquanto em cima, no meu quarto, Denise e Júnior haviam fechado a porta, separando-se do mundo.

Sai para o terraço e fiquei ao lado de Menina Advogada.

— Que é que acha? — perguntei.

— Estão voando muito alto — disse ela. — Estão viajando em jatos e eu ainda estou tentando levantar vôo num teco-teco.

— É tudo muito simples — disse eu. — Tão simples que eu me espanto de que não tenham pensado nisso por si mesmos. Todos eles vão conseguir exatamente o que desejam. Ponto final. Final feliz.

— Não é tão simples assim — disse ela. — Vão conseguir tudo menos aquilo que mais desejam. Você.

— Está enganada. No fundo, não querem saber de mim, Sou uma ilusão que todos têm na cabeça. Descobrirão isso logo que se examinarem a si mesmos.

— É isso também o que você é para mim, Steve? — perguntou ela. — Uma ilusão dentro de minha cabeça?

Não respondi.

— Lembro-me do que me aconteceu quando li nos jornais, logo depois de ter voltado para São Francisco, o que houve com aquela moça, a que morreu. Chorei tanto por você, Steve. Você devia amá-la muito.

Continuei a olhá-la sem responder. Claro, amava-a tanto que estava com outra, enquanto ela jazia morta perto de nós. Lembrei-me da noite em que fui ao apartamento da Quinta Avenida para apresentar os meus pêsames.

Mamie me abriu a porta. Tomou meu sobretudo e o seu rosto preto sempre tão afável estava ensombreado de tristeza.

— Boa noite, Mamie — disse eu.

— Estão na sala — disse ela.

Atravessei o apartamento, notando os espelhos cobertos de pano e os quadros virados para a parede. As portas da sala estavam abertas e eu entrei.

A sala parecia cheia de gente e todos se sentavam em caixas de madeira. Houve um súbito silêncio e todos os rostos se voltaram para mim.

Fiquei ali desajeitadamente sem saber se devia passar da porta Nada sabia do ritual judeu em tais ocasiões.

Denise veio em meu socorro. Levantou-se e foi até à porta. Deixou que eu a beijasse no rosto e, então, tomando-me pela mão, levou-me para dentro da sala.

— Foi bom você ter vindo — disse ela. — Ainda não tive a oportunidade de agradecer-lhe por tudo que fez.

O murmúrio das conversas recomeçou. Mas eu ainda podia sentir os olhos cravados em mim. Sam levantou-se da caixa quando nos aproximamos dele. Estendeu-me a mão.

Apertei-a, dizendo:

— Aceite os meus sinceros sentimentos, Sam.

Ele ficou piscando os olhos, sem largar a minha mão. Por fim, largou minha mão, tirou os óculos e começou a limpá-los com o lenço.

— Ela era uma boa menina, Steve — disse ele com uma voz embargada. — Mas era doente.

— É verdade, Sam.

— Foi isso — disse ele, guardando o lenço e recolocando os óculos. — Era doente — repetiu, quase como se falasse consigo mesmo.

Vi Júnior que nos olhava do outro lado da .sala. Tinha o rosto abatido e pálido e os olhos vermelhos. Cumprimentou-me sem se afastar da parede a que estava encostado. Respondi ao cumprimento.

— Gostaria de falar particularmente com você, Steve — disse Sam. — Vamos à biblioteca.

Quando lá chegamos, ele fechou a porta.

— Quer um drinque? — perguntou ele.

Aceitei.

Ele foi até à porta que dava para o hall e disse:

— Mamie!

Não foi preciso dizer-lhe nada. Ela já chegou com dois copos de bebida. Sam agradeceu e ela saiu.

Provamos a bebida. Ele foi até à mesa e deixou ali o copo. Não era fácil para

ele.

— Não sei como fazer isso... como dizer isso. Nunca me aconteceu nada de parecido.

Eu o olhava sem falar.

— Tive uma longa conversa com a Dra. Davis. Ela me contou tudo o que você procurou fazer por Myriam.

Continuei calado.

— O que eu quero dizer... é pedir-lhe desculpas. Não sei o que se passou comigo. Perdi a cabeça. Mas estou arrependido. Queria que você soubesse disso.

Respirei fundo e disse:

— Isso já passou, Sam. Sinto muito também. Sinto que não tenha dado certo. Pelo bem dela. Agora, nada mais podemos fazer senão deixar isso para trás.

— Não vai ser fácil. Não sei se um dia acabaremos conformados. Pode ser mas eu duvido... E não é só isso. Júnior. Nunca mais falou comigo desde o dia em que você esteve aqui. Dá-me as costas sempre que eu chego perto dele.

— Ele vai superar isso.

— Isso é que eu não sei... Mas o problema é meu. Vamos voltar para a sala.

Parou com a mão na maçaneta e disse:

— Algum dia, hei de agradecer-lhe tudo, Steve... Tudo. Você sempre foi um bom amigo.

Bom amigo. Lembrei-me da promessa dele. Mas isso havia acontecido há três anos e, desde então, não soubera mais dele. Lembrei-me também da promessa duas semanas depois que ele a fizera, quando eu estava no gabinete de Spencer.

Spencer olhou para o meu pedido de demissão em cima da mesa e disse:

— Você não é forçado a fazer isso.

— Creio que, em vista das circunstâncias, é o que me cabe fazer.

— O que lhe cabe fazer é convencer seu amigo a não ir para a justiça com Ritchie.

— Como é que eu posso fazer isso se acho, sinceramente, que ele está agindo certo? Disse na reunião da diretoria que não aceitava a chantagem. E ainda penso do mesmo modo.

— Mas a diretoria aprovou um acordo. Agora, só a recusa de Benjamin é que nos está atrapalhando. Estamos dispostos até a pagar tudo a fim de encerrar o assunto. E você pode também encerrar o assunto e esquecer-se deste papel.

— Não — disse eu. — Creio que ganhariam na justiça. Mas isso não tem

mais importância. A minha decisão está tomada

Ele se levantou, foi até à janela e ali ficou de costas para mim.

— Acha que adiantaria alguma coisa se eu me aposentasse agora e você tomasse o meu lugar ?

Senti um aperto na garganta. Eu sabia o que ele me estava oferecendo. Se ele saísse naquela ocasião, seria o bode expiatório em meu lugar.

— Não — disse eu.

Ele voltou da janela, aproximou-se de minha cadeira e perguntou: — Por que, meu filho?

Por um momento, não pude falar. Por fim, encontrei minha voz.

— Deixei que isso me estragasse a vida, Papai. E não acho mais graça em nada disso.

— Que vai fazer então? Você ainda é moço. Não tem nem quarenta anos.

— Vou voltar para a minha casa na colina. E ver se consigo encontrar um jeito de viver comigo mesmo.

Um jeito de viver comigo mesmo. Creio que sempre foi essa a chave de tudo. Mas não era fácil encontrar uma chave quando se vivia num vácuo. E aí eu tinha vivido durante três anos. Esperando alguma coisa, não sabia o quê. Alguma coisa que me desse um objetivo.

Olhei para a casa. Denise desceu as escadas para a sala. Aproximou-se de Sam e disse-lhe alguma coisa. Ele fez um gesto de assentimento e subiu as escadas.

Ela veio para o terraço e olhou para mim, Tinha lágrimas nos olhos. De repente, inclinou-se para mim e me beijou, dizendo:

— Creio que agora tudo está resolvido.

— Fico contente com isso — disse eu, sorrindo.

— Júnior vai voltar para casa comigo — disse ela.

Voltou para a casa e subiu. Pouco depois, Júnior desceu e chegou ao terraço. Olhei-o quase com surpresa.

— Por um minuto, quase não o reconheci.

Ele passou a mão pelo rosto barbeado. Até os cabelos estavam mais ou menos penteados.

— Sinto-me um pouco estranho — disse ele. — Mas hei de me habituar.

— Sei disso.

— Vou voltar para a universidade. Nunca devia ter saído de lá. É preciso dar a sua contribuição pela ação e não pela inércia. Não há mais lugar no mundo para os visionários.

— Tem toda a razão.

— Vou voltar para o hotel com Mãe — disse ele. estendendo-me a mão. — Obrigado por tudo, Steve

Notei que não me chamava mais de Tio Steve e disse.

— De nada.

— Agradeço-lhe também, Srta. Kardin — disse ele, voltando-se para ela.

Ela sorriu e ele se retirou. Pouco depois, ouvi um carro descer a ladeira e Sam voltou à sala.

Os quatro homens sentaram-se e conversaram. Alguns minutos depois, Dave chegou ao terraço.

— Todos gostam de sua idéia — disseme ele, sorrindo.

— Ótimo.

— Dará resultado. Todos eles se articularam bem. Sinclair entrará com a rede e as gravadoras de discos, Sam entrará com a Samarkand e Johnston incluirá as suas companhias editoras e as suas fábricas de fitas de gravação, além de fornecer o financiamento geral e a estrutura corporativa. Quando tudo estiver pronto, farão uma empresa agrupada perfeitamente autônoma. Só 25% das ações ficarão nas mãos deles. O reste será vendido ao público. Gostaram até do nome que você sugeriu: Corporação de Comunicações da América. Será a maior coisa que já aconteceu no mercado desde a venda das ações da Ford.

— Muito bem — disse eu.

— Só uma coisa, está pegando — disse Dave. — A idéia é sua e todos eles acham que só você é capaz de fazê-la funcionar.

Fiquei calado.

— Mandaram-me vir falar com você porque acham que eu sou o único que é imparcial.

Não pude deixar de rir. Ele era tão imparcial quanto um júri arranjado. Como se ele não fosse ganhar nada com aqueles grandes depósitos.

— Acho que você deve aceitar — disse ele. — Afinal de contas, vai ter grande participação na companhia quando converter os seus 25% de ações da Samarkand e os seus 15% das ações da Sinclair. E não pode fazer outra coisa para que tudo dê certo. Você disse que estava à procura de divertimento. Ou o encontrará nessa empresa inteiramente nova ou não o encontrará em lugar algum. Não há pressa. Querem que você pense bem no caso. Ficarão esperando a sua resposta.

Vi-o voltar à sala e acender um cigarro. Depois, voltei-me para Menina Advogada. Os quatro homens estavam conversando com as cabeças muito juntas

como conspiradores.

— Olhe para aquilo. Já estão fazendo planos de conquistar o mundo.

— Ao menos, não se sentirão aborrecidos — disse ela.

— Bem sabe que são homens duros, cruéis e egoístas.

— Sei disso, mas sei também que dois deles, talvez três, o estimam muito. E você os estima também, ainda que não queira confessar isso a si mesmo.

— Vão lutar uns com os outros com unhas e dentes e tentarão devorar-me. São uns selvagens.

— Você pode defender-se com vantagem. Como disse Júnior, é preciso contribuir pela ação e não pela inércia. Não há mais lugar no mundo para os visionários.

— Acha então que devo aceitar?

Ela não respondeu. Limitou-se a olhar para mim. Olhei para Los Angeles. Era bem tarde. Ou antes, era bem cedo porque as primeiras claridades do dia começavam a aparecer.

— E você? — perguntei.

— Vou voltar para São Francisco e saber notícia de tudo pelos jornais.

— E se eu lhe pedisse que ficasse?

— Por dois ou três dias?

— Talvez mais...

— Posso sentir-me tentada...

Olhei-a durante um longo momento em silêncio.

— Então não vá. Vou livrar-me deles.

Voltei então para a sala e me entreguei de pés e mãos amarradas aos filisteus.

Posfácio

Este é o terceiro e último romance de uma trilogia que cobre uma história em forma de ficção de uma indústria que exerceu talvez a maior influência sobre o espírito e os costumes do homem na nossa parte do século XX — o cinema.

Começando com Os Implacáveis, em 1949, que foi uma história dos pioneiros da indústria cinematográfica, continuando com Os Insaciáveis, em 1961, uma história das pessoas atraídas para o cinema pelo ouro e pelo esplendor, e concluindo, em 1969, com o presente romance, Os Herdeiros, que conta a história da gente de hoje numa indústria tão ampliada no seu alcance e na sua influência que não existe mais na sua forma histórica, o autor procurou captar com palavras sobre o papel os seres humanos de cada uma dessas eras. Só

o leitor pode dizer se ele teve êxito ou não.

O autor deseja nesta ocasião externar a sua admiração e gratidão a Herbert M. Alexander, que deu tanto de si mesmo, da sua perícia editorial e do seu conhecimento literário sem o que estes escritos teriam sido muito difíceis.

E a minha mulher Grace, sem cujo amor, paciência e tolerância nada disso seria escrito — estenda os lençóis, querida. Estou voltando para casa.

HAROLD ROBBINS

Nova York, 6 de julho de 1969